FONTES BIBLIOGRÁFICAS PARA A PESQUISA DA PRÁTICA MUSICAL NO BRASIL NOS SÉCULOS XVI E XVII

Paulo Augusto Castagna

VOLUME I

APRESENTAÇÃO

Dissertação de Mestrado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. George Olivier Toni

- São Paulo, 1991 -

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. GEORGE OLIVIER TONI

Prof. Dr. JOSÉ EDUARDO GANDRA DA SILVA MARTINS

Prof. Dr. RÉGIS DUPRAT

Orientação:
Prof. Dr. George Oliver Toni

Apoio Científico:
FUNARTE - Fundação Nacional de Arte
FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

Composição do texto:
Nelson Barrelo Junior (apresentação)
Clóvis de André (exemplos musicais e documentação)

Reprodução das Gravuras:
Alderon P. Costa

AGRADECIMENTOS

Adhemar Campos Filho

Alba Lijó

Álvaro Luiz Carlini

Carin Zwilling

Catharina Cristoforo

Clóvis Afonso de André

Dalnei Bagatin Pereira

Diva de Souza Ferrari

Edelton Gloeden

Flávia Camargo Toni

Floripes de Moura Pacheco

Irati Antonio

Jan Bernard Netelenbos

Leonice Parrilha Batista

Lucy Maffei Hutter

Marcia Pilnik

Maria Itália Causin

Maria Lúcia Pandolfo Ramos

Maurício Dottori

Moacyr Castagna

Neyde Riva Castagna

Niomar de Souza Pereira

Régis Duprat

Rosemeire Lopes dos Santos Pinto

Virginio Montezzo Neto

Centro de Apoio à Pesquisa em História

Conservatório Musical Brooklin Paulista

Faculdade de Música Carlos Gomes

Instituto de Estudos Brasileiros da USP

Dedico este trabalho a

JORGE BROIDE
ENEIDA MARQUES
FRANCISCO HERNANDES
RACHEL FELDON

e aos ex-colegas, professores e orientadores do Instituto de Biociências da USP, com quem aprendi a arte da pesquisa científica

RESUMO

Nesta monografia apresentamos os resultados de um levantamento de informações sobre a prática musical no Brasil durante os séculos XVI e XVII, pelo estudo de textos escritos ou publicados entre 1500 e 1990. O trabalho teve caráter bibliográfico, histórico e musicológico e, com raras exceções, foi baseado apenas em material impresso. As informações que obtivemos de fontes anteriores a 1800, foram organizadas nos volumes II e III (documentação), acompanhadas de notas com o escalarecimento das questões relevantes, enquanto os trabalhos posteriores a essa data que abordam o mesmo assunto foram comentados no volume I (apresentação), onde também elaboramos uma discussão geral acerca dos resultados da nossa pesquisa.

SUMMARY

In this monograph we are presenting the results of a survey on information about the practice of music in Brazil during the centuries XVI and XVII and this was done through the study of texts which were written or published between 1500 and 1990. This is a work of a bibliographic, historical and musicological nature and it was based, with very few exceptions, exclusively in printed material. The information obtained from sources prior to 1800 were grouped in volumes II and III (documentation), followed by notes of clarification on the relevant questions, while the works subsequent to that date and which cover the same subject were commented in volume I (presentation), where we also conduct a general discussion on the results of our survey.

ÍNDICE GERAL

1 INTRODUÇÃO

A idéia deste projeto surgiu em janeiro de 1988, após a conclusão de um conjunto de estudos sobre a música espanhola do século XVI para «vilhuela»[1], realizados nos três anos precedentes[2]. O grande interesse pela música desse instrumento na renascença ibérica, nos levou a procurar informações sobre sua posssível utilização também no Brasil, durante o mesmo período. Encontramos indícios logo na primeira leitura, quando examinamos o conhecido texto de FERNÃO CARDIM[3]. Outras fontes começaram a nos revelar a presença desse instrumento na colônia no século do descobrimento, mas não haviam estudos concretos sobre seu uso entre nós em época tão remota. Verificamos, ainda, que os trabalhos referentes à música colonial brasileira eram muito escassos, mostrando-se insuficientes para investigações musicológicas referentes a períodos anteriores ao século XVIII.

Essas constatações nos motivaram a estruturar um projeto baseado na coleta de dados sobre todos os tipos de manifestações musicais que existiram no

---

1 **Vihuela** era o nome espanhol do instrumento que em Portugal se conhecia **por viola**.

2 Com bolsa de «iniciação científica» do CNPq (processo 102848-84) desenvolvemos, de março de 1985 a fevereiro de 1986, o projeto «*As composições para voz e vilhuela na obra de ALONSO MUDARRA*», sob a orientação inicial de EDUARDO SEINCMAN e final de GEORGE OLIVIER TONI, no Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. De março desse ano a dezembro de 1987, trabalhamos no projeto *A música para vilhuela solo do* El Maestro *de LUYS MILAN* , com bolsa de «iniciação científica» da FAPESP (processo 85/2745-1), sob a orientação de OLIVIER TONI, encerrado no mesmo ano em que concluímos o curso de graduação no Depto. de Música. Vários artigos foram publicados com o material que organizamos nas monografias produzidas nesse período.

3 FERNÃO CARDIM - **Tratados da terra e gente do Brasil** (1980).

Brasil no século XVI, o qual apresentamos naquele ano à FUNARTE[4]. O projeto foi aprovado e concluído em janeiro de 1989. Imediatamente, iniciamos nova pesquisa, agora sob os auspícios da FAPESP[5] e dentro do programa de pós-graduação da ECA-USP, visando estender a coleta de informações até fins do século XVII. A ampliação do universo cronológico teve a finalidade de isolar esses dois séculos dos subsequentes, uma vez que, do período que se sucede à descoberta das Minas, as informações hoje disponíveis são mais numerosas e têm sido melhor estudadas.

Durante a segunda fase do projeto, reformulamos por completo a coleta e estudo das informações referentes ao século XVI, o que agora nos permite descrever o projeto como um todo, desenvolvido no decorrer desses três anos e meio de trabalho.

Nossa pesquisa, essencialmente bibliográfica, tem um caráter de levantamento de dados, sem a pretensão de ser uma história da prática musical brasileira do período, apresentando, contudo, subsídios para o estudo histórico dos fenômenos registrados.

4 A extinta FUNARTE aprovou nosso projeto naquele ano (processo 40098.001337/88-96), concedendo-nos uma das cinco bolsas de pesquisa destinadas aos finalistas do concurso nacional «O olhar», cujo contrato (nº 65/88) assinamos em 22 de junho de 1988. O projeto teve o título *Prática e função social da música na "Terra do Brasil" de 1500 a 1600* , desenvolvido independentemente de vínculos acadêmicos e orientador.

5 Ao ingressarmos no curso de pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da USP, a FAPESP aprovou, por concurso, nossa solicitação de bolsa de mestrado (processo 88/3462-1), que vigorou de março de 1989 a agosto de 1991, com o título *Música no Brasil seiscentista: um projeto de pesquisa e organização sistemática* , desenvolvida no Depto. de Música sob a orientação de OLIVIER TONI.

2 DESCRIÇÃO E DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Até o presente, não se recuperou nenhum documento com música seguramente escrita no Brasil dessa época. Os papéis de música mais antigos que se encontraram foram atribuidos à década de 1730[6] (e mesmo os exemplos anteriores à década de 1760[7] são raríssimos), o que nos levou a conceber um trabalho sobre as informações que da época nos chegaram a respeito da prática musical que ocorreu em nosso território.

Nossa pesquisa combina esforços em três áreas distintas: a **bibliografia**, a **história** e a **musicologia**. O projeto não está baseado nas análises exaustivas em cada setor, mas em levantamentos e discussões significativas, que possam apresentar uma amostragem mínima para a compreensão dos principais fenômenos musicais observados no Brasil durante os 200

[6] Tratam-se de 40 folhas de papel pautado, com sete peças escritas por FAUSTINO DO PRADO XAVIER e ÂNGELO DO PRADO XAVIER entre 1730 e 1735 [«*Bradados*», «*Tractos*», (*Antifona*), «*Ex Tractatu*», «*Officio*», (*Ladainha*) e uma cantiga profana «*Matais de incendios*»], descobertas por JAELSON BITRAN TRINDADE como enchimento de encadernação do «Livro do Foral da Vila de Mogi das Cruzes» (iniciados em 1748), no acervo mogiano da 9ª Diretoria Regional da SPHAN-Pró-Memória. A descoberta foi comunicada por RÉGIS DUPRAT em *Une découverte au Brésil: Les manuscrits musicaux de Moji das Cruzes, c. 1730*. Simpósio Internacional de Bruxelas "Musique et Influences Culturelles Réciproques", de outubro de 1985. As obras foram descritas por DUPRAT em *Antecipando a história da música no Brasil*, artigo de 1984. Duas delas, os «Tractos» e os «Bradados» puderam ser restaurados por esse musicólogo e têm sido executados com freqüência desde sua descoberta. Cf. também JAELSON TRINDADE - *Música colonial paulista: o grupo de Mogi das Cruzes* (1984).

[7] Além do grupo de Mogi das Cruzes, o outro documento musical brasileiro anterior aos papéis setecentistas das cidades mineiras e paulistas é o conhecidíssimo **Recitativo e Ária** de autor anônimo da Bahia, cujo original está no Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, Coleção Lamego (cód. 5.1.A8), levando o título «*Ao Preclarissimo Snr. Joseph Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello Em 2 de julho de 1759*». Descoberta, restaurada e analisada por RÉGIS DUPRAT, a obra está publicada, várias vezes gravada e dela há suficiente material bibliográfico disponível, da autoria do próprio DUPRAT.

anos que se seguiram ao descobrimento. E, dentre as abordagens que utilizamos, fizemos prevalecer sempre a bibliográfica, ou seja, a localização das informações.

Interessou-nos recolher dados sobre a música praticada por todos os povos que viveram nas terras atualmente delimitadas pelas fronteiras brasileiras, à exceção das missões jesuíticas do sul, incluídas num contexto histórico bastante diferenciado e que, por isso, merecem estudos à parte[8].

Consultamos apenas material bibliográfico (livros, periódicos, folhetos, jornais, partituras, etc.), uma vez que o trabalho com manuscritos requer uma metodologia diferente da que utilizamos. Alguns manuscritos foram consultados, mas apenas aqueles sobre os quais existem estudos publicados.

Para a organização do material que interessa à música no Brasil desse período, optamos pelo critério cronológico. Os textos escritos até 1800 foram isolados dos demais e as informações nele contidas com interesse para o nosso levantamento, foram extraídas e transcritas na segunda parte deste trabalho. Já aqueles escritos a partir dessa data, foram tratados como **fontes auxiliares**. Comentamos o seu conteúdo logo adiante, no ítem **5.1.** e, eventualmente, utilizamos deles alguns fragmentos para a composição das notas que acompanham a documentação transcrita. Uma seção especial (ítem 7.3) é destinada a indicar quais desses

[8] Já existem vários trabalhos a respeito desse assunto. Documentação seiscentista pode ser encontrada, por exemplo, na publicação de JAIME CORTESÃO - **Manuscritos da coleção De Angelis** (1969, 7 v.). JORGE HIRT PREISS é autor de **A música nas missões jesuíticas nos séculos XVII e XVIII** (1988), que trata apenas dos «Sete Povos». Grande número de informações sobre a música nessas missões está publicada em trabalhos específicos, ou sobre o compositor italiano DOMENICO ZIPOLI (1688-1726), jesuíta que lá esteve no século XVIII e do qual já se editaram várias obras.

trabalhos contém informações sobre músicos que atuaram na colônia até o ano de 1700.

3 OBJETIVOS

A finalidade principal desta pesquisa é a elaboração de uma monografia voltada aos pesquisadores interessados na prática musical brasileira dos séculos XVI e XVII, com a concentração dos resultados da análise de cerca de 1.000 volumes de material bibliográfico, escrito em nove línguas diferentes, proporcionando uma substancial economia de trabalho por parte dos musicólogos e demais estudiosos.

A pesquisa pretende se apresentar quase como um guia para trabalhos que possam envolver informações dessa natureza, incluindo não apenas relatos da época, mas também indicações históricas e bibliográficas que possibilitem o desenvolvimento de estudos de porte sobre questões gerais ou particulares acerca da música que se veiculou no Brasil dessa época.

4 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi iniciada pela consulta das principais bibliografias que tratam dos textos com informações sobre o Brasil, escritos em épocas anteriores ao século XX. Após uma análise das publicações existentes sobre esse tipo de material, consideramos representativos os trabalhos de SERAFIM

LEITE[9], JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES[10] e RUBEM BORBA DE MORAIS[11]. Essas obras foram cuidadosamente examinadas e os títulos que revelavam conter informações sobre atividades humanas no Brasil anterior a 1700, foram sistematicamente transcritos para um volume que se tornou nossa **bibliografia de trabalho** (ítem **8.1**). Terminada a composição dessa relação[12], passamos a localizar cada uma dessas obras para o início de sua leitura[13].

Pela enorme quantidade de material que constatamos ser disponível, restringimos nossa pesquisa basicamente às bibliotecas do campus da Universidade de São Paulo, sobretudo à Biblioteca do

9 De SERAFIM LEITE, consultamos as bibliografias da **História da Companhia de Jesus no Brasil** (especialmente a dos vols. VIII e IX, 1949) e da **Monumenta brasiliae** (1956-1968, *5 v.*).

10 Foram dois os trabalhos de JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES que estudamos: **Historiografia e bibliografia do domínio holandês no Brasil** (1949) e **História da história do Brasil** (1979).

11 RUBEM BORBA DE MORAIS - **Bibliographia brasiliana** [c. 1983].

12 Após a listagem e consulta de dezenas de livros e folhetos relativos à historiografia militar que, no máximo, informam sobre a utilização de instrumentos bélicos, decidimos manter em nossa relação apenas as obras mais importantes do gênero. O mesmo se deu com *sermões, orações* e outros textos sobre religião e filosofia. Seu estudo não traz grandes contribuições para a musicologia e, de publicações dessa natureza, utilizamos apenas algumas como bibliografia auxiliar.

13 Com a adoção desse método,a análise de periódicos ficou prejudicada. Extraímos muitas informações de publicações como a **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** ou os **Anais da Biblioteca Nacional**. Porém, não examinamos por completo todas as coleções, como fizemos com as **Atas da Câmara da Vila de São Paulo** (1914-1915, *7 v.*), os **Documentos avulsos de interesse para a história e costumes de São Paulo** (1952-1955, *6 v.*), os **Documentos históricos** (1928-1955, *110 v.*), os **Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo** (1913-1980, *93 v.*), os **Inventários e Testamentos** (1920-1977, *44 v.*) e a revista **Iris** (1848-1850, *3 v.*). Um trabalho dessa natureza exigiria, se utilizássemos uma quantidade representativa de coleções, todo o tempo que levamos para desenvolver este projeto (se não um tempo maior). Relacionamos, no ítem 8.1.3 os títulos de periódicos que ainda podem conter informações sobre a prática musical dessa época, acreditando que um estudo exaustivo desse material trará um volume enorme de informações novas para o conhecimento da música colonial brasileira.

Instituto de Estudos Brasileiros. Visitas esporádicas foram feitas à Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), à Biblioteca Municipal Mário de Andrade (São Paulo) e à Biblioteca Pública do Paraná (Curitiba), onde encontramos livros que não existem nos acervos da USP e cuja consulta foi indispensável, por se tratarem de textos de grande importância histórica.

As obras arroladas em nossa bibliografia, que não localizamos ou que não puderam ser consultadas, passaram a integrar o ítem **8.1.3**, cujo estudo poderá trazer, futuramente, dados novos e relevantes sobre o assunto.

Dentre os textos localizados, o procedimento que utilizamos foi a leitura e a transcrição dos fragmentos que indicavam algum tipo de prática musical anterior a 1700. Para os textos escritos em línguas estrangeiras (à exceção do espanhol), procuramos localizar traduções publicadas, transcrevendo os fragmentos correspondentes e anexando-os ao lado dos originais. A nossa tradução ou versão atual, somente foi utilizada quando não localizamos edições em línguas ibéricas, ou quando as traduções publicadas não se mostraram adequadas para este trabalho.

A montagem de cabeçalhos com informações sobre o autor, a natureza e localização do texto original, as edições disponíveis, as publicações utilizadas e outras observações relevantes, completou o isolamento dos dados que nos interessaram, permitindo a apresentação dos textos em ordem cronológica (segundo data de escrita ou publicação). Além desses cabeçalhos fornecerem indicações bibliográficas completas das fontes utilizadas, o conjunto de obras onde se

encontrou informações significativas foi listado no ítem **8.1.1** da bibliografia. Para facilitar sua localização, sempre que algum texto citado tiver sido utilizado como documento, o nome de seu autor estará seguido de um asterico. Já as obras sem qualquer tipo de informação relevante para o nosso trabalho foram separadas das demais e agora integram o ítem **8.1.2** da bibliografia.

Em seguida, passamos a analisar uma outra classe de bibliografias, as que relacionavam os trabalhos sobre música brasileira escritos até 1984, extraindo delas os títulos que incluíam o estudo da música no Brasil dos séculos XVI e XVII. Consultamos praticamente todas as bibliografias existentes sobre o assunto, após termos preparado uma bibliografia das bibliografias da música brasileira. Contudo, a maioria delas é parcial, abrangendo temas ou épocas pouco amplas. Ao final do processo, constatamos que os trabalhos selecionados podem ser encontrados em apenas três delas[14]. Com isso, montamos um novo volume, que denominamos **bibliografia da música no Brasil nos séculos XVI e XVII.** Nesta bibliografia incluímos também os trabalhos publicados após 1984, que localizamos na pesquisa direta de bibliotecas e coleções particulares, além daqueles mais antigos, que não constavam de nenhuma dessa bibliografias publicadas. Pela análise dos trabalhos que catalogamos

[14] São as seguintes: 1) LUÍS HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO, CLEOFE PERSON DE MATOS e MERCEDES DE MOURA - **Bibliografia musical brasileira 1820-1950** (1952); 2) *Bibliografia de música brasileira* (monografia, s.c.p., 1972); 3) **Bibliografia da música brasileira 1977-1984** (1988). Afora estas, as mais importantes para o nosso estudo foram as de GILBERT CHASE (**A guide to the music in Latin America**, 1962, *pp. 107-158*), a **Enciclopédia da música brasileira** (1977, *v. II, pp. 1163-1190*) e a *bibliografia* do **Dicionário musical brasileiro**, de MÁRIO DE ANDRADE (1988, *pp. 587-688*).

nesse volume, foi possível localizar algumas obras que não integravam nossa **bibliografia de trabalho**, as quais consultamos, quando possível, complementando nosso acervo de dados.

As obras publicadas que relacionamos nessa **bibliografia** serão comentadas no ítem **5.1.**. É por elas que o pesquisador complementará o estudo desse período e de muitas das informações que transcrevemos em nossa monografia.

Foi somente após a leitura desses trabalhos, que pudemos ter uma compreensão dos principais problemas ligados ao estudo das informações que obtivemos do exame dos textos antigos. Por isso, foi necessária uma nova pesquisa, que pudesse esclarecer as informações que não compreendíamos. Consultando livros sobre a música e a literatura portuguesa da época, dicionários antigos, trabalhos sobre a música e a história do Brasil colonial, pudemos incorporar às transcrições centenas de notas que permitirão o esclarecimento de várias questões de cunho etimológico, histórico, bibliográfico, onomástico, organológico e musicológico[15]. Sempre que possível, procuramos apontar as informações que se repetem de um texto para outro, ou mesmo aquelas que apresentam alguma relação importante entre si.

Quatro outros procedimentos complementaram nossa coleta de dados: a preparação de um índice de nomes e termos musicais citados na documentação recolhida (ao

15 Essas notas não devem ser lidas como estudos completos sobre o assunto, mas apenas como pesquisas auxiliares, com a finalidade de proporcionar uma melhor compreensão do relato antigo. Muitas vezes, preocupamo-nos em acrescentar aos textos notas de valor mais histórico que informativo, encontradas em publicações que dificilmente seriam consultadas por pesquisadores interessados em música.

final do vol. III), uma seleção de gravuras da época para auxiliar o reconhecimento de instrumentos musicais que tenham alguma relação com o período que estudamos (ítem 7.2) e, como já mencionamos, a montagem de uma lista de autores que estudaram os músicos atuantes no Brasil desse período, mesmo aqueles não citados nos fragmentos que trasncrevemos, mas que constam dos trabalhos musicológicos consultados (ítem 7.3).

A título de uma análise do material que agora conhecemos desse período, elaboramos uma apreciação sobre os resultados de nossa pesquisa (ítem 5), onde seccionamos as discussões segundo a origem étnica e geográfica da música que aqui se praticou e, entre aquela de procedência ibérica, segundo os tipos de administração a que as populações onde essa música foi observada estavam submetidas (estabelecimentos jesuíticos, núcleos urbanos e propriedades rurais).

Desenvolvida com o auxílio de informações históricas, essas discussões visam localizar no panorama sócio-econômico da época, as manifestações musicais de que temos notícia, permitindo uma leitura mais criteriosa da documentação. Não se trata de um estudo completo sobre a prática musical desses dois séculos, mas de uma proposta para a abordagem histórica dessas informações, onde fizemos questão de transcrever passagens de vários historiadores, para fundamentar o máximo possível as nossas argumentações.

A última pesquisa que realizamos (incluída ao final das discussões, no ítem 5.3), teve por fim levantar as principais hipóteses sobre o atual desconhecimento de papéis de música utilizados entre

nós naquela época, uma vez ter sido justamente esse o fator que nos motivou a desenvolver este projeto. Nessa seção, discutimos as suposições apresentadas por vários autores, lançando, ainda, novas questões, fundamentadas nos estudos que até aqui se publicaram.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 PESQUISAS ANTERIORES E SUA HISTÓRIA

Durante os séculos XVI e XVII, os escritores que se refereriram à prática musical no Brasil o fizeram por várias razões. Os jesuítas não tiveram outro motivo, além de informar seus superiores de suas atividades na Província, muitas vezes querendo também agradá-los. Já os viajantes, utilizavam-se dessas informações como elementos exóticos para atrair os compradores de seus livros. Os cronistas mencionavam a prática musical quando desejavam valorizar algum fato histórico e os oficiais do governo apenas cumpriam sua obrigação, anotando tudo quanto devesse constar nos registros das entidades públicas, eventualmente, incluindo entre suas notas alguma informação sobre música ou músicos. Os escritores do século XVIII não diferem muito dos cronistas do período anterior, continuando a realizar suas pesquisas da maneira mais rudimentar possível, se compararmos sua técnica com a de épocas posteriores. Porém, a música do passado pouco lhes interessa, a não ser que sirva para engrandecer alguém ou algum fato, limitando-se a

reutilizar os dados que obtiveram de algum manuscrito antigo. E, na segunda metade do século XVIII, são raras as notícias que esses autores nos deixam sobre a música antiga que se praticava no Brasil. JOSÉ MAZZA[16] é uma exceção, mas porque era músico.

A consulta do *dicionário* de MAZZA nos desperta uma curiosodade. DAMIÃO DE GÓIS (1502-1574), renomado compositor e escritor português[17] e MANUEL SEVERIM DE FARIA (1583-1655), Chantre da Sé de Évora e historiador[18], não escreveram uma só linha sobre a música que se usava no Brasil, que não tivessem copiado de outros autores. GÓIS escreve alguma coisa sobre a música indígena, mas com informações obtidas de fontes da época. Essa é uma obervação importante pois, na medida em que demonstra que os próprios músicos portugueses pouco se interessavam pelos exemplos dessa arte que existiram na colônia, revela serem os dados que temos dessa época, ao mesmo tempo, preciosos e extremamente incompletos, já que os autores que nos legaram essas notícias nunca entenderam tanto da música quanto esses que acabamos de citar.

MAZZA é o primeiro músico que dá conta de uma prática musical no Brasil, chegando a nos informar sobre músicos que aqui atuaram no século XVII. E o próximo estudioso da música que fará o mesmo parece

16 JOSÉ MAZZA* - *Dicionário biográfico de músicos portugueses* (anterior a 1797).

17 DAMIÃO DE GÓIS* - **Crônica do felicíssimo Rei Dom Emanuel** (1556).

18 MANUEL SEVERIM DE FARIA* - *História portuguesa e de outras províncias do ocidente desde o ano de 1610 até o de 1640* (após 1640).

ser apenas JOAQUIM ANTÔNIO DA FONSECA E VASCONCELOS, em 1870[19].

O século XIX representa uma nova fase na pesquisa da música que se refere ao Brasil daquela época e, por esse motivo, utilizamos esse marco para classificar as obras que estudamos. Adentrado esse período, os autores que publicam livros sobre o Brasil já não têm mais contato com a produção antiga e não fazem mais que reescrever um ou outro fragmento conhecido sobre a música indígena que HANS STADEN[20], ANDRÉ THÉVET[21] ou JEAN DE LÉRY[22] deixaram publicados no século XVI. É o caso de ANDREW GRANT[23], ROBERT SOUTHEY[24], M. ALPHONSE DE BEAUCHAMP[25], HIPPOLYTE TAUNAY e FERDINAND DENIS[26]. FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN[27], por ser o primeiro historiador brasileiro do século, vai um pouco mais longe e cita algumas curiosidades sobre o ensino musical dos jesuítas, chegando a mencionar alguns músicos que atuaram no Brasil naqueles dois primeiros séculos, sobretudo na segunda edição de sua **Historia geral do Brazil**[28]. Destaca-se um trabalho nessa época,

19 JOAQUIM DE VASCONCELOS - **Os músicos portugueses** (1870).

20 HANS STADEN* - **Warhaftige Historia** (1557).

21 ANDRÉ THÉVET* - **Les singularites de la France Antarctique** (1557) e **La cosmographie universelle** (1575).

22 JEAN DE LÉRY* - **Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil** (1578, com outras inúmeras reedições).

23 ANDREW GRANT - **History of Brazil** (1809).

24 ROBERT SOUTHEY - **History of Brazil** (*v. I*, 1810).

25 M. ALPHONSE DE BEAUCHAMP - **Histoire du Brésil** (*v. I*, 1815).

26 HIPPOLYTE TAUNAY e FERDINAND DENIS - **Le Brésil** (1822, *6 v.*).

27 [FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN] - **Historia geral do Brasil** (v. I, 1854).

28 **Idem**, 1876, *v. I*

o de FERDINAND DENIS[29], que comenta as informações que LÉRY deixou sobre a música dos tupinambás, com uma ênfase que não existiu nos outros autores, nem mesmo em SOUTHEY e VARNHAGEN. DENIS quer saber o que esses índios teriam cantado e esforça-se por encontrar algum indício. E sua contribuição chega a ser bem maior que a do brasileiro GONÇALVES DIAS[30], que sete anos mais tarde publica seu **Dicionário da língua tupi**.

Finalmente em 1881, surge a primeira pesquisa de um brasileiro sobre a música dos índios daquela época. É o trabalho de JOÃO BARBOSA RODRIGUES[31]. Utilizando informações do século XVI e de épocas mais recentes, RODRIGUES discute boa parte dos termos musicais e nomes de instrumentos que aparecem nos livros dos viajantes que presenciaram rituais indígenas no Brasil. O artigo, como um todo, não chega a ser desprezível nem nos dias atuais, tamanha é a falta de informações que temos da música desses povos. O último trabalho do século sobre os índios brasileiros do período quinhentista é o de CARLOS GONDIM[32], de 1990. Seu estudo, igualmente interessante, ficou tão famoso que continuou sendo utilizado por vários autores, inclusive na segunda metade do século XX.

Essas pesquisas do século XIX contribuem quase que apenas para o conhecimento da música indígena, revelando um romantismo peculiar no tratamento das

---

29 FERDINAND DENIS - **Une fête brésilienne célébrée a Rouen en 1550** (1851).

30 ANTÔNIO GONÇALVES DIAS - **Diccionario da lingua tupy chamada lingua geral dos indigenas do Brazil** (1858).

31 JOÃO BARBOSA RODRIGUES - *O canto e a dansa selvicola* (1881).

32 ZACARIAS TOMÁS DA COSTA GONDIM - *Música e dança indígenas* (1900).

informações. Mas o «indigenismo» foi, afinal, uma grande moda brasileira da segunda metade desse século, e nas próprias óperas **Il Guarany** e **Lo Schiavo**, de CARLOS GOMES, há cenas que se passam entre os índios do Rio de Janeiro, poucos anos após a estada de THÉVET e LÉRY. Sobretudo em **Lo Schiavo**, o autor faz os índios cantarem e soarem os seus instrumentos. Os libretistas ALFREDO TAUNAY e RODOLFO PARAVICINI provavelmente não tiveram outras fontes sobre a música indígena daquela época que as que mencionamos, principalmente os trabalhos de DENIS e RODRIGUES, deixando no texto a concepção da música indígena característica daquele tempo. Entre os estrangeiros, contudo, não existia esse fator que no Brasil foi conhecido como indigenismo. O que os atraia era o exotismo, herdado do próprio século XVI, quando conheceram o mundo novo. E é curioso observar que esse interesse pelos elementos exóticos brasileiros deixa vestígios nos escritores estrangeiros do século XX que abordaram a música dos autóctones brasileiros, enquanto, entre nós, o indigenismo vai se esvaindo.

Um novo período se configura nas três primeiras décadas deste século. Essa época marca a dissolução progressiva do romantismo e do indigenismo, começando a surgir trabalhos que abordam a música das populações de origem européia no Brasil. O artigo que PEREIRA DA COSTA[33] escreve em 1900 é o primeiro do gênero e suas informações sobre a música do período chegaram a ser inteiramente transcritas por CURT LANGE[34], 66 anos

33 FRANCISCO A. PEREIRA DA COSTA - *Estudo histórico-retrospectivo sobre as artes em Pernambuco* (1900).

34 FRANCISCO CURT LANGE - *A organização musical durante o período colonial brasileiro* (1966).

depois. CARLOS GONDIM[35] escreve, em 1903, um texto com o mesmo tipo de abordagem. É somente em 1908 que surge o primeiro livro sobre a história da música no Brasil, de GUILHERME THEODORO PEREIRA DE MELO[36] que, no entanto, pouco acrescenta ao que outros já tinham escrito sobre o assunto que nos interessa. MANOEL RAIMUNDO QUERINO[37] é o autor de um livro de 1909 que já traz informações sobre vários músicos que atuaram na Bahia nos séculos XVI e XVII, enquanto o português FRANCISCO MARQUES DE SOUSA VITERBO[38] apresenta, em 1910, uma relação dos primeiros chantres e mestres de capela que teriam atuado nas principais cidades brasileiras da época. CURT LANGE também o cita com entusiasmo no seu texto de 1966.

A música indígena antiga parece realmente começar a perder interesse, pois 16 anos se passam, até que VINCENZO CERNICHIARO[39] publica, em Roma (1926), um livro que volta a falar no assunto, mas sem nenhuma novidade; trata, também, da prática musical jesuítica nos autos, gênero teatral da época, e da música européia na colônia, chegando, inclusive, a mencionar a participação dos negros. No capítulo V, acrescenta

35 ZACARIAS TOMÁS DA COSTA GONDIM - *Traços ligeiros sobre a evolução da música no Brasil, especialmente no Estado do Ceará* (1902).

36 GUILHERME THEODORO PEREIRA DE MELLO - **A música no Brasil, desde os tempos coloniaes até o primeiro decênio da República** (1908, *Cap. I: Influência indígena / influência jesuítica, pp. 9-28*).

37 MANOEL RAIMUNDO QUERINO - **Artistas bahianos** (1909). Consultamos a edição de 1911, onde há informações sobre Francisco de Vacas, Eusébio de Matos e João de Lima.

38 FRANCISCO MARQUES DE SOUSA VITERBO - **A ordem de Christo e a musica religiosa nos nossos domínios ultramarinos** (1910).

39 VICENZO CERNICHIARO - **Storia della musica nel Brasile dai tempi coloniali sino ai nostri giorni** (1926, *caps. III, IV e V, pp. 27-68*).

alguns dados novos, mas sua abordagem ainda é precária, além de assumidamente romântica[40]. Os grandes trabalhos dessa época sobre a música indígena brasileira do século XVI são os que ALFRED METRAUX[41] publica em Paris, em 1928. O autor estuda minuciosamente os relatos dos três viajantes quinhentistas e, sobretudo o segundo livro, **La religion des Tupinamba**, tornou-se texto básico para o estudo da cultura desse povo, merecendo, até agora, duas edições em português[42]. Sua consulta é, ainda hoje, importante.

A década de 1930 apresenta uma nova maneira de abordar o assunto. A música indígena agora é vista como «folclórica». Surgem os relatos jesuíticos e a publicação de documentos históricos já permite a investigação de manifestações musicais desconhecidas daquela época. O nacionalismo invade o estudo da

[40] Veja-se, por exemplo, esta passagem do cap. V (*Della musica popolare attraverso l'influenza porthoghese, spagnuola, africana ed olandese*), à *p. 68*: «Per altro, Pernambuco, al par di Bahia, aveva anche essa nella vivissima memoria l'epoca fulgida, in cui un ricco signore, che a cuore teneva l'arte, faceva venire, nel 1640, dall'europa, a proprie spese, un abile maestro francese, per insegnare i grandi progressi che aveva fatto la musica nella scienza e nel maneggio degli strumenti musicali. Cosichè Pernambuco aveva potuto sentire tutte le bellezze di un'arte nuova, e celebrare feste e atti religiosi con buone orchestre ed abili cantori». O «ricco signore», que CERNICHIARO menciona é **Baltazar de Aragão**, que não vivia em Pernambuco em 1640, mas num engenho próximo de Salvador em 1610, quando FRANÇOIS PYRARD* (**Voyage**, 1615, pela ed. de 1679, *parte II, cap. XXVI, § 35*) o visitou, deixando apenas esta informação sobre seu músico francês, a única que conhecemos hoje: «Ce Francois qui demeuroit auec luy estoi Musicien, & ioüeur d'instruments, & ce Seigneur l'auoit pris pour apprendre à vingt ou trente Esclaves, qui tous ensemble faisoient vn accord de voix & d'instruments dont ils ioüoyent à toute heure».

[41] ALFRED MÉTRAUX - **La civilisation matérielle des tribus Tupi-Guarani** (1928) e **La religion des Tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus Tupi-Guarani** (1928).

[42] ALFRED MÉTRAUX - **A religião dos tupinambás e suas relações com a das demais tribus tupi-guaranis.** A primeira edição brasileira não tem data, mas a segunda é de 1979 (ambas integram o v. *267* da coleção brasiliana).

música antiga brasileira e as informações que se conhecem daqueles tempos começam a ser estudadas com espírito crítico, sendo já relacionadas com os fenômenos musicais posteriores. O texto que LUCIANO GALLET[43] escreve em 1928 (publicado apenas em 1934) mostra a música indígena daquela época como parte do «folclore» brasileiro. GALLET coloca, lado a lado, uma melodia tupinambá recolhida por LÉRY em 1557 e um fragmento musical dos índios parecis, transcrito por ROQUETE PINTO em 1900. E MARIO DE ANDRADE[44], em 1929, é o primeiro que discute essas informações globalmente, como sempre foi sua característica.

Em 1934, o entusiasta SERAFIM LEITE[45] inicia a interminável série de publicações sobre a música que os jesuítas levaram aos meninos indígenas, enquanto os havia para serem catequizados. LEITE não foi um

43 LUCIANO GALLET - **Estudos de Folclore** (1934, *O índio na música brasileira, pp. 35-45*). Existem cinco edições desse texto, a última çe de 1971 (São Paulo, Martins).

44 MÁRIO DE ANDRADE - **Compêndio de história da música** (1929, *cap. XI, Música artística brasileira*). Nas edições posteriores o título do capítulo é alterado. A oitava (1980) diz *Música erudita brasileira* e encontra-se às *pp. 163-164*.

45 SERAFIM LEITE - *As primeiras escolas do Brasil* (1934); *Cantos, músicas e danças nas aldeias do Brasil, século 16* (1937); **Páginas de história do Brasil** (1937, com informações sobre música dispersas por todo o livro); **História da Companhia de Jesus no Brasil** (*v. II*, 1938, *livro I, cap. V, nº 8, Cantos, músicas e danças, pp. 100-110*, com outras informações sobre música dispersas nos demais volumes); *Cantos, musicas e danças nas aldeias do Brasil* (1943); *A música nas primeiras escolas do Brasil* (1948); *A música nas escolas jesuítas do Brasil no século XVI* (1949); *Antonio Rodrigues, primeiro mestre-escola de São Paulo* (1952); **Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil** (1953, *Classificação das artes e ofícios dos jesuítas do Brasil; 8 - Belas Artes; 9 - Cantores, músicos e regentes de coro, pp. 58-64*); **Nóbrega e a fundação de São Paulo** (1953,*cap. II* e *cap. III, pp. 35-34*, com outras informações sobre o assunto dispersas pelo livro); **Breve intinerário para uma biografia do P. Manuel da Nóbrega** (1955, *cap. III, nº 2, Escola de canto e música, pp. 88-91*, com outras informações dispersas pelo livro); **Monumenta brasiliae III** (1958, *Introdução geral, cap. I, Preliminares,* Artigo 5: *Escolas de ler, escrever e cantar, pp. 65*-66**). É o mesmo livro que saiu com o título **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**, com paginação idêntica.

pesquisador da música. Estava interessado em divulgar o trabalho da Companhia de Jesus e contou, nesses artigos e capítulos, com a sensibilização que a abordagem da música poderia causar nos seus leitores em prol dos inacianos. Esse autor lidou com documentos jesuíticos por toda sua vida e, durante 24 anos, foi deixando em mais de uma dúzia de textos, informações sobre a música que essa ordem trouxe para o Brasil. Se o Padre LEITE foi um extraordinário erudito e pesquisador, de sua contribuição para a musicologia não podemos dizer o mesmo. Os dados quase sempre são os mesmos de um artigo para o outro e são apresentados sem qualquer relação com o mundo exterior à Companhia, ou o que é pior, con uma relação absurda. Conhecendo-se os textos que esse autor consultou, seus trabalhos sobre música tornam-se desnecessários, já que poucos são os que apresentam informações não publicadas em outras fontes. O melhor artigo é o de 1949 e o único que vale a pena consultar. Mas sua contribuição mais significativa para a musicologia está no conjunto de notas de rodapé que deixou na **Monumenta brasiliae**, sua espetacular edição das cartas jesuíticas de 1539 a 1568, em 5 volumes[46]. No entanto, SERAFIM LEITE tem grande importância como divulgador dessas informações, tendo motivado vários pesquisadores a se interessarem pelo assunto, até mesmo nos dias atuais. Tanto é que, a partir de 1946, começam a surgir artigos de outros autores sobre a música dos jesuítas, como os de ALBERTO ANDRÉ[47], AFONSO DE ESCRAGNOLE TAUNAY[48] e LUIZ

---

[46] SERAFIM LEITE - **Monumenta brasiliae** (1956-1968, *5 v.*). Com o título **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**, saíram apenas os três primeiros volumes dessa obra (1954-1957).

[47] ALBERTO ANDRÉ -*A música na catequização dos jesuítas* (1946).

HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO[49]. Esses trabalhos não têm hoje, contudo, o menor interesse, e o de AZEVEDO merece citação apenas pelo seu valor histórico.

Mas voltemos à década de 1930, na qual impera o nacionalismo. TAUNAY, dentro do novo espírito que domina a musicologia produz, em 1935, o primeiro estudo com informações inéditas sobre a música paulista do século XVII[50] e FLAUSINO RODRIGUES VALE[51], no ano seguinte, volta a tratar da música «folclórica» indígena, com outras informações que recolheu de estudos anteriores. É do mesmo ano um livro de ANÍBAL DE MATTOS[52], que traz uma grande novidade: inclui a música indígena antiga em um trabalho sobre arte colonial brasileira. As informações, porém, já eram conhecidíssimas. Um artigo, bastante pobre, de JOÃO OTAVIANO GONÇALVES[53], apresenta algumas das informações mais difundidas que existiam e a famosa *Evolução social da música brasileira* (1939), de MÁRIO DE ANDRADE[54], onde o autor expande de maneira bastante

---

48 AFONSO DE ESCRAGNOLE TAUNAY - *Os jesuítas e as escolas coloniais* (1946).

49 LUIZ HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO - *Música e catequese* (1945).

50 AFONSO D'ESCRAGNOLE TAUNAY - *Música e pintura seiscentista em São Paulo (1935)*.

51 A primeira edição é de 1936, mas consultamos a de 1978: FLAUSINO RODRIGUES VALE - **Elementos de folclore musical brasileiro**.

52 ANÍBAL MATTOS - **Arte colonial brasileira** (1936, *cap. II*, A arte dos índios no período colonial, *pp. 19-32*). Na segunda edição, de 1937, o autor amplia o texto, que agora se encontra no *cap. X, A música entre os índios*, pp. 129-140.

53 JOÃO OTAVIANO GONÇALVES - *Síntese da evolução musical do Brasil: desde 1549 até nossos dias* (1938).

54 MÁRIO DE ANDRADE - **Música do Brasil** (1941, *Evolução social da música brasileira, pp. 5-39*). O texto passa a integrar, posteiormente, o livro com o título **Aspectos da música brasileira**. Consultamos a edição de 1965, onde esse capítulo está às *pp. 15-40*.

interessante a concepção exposta no texto de 1933, encerram esse período.

A próxima fase, que agrupamos nas décadas de 1940 e 1950, não abandona o nacionalismo, mas os pesquisadores começam a se interessar por um tipo de trabalho que apresente resultados mais concretos. Os autores se esforçam para saber qual era a música do período, surgindo as primeiras obras de grande porte sobre o assunto, em parte motivadas pelo aumento da quantidade de publicações de textos antigos, sobretudo a coleção **brasiliana**. O «folclore» indígena começa a ser integrado no conjunto das análises e o conceito vai sendo progressivamente substituido pela abordagem musical das «etnias» indígenas. O índio agora não é um grupo único, mas um conjunto de tribos e nações, que começam a ser estudadas diferenciadamente. As informações sobre a prática musical no Brasil daquela época são intensamente divulgadas no país e no exterior. O pensamento «nacional» de MÁRIO DE ANDRADE difunde-se entre os musicólogos.

A **História da música brasileira** (1942), de RENATO ALMEIDA[55], é a primeira que manifesta essas novas tendências, livro esse que resultou da ampliação de uma primeira edição de 1926, hoje sem o menor interesse[56]. A edição de 1942 torna-se obra de referência até a década de 1970. Apesar disso, ALMEIDA ainda não conhecia as descobertas que CURT LANGE faria

[55] RENATO ALMEIDA - **História da música brasileira.** (2ª, 1942, Primeira parte, *cap. II, A música e os instrumentos musicais dos índios brasileiros, pp. 22-58* e Segunda parte, cap. VII, *A música no Brasil do século XVI ao século XVIII, pp. 283-301*).

[56] RENATO ALMEIDA - **História da música brasileira** (1926, *cap. I, A música popular, pp. 21-56* e *cap. VI, A cultura musical no Brasil, pp. 183-221*).

em Minas Gerais a partir de 1944, ficando sobremaneira prejudicadas as suas análises[57]. O livro de MARIA LUIZA DE QUEIRÓS AMÂNCIO DOS SANTOS[58], do mesmo ano, não acrescentou muito ao que já se conhecia pelos trabalhos sobre a música indígena e os artigos de SERAFIM LEITE, mas foi importante como obra de divulgação. Em 1945 morre MÁRIO DE ANDRADE, sem concluir seu **dicionário**[59], cuja recente publicação revelou conter informações bibliográficas e análises preciosas sobre a prática musical daquela época. Uma edição não tão tardia dessa pesquisa poderia ter poupado trabalho para os estudiosos do assunto, como LUÍS DA CÂMARA CASCUDO. Esse autor publicou, em 1944,

---

[57] Observemos, por exemplo, estas passagens: «A música que traziam era simples e singela, cantares de Igreja, litanias e benditos, cujos accentos empolgavam os indigenas, que, desde a primeira missa, se deixaram enleiar pelas suas melodias» (*p. 189*); «Mas, José Mauricio, já o dissemos, foi um desses apparecimentos inexplicaveis e assombrosos, que não representam em absoluto um fruto de cultura, senão um temperamento genial» (*p. 200*); «Curioso é que, dos séculos XVII e XVIII nada se saiba ao certo da nossa música, nem das próprias manifestações do folclóre musical, que só se vêm caracterizar no século XIX» (*p. 290*); «Não deveriam, por certo, merecer tanto superlativo nem músicos nem ouvintes... **Essa** música não teve significado artístico algum, nem passaria de adaptações do que os Padres traziam de Portugal e aqui se repetia com uma ou outra modificação ou cópia sem merecimento próprio» (*p. 291*); «A civilização rala, a custo implantada na colônia, não trazia para cá artistas e o tempo não sobrava para tais cuidados. Um indivíduo tocava viola, outro cantava em festas, um padre fazia motetos, mas nada disso poderia ser nem foi duradouro» (*p. 291*).

[58] MARIA LUIZA DE QUEIROS AMANCIO DOS SANTOS - **Origens e evolução da música em Portugal e sua influência no Brasil** (1942, *cap. I, A música no Brasil desde os primórdios, pp. 81-109*).

[59] MÁRIO DE ANDRADE - *Dicionário musical brasileiro* (1989, verbetes *auto, baixão, birimbau, buzina, búzio, cascavel, chacota, chantre, charamela, discante, entoar, fabordão, gaita, gaita-de-foles, guarará, guararape, guau, guitarra, itamaracá, ladainha, laudate dominum, lição, maracá, maracatim, membi, miembu, missa cantante, motete, murmurá, néspera, órgão, pandeiro, pavana, pífaro, pira-purasseya, plectro, pocema, porecé, rasgado, sacabuxa, saltarelo, sarabanda, solfa, tamaracá, tambor, tamboril, taquara, temperilho, terno, tiple, trocano, trombeta bastarda, urucá, verga, vésperas, viola, voz entoada, vozina*).

uma **antologia**[60] com textos que MÁRIO DE ANDRADE estudou exaustivamente em seu **dicionário**. Em 1946 surge o mais importante trabalho até então escrito sobre a música dos tupinambás, por LUÍS HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO[61]. O autor compara as várias versões das melodias que LÉRY anotou em 1557, produzindo um artigo que ainda será útil nas próximas décadas. O livro de ONEYDA ALVARENGA[62], de 1947 é importante pelo seu conteúdo geral, mas pouco acrescenta ao conhecimento do período que estudamos; o que LUÍS HEITOR[63] escreveu em 1948 também não trouxe grandes contribuições nesse sentido. Neste mesmo ano, RENATO ALMEIDA[64] publica outra obra de divulgação, baseada no seu trabalho de 1942, assim como FRANCISCO ACQUARONE[65] lança a sua **história**, também com o mesmo caráter.

O ano de 1954 é bastante produtivo, pelas comemorações do quarto centenário da cidade de São Paulo. Em vários jornais do dia 25 de janeiro, sairam artigos com informações sobre a prática musical na antiga vila, como os de LETÍCIA PAGANO[66], JOÃO CALDEIRA FILHO[67] e CARLOS PENTEADO DE RESENDE[68]. A

---

60 LUIS DA CÂMARA CASCUDO - **Antologia do folclore brasileiro; séculos XVI-XVII-XVIII**. Utilizamos a edição de 1971.

61 LUIS HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO - *Tupinambá melodies in Jean de Léry's «Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil»* (1946).

62 ONEYDA ALVARENGA - **Música popular brasileña** (1947, *cap. I, Origenes, pp. 13-25*). Há outras edições. A última é de 1982.

63 LUIZ HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO - *Músicos brasileiros no período colonial* (1948).

64 RENATO ALMEIDA - **Compêndio de história da música brasileira** (1948, *cap. II, A música brasileira no período colonial*, I, *Período colonial, pp. 49-58*). o Livro foi reeditado em 1958.

65 FRANCISCO ACQUARONE - **História da música brasileira** (c. 1948, em vários capítulos, entre as pp. *99-113* e *139-149*).

66 LETÍCIA PAGANO - *Compositores paulistas de 1554 a 1954* (1954).

67 JOÃO DA CUNHA CALDEIRA FILHO - *A música em São Paulo* (1954).

primeira autora não produziu nada de interessante, mas os demais deixaram textos de muito boa qualidade. RESENDE é o autor que apresenta a melhor análise das informações sobre música que se encontram na coleção **Inventários e Testamentos**[69], desde que TAUNAY publicou seu artigo de 1935. Também é de 1954 o livro de AFONSO RUI[70], com boas informações sobre músicos antigos pouco conhecidos, e o monumental **dicionário** de LUÍS DA CÂMARA CASCUDO[71], que tanto utilizamos em nossas notas. EURICO NOGUEIRA FRANÇA[72] apresenta uma pequena contribuição em 1957, o mesmo ano em que sai, em Stuttgart, o livro de JOSÉ SUBIRÁ e ANTOINE CHERBULIEZ[73], repleto de informações sobre a prática musical brasileira anterior a 1700. A obra é importante por sua organização e pelo seu caráter de divulgação, sobretudo entre os países de língua alemã. Em 1959 surge ainda um artigo, sem indicação de autor,

---

68 CARLOS PENTEADO DE RESENDE - *Fragmentos para uma história da musica em São Paulo 1500-1800* (1954).

69 **Inventários e Testamentos** (até 1954 haviam sido publicados 39 volumes dessa coleção, iniciada em 1920. O último número, 44, é de 1977 e ainda não se completou a publicação dessa coleção de manuscritos).

70 AFONSO RUI - **Boêmios e seresteiros bahianos do passado** (1954, pp. 5-8).

71 LUÍS DA CÂMARA CASCUDO - **Dicionário do folclore brasileiro** (1954). Utilizamos a 6ª edição, de 1988. Os verbetes que interessam diretamente aos séculos XVI e XVII são: *aiapá, atabaque, auto, bastão-de-ritmo, berimbau, buzio, caboclinhos, capela, dança, formigas, instrumentos musicais, maracá, puracé, tambor, uatapi.*

72 EURICO NOGUEIRA FRANÇA - **Música do Brasil** (1957, *Traços gerais da evolução do ensino*, pp. 13-18).

73 JOSÉ SUBIRÁ & ANTOINE-E. CHERBULIEZ - **Musikgeschichte von Spanien, Portugal, Lateinamerika** (1957, *Livro II, cap. II, Die koloniale Epoche der Lateinamerikanischen Musik vom 16. bis zum 18. Jahrhundert, pp. 218-246*).

na revista **Música sacra**[74], com informações sobre alguns músicos paulistas do século XVII.

Por volta dessa época, a pesquisa da música colonial nos dois primeiros séculos toma nova feição. Com raras exceções, os trabalhos adotam critérios cada vez mais científicos, abandonando as discussões vazias e a linguagem abstrata. Os compêndios não deixam de dar especial atenção aos séculos XVI e XVII e surge uma tendência à sistematização, que apenas MÁRIO DE ANDRADE e CÂMARA CASCUDO chegaram a por em prática. Encontramos dois períodos diferenciados nesses últimos 30 anos. O primeiro abarca as décadas de 1960 e 1970.

Nessa época, as pesquisas se tornam bastante acuradas e quase sempre trazem informações novas. O estudo de manuscritos começa a ser utilizado e autores estrangeiros trazem contribuições significativas. Poucos são os trabalhos dessas duas décadas dispensáveis para o estudo da prática musical antiga brasileira.

A primeira publicação que catalogamos nessa linha é a de HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA[75], de 1961. Esse livro, espetacular pela sua organização, contém, em pautas, música que alemães, franceses e holandeses trouxeram ao Brasil nos séculos XVI e XVII, com boa quantidade de informações históricas. Um artigo de

---

74 *A música de igreja nos primeiros séculos de São Paulo* (1959).

75 HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA - **Musica sacra evangélica no Brasil** (1961, *cap. I, Hans Staden e os primeiros cânticos evangélicos entoados no Brasil, pp. 31-37; cap. II, Os calvinistas na Baía de Guanabara. O primeiro culto evangélico no Brasil. Os salmos, pp. 39-48; cap. III, Os holandeses no Nordeste. Nassau e a liberdade religiosa. Os cânticos da Reforma, pp. 49-64*).

RÉGIS DUPRAT[76] apresenta, em 1965, informações da coleção **Documentos históricos**[77] até então nunca sistematizadas, enquanto FRANCISCO CURT LANGE[78] já tenta estudar, em 1966, os três séculos de música colonial brasileira de forma integrada. O novo artigo de RÉGIS DUPRAT[79], agora de 1968, traz um enorme levatamento de dados sobre os músicos paulistas daquela época, com o cuidadoso estudo histórico das informações que lhe é característico. Outro excelente trabalho é o de ROBERT STEVENSON[80], que também consulta fontes nunca examinadas anteriormente pelos musicólogos. O livro de HEBE MACHADO BRASIL[81], de 1969, é uma obra de divulgação importante, publicada no mesmo ano que o artigo de CURT LANGE[82], com informações interessantes sobre as danças da época. A **História de Santana de Parnaíba** (1971), de PAULO FLORÊNCIO DE OLIVEIRA CAMARGO[83], contém novos dados sobre músicos da região, como acontece com o de JAIME

76 RÉGIS DUPRAT - *A música na Bahia colonial* (1965). Está reimpresso em **Garimpo musical**, do mesmo autor (1985, *Bahia musical, pp. 21-52*).

77 **Documentos Históricos** (1928-1955, *110 v.*).

78 FRANCISCO CURT LANGE - *A organização musical durante o período colonial brasileiro* (1966).

79 RÉGIS DUPRAT - *Música na Matriz de São Paulo colonial* (1968). O artigo é reimpresso com alterações, em 1977, levando o título *Música na matriz e Sé de São Paulo colonial*.

80 ROBERT STEVENSON - *Some portuguese sources for early brazilian music history* (1968).

81 HEBE MACHADO BRASIL - **A música na cidade do Salvador 1549-1900** (1969).

82 FRANCISCO CURT LANGE - *As danças coletivas públicas no período colonial brasileiro e as danças das corporações de ofícios em Minas Gerais* (1969).

83 PAULO FLORÊNCIO DE OLIVEIRA CAMARGO - **História de Santana do Parnaíba** (1971), informações dispersas pelo *cap. IV, pp. 96-97, 106-108, 111, cap. V, pp. 119-120* e *cap. VII, p. 171*).

DINIZ[84], sobre a música em Pernambuco. Mas os dois extraordinários artigos que DINIZ publica em 1971 e 1972[85] são hoje obras indispensáveis para o conhecimento de dezenas de músicos que atuaram no Brasil antes de 1700. É também de 1972 o melhor trabalho que até agora se escreveu sobre o ensino jesuítico da música e suas conseqüências sociais, por JOSÉ RAMOS TINHORÃO[86]. Um artigo de CARLOS CAVALCANTI[87], também de 1972, merece ser citado pela maneira como estuda as manifestações artísticas no contexto histórico da época, o mesmo acontecendo com a **História da música brasileira** (1976), de BRUNO KIEFER[88], interessante pela organização das informações e por ser a obra mais veiculada do gênero na atualidade.

Em 1977 surge, finalmente, o primeiro estudo de porte sobre a música indígena brasileira antiga, por HELZA CAMÊU[89], seguido de um artigo de OTTO ZERRIES[90], do mesmo ano, com a descrição de instrumentos indígenas brasileiros coletados nos séculos XVII e

84 JAIME CAVALCANTI DINIZ - **Músicos pernambucanos do passado** (1971, *cap. I, Manoel da Cunha, pp. 17-42*).

85 JAIME CAVALCANTI DINIZ - *Velhos organistas do passado* (1971); *Uma notícia sobre a música no Brasil dos séculos XVI e XVII* (1972).

86 JOSÉ RAMOS TINHORÃO - *A deculturação da música indígena brasileira* (1972).

87 CARLOS CAVALCANTI - *As artes brasileiras no século do descobrimento* (1972).

88 BRUNO KIEFER - **História da música brasileira** (1976). Utilizamos a terceira edição, de 1976 (*cap. I, O período colonial, pp. 9-43*).

89 HELZA CAMÊU - **Introdução ao estudo da música indígena brasileira** (1977).

90 OTTO ZERRIES - *Drei alte, Figürlich Verzierte Holztrompeten aus Brasilien in den Museem zu Kopenhagen, Leiden und Oxford* (1977).

XVIII, hoje em museus da Europa. Um livro de ARY VASCONCELOS[91], ainda de 1977, fornece os mais completos estudos sobre alguns músicos que atuaram no Brasil naquela época. O ano de 1977 é completado pelo lançamento da importantíssima **Enciclopédia da música brasileira**[92], com mais de 30 verbetes que interessam ao período 1500-1700 (sua tão sonhada reedição ainda não se concretizou, até o momento). Duas outras publicações de 1978 merecem citação, mas pouco contribuem para o nosso estudo: os livros de ELMER CORRÊA BARBOSA[93] e JAIME DINIZ[94]. GERARD BÉHAGUE[95] publica um livro em 1979, com boa organização dos dados conhecidos, mas sem novidades. Vale a pena citar, de 1980, o livro de MÁRIO CACCIAGLIA[96] que, apesar de tratar do teatro no Brasil, é boa obra para

---

91 ARY VASCONCELOS - **Raízes da música popular brasileira 1500-1889** (1977). Utilizamos a 2ª edição, de 1991, com informações sobre os séculos XVI e XVII às *pp. 14-49*.

92 **Enciclopédia da música brasileira** (1977, *2 v.*, verbetes: *auto; Baixão, frei José; Barros, Manuel Vieira de; batucada; Carvalho, Manuel Freire de; Cunha, Manoel da; décima; Encarnação, frei Manuel da; Erasmos, engenho dos; Félix, frei; Freire, Francisco de Barros; Gama, frei Francisco da; Homem, José da Costa; Lima, padre João de; Linhares, Manuel País de; Matos, Eusébio de; Neto, padre Álvaro; pastoril; Pino, Manuel da Costa do; Pires, Bartolomeu; Sacramento, frei João do; Santa Catarina, frei Romualdo de; Santa Maria, frei Agostinho de; Santa Maria, frei Antonio de; Santa Quitéria, frei Boaventura de; São Bento, frei Matias de; São Paulo, frei Antonio de; Siqueira, Manuel Lopes de; tambor; tamborim*).

93 ELMER CORRÊA BARBOSA - **O ciclo do ouro** (1978, *Estudo histórico*, 3 - *Brasil* - *«A doce harmonia do canto»*, *pp. 23-25*).

94 JAIME CAVALCANTI DINIZ - **O Recife e sua música** (1978).

95 GERARD BÉGHAGUE - **Music in Latin America: an introduction** (1979, *Parte I, The colonial period*, 3 - *Music in Brasil, pp. 69-95*).

96 MARIO CACCIAGLIA - **Quattro secoli di teatro in Brasile** (1980). Utilizamos a edição de 1986, *O século XVI, pp. 5-15; O século XVII, pp. 16-18*. Muito bem estruturada, do ponto de vista bibliográfico, histórico e analítico, esta obra traz uma bibliografia relativa ao teatro no Brasil do século XVI às pp. 159-162 e, do século XVII, às pp. 163-165.

se estudar a música dos autos jesuíticos dos séculos XVI e XVII, assim como a **História** que RENATO ALMEIDA publicou em 1942. Esse período é encerrado com o livro de VICENTE SALES[97], do mesmo ano, com ótimo levantamento de interesse para o período.

Na década de 1980, começam a surgir trabalhos que apresentam maiores análises que levantamentos, haja vista a quantidade de dados então disponíveis. Continuam a ser publicadas obras com caráter de divulgação e os bons estudos sobre o folclore musical não deixam de apresentar as raízes dos fenômenos recentes naqueles dois séculos, como os de JULIETA ANDRADE[98], NIOMAR DE SOUZA PEREIRA[99] e outros. Começam a aparecer os primeiros estudos sobre música escrita em período anterior ao século XVIII com alguma referência ao Brasil.

YVES RUDNER SCHMIDT[100] tem um artigo de 1981, cuja fonte é apenas a **Enciclopédia** e VASCO MARIZ[101] utiliza-se de algumas informações daquela época em seu livro, porém de forma pouco interessante. Mas, em 1982, RÉGIS DUPRAT[102] lança um novo artigo com

97 VICENTE SALLES - **A música e o tempo no Grão-Pará** (1980, *Introdução, pp. 21-51* e *Primeira parte, O tempo colonial, pp. 53-106*).

98 JULIETA ANDRADE - **Cocho Mato-grossense: um alaúde brasileiro** (1981, *O instrumento - Análise histórico-estrutural, pp.49-66* e *Considerações finais, pp. 67-76*).

99 NIOMAR DE SOUZA PEREIRA - **Cavalhadas do Brasil** (1984, *1ª parte, Bibliografia e documentação, No Brasil - Século XVI ao XIX, pp. 17-35*).

100 YVES RUDNER SCHMIDT - *A música em São Paulo nos séculos XVII e XVIII* (1981).

101 VASCO MARIZ - **História da música no Brasil** (1981, *cap. II, Música no tempo da colônia, pp. 24-36*).

102 RÉGIS DUPRAT - *Itú, aspectos novos de sua tradição musical* (1982), reimpresso em **Garimpo musical** (1985, *pp. 53-72*).

informações desconhecidas sobre a música em Itú no século XVII. Em 1982 e 1983, o excelente etnomusicólogo MANUEL VEIGA[103] publica a primeira grande análise de informações desse período, imprimindo e estudando uma harmonização seiscentista de uma das melodias recolhidas por LÉRY. Num outro artigo, de 1983[104], estuda primorosamente as informações musicais da carta de PERO VAZ DE CAMINHA e, no de 1985[105], analisa cuidadosamente as melodias do livro de JEAN DE LÉRY, complementando os estudos que delas fizeram LUÍS HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO (1946) e HELZA CAMÊU (1977). Enquanto saíam esses excelentes artigos de VEIGA, duas outras obras de divulgação eram lançadas, a de DOROTÉA MACHADO KERR e ELISA FREIXO[106] e a de DAVID APPLEBY[107]. A segunda, de 1983, é bastante interessante por sua organização, apesar de não acrescentar nenhum dado novo. Em 1985 são impressos dois novos livros com caráter de divulgação, o de RÉGIS DUPRAT[107], coletânea de artigos publicados anteriormente em periódicos, e o **Modinha**[109] que, apesar de não acrescentar nenhuma informação textual

[103] MANUEL VEIGA - *Marcos aculturativos na etnomusicologia brasileira* (1982-1983).

[104] MANUEL VEIGA - *Portuguese Chonicler's: Caminha's Letter as an ethnomusicological document* (1983).

[105] MANUEL VEIGA - *German and French Visitors* (1985).

[106] DOROTÉA MACHADO KERR & ELISA FREIXO - *O órgão no Brasil* (1983).

[107] DAVID P. APPLEBY - **The music of Brazil** (1983, *cap. I, Music in the colony, pp. 1-27*).

[107] RÉGIS DUPRAT - **Garimpo musical** (1985).

[109] **Modinha: raízes da música do povo** (1985, informações dispersas entre as *pp. 12-21*).

nova, apresenta centenas de ilustrações, algumas delas com interesse para a música daquela época.

Mas RÉGIS DUPRAT[110] volta a apresentar novas informações em 1986, ao publicar e estudar um conjunto de obras dos séculos XVI e XVII que podem ter sido utilizadas no Brasil ainda naquele período. Passados dois anos, JOSÉ RAMOS TINHORÃO[111] lança o primeiro estudo consistente das informações sobre a música dos negros que estiveram no Brasil naquela época e, em 1990, um livro[112] com preciosas informações e análises sobre a música popular no Brasil dos séculos XVI e XVII, o primeiro do gênero com uma abordagem criteriosa. TINHORÃO, ao tratar dos mesmos fenômenos com os quais autores antigos se preocuparam, não fala mais em música «folclórica», e sim «popular». No mesmo ano, HEITOR MARTINS[113] identifica a música de um romance de GREGÓRIO DE MATOS, somando informações, inclusive, para o trabalho recentemente concluido por TINHORÃO. Esses dois autores, juntamente com ARY VASCONCELOS contribuiram para que os pesquisadores da música «popular» também investiguem suas raízes coloniais, o que raramente era feito antes da década de 1980.

110 RÉGIS DUPRAT - A *polifonia portuguesa em obras de brasileiros* (1986), reimpresso em **A música na história de Minas colonial**, de MARIA CONCEIÇÃO REZENDE (1989), com o título *A polifonia portuguesa no século XVIII em Minas Gerais*, às *pp. 223-232*, mas sem os exemplos musicais.

111 JOSÉ RAMOS TINHORÃO - **Os sons dos negros no Brasil** (1988, Segunda parte, *Música, danças e cantos de negros*, 1 - *Os primeiros sons dos negros no Brasil: batuques e calundus nos séculos XVII e XVIII, pp. 26-44*, com outras informações dispersas pelo livro).

112 JOSÉ RAMOS TINHORÃO - **História social da música popular brasileira** (1990, *Século XVI, pp. 15-42; Século XVII, pp. 43-60*).

113 HEITOR MARTINS - A *música do Mari-Nicolas* (1990).

A julgar pela tendência destes últimos dez anos, os levantamentos de dados acerca desse assunto deverão prosseguir, contando com análises mais criteriosas e com o início da localização de material musical que tenha sido utilizado no Brasil daqueles séculos. Esperamos que o nosso trabalho possa contribuir para novas sistematizações e levantamentos de grande porte, permitindo o cruzamento e o estudo de todos esses dados, com a finalidade de incorporar definitivamente o período ao universo de estudo dos musicólogos hoje atuantes, o que certamente trará benefícios significativos para o conhecimento da cultura brasileira e de sua história.

5.2 INFORMAÇÕES RECOLHIDAS

5.2.1 A PRÁTICA MUSICAL ENTRE AS POPULAÇOES INDÍGENAS

As primeiras notícias sobre a música dos povos que os europeus encontraram no Brasil datam já do final do século XV, fazendo parte da *carta* em que PERO VAZ DE CAMINHA[114] comunicou o descobrimento da «terra nova» ao rei de Portugal. As notas deixadas pelo escrivão de D. Manuel inauguraram um acervo de dados sobre a música indígena brasileira, que hoje conta com informações recolhidas durante quase cinco séculos. Porém, essa documentação está tão longe de ser

114 PERO VAZ DE CAMINHA* - *Carta a D. Manoel*, 1º de maio de 1500.

conhecida, que os documentos do século XVI continuam sendo, até hoje, os mais utilizados.

Os relatos que recuperamos daquela época não trazem informações sobre grupos indígenas muito diferentes. Afora os *tupinambás* e os *tapuias*, poucos mais tiveram sua prática musical descrita pelos autores daquele tempo. Existiram, contudo, centenas de tribos diferentes, muitas das quais nem chegaram ao nosso conhecimento. FERNÃO CARDIM, em 1584, já computava mais de 90 nações, cujos nomes arrolou cuidadosamente[115]. Historiadores modernos avaliam em mais de um milhão de índios a população do Brasil na época do descobrimento, mas que já vinha se formando há cerca de 10 mil anos. É somente a partir do século XIX que começam a surgir relatos e pesquisas relevantes sobre outras tribos indígenas, registrando manifestações musicais que autores antigos não presenciaram.

Os europeus que se preocuparam com a música desses povos não tinham sempre o mesmo objetivo. Pela documentação recolhida, pudemos determinar pelo menos quatro grupos diferentes de escritores, cujos comportamentos eram bem distintos.

Os **viajantes** estavam preocupados em coletar informações desconhecidas dos seus leitores, para tornar interessantes as descrições de suas aventuras. No século XVI estiveram em moda os relatos de viagens e centenas de livros foram produzidos para atender ao público que os apreciava. Dentre os autores que escreveram sobre o Brasil, os mais abundantes em

115 FERNÃO CARDIM* - *Do princípio e origem dos índios do Brasil e seus costumes e cerimônias*, «Da diversidade de nações e línguas», *pp. 101-106* da ed. de 1980, **Tratados da Terra e gente do Brasil.**

notícias sobre a música dos índios são HANS STADEN[116], ANDRÉ THÉVET[117], e JEAN DE LÉRY[118], que observaram os **tupinambás**. No século XVII, KASPAR VON BAERLE[119] e PIERRE MOREAU[120], que estiveram entre os **tapuias**, são os mais interessantes, mas seus informes não são tão ricos quanto os dos três primeiros.

Já os **missionários** tinham outra finalidade. Registravam o que podiam da cultura indígena, para que os «gentios» fossem melhor conhecidos e mais facilmente «convertidos». É o caso dos jesuítas FERNÃO CARDIM[121] e JÁCOME MONTEIRO[122], entre outros, ou dos capuchinhos CLAUDE D'ABBEVILLE[123] e YVES D'EVREUX[124], os religiosos que mais contribuiram para o conhecimento da música dos índios daquela época, todos da nação dos **tupinambás**.

Os **sertanistas** procuravam descrever a terra e tudo o que nela existisse, para auxiliar o trabalho dos seus sucessores. O único caso significativo encontrado no período foi o de GABRIEL SOARES DE

116 HANS STADEN* - **Warhaftige Historia und Beschreibung**, 1557.

117 ANDRÉ THÉVET* - **Les singularitez de la France Antarctique**, 1557; **La cosmographie universelle**, 1575.

118 JEAN DE LÉRY* - **Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil**, 1578.

119 KASPAR VON BAERLE* - **Casparis Barlaei, Rerum per octenium in Brasilia**, 1647.

120 PIERRE MOREAU* - **Relation du voyage de Roulox Baro**, 1651.

121 FERNÃO CARDIM* - *Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes e cerimônias*, [1584].

122 [JÁCOME MONTEIRO]* - *Relação da província do Brasil*, [1610].

123 CLAUDE D'ABBEVILLE* - **Histoire de la mission des peres capucins en l'isle de Maragnan et terres circonvoisines**, 1614.

124 YVES D'EVREUX* - **Suitte de l'histoire des choses plus memorables advenuës en Maragnan**, 1615.

SOUSA[125] que, entre as descrições dos povos indígenas, fez questão de deixar informações sobre a sua prática musical, referindo-se a várias de suas nações.

Finalmente, os **cronistas** contavam a história de uma época, um acontecimento, uma empresa, etc., nas quais os índios muitas vezes tomaram parte. Normalmente, utilizavam-se de outros documentos, que resumiam ou copiavam, como DAMIÃO DE GÓIS[126], SIMÃO DE VASCONCELOS[127] e outros. Esses textos são valiosos, sobretudo, quando não conhecemos as fontes antigas que esses escritores consultaram.

O conjunto das informações recolhidas por esses e por outros autores que as deixaram, em menor quantidade, revela semelhanças incríveis de um texto para outro, apesar das diferenças no enfoque e no propósito. Mencionam todos os tipos de circunstâncias em que esse povo fazia uso da música, descrevendo seus rituais, seus instrumentos, sua maneira de cantar e, muitas vezes, entrando em detalhes técnicos de sua música. LÉRY, como exceção, chega a transcrever cinco melodias tupinambás, informando sobre o seu uso e o seu significado.

Todos esses relatos são importantes não apenas para auxiliarem a se compreender a música dos índios que sobreviveram no século XX, mas também para permitirem conhecer um pouco da música com que os europeus conviveram durante os primeiros séculos no

125 GABRIEL SOARES DE SOUSA* - *Notícia do Brasil*, 1º de março de 1587.

126 DAMIÃO DE GÓIS* - **Crônica do felicíssimo Rei Dom Emanuel**, 1556.

127 SIMÃO DE VASCONCELOS* - **Vida do padre João de Almeida**, 1658; **Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil**, 1663; **Vida do venerável Padre José de Anchieta**, 1672.

Brasil. Por mais apartadas que possam ter sido as manifestações musicais de brancos e índios, existiram trocas, que são detectadas até hoje, na música dita «folclórica», para cuja investigação esses documentos são valiosíssimos.

Mas um estudo correto da prática musical dos povos indígenas daquela época deve pressupor uma associação com documentos de outros períodos, uma vez que os que recolhemos permitem apenas uma apreciação parcial. Não obstante, bons trabalhos nessa área têm surgido nos últimos anos. Para mencionar apenas os melhores, citamos os de ALFRED MÉTRAUX[128], LUÍS HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO[129], HELZA CAMÊU[130] e MANUEL VEIGA[131].

5.2.2 A MÚSICA QUE CHEGOU COM OS AFRICANOS

Ao contrário da curiosidade que a música indígena despertou nos escritores do século XVI, a prática musical dos negros no Brasil não mereceu a atenção de nenhum dos autores daquele tempo. Mesmo no século XVII, os relatos que interessam ao estudo da música dos escravos negros são raríssimos, chegando a ser quase insignificantes, se comparados aos que hoje conhecemos acerca da música indígena.

128 ALFRED MÉTRAUX - **La religion des tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus tupi-guarani**, 1928.

129 LUÍS HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO - *Tupinambá melodies in Jean de Léry's »Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil»*, 1946.

130 HELZA CAMÊU - **Introdução ao estudo da música indígena brasileira**, 1977.

131 MANUEL VEIGA - *Marcos aculturativos na etnomusicologia brasileira*, 1983.

Os europeus daquela época praticamente só se preocuparam com a música dos negros quando a ouviram no continente africano[132]. No Brasil, a cultura desses povos foi considerada estranha à comunidade e as manifestações dessa espécie, via de regra, foram sistematicamente ignoradas. Os negros, além disso, mais facilmente submetidos ao domínio dos seus senhores do que os escravos «da terra», dependiam de permissões para se reunirem em suas festas e rituais, as quais nem sempre eram concedidas[133]. Não os havia nos sertões com liberdade de culto, como entre os indígenas, em várias ocasiões atentamente observados por viajantes. Refugiaram-se, muitas vezes, em quilombos, mas dos seus usos e costumes nesses locais, quase nada sabemos, já que não foi possível nem interessante aos homens brancos registrá-los com detalhes.

Escravos africanos começaram a chegar no Brasil já na primeira metade do século XVI, mas o seu número somente passa a ser significativo após a instalação do Governo Geral, em 1549. Até o final do século XVI, a maior parte dos trabalhadores negros que vinha para a colônia era de origem bantú, trazidos de Angola, Congo e Guiné[134]. Os sudaneses não eram ainda freqüentes

132 Encontramos esse tipo de notícia em livros como os de GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUOLO (**Istorica descrizione de trè regni Congo, Matamba, et Angola**, 1687) e de ANDREW BATTEL (**De Gedenkwaardige Voyagie van Andries Battel van heigh in Esiex na Brasilien**, 1706).

133 CAIO PRADO JÚNIOR (**Evolução política do Brasil colônia e império**, 1987, *cap. I, p. 27*) informa: «A condição dos escravos negros é mais simples que a dos índios. Não tiveram, como estes, "protetores" jesuítas, e até o Império continuaram simplesmente equiparados às "bestas" das Ordenações Manuelinas». O mesmo autor afirma que «Havia um título das O.M. assim concebido: **De como** se podem enjeitar escravos ou bestas **por doenças ou manqueira**».

134 PEDRO CALMON (**Espírito da sociedade colonial**, 1935, *parte II, cap. X, p. 170*) informa: «No princípio e no fim, o maior centro

entre os escravos importados nessa época, começando a chegar em grande quantidade apenas no século seguinte.

Não podemos saber, ao certo, até que ponto a música desses povos foi reproduzida no continente americano e como se relacionou com as novas condições sociais que encontraram naquele período. Mas há indícios do surgimento de práticas musicais com fusão de elementos de culturas africanas e européias já no século XVII, encontradas nos textos de JOHANN NIEUHOF[135] e GREGÓRIO DE MATOS[136].

Felizmente, as poucas informações que recolhemos podem ser complementadas pelo trabalho de JOSÉ RAMOS TINHORÃO[137], praticamente o único que aborda a música dos negros no Brasil do século XVII. Interessante foi constatar que a maioria dos dados que obtivemos não foram citados por esse autor, o qual fornece elementos que a nossa pesquisa não foi capaz de levantar. E, numa tentativa de auxiliar investigações sobre a música dos africanos nos primeiros séculos de sua chegada ao Brasil, anexamos algumas gravuras antigas de instrumentos musicais utilizados naquele

abastecedor foi Angola. Desde 1548 - quando se iniciou o trafico - substituiram os portos Angolêses aos do Congo na grossa exportação humana, avaliada, entre 1575 e 91, em 52.053 peças. Sómente daqueles portos, portanto, mais de 3 mil escravos anualmente recebera a incipiente colonia do Brasil. Em 1587, na Baía, 4 mil eram negros aptos para as armas. Durante o seculo II a preponderancia de Angola (entre Ambriz e o rio Zaire), no fornecimento de negros, não foi disputada pelas outras feitorias da Africa. Nieuhof calculou em 40 mil os escravos empregados nos engenhos do Rio Grande até o S. Francisco (Brasil holandês) em 1646: procediam, quasi todos, dos reinos de Congo, Angola e Guiné.»

135 JOHANN NIEUHOF* - **Gedenkweerdige Brasiliaense Zee- en Lant-Reize**, 1682.

136 GREGÓRIO DE MATOS* - **Poesias**, anteriores a 1696.

137 JOSÉ RAMOS TINHORÃO - **Os sons dos negros no Brasil**, 1988.

continente, que talvez possam contribuir para o seu estudo[138].

Mas uma questão que também interessa ao nosso trabalho é a possível participação dos negros em funções musicais européias daqueles dois primeiros séculos. Atualmente, não existem dúvidas sobre a atuação musical de negros e mulatos entre as comunidades do século XVIII, mas as parcas notícias que obtivemos não são ainda suficientes para permitirem o estudo das raízes desse fenômeno. Os africanos devem ter sido solicitados, em muitas ocasiões, para a animação de eventos festivos, como aquele onde se comemorou a rendição dos holandeses no Recife, em 1645, do qual MANUEL CALADO[139] deixou este relato: «Levantaraõ logo todos os circunstantes as vozes, & com hum alarido nunca visto, & banhados de alegria, acclamaraõ por três vezes a victoria, & a celebraçaõ ao som de charomelas, caixas, & trombetas, o que tambem fizeraõ os nossos negros Minas tocando suas bozinas, frautas, & tabaques». Em 1711, o P. JOÃO ANTÔNIO ANDREONI queixava-se profundamente dos senhores de engenho, aos quais «Convidou-os o ouro a jogar largamente e a gastar em superfluidades quantias extraordinarias, sem reparo, comprando (por exemplo) um negro trombeteiro por mil cruzados[140]». O mesmo autor informa que, naquela época, «Por um bom

138 Cf. as gravuras XXII a XXIX, a maioria extraída do **Gabinetto Armonico**, de FILIPPO BONNANI (1723).

139 MANUEL CALADO* - **O valeroso lucideno**, 1648.

140 ANDRÉ JOÃO ANTONIL - **Cultura e opulência do Brasil** (ed. de 1982, *livro II, parte III, cap. XVII, p. 194*).

trombeteiro, quinhentas oitavas[141]» era o preço corrente.

É possível que, durante o século XVII, a utilização de índios nos serviços musicais (hipótese que discutiremos em todo o item 5.2.3) tenha sido paulatinamente substituída pela utilização de escravos negros[142], dando origem ao fenômeno que conhecemos no século XVIII. A intensa miscigenação[143] teria incluído o mulato no processo, o qual acabou herdando praticamente todos os encargos atribuídos a índios e negros no período anterior. Concretamente, pouco pudemos contribuir para essa questão, esperando, no entanto, que a apresentação dessa hipótese estimule a pesquisa e a discussão em torno do assunto.

---

[141] ANDRÉ JOÃO ANTONIL - op. cit., idem, *cap.VII, p.171*.

[142] JOÃO DE SOUSA FERREIRA* (*América abreviada*, 20 de maio de 1693, *cap. v, § 6*) deixou um fragmento que pode ser um indício da presença negra, ainda em fins do século XVII, na execução de música de feições européias: «Pelo que mostram serem Indios e pretos todos uns, por terem as mesmas inclinações consistentes na ociosidade, sensualidade e ebriedade, em cativarem-se e comerem-se uns aos outros, e em suas festas guardarem as mesmas cerimônias, pondo-se em pé toda uma noite cantando a dois coros, o mestre da capella de uma banda, levantando o ponto, e a mais xusma á roda cantando e batendo com os pés no xão até pela manhan. Porém diferenciam-se os pretos na capacidade de qualquer politica, tanto que d'ella participam, introduzindo-se de seu moto proprio nas artes liberaes, que sua pobreza, tempo e mestres lhes permitem».

[143] PEDRO CALMON (**Espírito da sociedade colonial**, 1935, *parte I, cap. V, p. 90*) discute as causas do surgimento das populações mestiças: «Realmente, foram as mulheres brancas tão escassas e requestadas, que os governadores e os padres reconheciam estar nisso a razão da mestiçagem crescente, do envilecimento natural dos povoadores». Logo adiante (*p. 92*), o mesmo autor afirma: «A vida religiosa, de um lado, do outro a desmoralização dos costumes, chegaram a ameaçar de extinção a raça européia na colonia infestada de africanos. A parte feminina da raça branca se tornára de um mesticismo extremo, e os homens, contagiados pela promiscuidade das senzalas <...> concorriam para multiplicar a mestiçagem - e um povo pardo, um novo povo, que gradualmente se substituía á elite dominadora».

5.2.3 A MÚSICA QUE VEIO DA EUROPA

5.2.3.1 DOMÍNIOS FRANCESES

Nos séculos XVI e XVII, a presença francesa nos territórios portugueses da América foi constante[144]. Poucos anos eram decorridos do descobrimento, quando o navio de BINOT PAULMIER DE GONNEVILLE[145] aportou na «Terra de Santa Cruz». Contudo, pouco sabemos sobre a prática musical francesa daquele período entre nós. As parcas notícias que recuperamos se referem apenas a duas das instalações francesas no Brasil colonial, justamente aquelas que contaram com um aparato militar mais organizado e sobre as quais a documentação é mais substanciosa.

Os autores que deixaram notícias da «França Antártica», possessão que Villegaignon administrou na baía da Guanabara entre 1555 e 1559, deixaram relatos preciosos sobre a música indígena[146], mas da prática musical daqueles que participaram dessa empreitada,

---

[144] JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (**História da história do Brasil**, 1979, *livro II, cap. I, nº I, p. 38*) informa: «Era tal a importância do comércio francês do pau-brasil, que durante algum tempo, como disse Capistrano de Abreu, não se soube se o Brasil ficaria pertencendo aos Peró, como chamavam os indígenas aos portugueses, ou aos Mair, Franceses, segundo os indígenas». O trabalho de CARLOS CAVALCANTI (*As artes brasileiras no século do descobrimento*, 1972) é um dos poucos do gênero que levam em conta a inexistência de uma unidade administrativa no Brasil daquela época e, portanto, a múltipla procedência das manifestações artísticas européias que penetraram nesta parte do mundo.

[145] BINOT PAULLMIER DE GONNEVILLE* - *Capagne du navire l'Espoir de Honfleur*, 1503-1505.

[146] Foram eles JEAN DE LÉRY*, na **Histoire d'un voyage** (1578) e ANDRÉ THÉVET*, nas **Singularitez de la France Antarctique** (1557) e na **Cosmographie universelle** (1575).

quase nada informaram, além de indicar uma das melodias que utilizavam nos seus rituais religiosos, então acordes aos novos costumes calvinistas[147]. Se é que utilizaram alguns desses cantos na educação dos índios daquelas partes, não chegaram sequer a mencionar o fato, fazendo supor a inexistência dessa prática[148].

A julgar pela análise da documentação, as atividades francesas naquela localidade, antes da fundação do Rio de Janeiro, não devem ter contribuido com qualquer tipo de herança musical que possa ter se integrado às populações locais. Os franceses que escaparam aos ataques de Mem de Sá em 1563 e de Estácio de Sá em 1563, por exemplo, refugiaram-se entre os tamoios, tornando-se permissivos à aculturação indígena[149].

---

147 Trata-se do **salmo 5** na versão calvinista, «*Aux paroles que je veux dire*», com melodia de LOYS BOURGEOIS, que transcrevemos no EXEMPLO MUSICAL III.

148 Um conjunto de três orações cristãs vertidas para o tupi por ANDRÉ THÉVET, na **Cosmographie universelle**, não parece ter sido preparado para uso regular entre os índios daquela região, mas para satisfazer a curiosidade do principal indígena **Cunhambeba**, com quem THÉVET teria travado contato. É bem possível, no entanto, que o francês tivesse ensinado essas orações juntamente com a melodia que normalmente utilizavam para entoá-las. Afinal, já em fins de 1552, os jesuítas serviam-se do canto para a catequese dos índios da província, como que se sabe pela *carta* anônima de 10 de março de 1552 (*§ 5*): «Despues foran los Padres por el Rio arriba a unas aldeas de unos indios que son amigos de los blancos, adonde les prediqué en su lengua y juntava los niños y les ensinava la doctrina. También les hazia decorar cantares de N. Señor en su lengua y los hazia cantar». É possível até que THÉVET tivesse obtido essas versões com os índios que anteriormente estiveram sob a administração da Companhia de Jesus.

149 JOSÉ DE ANCHIETA*, na *carta* de 8 de janeiro de 1565, afirma que «La vida de los franceses que están en este Rio es ya no solamente oie apartada de la Iglesia Cathólica, mas también hecha Salvage. Biven conforme a los Indios, comiendo, bibiendo, bailando y cantando con ellos, teñiéndose con sus tintas prietas y bermejas, ornándose con las plumas de los páxaros, andando desnudos a las vezes, solo con unos pañetes, y finalmente matando contrarios según el rito de los mismos Indios, y tomando nombres nuevos com ellos, de manera que no les falta más que comer carne humana, que en lo más su vida es corruptissima». O núcleo que

Mas é da «França Equinocial» que procedem os primeiros relatos significativos do uso da música francesa no Brasil. Era por esse nome que os súditos de D. Maria de Médicis conheciam a ilha de Maranhão, tornada colônia francesa em 1612 e recuperada pelos portugueses em 1615[150]. Os capuchinhos CLAUDE D'ABBEVILLE e YVES D'EVREUX deixaram um grande número de informações sobre os gêneros musicais que utilizaram em São Luís, além de relatarem o uso da música na cristianização dos índios da ilha. D'EVREUX chegou a apresentar versões tupis de textos católicos que foram utilizados na catequese dos índios e que D'ABBEVILLE informa terem sido entoados com o auxílio do canto. É possível supor que esses padres tivessem aprendido com os jesuítas as técnicas que utilizavam para tentar a «conversão do gentio», uma vez que, desde a segunda metade do século XVI, circulavam versões manuscritas «pela língua» das principais orações utilizadas na igreja católica[151].

Estácio de Sá fundou a 1º de março de 1565, que daria origem à atual cidade do Rio de Janeiro e o ataque que durou até janeiro de 1567 encerraram definitivamente o controle francês nessa região.

150 JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (**História da história do Brasil**, 1979, *livro II, cap. I, nº 4, pp. 42-43*) informa: «Sabia-se em Portugal e Espanha que os franceses haviam se estabelecido no Maranhão, fundando S. Luís em 1612. Por isso, Gaspar de Souza (1612-1617), novo Governador Geral, recebeu ordens de ir a Pernambuco organizar a força que deveria expulsar os franceses. As primeiras histórias são, portanto, dos franceses e por elas começa a historiografia do século dezessete». Em 1621 o governo da metrópole criou o Estado do Maranhão, que englobava as capitanias do Grão-Pará, Maranhão e Ceará, separado do Estado do Brasil, constituído pelas demais capitanias.

151 A primeira notícia dessas orações cristãs cantadas em tupi são da carta de MANOEL DA NÓBREGA*, de 6 de janeiro de 1550 (§ 7). Em outubro de 1552, PERO DOMÉNECH* anexou a versão brasílica do **Pater noster** na carta que dirigiu ao próprio Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus. No século seguinte já eram tão usuais que começaram a ser impressas em vários **catecismos**.

Dentre as orações que os franceses cantavam, dessa vez conformes à religião romana, esses autores citam a **Ave Maria**, a **Ave maris stella**, o **Benedictus Dominus Deus Israel**, o **Credo**, o **Crux ave spes unica**, o **Te Deum laudamus**, o **Veni Creator Spiritus** e o **Vexilla regis prodeunt**. Aos tupinambás ensinavam, em sua própria língua, o **Pater noster**, a **Ave Maria**, o **Credo**, os **Mandamentos de Deus**, os **Mandamentos da Igreja** e os **Sete Sacramentos**. Uma pesquisa acurada poderá revelar as melodias que ornaram esses textos nos antigos domínios franceses do Maranhão.

Tarefa mais difícil, entretanto, será avaliar as possíveis influências que a música francesa teve nas demais populações brasileiras desse período. O assunto não tem sido satisfatoriamente estudado e, à exceção de HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA[152], os musicólogos não fizeram mais que transcrever algumas passagens dos documentos que mencionamos.

5.2.3.2 DOMÍNIOS HOLANDESES

As aventuras dos holandeses no Brasil se estenderam desde a segunda metade do século XVI até a sua saída definitiva, em 1654. Com a intenção de fazer comércio e, ao mesmo tempo, levar a guerra ao mundo ibérico, estabeleceram feitorias, conquistaram cidades

152 HENRIQUETA ROSA FERNANMDES BRAGA - **Música sacra evangélica no Brasil**, 1961, *cap. II, pp. 39-48*.

e controlaram, no século XVII, capitanias inteiras, a serviço da Companhia das Índias Ocidentais[153].

As primeiras notícias que nos chegaram da penetração da música holandesa no Brasil se referem ao Engenho dos Erasmos em São Vicente que, já em 1579, possuía instrumentos de teclado em suas dependências[154]. Mas da invasão da vila de Santos por Cavendish, em 1591, nenhum dado significativo sobre o assunto foi recuperado. É somente a partir da tomada de Salvador, em 1624, que algumas notícias começaram a surgir, pelos relatos de VICENTE DO SALVADOR[155].

A presença holandesa nas capitanias do nordeste freqüentemente desperta a curiosidade dos musicólogos, com relação ao tipo de música, principalmente religiosa, que teriam praticado naquelas regiões. Infelizmente, os próprios holandeses escreveram muito pouco sobre sua própria música no Brasil e quase nada

153 JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (**História da história do Brasil**, 1979, *livro II, cap. II, nº 1, p. 48*) informa: «Expulsos os franceses do Maranhão (1615), fundada belém (1616), criado o Estado do Maranhão (1621), antes de processar-se seu desenvolvimento e de empreender Pedro Teixeira a viagem que expandiria o domínio português pelo Amazonas, sofriam os Estados do Brasil [desde a Bahia (1624) e Pernambuco (1630) até o rio Grande do Norte] e do Maranhão [desde o Ceará (1637) até São Luís (1641)] a invasão, conquista e domínio dos holandeses. É um episódio que não interfere na expansão portuguesa pelo Amazonas, na conquista do sertão e na marcha bandeirante, que constituem, realmente, como disse Capistrano de Abreu, a história interna do Brasil, porém perturba a vida baiana, libertada desde 1625, mas sempre ameaçada, e o Maranhão, desde 1644, recuperado e de cuja historiografia já se tratou. Na verdade esse episódio, que durou trinta anos e alcançou, em 1640, seu auge, com o domínio de 7 das 19 capitanias brasileiras, tem exercido grande atração sobre os estudiosos brasileiros e produziu uma das mais ricas seções de nossa historiografia».

154 Diz a **Enciclopédia da música brasileira** (1977, *v. I, p. 253*): «Engenho de cana-de-açucar em São Vicente SP, administrado por Paulo Werner, holandês que importou de Antuérpia, em 1579, pelo navio **O Licorno**, um órgão pequeno, ao preço de 28 florins, e um clavicêmbalo (cravo)».

155 VICENTE DO SALVADOR* - *História do Brasil* (1627, *livro V, cap. XXVIII, § 4*).

fizeram além de mencionar um salmo e um hino[156] que teriam utilizado em suas conquistas.

As melhores fontes sobre a música desses europeus no Brasil são os escritos de VICENTE DO SALVADOR e MANUEL CALADO[157]. Curiosamente, este último chega a informar que os holandeses não tinham a mesma preocupação que os portugueses, com relação à música dos rituais religiosos. Ao relatar um enterro português em Olinda, entre 1636 e 1639, «com toda a capella de musica, & as cruzes das confrarias», informa que «os Olandeses ficaraõ admirados de ver o modo com que os Catholicos Romanos enterrauão seus defuntos, cousa não vsada em suas terras[158]». Logo adiante, descreve o enterro de João Arneste, irmão de Maurício de Nassau, que ocorreu em Recife, «sem musica, nem lagrimas, ne outras demonstrações de preces, & suffragios[159]».

Portanto, ao se estudar a música religiosa dos holandeses no Brasil, não podemos supor uma prática tão difusa quanto a dos portugueses, principalmente pelo fato de que sua preocupação com essa arte não deve ter sido muito grande fora das cidades[160]. Além

156 São os EXEMPLOS MUSICAIS IV-A e IV-B, extraídos de informações de JOHANNES BAERS* (**Olinda, Chelogen int Landt van Brasil**, 1630) e JOHANN NIEUHOF* (**Gedenckweergige Brasiliaense Zee- en Lant- Reize**, 1682).

157 MANUEL CALADO* - **O valeroso lucideno**, 1648.

158 **Idem**, *livro I, cap. IV, § 14, p. 67.*

159 **Idem**, *livro I, cap. V. § 7, p. 78.*

160 SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA (**Raízes do Brasil**, 1948, *cap. II, p. 73*) é bastante claro: «Não há dúvida, porém, que o espírito animador dos holandeses na sua notável empresa colonial, só muito dificilmente transpunha os muros das cidades e não podia implantar-se na vida rural do nosso nordeste, sem desnaturá-la e preverter-se. Assim, a Nova Holanda exibia dois mundos distintos, duas zonas artificiosamente agregadas. O esforço dos conquistadores bátavos limitou-se a erigir uma grandeza de

disso, as suas tentativas de cristianização dos «gentios» nunca chegaram a ser tão eficazes quanto entre os católicos, que sabiam muito bem como utilizar a música para essa finalidade[161].

Os poucos informes que recolhemos sobre a música holandesa no nordeste brasileiro, dizem respeito a manifestações profanas e ao uso de instrumentos para funções militares[162]. E há outra dificuldade a se considerar. Os homens que a Companhia das Índias Ocidentais enviou para aquelas partes não eram apenas holandeses. SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA[163] informa que «O exército da Companhia, que lutava em Pernambuco, constava principalmente de alemães, franceses, ingleses, irlandenses e neerlandeses», o que nos leva a imaginar uma afluência de culturas variadíssimas para aquela região, requisitando do pesquisador um cuidado redobrado ao estudar esse assunto[164].

fachada, que só aos incautos podia mascarar a verdadeira, a dura realidade econômica em que se debatiam».

161 SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA (**Raízes do Brasil**, 1948, *cap. II, pp. 75-76*) dá o fundamento histórico da nossa suposição: «Os missionários protestantes, vindos em sua companhia, logo perceberam que o uso da língua neerlandesa na instrução religiosa prometia escasso êxito, não só entre os africanos como entre o gentio da terra. <...> E assim serviam-se, às vezes, do idioma dos vencidos no trato com os pretos e os naturais da terra, quase como os jesuítas se serviam da língua geral para catequizar índios, mesmo tapuias. ¶ Importante, além disso, é que, ao oposto do catolicismo, a religião reformada pelos invasores, não oferecia nenhuma espécie de excitação aos sentidos ou à imaginação dessa gente, e assim não proporcionava nenhum terreno de transição por onde sua religiosidade pudesse acomodar-se aos ideais cristãos».

162 **Trombetas, clarins, tambores** e **caixas** eram os instrumentos mais freqüentemente citados entre as tropas holandesas. Cf. as gravuras XI, XII e XIII (**trombetas**); XIV (**clarins**); XX (**tambor**) e XXI (**caixa** e **tambor**).

163 SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA - **op. cit.**, *cap. II, p. 71*.

164 O mesmo autor (**idem**, *p. 70*) informa que, «Recrutados entre aventureiros de toda espécie, de todos os países da Europa, "homens cansados de perseguições", eles vinham apenas em busca de fortunas impossíveis, sem imaginar criar fortes raízes na terra». Logo adiante (*p. 71*), completa: «População cosmopolita, instável,

Foram muito poucos, até hoje, os esforços que a musicologia brasileira dispendeu para levantar informações sobre a música que penetrou na colônia durante o domínio holandês. Cabe novamente a HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA[165] o mérito de ter escrito o melhor e praticamente único trabalho do gênero de que dispomos, publicado há exatamente 30 anos. De lá para cá foram insignificantes os resultados nessa área e o pequeno interesse não chegou a ultrapassar os exercícios de imaginação.

Das bibliografias sobre o domínio holandês que consultamos, sobretudo a de JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES[166], poucas foram as publicações que encontramos em língua não holandesa. E, mesmo no idioma flamengo, são raras as obras disponíveis nas bibliotecas em que trabalhamos. Estudos sobre a música dos holandeses no Nordeste terão forçosamente de pressupor o domínio da língua e o exame de boa quantidade de acervos, se é que as obras impressas bastarão para nos trazer dados significativos.

---

de caráter predominantemente urbano, essa gente ia apinhar-se no Recife ou na nascente Mauritsstad, que crescia na ilha de Antônio Vaz. Estimulando, assim, de modo prematuro, a divisão clássica entre o engenho e a cidade, entre o senhor rural e o mascate, divisão que encheria, mais tarde, quase toda a história pernambucana».

165 HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA - **Música sacra evangélica no Brasil** (1961, *cap. III: Os holandeses no Nordeste; Nassau e a liberdade religiosa; os cânticos da reforma, pp. 49-64*). A autora chega a transcrever dois exemplos musicais que teriam sido usuais naquela região, os quais anexamos a este trabalho, sob os códigos IV-A e IV-C.

166 JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES - **Historiografia e bibliografia do domínio holandês no Brasil**, 1949.

5.2.3.3 DOMÍNIOS PORTUGUESES

5.2.3.3.1 ESTABELECIMENTOS JESUÍTICOS

Do ponto de visto histórico, o estudo da música que chegou ao Brasil nos séculos XVI e XVII pelo trabalho da Companhia de Jesus, é aquele que mais tem atraído os pesquisadores que se ocuparam desse período na musicologia brasileira, em grande parte estimulados pelas numerosas publicações de SERAFIM LEITE. Apesar da documentação hoje acessível ser, em sua maioria, referente ao século XVI[167], a quantidade de informações que esses religiosos nos legaram são de uma riqueza extraordinária, jamais igualada por escritores de outra espécie[168].

Fenômeno tipicamente ibérico, oriundo da reação católica às reformas protestantes, a criação da Companhia de Jesus, em 1534, trouxe enormes conseqüências na colonização do Brasil e sensíveis

167 Graças aos esforços do erudito SERAFIM LEITRE, na **Monumeta brasiliae** (1956-1968, *5 v.*) e na **História da Companhia de Jesus no Brasil** (1938-1950, *10 v.*), entre outras obras, dispomos hoje das melhores edições das cartas dos jesuitas que interessam ao Brasil, respectivamente, no período 1549-1568 e no século XVII. Edições de outros autores das cartas de JOSÉ DE ANCHIETA e ANTÔNIO VIEIRA e de vários escritos sobre a Companhia no Brasil, nos séculos XVII e XVIII, puderam preencher algumas das lacunas que nos restaram na historiografia dessa ordem. O estudo do material que arrolamnos no item 5.1 deste trabalho poderá acrescentar dados preciosos a este acervo, esclarecendo questões que não pudemos abordar em nossas investigações.

168 JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (**História da história do Brasil**, 1979, *livro VI, cap. I, nº 1, p. 249*) afirma que «Ninguém teve, no Brasil colonial, tanta consciência histórica como os jesuítas. Não deram um passo, não converteram uma alma, não pacificaram colonos e indígenas, não dissolveram costumes brasílicos, não venceram os medos ou pecados da terra sem deixar escrita sua obra ou ação».

implicações na história de nossa prática musical[169]. Chegados na Bahia em 1549, o mesmo ano em que lá se instala o Governo Geral, os jesuítas iniciaram de imediato suas atividades no ensino e no ministério religioso da província.

Intensamente preocupados com a educação, cuja finalidade era tornar generalizado no povo americano o respeito ao soberano português e ao Deus romano, os religiosos da Companhia lograram, em menos de 150 anos, a implantação de todas as categorias de ensino necessárias ao cumprimento de seus propósitos[170].

169 AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY (**São Paulo no seculo XVI**, 1921, *cap. I, pp. 4-5*) informa: «Nem dezesseis annos do famoso pacto de 15 de agosto de 1534 tinham passado, em que o ferido pamplonez convocara para o primeiro capitulo o seu famoso futuro estado maior: os quatro hespanhóes Francisco Xavier, Lainez, Salmeron, Bobadilha, o genebrez Lefévre e o portugues Simão Rodrigues de Azevedo. ¶ Das missões estupendas de 1539, pela Italia, viera a approvação papal. Iam o lutheranismo e o calvinismo dentro em pouco, conhecer o mais temivel e impavido adversario. As "novidades allemãs", como se dizia no seculo XVI, passariam logo a contar tenazes rebatedoras e infatigaveis contrarios. ¶ Dos soberanos eropeus, fora d. João III, e por excellencia, o bem feitor da Companhia, desde os primeiros dias. ¶ Devia-lhe ella serviços enormes. Assim, alegremente lhe foi ao encontro do appello quando lhe pediu evangelisadores, para o Oriente e para o Occidente. E melhor não poderia pagar a sua divida, pois, dentro um pouco, despacharia para as Indias Francisco Xavier, para o Brasil Nóbrega e Anchieta.»

170 PEDRO CALMON (**Espírito da sociedade colonial**, 1935, *parte I, cap. VII, p. 118*), citando o **Nouveau dictionaire de pédagogie**, de G. COMPAIRÉ (Paris, 1911, *p. 904*), informa: «Foram, pois, de tres categorias, os estabelecimentos jesuíticos do Brasil. O primário, de rudimentar educação dos filhos dos portuguêses e dos índios, e de instrução simples, intinerante e rural, localizado nas "casas" da Companhia ou nas aldeias dos catecumenos. O normal, dos Colégios, destinados aos meninos brancos, "educação média, dessa instrução clássica que lhes fez a reputação", que formava "mestres em artes", espécie colonial de bacharéis em letras. E - na ultima fase da Companhia - os Seminarios ou recolhimentos, do tipo dos que em 1686 Alexandre de Gusmão fundara na Baía e, em 1748, o padre Malagrida no Pará.» Na página anterior (*p. 117*), o mesmo autor afirma que «As "Constituições", de 1559, primeira legislação escolar da Companhia, pelas quais se moldaram de inicio os seus estabelecimentos do Brasil, exigiam simplesmente cinco anos para as letras e sete para os estudos universitários de filosofia e teologia. Da primeira parte desempenhara-se os colégios, como o de Pernambuco e do Rio de Janeiro, com a sua "lição de casos", classe de gramatica" e "escola de ler e escrever", e os "casos".»

De extrema importância para a musicologia é o estudo do ensino que os jesuítas levaram às crianças indígenas. Em todos os estabelecimentos da Companhia, os meninos brasílicos estiveram presentes como catecúmenos. Os mais dotados aprendiam a cantar e «tanger» instrumentos, com a finalidade de levar a música às missas, procissões, festas e autos promovidos por esses religiosos. Mas a música também foi usada no próprio processo de catequese, que visava dar aos «curumins» os elementos básicos da vida cristã[171].

Até há pouco, imaginava-se que a «conversão do gentio» tivesse sido uma conquista efetiva da Companhia, na qual a música teria participado ativamente. De fato, o uso da música foi constante, como revela a documentação de que hoje dispomos. Porém, a historiografia contemporânea demonstrou que, das três fases pelas quais deveria passar o índio - catequese, batismo e conversão - apenas as duas primeiras foram levadas a efeito e, mesmo assim, de forma imperfeita. Apesar da legislação católica do século XVI instituir todas as formas possíveis para a implementação desse processo[172], os resultados que os

---

171 PEDRO CALMON (op. cit., *parte I, cap. VII, p. 115*) informa: «A pedagogia jesuítica, profundamente religiosa, devia desabrochar em filosofia moral. Mas, aquela aula preliminar de ler, escrever, contar e cantar, da qual se afastavam os meninos logo que recitavam a jaculatoria e redigiam os bilhetes, aquela aula distribuia, pela maioria da população branca, o mínimo de conhecimentos de que a vida necessitava».

172 MECENAS DOURADO (**A conversão do gentio**, 1958, *p. 25*) traduz este fragmento da bula **Inter Arcana**, de 08 de maio de 1529: «as nações barbaras venham ao conhecimento de Deus não só por meio de editos e admonições como também pela força e pelas armas, se for necessario, para que suas almas possam participar do reino do céu». JOÃO DORNAS FILHO (**A escravidão no Brasil**, 1939. *pp. 16-17*) informa que «É dessa época, 2 de julho de 1537, a bulla **Veritas ipsa**, de Paulo II, que condena o erro de considerar os indígenas **uti bruta animalia**, declarando **Indo ipsos, ut pote veros hominis** e podendo pertencer ao gremio da Igreja. Seguiu de tres dias

jesuítas alcançaram foram bem diversos daqueles previstos nas teorias dos discípulos de Santo Inácio[173].

As missões jesuíticas do século XVI, na prática, acabaram funcionando como enormes reservas de trabalhadores escravos, que dali sairiam com os conhecimentos mínimos para o cumprimento das ordens dos proprietários de terras[174], juntando-se à massa de

---

apenas o breve **Universitas Christi**, de 28 de maio, que condenava a escravidão dos índios».

173 Do excelente trabalho de MECENAS DOURADO (**op. cit.**, *pp. 48-49*), transcrevemos este fragmento: «Mas nem é verdade que catequizar signifique converter, e nem a documentação jesuítica é tão escassa, ou ambígua, que não nos permita a interpretação exata dos fatos. Ao contrário, é farta e sifnificativa no demonstrar que, se se trabalhou, heroicamente, na catequese - no que os padres atingiram os limites de uma admirável grandeza apostolar - a conversão foi **desideratum** que não se realizou e, consequentemente, não puderam incorporar o índio pela religião, à civilização portuguêsa colonizadora. O que se conseguiu do selvagem foi pela atividade econômica no trabalho - a princípio pelo escambo, e, depois, pela escravidão, - para o colono ou para o próprio jesuíta; pela atividade guerreira, como flecheiros, numa época que era preciso defender a terra de invasões, ou exterminar o próprio índio adversário e rebelde, e, finalmente, pela sujeição, à força, à autoridade civil. Conseguiu-se, assim, domesticação imperfeita de um homem cujo gênero de vida e civilização eram profundamente diferentes da civilização colonizadora. E dessa diferença de meio social e, consequentemente, de mentabilidade, surgiram os choques, as contradições, as irredutibilidades que resultaram na exterminação gradual do aborígene, ou sua imigração para o sertão longínquo». O mesmo autor, que chega a esboçar um histórico de cada uma das 15 aldeias fundadas na Bahia durante o século XVI, relata que, em alguns anos que duraram, a maioria dos índios que nelas residiu ou morreu por doenças de origem européia ou fugiu para o lugar de onde foram trazidos. Nas *pp. 101-102*, DOURADO deixa esta desconcertante notícia: «E nos princípios do século XVII já não havia índios para catequizar, porque haviam emigrado, fugindo a essa catequese da qual nada compreendiam e nem lhe sabiam o proveito. Os jesuítas entretinham-se com os que puderam ficar - ou com os que se renovavam - a serviço deles próprios e dos colonos. Convertidos? Não. mal domesticados e recebendo passivamente - como sempre fizeram - ou por mera imitação, sem conteúdo psicológico, como sói acontecer aos primitivos, as cerimônias externas que os jesuítas lhes queria fazer representar».

174 CAIO PRADO JUNIOR (**op. cit.**, *p. 31*) informa: «Apresenta-se assim o **estado colonial**, até meados do século XVII, como instrumento de classe desses proprietários. E por intermédio deles, contrariando as próprias leis da metrópole, que se suprem dos índios de que carecem para suas lavouras, intervindo nas aldeias, instituições públicas que deviam gozar da proteção oficial, ou então fazendo declarar a torto e a direito guerra ao

escravos indígenas que era tomada diretamente das selvas, sempre com a justificativa da substituição de sua gentilidade pelas normas do cristianismo[175].

Portanto, é necessário um grande cuidado ao se associar a prática da música européia entre os catecúmenos da Companhia e a música religiosa que servia às populações coloniais nos primeiros séculos de nossa história. Ao que se tem notícia, os conhecimentos musicais que os índios obtinham do aprendizado com os jesuítas, normalmente se perdiam com a sua fuga ou a sua morte. Mas a quantidade de índios treinados nessa arte, segundo a documentação, não foi pequena, levando-nos a supor possíveis transferências de músicos ensinados nessas instituições para estabelecimentos de outra espécie. A ponderação desses fatores é o grande problema que se apresenta daqui para frente, uma vez que os dados que obtivemos ainda não são suficientes para se avaliar o nível em que ocorreram esses contatos. É possível que um estudo como esse demonstre uma participação indígena significativa na prática musical religiosa das vilas e engenhos brasileiros anteriores ao século

gentio, para trazê-los das florestas ao tronco da escravidão. É com a organização política de que dispõem que conseguem manter na sujeição, explorando o seu trabalho, a grande massa da população, escravos e semi-escravos». JOÃO DORNAS FILHO (**A escravidão no Brasil**, 1939, *p. 24*) não deixa escapar o fato de que nessas missões os índios «trabalhavam para sustento próprio e manutenção das aldeias; para o missionário; para o Estado; e para os particulares, a quem se repartiam, e assim se disfarçava a escravidão multiforme, com o título falaz de liberdade.»

175 As fugas, a morte por doenças e a escravização de índios das aldeias fez com que essas experiências naufragassem rapidamente. CAIO PRADO JUNIOR (op. cit., *p. 27*) cita números, no mínimo, espantosos: «dos 40.000 índios aldeados que havia na Bahia em 1563, restavam vinte anos depois apenas 3.000, apesar da levas contínuas que vieram neste período reforçar-lhes o número».

XVIII, o que deixamos, por ora, apenas como uma hipótese a ser investigada.

Sabemos, agora, que os jesuítas foram os responsáveis pela utilização de diversos instrumentos musicais no ensino dos índios, como as flautas[176], trombetas[177], charamelas[178], baixões[179], violas[180], cravos e órgãos. Rezaram missas em «cantochão» e «canto de órgão». Fizeram difundir **cantigas** e **chansonetas** (vilancicos) e ensinaram a cantar, em latim e na «língua geral», as principais orações do rito cristão, ainda no século XVI. Nos seus colégios, casas e aldeias, a música foi utilizada em missas e ofícios, festas, procissões e autos, as famosas representações teatrais que têm sua origem nos dramas sacros da Idade Média.

Em virtude da fartura de informações que existem nos relatos jesuíticos daquela época, dezenas de pesquisadores e musicólogos foram estimulados a estudá-las[181]. Mas são poucos os trabalhos que tratam da implicação sociológica da atuação musical dos jesuítas[182]. Acreditamos que, dentre a documentação

---

176 Cf. as GRAVURAS VI a VIII.

177 Cf. as GRAVURAS XI a XIII.

178 Cf. a GRAVURA IX.

179 Cf. a GRAVURA X.

180 Cf. as GRAVURAS I a IV.

181 Fizemos questão de arrolar, no ítem 8.2 da **bibliografia**, todos os trabalhos que encontramos com referência à música jesuítica no Brasil, sem discriminá-los por sua qualidade. Estão citados também no ítem 5.1, com os comentários pertinentes.

182 Basicamente, JOSÉ RAMOS TINHORÃO é o único pesquisador que estudou a contribuição musical jesuítica do ponto de vista sociológico. Seu artigo *A deculturação da música indígena brasileira* (1972) e seu recente livro **História social da música popular brasileira** (1990) são os melhores textos que já foram escritos sobre o assunto. A MÁRIO DE ANDRADE, na *Evolução social da música no Brasil*, texto de 1939 publicado em **Música do Brasil**

que recolhemos e a bibliografia que arrolamos, o pesquisador meticuloso encontrará elementos suficientes para iniciar a investigação das conseqüências que essas atividades tiveram na prática musical brasileira no século XVIII e no surgimento dos primeiros compositores de polifonia no Brasil, talvez já no século XVII.

Um aspecto, em particular, nos chamou a atenção, quando consultamos esses documentos. Os autores dos relatos deixaram uma boa quantidade de informações sobre o canto de orações cristãs nas línguas brasílicas, como se observa pela sua leitura. E, no século XVII, pelo menos quatro catecismos indígenas foram publicados em Lisboa com esses textos[183]. Os mais comuns eram o **Pater noster**, a **Ave Maria** e o **Credo**. Pelo que constatamos em nossa pesquisa, nenhum musicólogo chegou a se ocupar de uma investigação que revelasse como essas orações eram cantadas nas aldeias, casas e outros estabelecimentos da Companhia. Um trabalho cuidadoso poderá restaurar documentos inestimáveis para a musicologia brasileira: o cantochão entoado na língua tupi, tarefa que não será simples, em virtude da distância que nos separa dos arquivos ibéricos.

(1941) e em **Aspectos da música brasileira** (1965), e no **Dicionário musical brasileiro** (1989), cabe o mérito das primeiras tentativas nesse sentido, tímidas, porém, devido à pequena quantidade de informações de que dispunha naquela época.

183 Dois deles indicam, como autor, ANTÔNIO DE ARAÚJO*: **Catecismo na língua brasílica** (Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1618) e **Catecismo brasílico da doutrina cristã** (Lisboa, Miguel Deslandes, 1686). Os outros são de JOÃO FELIPE BETTENDORF* (**Compêndio da doutrina cristã na língua portuguesa e brasílica**, Lisboa, Miguel Deslandes, 1678) e LODOVICO MAMIANI DELLE ROVERE (**Catecismo da doutrina cristã na língua brasílica da nação kiriri**, Lisboa, Miguel Deslandes, 1698).

Existiu, ainda, um outro gênero de textos que os jesuítas prepararam para as crianças indígenas recitarem com melodia. Eram **cantigas**, **romances**, **danças** e outras formas poéticas, utilizadas em várias circunstâncias. CRISTÓVÃO VALENTE (1566-1627) é o autor de quatro *cantigas* que ANTÔNIO ARAÚJO imprimiu no seu **Catecismo na lingoa brasilica**, de 1618, certamente utilizada na catequese dos «gentios[184]». Mas o autor dos textos nada informa sobre a maneira como deveriam ser cantadas. Somente uma pesquisa cuidadosa poderá revelar se essas poesias tinham melodia própria ou se o improviso dos mestres e alunos foi a maneira encontrada para musicá-las.

JOSÉ DE ANCHIETA também foi autor de versos que os garotos cantaram em vários de seus autos[185]. A coleção completa das poesias de ANCHIETA foi muitas

---

184 JOÃO FELIPE BETTENDORF*, na *Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão* (25 de maio de 1698, *livro V, cap. VIII, § 3*) informa que pelo menos uma delas foi utilizada entre os Guajajaras do Pará, por volta de 1670, cujo missionário encarregado era o Padre João Maria Gorzoni, muito conhecido por ser praticante da música.

185 MARIA DE LOURDES DE PAULA MARTINS, na edição de 1989 das **Poesias** de ANCHIETA, traz esta informação (*pp. 24-25*): «Inúmeros, por outra parte, são os depoimentos dos **Processos** para a beatificação de Anchieta, em que a isso se referem as testemunhas. A propósito de suas **Cantigas**, declara Baltasar de Horta, tê-las cantado "sendo moço..., em companhia de outros,pelas ruas e praças". De si atesta João de Sousa Pereira que Anchieta "lhas dava escritas e as fazia cantar". Narra êste último, mas também o filho de Jerônimo Leitão, Padre Francisco da Silva, e os irmãos Aleixo e Pedro Leme terem tomado parte, como atores, em diversos de seus autos. ¶ Que muitas destas poesias anchietanas se destinassem para o canto, um exame atento dêste códice deixa perfeitamente comprovado. À pág. 95, nota-se, por exemplo: "Outra **pela mesma toada. Esta se cantou** estando São Lourenço nas grelhas". Tal disposição artística de Anchieta para utilizar a música como fator de educação moral e religiosa, era sem dúvida uma tendência de sua formação familiar. Parente seu indubitàvelmente foi o Maestro da Capela Real, D. João de Anchieta, compositor e poeta, de Urrestilha, na Guipúscoa, donde emigrou para as Canárias o pai de José de Anchieta. Em Tenerife, dois irmãos seus, sacerdotes, - diz o depoimnento de André do Sim -, ensinaram "uns irmãos dêle, testemunha, também sacerdotes, a tanger cravo e órgão" (**proc. Apost. do Rio de Janeiro**, 83v)».

vezes publicada[186] e revela um dado extraordinário. Em alguns dos textos que esse autor compôs nas línguas de uso corrente na catequese, indicou qual melodia deveria ser utilizada. Essas informações são importantes por documentarem a utilização de melodias européias com textos escritos no Brasil, ainda no século XVI.

A melhor edição dessas poesias é a do «quarto centenário[187]», mas utilizamos, aqui, a publicação **Teatro de Anchieta**[188], pela praticidade que oferece. Dentre os autos escritos pelo jesuíta, selecionamos os títulos das poesias em que o padre indicou claramente o uso da música:

Na Festa do Natal ou **Pregação Universal** (1561-1562)

a) *Canção*: «já furtaram ao moleiro» (pela primeira parte da «canção do moleiro»).
b) *Dança* [de doze meninos]:«Vimos a vos visitar».
c) *Canção*: «já tornarão ao moleiro» (segunda parte da «canção do moleiro»).

[186] A edição mais recente é de 1989 (belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP), na Biblioteca básica de literatura brasileira (v. *3*), reedição da que citamos abaixo.

[187] JOSÉ DE ANCHIETA - **Poesias** (1954).

[188] JOSÉ DE ANCHIETA - **Teatro de Anchieta** (1977)

Na Festa de São Lourenço (1587)

a) *Cantiga*: «Por Iesú, mi salvador» feita por «El ciego amor».

b) *Cantiga e voltas pelo tom de «Quien tiene vida en el cielo»*: «Tasory jandré rayra».

c) *Dança de doze meninos*: «Ko oroikó oroñemborypa».

Na Aldeia de Guaraparim (1585)

a) *Canção*: «Ave Maria poránga»

b) *Canção*: «Eva, jandé sy ypy».

c) *Dança de dez meninos com canto e música*: «Pejorí, xe iru etá».

Recebimento que fizeram os índios de Guaraparim ao Padre Provincial Marçal Beliarte (1589)

a) *Dança de dez meninos com canto e música*: «Xé retáma moorypa».

b) *Canção na toada «O sem ventura»*: «Tupansy po rangeté».

Dia da Assunção, quando levaram sua imagem a Reritiba (1590)

a) *Seis selvagens que dançam os machatins*: «Sarauájamo oroikó».
b) *Cantiga por «Querendo o alto Deus»*: «Jande kañemiré, jandé».

Recebimento do Administrador Apostólico P. Bartolomeu Simões Pereira (1591 ou 1592)

a) *Saudação*: «Muito há que desejamos».
b) *Canção «polo moleiro»*: «Pitangi morausubara».

Recebimento do P. Marcos da Costa (1596)

a) *Vilancete*: «Tupána kuápa».
b) *Dança*: «Oré rausúba jepé».

Quando no Espírito Santo se recebeu uma relíquia das Onze Mil Virgens (1585 ou 1595)

a) *Saudação*: «Cordeirinha linda».

Na vila de Vitória ou de S. Maurício (1595)

a) *Saudação*: «Ó Maurício Capitão»
b) *Canto e Dança*: «Ó cabeça esmaltada»

Na visitação de Santa Isabel

a) *Cantiga*: «Quién te visitó, Isabel»

Nesses textos, ANCHIETA indica o uso de cinco melodias ibéricas: a «*canção do moleiro*», as cantigas «*El ciego amor*» e «*Quien tiene vida en el cielo*», a toada «*O sem ventura*» e a cantiga «*Querendo o alto Deus*». Por mais esforços que tenhamos dispendido na procura dessas melodias entre os cancioneiros peninsulares daquela época já publicados, mesmo aqueles que não contém música, nada encontramos que tivesse alguma relação com esses títulos. Se, em algum tempo, foram registradas, é possível que a pesquisa em fontes primárias possa contribuir para o conhecimento da música que se praticou nessas famosas representações. Mas a tarefa não é simples, haja vista a quantidade de música que se executou nos próprios autos portugueses, cujas melodias nunca chegaram a ser identificadas[189].

Em virtude da grande quantidade de textos musicados que ANCHIETA nos legou, não chegamos a transcrevê-los na seção deste trabalho destinada à documentação recolhida, contando, inclusive, com a disponibilidade de suas publicações na atualidade. O

189 No **Cancioneiro de D. Maria Henriques**, manuscrito português do século XVI por D. FRANCISCO DA COSTA (cf. a edição de 1961), existem 7 autos anônimos, entre os quais computamos 35 partes cantadas, onde apenas a letra vem indicada.

exame da edição de 1954, por exemplo, será suficiente para fundamentar uma pesquisa dessa natureza.

Melodias utilizadas pelos jesuítas no Brasil ainda no século XVII, quase nos chegaram em mãos, através de um **catecismo** composto pelo jesuíta italiano LODOVICO VINCENZO MAMIANI DELLE ROVERE[190]. Escrito para o ministério com os índios cariris do Rio São Francisco, o livro mereceu esta descrição de SERAFIM LEITE[191]:

190 LODOVICO VINCENZO MAMIANI DELLE ROVERE - **Catecismo da doutrina Christãa Na Lingua Brasilica da Nação Kiriri composta pelo P. Luis Vicentio Mamiani, da Companhia de Jesus, Missionario da provincia do Brasil.** [Trigrama da Companhia]. **Lisboa Na offina de Miguel Deslandes. Impressor de Sua Magestade. Com todas as licenças necessarias. Anno de 1698.** [8º, XVI, 236 pp.]. Há edição facsimilar pela Biblioteca Nacional do rio de Janeiro (Imprensa Nacional), 1942, com uma **Explicação** de Rodolfo Garcia. Existe, também, estudo por RAFAELE PETTAZZONI - *II catechismo del Padre L.V. Mamiani in lingua kiriri*, **Atti della Reale accademia d'Italia, Rendiconti della Classe di scienze morali e storiche,** serie XVII, *vol. II*, 1941, *pp. 465-470.*

191 SERAFIM LEITE - **História da Companhia de Jesus no Brasil** (*v. VIII*, 1949, *p. 351*).

«Nos Prelims.: "Ao Leytor; "Cantigas na Lingua Kiriri para cantarem os Meninos da Doutrina com a versão em versos Castelhanos do mesmo metro" [3 cantigas]; "O Stabat Mater dolorosa" vertido na Língua Kiriri; "Solfa da primeira Cantiga". "Segunda". "Terceira". "Quarta". **Licenças da Ordem:** Na Canabrava, Aldea de Santa Theresa, 2 de Mayo de 1697, Antonio de Barros; Na Missão de Nossa Senhora do Socorro, 27 de Mayo de 1697, João Mattheus Falleto; Dada no Collegio da Bahia ao 27 de Junho de 1697, Alexandre de Gusmão; **Do Santo Officio; Do Ordinario. Do Paço.** Advertencias sobre a pronunciaçaõ de lingua Kiriri. Texto a duas colunas em Kiriri e português. A solfa das 4 "Cantigas" não se imprimiu, ao menos no exemplar que vimos: nas quatro páginas respectivas, ficou o seu lugar em branco».

Não houve tempo hábil para procurarmos esse livro fora das bibliotecas em que trabalhamos. Localizamos apenas a edição facsimilar de 1942 na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que não pudemos consultar, e a infeliz notícia de ALFREDO DO VALLE CABRAL[192], informando que «Este Cathecismo é no Brazil tão raro como a Gramatica do mesmo auctor, pois d'elle só se conhece egualmente a existência de um único exemplar». Somente o exame de vários exemplares da edição de 1698

192 ALFREDO DO VALLE CABRAL - *Bibliographia das obras tanto impressas como manuscritas relativas á lingua tupi ou guarani tambem chamada lingua geral do Brazil* (1880, parte I, nº 45, pp. 163-164).

deste livro poderá nos trazer a «solfa» dos quatro textos que o autor teria feito imprimir e que nem mesmo o erudito SERAFIM LEITE chegou a conhecer. Seu achado certamente terá grande importância para a historiografia da música no Brasil.

Voltemos, agora, a discutir as possíveis relações entre a prática musical empregada pelos jesuítas na catequese e o suprimento da música religiosa, de festas, procissões, missas e outras funções católicas, a serviço dos demais setores da vida colonial.

Pelo que se depreende da análise da documentação inaciana, muitos índios adquiriram habilidades musicais de feições européias, ao passarem anos submetidos às «escolas de ler, escrever e cantar». «Brandônio», por exemplo, personagem dos *Diálogos das grandezas do Brasil*[193], afirma, em 1618, que «saem alguns delles destros no canto, e assim são bons charameleiros». Não é impossível, cremos, que vários desses índios tivessem sido aproveitados em capelas e igrejas de vilas e engenhos, para o serviço musical da população que neles habitava.

A hipótese que pretendemos lançar neste trabalho é a seguinte: nos séculos XVI e XVII, boa parte do serviço religioso voltado às comunidades coloniais deve ter sido feita com o auxílio de índios, a princípio instruídos pelos jesuítas, passando das missões, casas e colégios da Companhia, para os núcleos populacionais administrados pelos europeus.

Muito há para se investigar nessa área. Porém, existem elementos suficientes para se demonstrar que,

193 [AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO ou SIMÃO TRAVASSOS]*. **Diálogos das grandezas do Brasil** (1618, *diálogo VI, 58ª intervenção de Brandônio*).

ao redor de todas as principais vilas daquela época, haviam índios capacitados para a prática da música religiosa européia. ANTÔNIO PIRES[194], em 1551, ao escrever sobre os «niños de los gentiles» na Bahia, informa que «Cantan todos una missa cada dia». ANTÔNIO BLASQUES[195], também da Bahia, escreve em 1557 que, na «fundação da igreja do Rio Vermelho» (no segundo semestre de 1556) «Logo se fez ao derredor da igreija, dizendo hos meninos huma cantigua, e respondeo o outro choro com as frautas». O mesmo autor[196], ao falar da Aldeia de São Lourenço e de **Antônio Rodrigues**, que dela se ocupava, afirma que «insina-lhes o Irmão a cantar missa e dizer a Salve, a qual sabem já e cantão por si com alguns introitos da missa». Da Aldeia de São Paulo, a uma légua da Bahia, MANOEL DA NÓBREGA[197] noticia, em 1559, que «Estes sabem bem a doutrina e cousas da fee, leem e escrevem; já cantão e ajudão já alguns hà missa». ANTÔNIO BLASQUES[198] esteve na mesma aldeia, em agosto daquele ano, informando que «Officiaron la missa cantada los mesmos yndiozicos hijos de los baptizados». O próprio Governador Lourenço da Veiga, que visitou as aldeias da Bahia, no princípio de 1578 presenciou, segundo JOSÉ DE ANCHIETA[199], «as missas oficiadas em canto de órgão, com flautas, pelos filhos dos mesmos índios». E, do

194 ANTÔNIO PIRES* - *Carta* de 2 de agosto de 1551, *§ 8*.

195 ANTÔNIO BLASQUES* - *Quadrimestre de setembro de 1556 a janeiro de 1557*, de 1º de janeiro de 1557, *§ 6*.

196 *Idem, § 7*.

197 MANOEL DA NÓBREGA* - *Carta* de 5 de julho de 1559, *§ 3*.

198 ANTÔNIO BLASQUES* - *Carta* de 10 de setembro de 1559, *§ 14*.

199 JOSÉ DE ANCHIETA* - *Informação do Brasil e suas capitanias*, 1584, *§ 15*.

Colégio da Bahia, o mesmo JOSÉ DE ANCHIETA[200] dá esta notícia, em 1584: «os meninos aprendem tambem, com muita diligencia a arte do canto e a tocar flautas e charamelas. Dão muito relevo, com o canto de orgão, às vésperas e missas, quer nas aldeias, quer no mesmo colégio, nos dias consagrados às santas relíquias. E para isso são escolhidos aqueles, cujas vozes se apresentam mais afinadas para formar o coral».

De outras localidades há também relatos significativos. Uma *carta* anônima de 1553[201] informa que, em São Vicente, «Muchas vezes cantan los niños todos missa de canto de órgano». JOSÉ DE ANCHIETA[202] escreve, em 1554 da «Aldea de Piratininga donde tenemos una gran escuela de niños, hijos de indios enseñados ya leer y ecrivir», que «alguns saben ayudar a cantar la missa». Em 1564, ANTONIO BLASQUES[203] relata, do Espírito Santo, o trabalho de **Antonio Rodrigues**, ensinando aos índios tudo o que era necessário para o culto cristão, «como es ayudar missa». Entre 1583 e 1584 o Padre Visitador Cristóvão Gouveia maravilhou-se ao ver, por toda a costa brasileira, os índios instruídos pelos jesuítas no ofício da música. Os relatos de sua viagem foram escritos por FERNÃO CARDIM[204], em cuja preciosa *Informação*, um dos documentos mais ricos da época para

---

200 JOSÉ DE ANCHIETA* - *Carta* de 1º de janeiro de 1584, *§ 8*. Utilizamos, aqui, a tradução portuguesa de Hélio Abranches Viotti, do texto latino que lá transcrevemos.

201 ANÔNIMO* *Carta* de 10 de março de 1553, *§ 9*.

202 JOSÉ DE ANCHIETA* - *Carta* de 15 de agosto de 1554, *§ 2*.

203 ANTÔNIO BLASQUES* - *Carta* de 31 de maio de 1564, *§ 5*.

204 FERNÃO CARDIM* - *Informação da missão do P. Cristóvão Gouveia às partes do Brasil*, de 16 de outubro de 1585.

o conhecimento o ensino musical jesuítico. Outros autores chegaram a informar que o P. Gouveia viu meninos índios de cinco anos de idade, «q' cantam m^to destros seus tipres as missas e mais motetes[205]».

Da cidade do Rio de Janeiro, em 1619, ANTÔNIO DE MATOS[206] deixou este fragmento: «Temos cuidado de os domesticar nos costumes não som.^te Christaõs senaõ tambem politicos para q saibaõ viver em paz, e quanto for possivel sem queixa naõ somente entre si senaõ tambem com os vizinhos portuguezes, para que saibaõ promover o culto divino, e ajudar a celebrar os off.^os divinos com canto de orgaõ e instrumentos musicos, e com a devida decencia». E, finalmente, do Maranhão, após a saída dos franceses, MANOEL GOMES[207] escreve, em 1621: «fizemos tres fortalezas nesta ilha e terra firme nos ocupamos na salvação das almas, levantando cruzes e igrejas cõ musica e charamelas que eu levava, cantando aos dias santos e domingos missas em canto de orgão com os cantores Indios que do Brasyl levava[208]». Esse relato mostra, inclusive, o quanto foi freqüente o transporte de índios com conhecimentos musicais que os jesuítas fizeram de um lugar para outro, a exemplo dos músicos indígenas de Pernambuco que, em 1607, **Luís Figueira** levou para a Serra de Ibiapaba, acabando citados por vários autores da época.

205 [FRANCISCO SOARES]* - *Algumas cousas mais notáveis do Brasil e alguns costumes dos índios*, [1590], *§ 12*.

206 ANTÔNIO DE MATOS* - *Informação das ocupações dos padres e irmãos do Rio de Janeiro*, de março de 1619, *§ 7*.

207 MANOEL GOMES* - *Informação da ilha de São Domingos, Venezuela, Maranhão e Pará*, de 22 de janeiro de 1621, *§ 1*.

208 Desde 13 de junho de 1621, o **Maranhão** (capitanias do Maranhão, Pará e Rio Negro) tem um governo independente do **Brasil**, que compreendia as demais capitanias.

Pela nossa hipótese, os jesuítas teriam sido os pioneiros na introdução da música religiosa na colônia, cuja prática, apesar de não ter sido essa sua intenção[209], extendeu-se para fora dos seus domínios, dando origem às primeiras atividades musicais voltadas ao suprimento do serviço religioso nos núcleos rurais e urbanos instalados pelos portugueses.

É preciso dizer, no entanto, que não foi a Companhia de Jesus a única ordem católica que se estabeleceu no Brasil e nem mesmo o único grupo de religiosos que se ocupou do uso da música entre os indígenas. Mas o grande problema que existe no tocante às outras ordens é a ínfima quantidade de material historiográfico disponível, comparando-se com os documentos jesuíticos hoje conhecidos. Os franciscanos, por exemplo, chegaram ao Brasil antes mesmo da Companhia, estabelecendo vária missões, mas delas escrevendo muito pouco[210]. Por sorte, Alguns missionários deixaram informações sobre essa atividade musical, preciosas por serem os únicos relatos que temos da música empregada na catequese não jesuítica. São eles: MANUEL DA ILHA[211], MARTIN DE NANTES[212] e

209 CAIO PRADO JUNIOR (**Evolução política do Brasil colônia e império**, 1987, *cap. I, p. 25*) reconhece nestes termos o trabalho jesuítico no Brasil: «Sua tarefa constituiu em preparar o terreno, não para os outros, mas para eles proprios. Almejavam a constituição na América de seu império temporal, e destes planos ficou-nos a amostra das célebres missões jesuíticas do Paraguai».

210 JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (**História da história do Brasil**, 1979, *livro VI, cap. II nº 1, p. 297*) informa: «Quanto à pobreza da documentação e da historiografia franciscana basta dizer que o martírio dos primeiros franciscanos mortos pelos índios da costa, entre 1501 e 1521, foi pela primeira vez mencionado em 1611, e embora os primeiros cronistas do Brasil e as fontes jesuíticas a ele se referissem, os próprios autores europeus da história franciscana desconhecem o fato».

211 MANUEL DA ILHA* - *Divi Antonii Brasiliae Custodiae enarratio*, 1621.

ANTÔNIO DE SANTA MARIA DE JABOATÃO[213]. O mesmo ocorreu com os capuchinhos, dos quais nos deixaram alguns dados CLAUDE D'ABBEVILLE[214] e YVES D'EVREUX[215]. Quanto aos beneditinos, o documento que obtivemos de MIGUEL ARCANJO DA ANUNCIAÇÃO TEIXEIRA[216] chega a ser desprezível nesse sentido. Das ordens não jesuíticas, conhecemos os músicos que atuaram nas igrejas de fins do século XVII e não na catequese. Esses religiosos aparecem muito pouco nos textos que consultamos, mas são abordados pelos musicólogos que estudaram o assunto[217].

Além disso, sabemos que o catolicismo também não foi a única religião européia que se praticou no Brasil daquela época. Os judeus, por exemplo, começaram a chegar na colônia logo após o descobrimento e mantiveram uma prática musical isolada daquela que ocorria entre os cristãos[218]. A liberdade de culto religioso nos domínios holandeses foi bem maior que nas regiões administradas pelos portugueses,

212 MARTIN DE NANTES* - **Relation succinte et sincere de la mission du Pere Martin de Nantes**, [1707].

213 ANTÔNIO DE SANTA MARIA JABOTÃO* - **Novo orbe seráfico brasílico**, 1761.

214 CLAUDE D'ABBEVILLE* - **Histoire de la mission des peres capucins en l'isle de Maragnan et terres circonvoisines**, 1614.

215 YVES D'EVREUX* - **Suitte de l'histoire des choses plus memorables advenuës en Maragnan**, 1615.

216 MIGUEL ARCANJO DA ANUNCIAÇÃO TEIXEIRA* - *Crônica do Mosteiro de são Bento de Olinda até 1763* (anterior a 1769).

217 Em trabalhos como o de ROBERT STEVENSON (*Some portuguese sources for early brazilian music history*, 1968), JAIME DINIZ (*Uma notícia sobre a música no Brasil dos séculos XVI e XVII*, 1972) e da **Enciclopédia da música brasileira** (1977) aparecem informações como essas.

218 ROBERT STEVENSON (*op. cit.*, 1968, *p. 11*), por exemplo, chega a comentar a atuação de **Jehosuah Velozinos** na aprática de música de origem hebraica, no nordeste brasileiro durante o século XVII.

fazendo supor a existência, pelo menos naquela época, de uma prática musical religiosa bastante diversificada.

Contudo, a escassês de dados não permite, ainda, uma abordagem histórica da prática musical religiosa brasileira que envolva todos esse fenômenos. É necessário aguardar a realização de pesquisas específicas que apresentem resultados significativos, permitindo um estudo mais fundamentado em documentação que em suposições.

5.2.3.3.2 **NÚCLEOS URBANOS**

5.2.3.3.2.1 **AS VILAS E CIDADES**

Na primeira metade do século XVI, o interesse português pela colonização do Brasil foi quase inexistente. Com uma população de pouco mais de um milhão de pessoas, Portugal vivia, nessa época, o fim de um surto de navegação provocado por uma burguesia sedenta de lucros, que encontrou nas Índias Orientais a fonte principal das riquezas que procurava. Quando D. João III decidiu iniciar a colonização da «terra nova» que lhe pertencia pelo Tratado de Tordesilhas, não o fez senão para assegurar o seu domínio, frente às ameaças de outras nações européias[219].

219 PEDRO CALMON (**Espírito da sociedade colonial**, 1935, *parte III, cap. XIV, pp. 243-244*) informa: «D. João III não podia colonizar o Brasil; desprezára-o. Porém, ao rebate de pilhagens francêsas, para impedil-as, mandara Martin Afonso estabelecer a primeira povoação politica: foi S. Vicente. Essa idéia, de um apressado povoamento, antes que o estrangeiro lhe tomasse a

Até 1549, somente tinha vingado a colonização em São Vicente e Pernambuco. Os impostos que o governo recebia das donatarias que distribuira entre 1534 e 1536 não resultavam em qualquer tipo de lucro e os assédios estrangeiros vinham trazendo problemas freqüentes para a Coroa. A instituição do Governo Geral e a chegada dos missionários em 1549 inaugurou uma nova fase na conquista da terra, iniciada juntamente com a construção da cidade do Salvador.

A partir de então começam a surgir, timidamente, os primeiros focos urbanos significativos e a proliferar os engenhos de cana de açúcar. As vilas e cidades, nesses dois primeiros séculos, nunca passaram de pequenos amontoados de casas[220] e, muitas vezes, não chegavam a ter a quantidade de pessoas nem as condições de vida dos menores engenhos que as cercavam[221]. Na verdade, as vilas não possuíam

possessão, perseguiu el-rei em 1534, quando a dividiu em capitanias, relegando á iniciativa particular o trabalho da conquista, e quando a subordinou, em 1549, a um governo geral».

220 CAIO PRADO JUNIOR (**Evolução política do Brasil colônia e império**, 1987, *cap. I, pp. 22-23*) informa: «Não passavam por isso os centros urbanos de pequenos arraiais, vilas quando muito, de caráter tipicamente rural. Constituía-se mesmo, sua população, no mais das vezes, da própria gente do campo que nelas fixava residência, em geral temporária. É, portanto, no campo que se concentra a vida da colônia, e é a economia agrícola a sua base material».

221 PEDRO CALMON (**op. cit.**, *parte I, cap. III, pp. 38-39*), citando o **Nouveau voyage autor du monde**, de LA BARBINAIS (Paris, 1717, *v. II, p. 244*), afirma que «Á cidade nascente contrapos-se o engenho. Como antigamente o castelo se opunha á vila; o fidalgo ao vilão. Aqui, o fazendeiro, que não trabalhava, ao negociante que lhe comprava a produção e vendia caro as utilidades. A riqueza, a pompa, a fartura da casa campestre contrastaram com a humildade da casa urbana. A arejada e orgulhosa vida da casa-grande, com a pobreza dos portos atestados de africanos do trafico, pestilentos e mesquinhos. A cidade tinha uma aparencia feia de feitoria d'Africa; o engenho, a vaidade aparatosa de pequenas côrtes independentes e agricolas, como a La Barbinais aparecêra o engenho Mataripe, na Baía, "...scituée au bord d'une rivière, l'on y trouvait assez d'agremens pour passer le tems sans ennui".»

residências fixas, como nas propriedades rurais, e sua população só se encontrava toda presente em circunstâncias muito especiais, como nas festas religiosas[222].

As cidades brasileiras dessa época não apresentaram uma estratificação social tão forte quanto as cidades européias. As condições econômicas dos seus moradores eram muito parecidas[223] e, em geral, pouco mais que precárias[224]. A atividade

222 RICHARD M. MORSE (**Formação histórica de S. Paulo**, 1970, *cap. I, p. 31*) informa: «Via de regra, a dualidade rural-urbana do chefe de família era marcada pela posse de uma casa na cidade, além da habitação rural». Logo adiante (*pp. 32-33*), acrescenta: «a verdadeira habitação eram as fazendas e a casa da cidade não passava de mero alojamento para visitas temporárias». AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY (**S. Paulo nos primeiros annos**, 1920, *cap. XXIII, p. 162*) completa com esta notícia: «Em principios do seculo XVII vivia S. Paulo quasi constantemente ermo, diz um depoimento jesuitico citado por Pablo Pastells na sua **Historia de la Provincia del Paraguay.** Nas vizinhanças das grandes festas é que as casas da villa se povoavam, para ellas voltando os proprietarios, habitualmente residentes nas suas propriedades agricolas».

223 CAIO PRADO JUNIOR (**op. cit.** *cap. I, p. 17*) informa que «A organização político-econômica brasileira não resultou da superposição de uma classe sobre uma estrutura social já constituída, superposição esta resultante da apropriação e monopólio do solo. Faltou-nos este caráter econômico fundamental do feudalismo europeu». Adiante (*pp. 28-29*), completa: «É assim extremamente simples a estrutura social da colônia no primeiro século e meio da colonização. Reduz-se em suma a duas classes: de um lado os proprietários rurais, a classe abastada dos senhores de engenho e fazenda; doutro a massa da população espúria dos trabalhadores do campo, escravos e semilivres. Da simplicidade da infra-estrutura econômica - a terra, única força produtiva, absorvida pela grande exploração agrícola - deriva a da grande massa que trabalha e produz, explorada e oprimida. Há naturalmente no seio desta massa gradações, que assinalamos. Mas, elas não são contudo bastante profundas para se caracterizarem em situações radicalmente distintas. Trabalhadores escravos ou pseudo-livres, proprietários de pequenas glebas mais ou menos dependentes, ou simples rendeiros, todos em linhas gerais se equivalem. Vivem do seu salário, diretamente de suas produções ou do sustento que lhes concebe o senhor; suas condições materiais de vida, sua classificação social é praticamente a mesma».

224 AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY (**S. Paulo nos primeiros annos**, 1920, *cap. XXIII, p. 160*) informa: «Reinava em S. Paulo no seculo XVI, como já o frisámos, grande desconforto nas casas e ausencia de objectos manufacturados, das cousas mais usuaes da vida civilizada. ¶ Não se pense, porém, que no resto do Brasil houvesse muito maior conforto. Si na Bahia, e sobretudo em Pernambuco, os colossaes proventos do assucar permittiam grande importação e vinda de objectos de luxo, com sedas, velludos,

comercial era,ainda, primitiva e a pequena circulação da moeda convivia normalmente com o escambo[225].

Para se ter uma idéia do tamanho dessas vilas, transcrevemos alguns dados demográficos obtidos por SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA[226], referentes à Capitania de São Vicente em 1676:

joias, vinhos finos, ninguem imagine, porem, encontrar nos arrolamentos de bens de finados esses mil e um utensilos que a civilização poz ao alcance e tornou indispensaveis aos homens de hoje, nem mesmo essa profissão de roupa branca que às bolsas mais modestas se offerece. Em principios do seculo XIX, espantava-se Lindley da ausencia, nas casas ricas da Bahia - onde encontrava pesada prataria - de pratos, facas e garfos, pentes e escovas, tesouras e copos! o proprio mobiliario se mostrava escasso e deficiente».

225 AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY (op. cit., *cap. XXI, p. 145*) ilustra essa afirmação: «Era o commercio, na era quinhentistas, tudo quanto de mais rudimentar havia mesmo na Europa, nos paizes de maior civilização. Basta lembrar que se cifrava a um quasi escambo, não havendo apparelhamento algum bancario ou financeiro que o assistisse, salvo nas principaes praças italianas ou flamengas. Que seria no remoto e selvagem Brazil? A São Paulo vinham ter mercadores sobretudo forasteiros, trazendo mercadorias europeias com que, parece, realizavam exorbitantes lucros. Assim pelo menos o entendia a Camara de 1583». PEDRO CALMON (op. cit., *parte I, cap. IV, p. 70*) é ainda mais claro: «A escassez de dinheiro tolheu, em todo o periodo colonial, o desenvolvimento das cidades brasileiras. O numerario sempre foi raro e volante: as trocas de mercadorias davam ao comercio uma rotina estreita, a evasão da moeda anualmente enfraquecia as suas possibilidades aquisitivas, e porque não pudesse o agricultor guardar as sobras das suas vendas, não se livrava da usura do comissário que lhe adiantava as utilidades, "atravessando" as safras».

226 SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA - *Movimentos da população em São Paulo no século XVII* (1966, *p. 56*). Para complementar a imagem, transcrevemos também este fragmento de CAIO PRADO JUNIOR (op. cit., *cap. I, nota 18, pp. 22-23*): «As cidades brasileiras, ainda em fins do regime colonial, eram insignificantes. Rio de Janeiro, então já a capital, não passava de 50.144 habitantes; Bahia, 45.600; Recife, 30.000; São Luís do Maranhão, 22.000; São Paulo, 16.000. Estas cinco cidades reunidas (as demais não passavam de aldeias) representam apenas 5,7% da população total do país, ou seja, 2.852.000 habitantes».

Vilas	Vizinhos	Homens de armas	Índios
São Paulo	800	3.000	15.000
Parnaíba	180	500	3.000
Itú	70 ou 80	200 ou mais	500
Sorocaba	40	100	500
Jundiaí	50	100	250
Mogi	50	100	200
Santos	250	400	500
São Sebastião	40	100	100
São Vicente	50	100	100

O número de moradores (vizinhos) de cada vila, se comparado à população total do Brasil na mesma época (computando-se núcleos rurais e urbanos), representa apenas uma minúscula parcela[227], fazendo transparecer o caráter agrário da colonização.

Surpreende, no entanto, a quantidade de índios cativos ou aldeados que vivia com os europeus. Capturados das mais variadas formas[228] e tornados

227 CÉLIA FREIRE DE A. FONSECA (*O realismo da colonização portugêsa no Brasil, nos séculos XVI e XVII*, 1965, *cap. II, pp. 50-51*) informa: »J.L. de Azevedo dá como população do Brasil, no fim do século XVI, o número de 100.000 habitantes, sendo apenas 30.000 europeus, e, no fim do século XVII, aproximadamente 200.000 habitantes, com uma população européia que apenas poderia atingir 100.000 indivíduos, cálculos êstes aceitos por Simonsen, admitindo, porém, Celso Furtado, 300.000 para os fins do século XVII. Deduz-se, pois, que 2/3 da população total seria de elementos escravos ou semi-escravizados. A importação total de africanos é calculada por Simonsen em um máximo de 3.500.000 (período 1600-1850) e por Calmon em 6.000.000 de cativos. E havia ainda a parte considerável de escravos indígenas e dos nascidos no Brasil». As fontes da autora são: ROBERTO SIMONSEN - **História econômica do Brasil** (1500-1820). 4ª, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1962, *pp. 121 e 135*; CELSO FURTADO - **Formação econômica do Brasil**. 5ª, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1963, *p. 58*; CASTRO BARRETO - **Povoamento e população**. 2ª, Rio de Janeiro, LIvraria José Olympio, 1959, *v. I, p. 37*.

228 CAIO PRADO JUNIOR (op. cit., cap. I, p. 24) dá esta contribuição: « Os processos brutais empregados pelos portugueses para reforçarem os indígenas ao trabalho - processos de que em nossos dias ainda temos exemplo entre as populações não iniciadas

escravos para o trabalho em todo o tipo de atividade onde fossem requisitados, sua participação foi decisiva para a construção das vilas daqueles tempos, até que os negros, mais eficientes e menos capazes para a fuga, sobrepujassem o seu número em meados do século XVII[229].

O estudo da prática musical nos núcleos urbanos brasileiros, até hoje têm se restringido quase que apenas ao levantamento de nomes de músicos e suas biografias, pouco se conhecendo daqueles que não praticaram a música religiosa[230]. Apesar de possuirmos, atualmente, uma quantidade de informações que permita a construção de tabelas com os nomes dos músicos que atuaram em cada região, a origem e mesmo o destino dos conhecimentos musicais desses pioneiros não têm sido investigadas. Se, futuramente, for possível conhecer melhor a participação dos índios e dos negros na execução da música religiosa desse período, é possível que se abra um novo caminho para o estudo histórico da prática e da função social da música no Brasil colonial. Por ora, é ainda escassa a quantidade de informações para permitir esse tipo de abordagem, sendo fundamental a continuidade dos levantamentos.

na civilização ocidental - não eram de molde a despertar nos índios grande entusiasmo pela colonização branca. Preferiam permanecer no recesso das matas, longe da cultura européia de que só chegavam a conhecer os horrores da mais atroz das operações. Foi por isso preciso ir lá buscá-los».

229 RICHARD M. MORSE (**Formação histórica de S. Paulo**, 1970, *cap. I, p. 31*) cita um dado de ALFREDO ELLIS JUNIOR (**Capítulos da História Social de São Paulo**, 1944, *p. 405*), pelo qual a proporção entre escravos indígenas e negros no século XVII era de 1:34.

230 Um dos raríssimos trabalhos que aborda a música não religiosa dos núcleos urbanos dessa época é a **História social da música popular brasileira**, de JOSÉ RAMOS TINHORÃO (1990).

5.2.3.3.2.2 **BAHIA**

Os primórdios da atividade musical religiosa na cidade de Salvador, considerando-se a dificuldade geral na obtenção de dados sobre essa época, chega a ser hoje relativamente bem conhecida. Criada em 1551, a Sé da Bahia iniciou sua atividade musical em 1554, ou mesmo antes, apesar de sua construção não ter sido ainda concluída. A partir de fins de 1559, já está completo o quadro necessário para o desempenho das funções musicais de uma catedral: **mestre de capela**, **chantre** (um **subchantre** só aparece em fins do século), quatro **moços do coro** e **organista**, a estrutura-modelo das grandes igrejas coloniais.

A coleção **Documentos históricos**[231] traz a maioria das informações hoje disponíveis sobre a música na Sé de Salvador, complementada por documentos jesuíticos e de vários cronistas, cujos fragmentos relevantes transcrevemos nos próximos volumes. Mais de uma dezena de trabalhos já se utilizaram dessas fontes, destacando-se o de RÉGIS DUPRAT[232]. É de JAIME DINIZ[233] um outro artigo de suma importância para o estudo da música religiosa bahiana nesses dois séculos, onde há informações sobre a música na catedral, na Santa Casa

231 **Documentos históricos**. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1928-1955. *110* v. Transcrevemos essas informações na seção **Documentos históricos sobre a Sé da Bahia** e ítens subseqüentes, nos **Registros oficiais** que estão no v. *III*.

232 RÉGIS DUPRAT - *A música na Bahia colonial* (1965).

233 JAIME DINIZ - *Uma notícia sobre a música no Brasil dos séculos XVI e XVII* (1972).

de Misericórdia e no Mosteiro de São Bento, inclusive com a utilização de documentação inédita[234]. DINIZ[235] também estudou os organistas que atuaram na então capital do Brasil, desde **Pedro da Fonseca** (o primeiro contratado para «tanger os órgãos» da Sé, em 1559), até os organistas da segunda metade do século XVIII. É um dos trabalhos mais espetaculares sobre o assunto, imprescindível para qualquer estudo sobre a música das igrejas da Bahia.

Já da música profana, os autores daquela época pouco nos informaram. Dentre eles, GREGÓRIO DE MATOS é o mais rico. Suas poesias começaram a ser estudadas do ponto de vista musicológico há menos de 15 anos, prometendo resultados interessantes. Destacam-se, por enquanto, os trabalhos de ARY DE VASCONCELOS[236], HEITOR MARTINS[237] e JOSÉ RAMOS TINHORÃO[238]. VASCONCELOS[239] traz, ainda, uma relação dos primeiros autores que comentaram as notícias musicais do poeta baiano, que deve ser acrescida à que elaboramos no ítem **7.3**, quando se fizerem novas pesquisas sobre os textos desse autor.

Dentre todas as cidades brasileiras dos séculos XVI e XVII, é da Bahia que temos a maior quantidade de

---

234 Para o estudo da música na **Santa Casa de Misericórdia da Bahia**, Diniz consultou, entre outros documentos que não cita, o *Livro da Despesa (1672-1681)*, códice nº 848 do Arquivo da S. Casa da Bahia; *O Dietário das vidas e mortes dos Monges da Bahia* foi outro códice do qual DINIZ se utilizou para a identificação dos músicos do **Mosteiro de São Bento da Bahia**.

235 JAIME DINIZ - *Velhos organistas da Bahia* (1971).

236 ARY VASCONCELOS - **Raízes da música popular brasileira** (1977).

237 HEITOR MARTINS - *A música do Mari-Nicolas* (1990).

238 JOSÉ RAMOS TINHORÃO - **História social da música popular brasileira** (1990).

239 ARY VASCONJCELOS - **op. cit.**, *p. 49*.

informações sobre a prática musical e, talvez, aquela onde essa prática foi a mais rica. Sede do Governo Geral e núcleo urbano mais importante da colônia até a descoberta das minas, Salvador foi o centro das relações entre o Brasil e Portugal e, talvez, o maior caminho para a entrada da música ibérica. Por isso, acreditamos ter ocorrido em Salvador a mais forte preservação das tradições musicais peninsulares daquela época. Os papéis de música chegariam do reino em abundância e os músicos que lá atuaram devem ter procurado se afastar o mínimo possível dos seus modelos europeus. Não é sem razão que da Bahia, em meados do século XVIII, saiu o maior tratado manuscrito de música conhecido em língua portuguesa[240] e a mais antiga composição brasileira profana que já se publicou[241].

Isso nos leva a crer que a proporção de músicos brancos que atuaram no serviço religioso de Salvador deve ter sido bem maior que nos demais centros urbanos daqueles séculos. A Sé da Bahia é a única de toda a colônia que, nesse período, recebe proventos reais para os seus músicos[242]. Os nomes dos primeiros «moços do coro» parecem indicar filhos de portugueses: **João**,

240 É a «Arte de Canto de Orgão em Dialogo, e hum tratado dos tons, cujas obras existem na Bahia, e Pernambuco», segundo JOSÉ MAZZA (*Dicionário biográfico de músicos portugueses*, **Ocidente**, v. *XXIII*, 75, jul. 1944, *p. 255*), completado pelo mestre de capela Caetano de Mello Jesus entre 1759 e 1760. Um manuscrito existe, ainda, na Biblioteca Pública de Évora, mas não foi, até o presente, totalmente editado.

241 *O Recitativo e Ária*, de compositor anônimo da Bahia, terminado em 1759, foi publicado por RÉGIS DUPRAT - *Recitativo e Ária para soprano, violinos e baixo* (1971), em apêndice de *22 pp.*

242 ANÔNIMO* - *Relação das capitanias do Brasil* (entre 1617-1624).

filho de João Velho[243]; **Diogo, filho de Matheus de Juro**[244]; **Simão de Oliveira, filho de Antonio de Oliveira**[245]; **Diogo, filho de Diogo Rodrigues**[246]; **Felipe**[247]; **Belchior**[248]. A própria missa da fundação da igreja do Rio Vermelho, próxima da cidade (no segundo semestre de 1556), não utilizou índios, apesar da Companhia de Jesus os ter capazes para tal. ANTÔNIO BLASQUES[249] informa que «A missa foy taõbem cantada com a ayuda de nossos devotos e dos meninos orfãos». Já em vilas menores, não existiram recursos humanos para a execução de música religiosa como houve na Bahia, e o emprego dos meninos indígenas como «moços do coro» e instrumentistas deve ter sido bem maior.

O estudo da prática musical baiana dessa época (e ainda há muito por ser feito) é importante para que se possa conhecer o que os músicos que trabalharam no Brasil puderam produzir numa cidade cujas condições de vida eram menos adversas que as demais, guardadas as dificuldades comuns existentes entre todas elas, permitindo um paralelo com a produção nos outros núcleos urbanos.

243 Nomeado em 17/08/1552 (**Documentos históricos**, *v. XXXV*, 1937, *pp. 131-132*).

244 Idem.

245 Apresentado em 31/03/1554 (**Documentos históricos**, *v. XXXV*, 1937, *pp. 219-221*).

246 Apresentado em 27/04/1554 (**Documentos históricos**, *idem*, *pp. 221-222*).

247 Nomeado em 11/12/1559 (**Documentos históricos**, *v. XXXVI*, *1937*, *p. 47*).

248 Idem.

249 ANTÔNIO BLASQUES* - *Quadrimestre* de 1º de janeiro de 1557, *§ 6*.

5.2.3.3.2.3 **SÃO PAULO**

Existem hoje notícias e estudos sobre a prática musical anterior a 1700 em várias das vilas que nasceram na Capitania de São Vicente, como Santos, São Vicente, Parnaíba, Itú e São Paulo. Conhecemos informações preciosas sobre o início das atividades musicais nesses centros, mas é da Vila de São Paulo que temos os dados mais completos sobre o assunto. Antes mesmo de se tornar vila, em 1560, os jesuítas já se utilizavam da música na catequese dos índios da então Aldeia de Piratininga, criada por Manuel da Nóbrega em 1554, como local estratégico para a extensão dos trabalhos da Companhia de Jesus[250].

São Paulo passa a ser sede da capitania apenas em 1681. Em 1711 já é elevada à condição de cidade e, em 1745 é a sede do bispado da região. Mas o início da sua colonização é marcado pelas mais precárias condições sociais e econômicas[251], pioradas pelo

---

250 RICHARD M. MORSE (**Formação histórica de S. Paulo**, 1970, *cap. I, p. 36*) afirma que «Não apenas esta foi a função do colégio inicial dos jesuítas, mas, no fim do século XVI, tinha motivado um sistema de aldeias em muitas léguas de raio, algumas com população indígena bem superior a um milheiro (São Miguel, Pinheiros, Barueri, Guarulhos, Carapicuiba, Itaquaquecetuba, Itapecerica, Embu).

251 RICHARD M. MORSE (op. cit., *p. 30*) fala da vila se São Paulo nos séculos XVI e XVII: «Os povoadores chegavam ao planalto sem recursos. Uns poucos traziam títulos hereditários de nobreza, alguns mais eram fidalgos por mérito pessoal. Mas todos haviam emigrado em más condições econômicas e a maioria era de plebeus. Dos povoadores cuja origem é conhecida, 60% eram de Portugal e 15% dos Açores e Madeira; 19% eram da Espanha, e o resto dos Países-Baixos, Itália, França, Inglaterra e Alemanha». O autor cita, como fonte, o trabalho de ALFREDO ELLIS JUNIOR (**Capítulos de História social de São Paulo**, 1944, *pp. 127-131*).

perigo dos constantes ataques indígenas[252]. No século XVI, a população da vila ainda é muito pequena[253] e suas atividades vitais são extremamente rudimentares[254]

Pelos estudos atualmente disponíveis, este teria sido o quadro demográfico de São Paulo no século XVII[255]:

252 AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY (**S. Paulo no seculo XVI**, 1921, *cap. X, p. 92*) informa que «O assedio de S. Paulo pelas hordas da chamada confederação dos tamoyos e os assaltos a elle consecutivos de 10 e 11 de julho de 1562 foram as primeiras demonstrações da reação selvatica que se traduziram por operações bellicas de certo vulto». Os paulistas sofreram novos ataques indígenas em 1590, 1593 e 1594, data esta que marca a última investida indígena de que se tem notícia.

253 AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY (op. cit., *cap. II, p. 27*) afirma que «Em maio de 1560 contava o villarejo paulistano numerosas casas, segundo o que de S. Vicente, a 31 de maio, noticiava Anchieta, descrevendo a formidável tempestade, sobre o arraial recentemente abatido». Por RICHARD M. MORSE (op. cit., *cap. I, p. 32*) ficamos sabendo que «No fim do século XVI, a cidade de São Paulo continha mais ou menos 120 casas, amontoadas no alto do morro». Mas a melhor notícia que temos sobre a população de São Paulo no primeiro século é de SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA (op. cit., *pp. 63-64*), cujas fontes são NUTO SANT'ANA - **Metrópole** (São Paulo, Depto. de Cultura, *v. 41*) e as **Actas da Câmara da Villa de S. Paulo**, *v. I*, 1914, *pp. 237 e 376*: «A equivalência entre as cifras arroladas pelo Sr. Sant'Ana, para fins do século XVI, e os ralos dados demográficos que para a vila de S. Paulo nos proporcionam documentos da época, asseguram, aparentemente, certo grau de objetividade às mesmas cifras. Para o decênio de 1581-90 envolve seu elenco 171 moradores, e uma ata da Câmara de 1589 alega "Passar a villa de cento e cincoenta moradores" e ir-se em aumento. Cinco anos antes, em maio de 1584, segundo consta de ata de 23 do dito mês e ano, passavam de cem os moradores da vila. Entenda-se: 100 cabeças de casal, excluídos, além dos outros componentes das famílias, carijós, escravos e talvez homiziados».

254 RICHARD M. MORSE (op. cit., *cap. I, p. 30*) informa: «A auto-suficiência das grandes propriedades rurais no que respeita às manufaturas simples, o ritmo lento da acumulação do capital e a falta de moeda corrente, reduziam talvez a dez artesões o número de profissionais urbanos».

255 O quadro foi elaborado por NUTO SANT'ANA (op. cit., *p. 4*) e transcrito por SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA (op. cit., *p. 65*), que informa ter sido composto «com auxílio das fontes mais várias e abundantes, por isso mesmo capazes de espelhar com certa aproximação a realidade demográfica».

1601-1605: 374	1651-1655: 534
1606-1610: 534	1656-1660: 438
1611-1615: 483	1661-1665: 471
1616-1620: 530	1666-1670: 370
1621-1625: 600	1671-1675: 441
1626-1630: 541	1676-1680: 471
1631-1635: 625	1681-1685: 758
1636-1640: 772	1686-1690: 513
1641-1645: 806	1691-1695: 332
1646-1650: 503	1696-1700: 290

As flutuações que se observam na população foram freqüentes nesse período. Os moradores deixavam suas habitações de taipa para procurar novas terras, quando as condições de vida não eram suficientes. Alguns iam morar em seus sítios[256] e outros saíam à caça de índios, ficando na vila apenas suas mulheres. As epidemias também não foram poucas[257] e a falta de moradores preocupou a Câmara em vários momentos[258].

[256] Veja-se este fragmento de SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA (op. cit., *p. 67*): »Durante grande parte da era seiscentista, o dizer que S. Paulo se encontra práticamente destituída de sua população masculina, e que nela apenas sobram mulheres, velhos e crianças, torna-se quase refrão nos textos municipais. Desde 1956, aliás, dizia-se em mais de uma ata da Câmara que todos os homens válidos eram idos com o capitão Jerônimo Leitão à guerra do gentio, não restando senão mulheres. E em 1628, segundo resulta de conhecida relação jesuítica, só se tinham deixado ficar na vila vinte e cinco indivíduos capazes de tomar armas, além dos velhos, que pela sua muita idade já não podiam caminhar nem pelejar».

[257] SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA (op. cit., *pp. 69-74*) enumera as principais epidemias que ocorreram em São Paulo, como a «peste das bexigas», que já existia nos primórdios da vila e desde 1563 começou a se alastrar por toda a costa; a »enfermidade dos catarros», de 1630; os «sarampos» de 1668 e 1677; a »peste» desconhecida de 1692 e várias outras que existiram em localidades próximas.

[258] AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY (op. cit., *cap. XIV, p. 89*) informa: «A carencia de povoadores fazia a Camara dizer á rainha d. Catharina, em 1561: "Venham até degradados, sómente não sejam ladrões".»

Um fator muito importante caracterizou São Paulo nesses dois séculos: a participação intensa dos índios na sua construção e nas suas atividades econômicas. Os índios estiveram presentes como trabalhadores escravos ou semi-livres em todo o Brasil, até meados do século XVII. Porém, em São Paulo, sua presença foi bem maior que em outras localidades da Capitania[259]. Não fosse o trabalho indígena, associado ao pioneirismo do bandeirante[260], São Paulo não teria obtido o progresso que beneficiou sua população na segunda metade do século XVII[261].

259 SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA (op. cit., *p. 87*) comenta essa presença indígena em São Paulo: «Dos lugares da serra acima ainda é a vila de S. Paulo a que apresenta mais avultada participação de indígenas, o que em parte se justifica pela situação da dita vila, numa encruzilhada de caminhos - onde a simples necessidade de transportes em várias direções já reclamaria mais gente de serviço -, pela maior riqueza dos seus habitantes, e a grande extensão dos bens de raiz que no seu têrmo possuem ou têm aos cuidados várias ordens religiosas (uma e outras capazes de sustentar numerosos índios e depender largamente de seus préstimos), enfim pelas constantes entradas que faziam aquêles habitantes ao sertão, carreando de volta sucessivas levas de gentios. Das outras povoações disseminadas no interior, Sorocaba, a única a sustentar confronto com S. Paulo nesse particular - em ambas a população indígena vai a mais de 83% do total -, é uma espécie de núcleo pioneiro, de fundação relativamente nova, onde os solos ainda hão de ser altamente produtivos e, perto da fronteira dos carijós, comparativamente fácil a coleta de braços».

260 JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (**História da história do Brasil**, 1979, *livro IV cap. I, nº 1, pp. 113-114*) tem este comentário: «O movimento geográfico e econômico ganha consistência política, alargando a fronteira, que se torna o ponto de encontro entre a selvageria e a civilização. Só muito mais tarde, com o chamado ciclo do ouro, é que se vê a possibilidade da construção de uma sociedade nova nas terras conquistadas. O primeiro objetivo do bandeirante é econômico, caça indígena e descoberta mineral. Sua tarefa era combater a natureza e os que se opunham à escravidão indígena, isto é, os jesuítas. Mais adiante, quando do seu apogeu, a bandeira será uma forma de sociedade em movimento, determinada pelas reações entre o sertão e o extremo do povoamento móvel, e, com seu avanço, o fator da mais rápida e efetiva incorporação territorial do Brasil. Ela é, assim, um deslocador de fronteiras, repleto de espírito de aventura, como acentuou Sérgio Buarque de Hollanda, e comparável, como epopéia, à expansão ultramarina, como observou Taunay».

261 PEDRO CALMON (op. cit., *parte I, cap. IV, p. 68*) informa: «O enriquecimento gradual do bandeirante transporta para S. Paulo amostras do luxo português, principalmente as obras de madeira e a baixela oriental, a prata espanhola trazida do Perú através da

Com esses dados, é possível compreender como só a partir do século XVII existiram condições mínimas para o sustento de uma atividade musical religiosa em São Paulo. A igreja da vila, cuja construção foi solicitada pelos moradores em 1589, somente foi concluida entre 1609 e 1612[262]. Antes disso, os habitantes tinham de recorrer às capelas dos jesuítas ou dos engenhos próximos da vila, nem sempre acessíveis ou suficientes para as necessidades da população[263].

Com o afluxo de novas ordens para São Paulo em fins do século XVI[264], o aumento da vila e a melhoria das condições econômicas no século seguinte, começou a se extender a prática musical, até então restrita aos

---

cordilheira e do pampa, e os tecidos da China, que na segunda metade do século XVII constituiam ativo comercio na costa».

262 AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY (**S. PAULO nos primeiros annos**, 1920, *caps. VIII e IX*) conta, com detalhes, a história da construção dessa igreja.

263 LEONARDO ARROYO (**Igrejas de São Paulo**, 1954) escreveu a história das principais igrejas da cidade. Segundo o seu trabalho, existiram nos arredores da vila as seguintes igrejas ou capelas: **Nossa Senhora da Luz**, fundada em 1579, em local desconhecido e transferida para o Guaré (hoje Luz, na Av. Tiradentes), entre 1583 e 1603; **Santo Antônio**, fundada em data anterior a 1592 e hoje na Praça do Patriarca; **Nossa Senhora dos Pinheiros**, cujo orago atual é Nossa Senhora do Monte Serrate, fundada em c. 1560; **São Miguel**, no bairro de mesmo nome, fundada antes de 1584; Nossa Senhora do Carmo, primitivamente na atual praça Clóvis Bevilacqua, no começo da Av. Rangel Pestana, foi fundada entre 1592 e 1594; **São Bento**, fundada em 1598 no atual Largo São Bento; **São João Batista de Carapicuiba**, fundada entre 1615 e 1650 na antiga fazenda de Afonso Sardinha; **Nossa Senhora da Esperança**, primitivamente capela da fazenda de Manuel Preto, foi fundada em 1610 e seu orago atual é Nossa Senhora do Ó; **Nossa Senhora do Rosário do Embu**, fundada em c. 1624, nascida da capela da fazenda de Fernão Dias Pais e Catarina Camacho; São Francisco e **São Domingos**, hoje São Francisco, fundada em 1647; **Nossa Senhora da Penha**, fundada em data anterior a 1682.

264 AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY (**S. Paulo nos primeiros annos**, 1920, *cap. IX, p. 57*) informa: «Nos ultimos annos do seculo XVI vieram regulares estabelecer-se em S. Paulo, ao lado dos jesuitas. ¶ Haviam Beneditinos, Carmelitas e Capuchos de Santo Antonio decidido fundar casas de suas ordens na America Portugueza, depois da annexação do reino lusitano aos dominios de Philippe II».

meninos índios intruídos pela Companhia de Jesus. As primeiras notícias de «missas cantadas» no vilarejo são de 1599[265] e o primeiro documento que atesta atividade musical religiosa na Sé é de 1649[266].

Os instrumentos musicais encontrados nos *inventários* paulistas da época, indicam a existência de uma música exterior aos templos, provavelmente de festas religiosas e procissões, usuais em todas as vilas onde era possível realizá-las[267]. A música indígena tal como encontrada nos «sertões», era proibida pela Câmara. Uma *ata* de 1583 estabelece penalidade para os brancos que se encontrassem dançando entre os indígenas[268] e uma outra, de 1623, fixa punição para os índios que levassem seus bailes para a vila[269]. Entretanto, não existiu qualquer determinação dos membros da administração municipal no sentido de proibir a participação de índios como cantores ou músicos nas atividades religiosas. Apesar da falta de elementos para afirmações mais fundamentadas, sustentamos ainda a hipótese de que

265 *Testamento* de ÁGUEDA DE ABREU, de 03/07/1599, em **Inventários e Testamentos**, *v. I*, 1920, *p. 289*.

266 Ata de 02/06/1649, em **Atas da Câmara da villa de S. Paulo**, *v. V*, 1915, *pp. 372-373*.

267 AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY (**op. cit.**, *cap. IX, p. 54*), contudo, deixa esta informação: «Apesar da ausencia de uma igreja matriz e de vigario, nem por isto deixava a Camara paulistana de dar arrhas de sua religiosidade escolhendo festividades que lhe eram proprias e como privativas. ¶ Assim, por exemplo, as solenidades effetuadas em honra a Sancta Isabel - vocação cara aos povos lusos - e que nos primeiros decennios de S. Paulo serviam de pretexto aos maiores festejos do anno, além dos de Corpus Christi, os mais solennes do tempo. ¶ Faltar á procissão nesse dia era cousa que se não desculpava». O mesmo autor, como curiosidade, dá as multas que se aplicavam às faltas em algumas procissões, como 100 réis na de São Sebastião e 200 réis na de Santa Isabel.

268 Ata de 19/01/1583. **Idem**, *v. I*, 1914, *pp. 200-201*.

269 Ata de 21/10/1623. **Idem**, *v. III*, 1915, *pp. 55-56*.

«moços do coro» da Sé e de igrejas próximas à vila podem ter sido meninos indígenas, haja vista a falta de europeus para exercerem os ofícios necessários em São Paulo, principalmente os musicais[270].

Mas uma música religiosa mais elaborada, provavelmente só começou a ser produzida na segunda metade do século XVII, como atesta a documentação e os recentes trabalhos musicológicos de que temos notícia. O mesmo deve ter ocorrido entre as demais vilas da capitania, apesar dos dados que delas obtivemos não seren tão numerosos quanto os que se referem a São paulo.

As principais coleções de documentos para o estudo da música nas vilas da Capitania de São Vicente nos séculos XVI e XVII são as **Atas da Câmara da Vila de S. Paulo**[271], os **Inventários e Testamentos do Cartório de Órfãos**[272], os **Registros Gerais da Câmara Municipal de São Paulo**[273] e vários outros escritos onde se incluem notícias isoladas. Dentre os estudos recentes, destacam-se os de CARLOS PENTEADO DE RESENDE[274], PAULO FLORÊNCIO DE OLIVEIRA CAMARGO[275],

---

270 No protesto que o vigário Domingos Gomes Albernas apresentou na ata de 02/06/1649 (**Atas da Câmara**, *v. V*, 1915, p. *373*) contra o mestre de capela Manuel Pais de Linhares, este é acusado de não financiar o ensino de meninos para cantar e «tanger» instrumentos nos ofícios divinos. Diz a *ata* que Linhares não estava capacitado para o cargo por não ter «desipollos nem muzicos pera se selebrarem os offisios divinos como he uzo e costume em todos os mestres da capella assistindo .... com sua fazenda no aumento della».

271 **Atas da camara da villa de S. Paulo**, 1914-1915.

272 **Inventários e testamentos**, 1920-1977.

273 **Registro geral da Câmara Municipal de S. Paulo 1661-1709**. *v. II e III*. 1917.

274 CARLOS PENTEADO DE RESENDE - **Fragmentos para uma história da música em São Paulo 1500-1800** (1954).

275 PAULO FLORÊNCIO DE OLIVEIRA CAMARGO - **História de Santana de Parnaíba** (1971).

RÉGIS DUPRAT[276], JAIME DINIZ[277] e a **Enciclopédia da música brasileira**[278].

5.2.3.3.2.4 **OUTRAS VILAS**

As informações sobre a prática musical anterior a 1700 que nos chegaram de outros núcleos urbanos brasileiros, não são tão ricas quanto aquelas que se referem a Salvador e a São Paulo. Além disso, a documentação que recolhemos praticamente não traz referências a outros centros além de São Luís, Belém, Recife, Olinda e Rio de Janeiro. Os pesquisadores não puderam, ainda, obter relatos representativos de outras localidades e, mesmo para essas vilas, os estudos ainda são insuficientes. JAIME DINIZ é uma exceção, com levantamentos preciosos sobre a música religiosa em Recife, Rio de Janeiro e Olinda[279] utilizando, além de bibliografia impressa, boa quantidade de documentos inéditos[280].

---

276 RÉGIS DUPRAT - *Música na matriz de São Paulo Colonial* (1968); *Música na Matriz e Sé de São Paulo colonial* (1977); *itú, aspectos novos de sua tradição musical* (1982).

277 JAIME DINIZ - *Uma notícia sobre a música no Brasil dos séculos XVI e XVII* (1972).

278 **Enciclopédia da música brasileira** (1977).

279 JAIME DINIZ - *op. cit.* e **Músicos pernambucanos do passado** (1971).

280 Em **Músicos pernambucanos do passado**, JAIME DINIZ apresenta o estudo dos seguintes manuscritos que interessam ao século XVII: *Livro de receitas e despesas* (1674-1726), da *Irmandade de N. Senhora do Rosário dos Pretos do Recife*; *Livro de receita e despesa* (1679-1786), da *Irmandade do Sr. Bom Jesus das Portas*, Recife; *1º Livro de Profissão, desde 1696*, da *Ordem 3ª de S. Francisco do Recife*; *Livro de Termo das Mesas de 1696 a 1782*, da *Ordem 3ª de S. Francisco do Recife*; *Livro 4º dos Serventuários da Casa* (desde 1683), da *Santa Casa de Misercórdia da Bahia*; *Índice*

Mas a precariedade desses trabalhos é constatada quando se estuda a história do Brasil no período que antecede o século XVIII. Fatores que tiveram enorme significado na vida da colônia e, sobretudo, dos núcleos urbanos, como a anexação de Portugal[281], as invasões holandesas e a descoberta das minas[282], devem ter influído consideravelmente na prática musical desses centros. Uma abordagem dessas informações, levando-se em conta sua posição sócio-econômica, certamente trará melhores resultados que os meramente biográficos, geralmente repetidos de um pesquisador para outro. Os estudos sobre essa época têm sido feitos ainda sob o ponto de vista do colecionador de

---

dos irmãos falecidos da Irmandade de S. Pedro dos Clérigos do Recife, desde sua instalação em 1700.

281 Veja-se, por exemplo, este fragmento de SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA (**Raízes do Brasil**, 1948, *cap. IV, p. 153*), por onde se pode concluir que a penetração das culturas européias no Brasil foi bastante diversa na administração portuguesa e na administração espanhola (1580-1640): «Com tudo isso, a administração portuguesa parece, em alguns pontos, relativamente mais liberal de que a das possessões espanholas. Assim é que, ao contrário do que sucedia nessas, foi admitida aqui a livre entrada de estrangeiros que se dispusessem a vir trabalhar. Inúmeros foram os espanhóis, italianos, flamengos, ingleses, irlandeses, alemães que para cá vieram, aproveitando-se dessa tolerância. Aos estrangeiros era permitido, além disso, percorrerem as costas brasileiras na qualidade de mercadores, desde que não traficassem com os indígenas. Essa situação prevaleceu ao menos durante os primeiros tempos da colônia. Só mudou em 1600, durante o domínio espanhol, quando Filipe II ordenou fossem terminantemente excluídos todos os estrangeiros do Brasil. proibiu-se então seu emprego como administradores de propriedades agrícolas, determinou-se fosse realizado o recenseamento de seu número, domicílios e cabedais, e em certos lugares - como em Pernambuco deu-se-lhes ordem de embarque para os seus países de origem. Vinte e sete anos mais terde renova-se essa proibição, que só com a Restauração seria parcialmente revogada, em favor de ingleses e holandeses».

282 JOSé HONÓRIO RODRIGUES (**op. cit.**, *livro IX, cap. II, nº 3, p. 393*) informa:«A descoberta das minas no final do século XVII revolucionou a vida econômica e social brasileira. A prosperidade econômica fugiu das mãos dos senhores de engenho deslocando-se para o centro-sul. A agricultura caiu em declínio, e especialmente a produção açucareira, com a perda de escravos emigrados para as Minas ou os novos vindos de África, e comprados pelo mineiros. Colonos e estrangeiros afluíram para as Minas, seduzidos pela cobiça da riqueza rápida».

dados, e não do historiador. Cremos que os trabalhos que situem, cada vez mais, a prática musical brasileira no contexto histórico da época, acabarão por estimular novas pesquisas, com obtenção de novas informações e, conseqüentemente, com a complementação dos conhecimentos acerca do assunto.

5.2.3.3.3 PROPRIEDADES RURAIS

Raramente abordada nos trabalhos sobre a música desses dois séculos, e mesmo em períodos posteriores, a prática musical dos engenhos e fazendas brasileiras apresentou particularidades não observadas nas vilas ou cidades. Seu estudo é importante, uma vez que foram esses os núcleos populacionais que abrigaram a maior parcela de trabalhadores da colônia até a descoberta das minas, em fins do século XVII.

Apesar de experiências de outros povos, foram os portugueses que efetivamente implantaram a indústria rural no Brasil, mesmo sem possuir uma técnica de exploração agrária tão aperfeiçoada quanto a de outras nações daquela época[283]. Os engenhos brasileiros eram auto-suficientes[284] e, segundo PEDRO CALMON[285],

[283] CAIO PRADO JUNIOR (op. cit., *cap. I, p. 14*) afirma: «Não éramos como as Índias, um país de civilização avançada, cujo aproveitamento pelos conquistadores se pudesse fazer pelo comércio ou pelo saque - que na época se confudiam num só e mesmo conceito. Aqui, uma só riqueza: os recursos naturais, daí uma só forma de exploração: a agricultura ou a pecuária, subordinadas ambas à posse fundiária. Assim um povo de comerciantes, que fazia um século se afastara do cultivo do solo para se dedicar de preferência à especulação mercantil, era novamente arrastado para o amanho da terra».

[284] PEDRO CALMON (op. cit., *parte I, cap. III, pp. 42-43*) comenta a situação econômica das propriedades rurais daquela época: «O engenho devia produzir quasi tudo - como uma laboriosa e autonoma

necessitavam um número mínimo de 150 a 200 trabalhadores para funcionarem, quantidade de pessoas que chegava a ser superior à população de muitas vilas.

O período que vai até 1580 representa uma fase de formação na exploração dos recursos naturais da colônia, sendo ainda pequena a quantidade de engenhos existentes[286]. A partir dessa data, seu número começa a crescer rapidamente e a produção gera lucros até então nunca vistos na «Terra do Brasil[287]». Os

---

colméia, governada na casa-grande pela diligência da mulher, governada no campo e na fábrica pelos feitores crioulos. Fóra, era o trabalho de cem , de duzentos escravos negros que os administradores mestiços, responsáveis pela ordem e pela atividade do seu rebanho humano, vigiavam e guiavam, mudando, ensinando, castigando. Dentro, era o bando das "mucanas" educadas para os serviços menores daquela coletividade, que obedecia ao espírito e á energia da matrona. As raparigas teciam, coziam, alimentavam; os homens cultivavam os canaviais, transportavam as carradas de cana para as bagaceiras, punham a mover o engenho, a cionado pela agua do rio ou pelos animais atrelados á almanjarra, faziam o açucar, as caixas, o embarque. O senhôr desempenhava, em meio da sociedade azafamada do seu solar e das suas enzalas, um papel secundario. A sua prosapia e a sua fortuna distanciavan-no dos labôres rudes. Engedravam as mucamas de dedos ageis, á volta da "senhora", a paciente industria caseira. A inteligencia e a vontade do fidalgo repousavam, como fatigados depois de um esforço heroico - a instalação do engenho, o desbravamento da terra, a conquista do Brasil: reinou na casa-grande um matriarcado próvido. Na cidade a mulher escondida, suspeitada, requestada, como se anulou, durante todo o periodo colonial: mas no engenho, temperando a solidão com a sua vida devota e ativa, prevaleceu como afetiva dona da casa prudente, incansável, virtuosa e economica». No cap. V. p. 78, o mesmo autor acrescenta: «O senhor de engenho acumulava, com o governo de sua propriedade, a polícia da sua região: comandava um regimento invisivel, dizia-se oficial del-rei, podia convocar os moradores, respondia pela tranquilidade local, atendia às requisições do governador e da justiça. Coronel das ordenanças, a sua patente era mais administrativa do que militar: acrescia-lhe, á hierarquia, a autoridade».

285 PEDRO CALMON - op. cit., *cap. I, p. 19.*

286 JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO (**O Rio de Janeiro no século XVI**, 1965, *v. I, cap. IV, p. 145*) informa que «Ainda não se instalara nenhum engenho de açucar, enquanto o território do Brasil já contava, nesse ano de 1573, com 62 engenhos, sendo 23 em Pernambuco, 18 na Baía de Todos os Santos, 8 nos Ilhéus, 5 em Porto Seguro, 4 em S. Vicente, 3 em Itamaracá e 1 no Espírito Santo».

287 PEDRO CALMON (op. cit., parte I, cap. II, p. 36) dá esta notícia: «No espaço de sete meses tinham saído da Baía "mais de

historiadores atribuem à união de Portugal e Espanha (1580-1640) a origem de uma política que resultou no enriquecimento e proliferação das propriedades rurais daquela época[288], apesar do processo não ter sido contínuo no século XVII[289]. Fatores políticos, como as invasões holandesas, prejudicaram sensivelmente a vida dos engenhos, muitos dos quais acabaram sendo arruinados[290]. Contudo, a segunda metade desse século

---

quarenta navios carregados"... Gandavo deu para Pernambuco, em 1576, 33 engenhos, e 13 para Baía. Sete anos depois, eram na Baía 36 e em Pernambuco 66, produzindo 200 mil arrôbas - portanto mais 150 mil do que em 1576 - segundo os padres Cardim e Anchieta. Em Olinda, a crêr em Gabriel Soares, "ha mais de cem homens de renda, e alguns de oito, dez mil cruzados". Sendo de setecentos vizinhos a população de Olinda, e de cerca de 2 mil a do seu termo, a proporção ali de pessoas abastadas foi espantosa. Talvez não houvesse em dominios de Portugal maior concentração de agricultores ricos do que em Pernambuco, em 1587!»

288 Na excelente publicação **Fiscais e meirinhos**, do ARQUIVO NACIONAL (1985, *p. 30*), encontramos esta notícia: «Durante a União Ibérica (1580-1640) cresceu de muito a importância das colônias americanas, ao mesmo tempo em que o controle das áreas orientais era gradativamente perdido para os concorrentes ingleses e holandeses, através da companhia das Índias Orientais. O açucar brasileiro teve sua produção acrescida de cerca de 350 mil arrobas, em 1580, para mais de um milhão, em 1628, numa demonstração clara do papel que cumpria em benefício do Tesouro Real. ¶ Ademais, a unificação com a Espanha não trouxe apenas benefícios aos diversos setores da sociedade portuguesa. A contestação ao domínio colonial ibérico, principalmente por ingleses e holandeses, levou a guerras sucessivas, com gastos militares elevadíssimos. As tomadas de Pernambuco em 1635 (zona produtora de açucar) e da região de Mina e Guiné, entre 1637 e 1638, são exemplos das que mais diretamente afetaram os interesses lusos".

289 PEDRO CALMON (**op. cit.**, *parte I, cap. II, p. 37*, nota 45, citando os **Anais do Museu Paulista**, v. IV, p. 78) informa: «O aumento da produção açucareira no II seculo não correspondeu ás expectativas dos cronistas do I. Estimou o autor dos "Dialogos das Grandezas" em 500 mil arrobas a exportação, em 1618. Ao findar este seculo, apenas duplicara: 1.295 mil arrobas. Entretanto o preço se mantivera, quasi estabilizado. O preço do quilo de açucar (segundo os nossos calculos), que em 1618 era de 87 réis em Portugal, onerado de todos os impostos, subira, em 1698, a 160 réis. Dada a québra do valor da moeda, póde-se dizer que não sofrera alteração. - Não se deve esquecer que o regime de livre-comércio fizéra do açucar da ilha da Madeira, do açucar do Brasil depois, um produto geralmente aceito de toda a Europa. - O limite do lucro era, em 1635, de 2 cruzados por 15 quilos. Caindo o preço da arroba a 4 e 5 tostões, o prejuizo do senhor de engenho era grande».

290 PEDRO CALMON (**bop. cit.**, *parte I, cap. III, p. 41*) traz esta notícia: «A invasão holandêsa interrompeu, em Pernambuco, a amavel

apresentou um considerável incremento da atividade rural na América Portuguesa[291], com uma economia baseada principalmente no cultivo da cana de açúcar e na criação de gado.

Em virtude dessa enorme atividade que houve fora dos minúsculos centros urbanos da época, a suposição de uma prática musical rural à maneira européia não é infundada. As capelas de música que devem ter existido nessas propriedades teriam a função de suprir as funções religiosas que ocorriam em torno da casa-grande, eventualmente deslocando-se de um engenho para outro, ou do engenho para a vila. Sua organização deve ter sido similar aos conjuntos musicais que os palácios europeus abrigaram no mesmo período,

---

e doirada sociabilidade dos fidalgos descendentes dos companheiros de Duarte Coelho. Tambem as mesmas guerras devastaram o reconcavo da Baía sucessivas vezes pilhado, como em 1640 aconteceu, após o destroço da armada do conde da Torre, não deixando o almirante Lichtardt de pé, em toda a região açucareira, senão uns quatro ou cinco engenhos. Depois, com a volta ás suas velhas propriedades dos senhôres emigrados e a reconstrução das fábricas, a antiga lei de nobreza restaurou os formosos aspectos da existencia rural, entre a capela da casa-grande, núcleo religioso, a lauta mesa que reunia periodicamente a aristocracia dos arredores, e os pátios onde, nos seus exercícios equestres, os moços adestravam nas artes da cavalaria. Os bastidores, os aniversarios, os casamentos, a festa do santo padroeiro eram commemoradas ao jeito português, dos banquetes, dos "autos" ou comedias e das cavalhadas por numerosa e ilustre gente».

291 LEMOS BRITTO (**Pontos de partida para a historia econômica do Brasil**, 1923, *p. 67*) dá esta notícia: «Há duas opiniões conhecidas sobre o desenvolvimento do Brasil, quando já se aproxima o occaso do dominio hollandês: uma do padre Antonio Vieira, outra de Gaspar Dias Ferreira. Dá Vieira ao Brasil no meiado do seculo XVII, 33 mil escravos; 200 engenhos, dos quaes 3/4 eram apenas "pequenas engenhocas"; 25 a 35.000 caixas de assucar macho; 12.000 toneladas para carga dos seus navios. Dias dá 50.000 escravos; 300 engenhos; 40 000 caixas de assucar; 18.000 toneladas de carga». Na p. 99, o mesmo autor acrescenta: «Pois Andreoni, que nos mostra a pompa e o fausto de certos engenhos, dá somante a essas tres capitanias, em 1700, 528 engenhos correntes e moentes, assim distribuidos: Pernambuco - 246; Bahia - 146; Rio de Janeiro - 136. Estes engenhos fabricavam 37.000 caixas de assucar, de que se exportavam para Portugal 36.200, consumindo-se no proprio paiz apenas 820 caixas, o que parece ridiculo, principalmente quando se sabe que estas capitanias abasteciam as demais».

guardadas as devidas diferenças circunstanciais, podendo ter cultivado, inclusive, música profana para eventos específicos.

Do período anterior à incorporação de Portugal e seus domínios pela coroa espanhola, não se conhece qualquer informe sobre capelas de música rurais. As notícias só começam a chegar com o enriquecimento da aristocracia colonial, sendo de 1584 o primeiro indício que recolhemos. Mais precisamente, de 25 de outubro, festa de Santa Catarina no Espírito Santo, de onde FERNÃO CARDIM[292] informa que «O Sr. Administrador <...> fez officiar a missa pelos de sua capella, e os indios tambem ajudaram com suas frautas». O mesmo jesuíta dá este outro relato, que observou pouco tempo depois[293]: «O dia da Virgem disse o Sr. Administrador missa cantada, com sua capella».

A expressão «sua capella», que aparece no texto de CARDIM, parece realmente indicar um grupo de músicos pertecentes à casa dessa personalidade, já que escreve de maneira diferente, ao mencionar grupos mantidos pelos religiosos, como na descrição da festa das Onze Mil Virgens, a 17 de outubro do mesmo ano, em Salvador[294]: «a missa foi officiada com bôa capella de indios, com frautas, e de alguns cantores da Sé, com órgão, cravos e descantes».

Mas a primeira notícia da qual não se duvida tratar-se de uma capela rural é aquela que nos deixou

292 FERNÃO CARDIM* - *Informação da missão do P. Cristovão Gouveia*, de 16 de outubro de 1585, *§ 81*.

293 *Idem, § 83*.

294 *Idem, § 79*.

FRANÇOIS PYRARD DE LAVAL[295]. Esse viajante esteve entre agosto e outubro de 1610 na propriedade de **Baltazar de Aragão**[296], o Capitão-mór da guerra da Bahia, onde conheceu um francês natural das proximidades de Marselha, do qual não cita o nome. PYRARD deixou, a seu respeito, este fragmento: «Ce François qui demeuroit auec luy estoit Musicien, & ioüeur d'instruments, & ce Seigneur l'auoit pris pour apprendre à vingt ou trente Esclaues, qui tous ensemble faisoient vn accord de voix & d'instruments dont ils ioüoyent à toute heure». Por essa notícia, ficamos sabendo da existência de um mestre de capela que atuaria nos engenhos e, provavelmente, com um repertório que seria produzido no próprio local.

Se observarmos bem o relato de PYRARD, não encontraremos lá a etnia dos músicos. O viajante diz apenas «vinte ou trinta escravos». Vários autores[297] interpretaram a expressão como «negros escravos», o que pode ter sido precipitado. Nessa época, o índio ainda era largamente utilizado como mão-de-obra, por ser mais barato que o negro. Além disso, os meninos indígenas já eram treinados no ofício da música pelos jesuítas na Bahia desde, pelo menos, 1550. É mais

---

[295] FRANÇOIS PYRARD - **Voyage** (1615, pela edição de 1679, *parte II, cap. XXVI, § 35*).

[296] Não é sem razão que esse relato nos chega justamente de uma propriedade de Baltazar de Aragão. Homem poderoso, que voltou de Angola com o título de **Bangala**, por ter feito lá a guerra contra os negros, chegou a ser, aqui, governador interino, por morte do Governador Geral Diogo de Menezes, em 1613. PYRARD afirma que «on le tenoit riche de plus de trois cent mil écus; Il tiroit vn grand reuenu de plusieurs engins à sucre qu'il auoit».

[297] AFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY parece ter sido o primeiro a escrever essa frase, em Na Baía colonial (**Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, *v. XC, pp. 256-257*), que RENATO ALMEIDA citou em sua **História da música brasileira** (1942, *parte II, cap. VII, p. 291*).

provável, portanto, que os músicos da capela de Baltazar de Aragão fossem indígenas, recolhidos entre as missões baianas e então instruídos na execução da polifonia européia pelo seu mestre francês[298].

Da época do domínio holandês nos chegou um precioso relato, também referente a um dos mais ricos portugueses que residia no Brasil. RAPHAEL DE JESUS[299], ao comentar os feitos do governador **João Fernandes Vieira** em Pernambuco, no ano de 1640, deixou esta notícia: «Para que os officios Divinos se celebrassem, & frequentassem os Sacramentos com liberdade, & com pompa, comprava ao Hereje permissões, & sustentava em sua caza capela de Musicos escolhidos, & diversos ternos de charamelas».

Provavelmente devido ao crescimento econômico brasileiro, a quantidade desses relatos só coneça a aumentar em fins do século XVII. JOÃO FELIPE BETTENDORF[300], em 1681 ou 1682, informa que «Logo que o padre Superior, pero Luiz, entrou em o Collegio do Maranhão commigo, achanos o extrangeiro Pascoal Pereira, nosso antigo, com seus charameleiros para nos dar as boas vindas». Em 1695, na Aldeia de Inhuana, Maranhão, o próprio BETTENDORF[301] entrou em contato com uma outra capela de músicos, provavelmente de un

298 Esta informção é citada em cerca de una dezena de trabalhos sobre a música no Brasil. Contudo, ainda não se realizou qualquer pesquisa que ultrapassasse a mera consulta do livro de PYRARD (poucos o fizeram) e as especulações em torno do repertório que teria circulado entre os escravos de Aragão.

299 RAPHAEL DE JESUS* - **Castrioto lusitano** (1697, *parte I, livro V, § 3*).

300 JOÃO FELIPE BETTENDORF* - *Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*, de 25 de maio de 1698 (*livro VI, cap. XII, § 1*).

301 *Idem, livro IX, cap. XV, § 14.*

parente do senhor de engenho que acima mencionou, informando que lá cantava «missas solenes, ajudado dos domesticos de Diogo Pereira, que eram os meus musicos, e acompanhavam canto com suas rabecas e violas, que tocavam com muita destreza, e sobre todos elles Manoel Pereira, filho morgado de Diogo Pereira».

Nesses relatos de BETTENDORF encontramos alguns dados que nos auxiliam a compreender questões relativas à prática musical daquela época. Em toda a documentação referente aos séculos XVI e XVII que recolhemos, nenhum «charameleiro» foi apontado como negro. Além disso, são abundantes as referências a charameleiros indígenas, como se observará entre os fragmentos que transcrevemos. Charameleiros negros são encontrados com freqüência no século XVIII, mas não no anterior. Também é curioso o uso da «rabeca» na capela de Diogo Pereira. Esse instrumento[302] é raramente mencionado no Brasil, mesmo assim, apenas em fins do século XVII e fora dos centros urbanos. E o mais interessante é a presença do filho do proprietário entre os músicos, desempenhando um ofício pouco digno dessa classe[303]. Tais informações são importantes por apresentarem indícios que podem relacionar a prática musical brasileira do século XVII, ainda presa às tradições ibéricas antigas, com o desenvolvimento que

302 A rabeca já era utilizada em Portugal no século XVI e conhecida também como «viola d'arco». É o ancestral do violino. Cf. a GRAVURA V.

303 SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA (**Raízes do Brasil**, 1948, *cap. II, p. 35*) esclarece este tipo de situação, onde gente da classe dos proprietários não se importava, no Brasil, em executar trabalhos considerados «baixos» no reino: «Da tradição portuguesa, que mesmo em território metropolitano jamais chegou a ser extremamente rígida neste particular, pouca coisa se conservou entre nós que não tivesse sido modificada ou relaxada pelas condições adversas do meio».

ocorrerá no século XVIII, quando surgem costumes novos em todo o território da colônia.

Outras notícias de capelas rurais obtivemos de escritos do século XVIII, mas ainda referentes ao período que estamos estudando. O Padre Belchior de Pontes, em fins do século XVII, esteve na capela de uma fazenda a uma légua de Carapicuiba, onde residiam mais de 500 pessoas, para rezar uma missa pela saúde da mulher do senhor daquelas terras, **Maria Leite de Mesquita**. MANUEL DA FONSECA[304] informa que «Acabada a Missa, ouvindo cantar o *Bendito*, que, segundo o louvavel costume introduzindo nas fazendas, no fim della se costuma cantar, brotou nestas palavras: *Em casa, onde se canta tam bem o Bendito, não ha morte, prepare se para trabalhos*».

É também da Capitania de São Vicente que nos chegou esta notícia, encontrada no *codicilho* do *testamento* de **Antonio Machado do Passo**[305], feito em Itú, a 14 de novembro de 1705: «Declaro que me deve a fazenda de Cornelio Rodrigues Arzão que Deus tem dezesseis mil e oitocentos réis do ensino de dois meninos de minhas musicas».

Ao contrário do que acontece com relatos sobre a música entre os jesuítas, ou mesmo nas sés de Salvador

---

304 MANUEL DA FONSECA* - **Vida do Venerável Padre Belchior de Pontes** (1752, *cap. XXII, § 3)*. No *§ 1* , escreve sobre essa fazenda: «Vivia junto à Aldêa de Carapicuyba, em hum sitio distante huma legoa, o Capitão Pedro Vaz de Barros, Cavalheiro dos principaes de S. Paulo, o qual com a communicação de tantos annos de vizinhança travou com o nosso Heróe huma mui fervorosa amizade. Era a sua casa de numerosa familia, tendo debaixo de sua jurisdição mais de quinhentas almas, para cuja doutrina, e da vizinhança, convidava muitas vezes ao seu bom amigo, para que em huma Capella, que tinha em seu Sitio, lhes fizesse Missaõ por alguns dias. Como esta occupaçaõ era muy conforme ao zello, e desejo, que tinha de salvar a todos, aceitava o convite, gastando neste imprego em diversos tempos semanas inteiras».

305 **Inventários e testamentos**, *v. XXV, 1921, p. 190.*

e São Paulo, as notícias sobre as capelas de engenhos e fazendas são raras. É possível supor que a preocupação com o trabalho na terra e mesmo os problemas decorrentes de uma região hostil aos europeus, principalmente nos arredores de São Paulo[306], dificultassem a manutenção de grupos de cantores e instrumentistas em casas de engenhos. Mas, a julgar pela proliferação que tiveram nesses dois séculos e pela comprovada extensão da prática musical no Brasil daquela época, cremos que a quantidade de capelas rurais foi bem maior que aquela apresentada pelos escritores. Além disso, os documentos sobre engenhos não são tão numerosos quanto os de outra espécie, fornecendo uma amostragem pouco representativa para se diminuir o significado dessas informações.

Se as pesquisas nesse sentido continuarem a ser feitas, é possível que se lhes atribua um papel considerável na formação da prática musical brasileira. A investigação poderá demonstrar, também, o quanto a participação do índio como músico desses agrupamentos deve ter sido generalizada durante uma certa época, caracterizando um grande período, onde o seu trabalho foi responsável por boa parte da produção sonora a serviço dos colonizadores europeus.

306 AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY (**S. Paulo no seculo XVI**, 1921, *cap. XXIV, p. 215*) informa: «Nas fazendas vivia-se em continuo alerta e a casa do proprietario era o baluarte dos brancos, refugio onde, ao primeiro signal, procuravam abrigar-se sob a proteção das estacadas quiçá da dessas fossos que jámais ocorrera á mentalidade rudimentar dos aborigenes brasileiros escavar. ¶ Longos annos haviam de decorrer antes que a segurança viesse reinar nas propriedades ruraes em torno de S. Paulo, já que no limiar do seculo XVII, e na propria villa, reducto da conquista branca longamente se vivera sob o regimen das apprehensões crueis».

5.3 A AUSÊNCIA DE PAPÉIS DE MÚSICA

5.3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

De posse das informações agora disponíveis, como é possível explicar a ausência de papéis de música anteriores a 1700 nos arquivos brasileiros? O problema é complexo e, provavelmente, não se encontrará uma razão única para o fenômeno. É óbvio que a precariedade da pesquisa musical no Brasil tem uma grande parcela de responsabilidade por nossa atual ignorância sobre a música antiga desta eterna colônia. Mas, certamente, existem outras causas, que devem ser examinadas.

Sabemos que grande parte da música que aqui se praticou naquela época, nunca chegou a ser escrita. Danças, cantigas, romances e outros gêneros musicais, inclusive religiosos, eram transmitidos oralmente, com o acompanhamento improvisado dos instrumentistas.

Os conteporâneos de GREGÓRIO DE MATOS, por exemplo, tiveram a preocupação de registrar os versos que o poeta teria cantado, mas a nenhum deles ocorreu anotar as melodias que foram entoadas. É correto imaginar que pouca gente teria conhecido o código musical no Brasil seiscentista, porém é mais provável que esse tipo de música não foi grafada porque não existiu essa necessidade.

Os músicos só eram obrigados a escrever a música que executavam, quando a complexidade das partes e da

harmonia o exigia. E música dessa natureza foi praticada quase que somente nas capelas de aldeias, vilas ou engenhos. Mesmo assim, nenhuma música religiosa dessa época foi recuperada e o argumento que mais foi utilizado, até aqui, diz respeito às más condições de preservação a que esses papéis devem ter sido submetidos. De fato, além de um clima desfavorável à conservação de documentos, os arquivos brasileiros, com raras exceções, sofreram os mais variados tipos de estragos. JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES[307] chegou a escrever um capítulo inteiro de sua tese sobre as agressões por que passaram alguns dos mais importantes arquivos do país e as perdas que decorreram do nosso secular descaso frente aos documentos antigos. Também as guerras, revoltas, tempestades e incêndios, teriam contribuido para o desaparecimento definitivo de composições das quais não existiram cópias. Se, proventura, algum documento musical brasileiro tiver sido arquivado em Lisboa até 1755, provavelmente foi destruído no terremoto que assolou a cidade naquele ano.

Mas existiu um outro problema. Enquanto boa parte dos papéis de música brasileiros do século XVIII era guardada nos arquivos das **irmandades religiosas**, que contratavam os músicos para a composição e execução das obras encomendadas, o mesmo não pode ser dito da música que aqui se praticou em períodos anteriores às últimas décadas do século XVII[308]. Os inventários

[307] JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES - *Fontes da história da Igreja Católica no Brasil* (1945, «*Antelóquio*», *pp. 5-10*).

[308]Na **Encyclopédie de la musique et dictionaire du Conservatoire** (v. IV, 1920,*Portugal*, "Période Italienne", p. 2429), encontramos este fragmento: «La destruction du grand théâtre du Tage, par suite de l'affreuse catastrophe de 1755, paralysa, comme on peut penser, tout le mouvement artistique de Lisbonne, et le pays qui

paulistas demonstram que vários compositores chegaram a escrever música para as exéquias de personalidades que morreram naquela época, mas eram contratados pelo **Cartório de Órfãos**, tendo como única obrigação, além da execução das obras, a assinatura do recibo, que era anexado ao processo. Entre os pertences de um **Pascoal Delgado**, que faleceu em 1650[309] e provavelmente foi músico, os oficiais do Cartório encontraram «tres livros de quâto dorguo e mais quarta pasSios e papeis», que avaliaram em 4.000 réis (soma altíssima na época), para os submeter à venda ou à partilha entre os familiares. Podemos imaginar que o mesmo acontecia com os manuscritos musicais de outros praticantes desse ofício. Não temos nenhuma notícia de que as **confrarias**, predecessoras das **irmandades**, arquivassem músicas, como fizeram as instituições setecentistas brasileiras. E mesmo as igrejas não as deveriam guardar, já que só uma pequena parte dos arquivos brasileiros dos séculos XVIII e XIX foi recuperada de templos religiosos.

Portanto, é de se supor que os papéis de música que se usaram no Brasil nesses dois primeiros séculos ficassem, em sua maior parte, em poder dos próprios músicos, desprezados quando se deterioravam ou quando sua música se tornava antiquada ou desnecessária. Nos estabelecimentos jesuíticos isso pode ter sido diferente, com um cuidado maior na preservação desse

---

avait accumulé tant de précieux documents de ses glorieux efforts en faveur des progrès de l'art, voyait en un seul jour presque toutes ses archives perdues, presque tous ses théâtres brûlés! ¶ Les artistes qui échappèrent au cataclysme, ou s'enfiurent à l'estranger par crainte de nouveaux désastres, ou restèrent cloués sur place, anéantis por longtemps dans une terreur folle et sans trouver de forces pour se remettre au travail».

309 **Inventários e testamentos**, *v. XL*, 1955, *p. 144*.

material. Mas os jesuítas foram expulsos em 1759-1760, não se conhecendo o destino desses papéis.

É interessante levar em conta que a proibição da imprensa no Brasil até a chegada de D. João VI no Rio de Janeiro, em 1808, contribuiu significativamente para desestimular a conservação da música que deve ter sido produzida no período que estamos estudando. Enquanto na Europa o músico poderia compor não apenas para a função imediata a que deveria atender, mas também para a confecção de livros de música, de cuja vendagem seria beneficiado com o aumento de suas arrecadações, no Brasil somente lhes restava a primeira alternativa[310]. Consumado o evento onde se executava a obra, no caso de não ser repetido, a música perderia o seu significado prático e não teria razão para ser preservada.

Essa hipótese da destruição dos documentos não convence por si mesma, uma vez que a música religiosa européia de séculos passados teve um grau de durabilidade bem maior que a música profana. Música ibérica quinhentista chegou a ser recuperada entre arquivos mineiros dos séculos XVIII e XIX[311], demonstrando que os papéis antigos eram recopiados, desde que a música ainda tivesse aplicação nas cerimônias vigentes. Aliás, é graças a essa atividade de copiar as folhas deterioradas, que músicos de

310 A impressão musical na Europa teve início em fins do século XV. E, nos primeiros anos do século XVI, já foram publicados livros com música religiosa e profana, inclusive para instrumentos solistas. Ao contrário de Portugal, a Espanha não sustentou esse tipo de proibição, o que resultou na publicação de obras de música na cidade do México,por exemplo, já na primeira metade do século XVI.

311 RÉGIS DUPRAT - *A polifonia portuguesa em obras de brasileiros* (1986, *pp. 69-78*).

épocas mais recentes, inclusive até a terceira década deste século, nos permitiram conhecer obras escritas em períodos anteriores.

Temos, portanto, que analisar outras hipóteses acerca deste fenômeno, mas não acreditamos que qualquer delas explique, isoladamente, a ausência dos documentos a que nos referimos. Podem, entretanto, contribuir para que se compreenda, pelo menos em parte, a razão dessa falta.

5.3.2 A EXPULSÃO DOS JESUÍTAS

Durante os 210 anos que separam a chegada da Companhia de Jesus no Brasil e a sua expulsão, seus religiosos trabalharam incansavelmente na realização dos seus ideais, contando com o auxílio constante dos seus devotos e dos seus catecúmenos. Promoveram, com os braços indígenas, a construção de edifícios e igrejas, confinaram selvícolas em missões e aldeamentos, administraram engenhos, controlaram o ensino na colônia e criaram animosidades com o povo e com o governo.

Quando foi promulgada a lei de 3 de setembro de 1759, foram obrigados a se retirar dos seus domínios e tiveram seus bens confiscados. Em virtude dessa determinação, o sistema brasileiro de ensino ruiu. Grande parte das escolas foi fechada e a maioria delas não foi substituída. O ensino musical promovido por esses padres, que visava a formação de elementos para atuar nas suas igrejas, festas e demais funções

religiosas, pode ter entrado em colapso, acarretando o empobrecimento dessa prática em localidades específicas e a falta de pessoas que se dedicassem à atividade musical, com a conseqüente perda de interesse pelo material que possuíam. E nem é estranho imaginar que os religiosos que permaneceram no Brasil possam ter rejeitado o aproveitamento da música utilizada pelos jesuítas, uma vez que, mesmo entre a população, era grande o ódio sustentado contra tudo o que vinha da Companhia.

É também provável que os papéis de música utilizados até então nas cerimônias presididas pela ordem, foram destruídos, vendidos ou encaminhados para diversas instituições. Se alguma parte desse material chegou ao arquivo romano, deve ter sido preservada, mas não há notícias, entre os musicólogos brasileiros, de se haver encontrado lá qualquer documento musical referente ao Brasil dessa época.

Bem conhecido é o caso da **Fazenda Santa Cruz**, em cujo inventário, de 1779, foram relacionadas cerca de duas dezenas de instrumentos musicais[312]. Pesquisadores chegaram mesmo a encontrar o nome de músicos que atuaram na capela dessa propriedade[313],

---

312 O «*Treslado do autto de Inventario da Real Fazenda Santa Crus abenz que nella seacham*» foi publicado no **Archivo do Districto Federal** (1894, *pp. 73-77; 124-133; 333-339; 418-425*). No ítem «Instrumentos da muzica pertencentes a igreja» (p. 77), encontramos a seguinte relação: «Tres Rabecas huma quebrada; Hum Rabecam velho; Hum cravo; Hummanicordio; Duas flautas doses; Huma violla quebrada; Oito xoromellas que constão dos Instrumentos seguintez; Hum baxo demental amarelo; Hum tenor depau amarello epé demental amarello digo depau vermelho epé demental amarello; Hum contralto damesma forma; Hum tiple depau amarelo; Huma requinta depaó amarelo; Dous Tiples depáo vermelho Com sintos demental; Dous bues depáo Amarello; Hum dito depáo pintado».

313 RENATO ALMEIDA tem um estudo sobre a música da Fazenda de Santa Cruz, que incluiu na sua **História da música brasileira** (1942, *parte II, cap. VIII, pp. 310-312*). No **Jornal da música** existem dois artigos de BENEDITO FREITAS sobre o mesmo assunto: *A Fazenda de Santa Cruz* (1980 e 1981). Há outras informações em

administrada pelos jesuítas até o ato do Marquês de Pombal. Para sustentar uma prática musical que envolvesse essa estrutura, era necessário que nessa fazenda tivesse existido uma razoável quantidade de música escrita, incluindo até mesmo composições dos próprios músicos que lá residiram. Mas desse material não se teve notícia e sequer chegou a ser mencionado no inventário.

Essa hipótese, pouco abordada na musicologia brasileira, é bastante plausível e deveria ser melhor estudada. Mas sabemos que não é suficiente, haja visto o fato de que inúmeras ordens existiram no Brasil, antes e depois da saida da Companhia e que estariam controlando, ainda naquele século, a produção musical religiosa de que hoje temos conhecimento[314].

LUÍS HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO (**150 anos de música no Brasil**, 1956, *p. 13*), ROBERT STEVENSON (*Some portuguese sources for early brazilian music history* (1968, *pp. 24-25*) e ARY VASCONCELOS (**Raízes da música popular brasileira**, 1991, *p. 26*), entre outros. O assunto ainda está por ser estudado de maneira criteriosa, prometendo uma contribuição valiosíssima para a história da prática musical no Brasil.

314 FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN (**História geral do Brasil**, 1981, *v. II, seção XLIII, p. 145*) informa: «No Estado do Maranhão, por ocasião da supressão dos jesuítas, contavam as diferentes ordens aí existentes 51 aldeias e mais 56 grandes fazendas, de gado ou de cana, rendendo anualmente 221 contos de réis. Tinham os mesmos jesuítas 20 aldeias e 22 fazendas, que rendiam 164:600$000; os carmelitas 10 aldeias e 13 fazendas, rendendo 32:400$000, os mercenários 3 aldeias e 17 fazendas; os capuchos de Santo Antônio 5 aldeias, e os da Piedade 8 aldeias, e duas fazendas». No parágrafo anterior (pp. 144-145), VARNHAGEN escreveu: « A supressão do jesuítas não deu lugar à entrada de outra ordem religiosa no Brasil; pois havia tempo que a corte reconhecera que não convinha favorecer demasiado o aumento dos religiosos neste principado. Muitas ordens religiosas havia em Portugal, como a dos cônegos regrantes de Santo Agostinho, Trinos, Paulistas e Dominicanos que nunca se fixaram no Brasil. - Entretanto, a Beneditina e a Carmelitana calçada, Franciscanos Capuchos da Seráfica reforma, dos observantíssimos, foram (depois da de Jesus) as primeiras que aqui estabeleceram casas, segundo dissemos».

5.3.3 A MODIFICAÇÃO DA NOTAÇÃO MUSICAL

Uma hipótese, veiculada há poucos anos por RÉGIS DUPRAT, atribui a mudanças no sistema de grafia musical que teria ocorrido no princípio do século XVIII, o abandono dos papéis escritos com a notação antiga[315]. De acordo com tal suposição, os manuscritos do século XVII que não foram vertidos para a notação moderna teriam se perdido por desuso.

Assim sendo, os papéis encontrados ainda em notação branca seriam hoje tão raros quanto as transcrições para a notação vigente de música escrita em períodos anteriores ao século XVIII.

DUPRAT identificou, na Coleção Curt Lange do Museu da Inconfidência de Ouro Preto, um conjunto de obras copiadas por **Francisco Gomes da Rocha** (c. 1746-1808), dentre as quais existe um moteto do compositor quinhentista espanhol **Ginés de Morata**[316]. Essa peça, que transcrevemos no EXEMPLO MUSICAL V-A, indica ter existido um certo aproveitamento, no século XVIII, de música escrita em fase anterior, induzindo-nos a supor

315 RÉGIS DUPRAT - *A polifonia portuguesa em obras de brasileiros* (1986, pp. 70-71).

316 JOSÉ LÓPEZ-CALO (*Morata, Ginés de*, 1980, *v.12*, p.561) dá esta notícia do músico ibérico: «Spanish composer resident in Portugal. Of his life it is known only that he was choirmaister to the Dukes of Braganza in Portugal at some time during the 16th century. He is known by four-part motets (three in **P-VV**, the other in **E-Mmc**) and 12 canciones and villancicos, six for three voices and six for four (all in **Mmc** and in **Cancionero musical de la Casa de Medinaceli**, ed. M. Querol Gavaldá, Monumentos de la Música Española, viii-ix, 1949-50). His compositions may be few in number, but they are of high quality, especially the canciones and vilhancicos, and they place him among the leading Spanish composers of the 16th century».

a existência de exemplos semelhantes ainda não estudados[317].

Localizamos, ainda, um moteto[318] escrito em uma notação intermediária entre os dois tipos a que nos referimos, apresentando fortes indícios de ter sido composto antes que a mudança da grafia musical tivesse ocorrido. O manuscrito, revisado no EXEMPLO MUSICAL V-C, contém grande parte dos símbolos musicais que teriam sido abandonados por essa época, mas já utilizando barras de compasso, características do novo sistema.

Não podemos, no entanto, aceitar por completo esta hipótese. É relativamente simples constatar que a notação musical no Brasil conserva arcaísmos até a segunda metade do século XIX, levando-nos a crer que a substituição da grafia antiga foi um processo gradual, que se arrastou por várias décadas.

O contra-argumento mais forte diz respeito à funcionalidade da música antiga. Não teria existido razão para o abandono das obras que ainda encontrassem aplicação nas cerimônias religiosas posteriores à mudança da notação. Por motivos econômicos, em muitas

---

317 É o próprio DUPRAT quem informa, na p.70 do mesmo artigo: «O certo é que a música portuguesa dos séculos XVI a XVIII, nulamente estudada ou cultivada no Brasil de hoje, deveria integrar espontaneamente os repertórios das capelas de música do Brasil colonial». ROBERT STEVENSON, no verbete *Portugal - I - Art music* (1980, *p. 140*), afirma que até na América Espanhola foi praticada música seiscentista portuguesa: «Portuguese music was also known in Latin America: works by Gonçalo Mendes Saldanha [*c. 1580 - c. 1645*] reached Cartagena and Bogotá; his works and those of Manuel de Tavares and Manuel Mendes were sung at Puebla, México».

318 Trata-se do moteto *Bajulans*, geralmente atribuído a Manoel Dias de Oliveira, cuja técnica composicional apresenta elementos, na maioria, estranhos à música brasileira da segunda metade do século XVIII. Uma transcrição paleográfica das cinco partes dessa obra nos foi ofertada pelo pesquisador Álvaro Carlini, servindo para a revisão que aparece no EXEMPLO MUSICAL V-C, acompanhada dos comentários relevantes.

ocasiões o traslado teria sido mais prático que a composição de uma nova música. Mas somente um estudo acurado da notação musical brasileira dos séculos XVIII e XIX poderá contribuir significativamente para se avaliar o efeito que a substituição dos signos teve na prática musical do período colonial.

Também é perfeitamente admissível imaginar que, além da atualização gráfica dos papéis de música, compositores dessa época teriam retrabalhado obras antigas, processo que hoje podemos denominar «atualização estética». Em virtude dessa prática, composições anteriores ao século XVIII que ainda se fizessem interessantes aos músicos, mas cuja linguagem não fosse mais usual, teriam servido como substrato para obras que se mostrassem familiares ao novo gosto musical.

Encontramos um fragmento que corrobora essa idéia, extraído de um conjunto de manuscritos do arquivo da Fonoteca da Escola de Comunicações e Artes da USP[319]. Procedente da cidade de Campanha (MG), os papéis contém, entre outras peças, um pequeno moteto sobre *«cum descendentibus»*. É o mesmo texto que **Ginés de Morata** musicou no século XVI e que acabou sendo copiado por **Francisco Gomes da Rocha**, como se encontra no conjunto de Ouro Preto. A versão de Campanha, transcrita no EXEMPLO MUSICAL V-A, não só está na

319 Esse conjunto, sem indicação de autor e constituído por cópias do século XIX, foi reunido em uma única pasta e catalogado pelo musicólogo Maurício Dottori, sob o código CP-321. Três dessas partes, a saber, *«Suprano»*, *«Altos»* e *«Tenor»* (CP-321/323) levam a letra do mesmo copista. Uma parte de "*Baixa*" copiada por outra pessoa (CP-324) completou a partitura, que não apresenta nenhuma parte de acompanhamento. O conjunto das vozes agudas leva o título *«6ª Feira Santa | Procissão do Enterro»* e a indicação «Pertence á Snr. Jose Carlos». Substituimos a figuração ♩𝅗𝅥. do 6º compasso do soprano e as notas ré b e ré ♮ do 9º e 10º compassos do contralto pelas que lá se encontram.

mesma altura que a de Ouro Preto, como utiliza o mesmo processo de imitação e o mesmo motivo, salvo pequenas alterações do intervalo inicial e da duração das notas. O moteto mineiro foi, sem dúvida, baseado naquele de **Morata**:

(COMPOSITOR MINEIRO (séc. XIX ?))

GINÉS DE MORATA (séc. XVI)

Enquanto a peça do século XVI é estruturada em um sistema modal, o qual deve ter subsistido no Brasil até pelo menos as primeiras décadas do século XVIII, a versão mineira está calcada na tonalidade, o sistema que passou a ser utilizado na fase subseqüente. A troca na ordem das entradas e a diminuição dos valores do motivo que é imitado, fariam parte da «atualização» a que nos referimos.

Há elementos, então, para se sustentar que uma certa quantidade de composições setecentistas brasileiras tenham resultado do reaproveitamento temático de obras mais antigas que não chegaram ao

nosso conhecimento. Apesar disso, esta suposta prática não pode ser encarada como causa do abandono das composições obsoletas, mas apenas como uma das conseqüências. Temos, então, que discutir uma nova hipótese que trate desse fenômeno, justamente aquela que leva em conta uma alteração estilística da produção musical religiosa no Brasil, ocorrida em meados do século XVIII.

5.3.4 O ITALIANISMO

A primeira metade do século XVIII teria sido um período onde os músicos brasileiros presenciaram a substituição do antigo estilo, ainda preso ao modalismo e às velhas regras da polifonia coral ibérica, por uma música baseada no tonalismo e em novas conquistas harmônicas e estéticas importas da Europa. Do velho continente estariam chegando exemplares de um novo gênero musical que os compositores, a partir de então, seriam obrigados a incorporar[320].

320 O Padre JOSÉ DE MORAIS*, autor da *História da Companhia de Jesus na Província do Maranhão e Pará*, de 1759, deixou estas preciosas informações, ao descrever a catedral de Belém do Pará (*livro III, cap. I, § 15*, na *p. 190* da edição de 1860): «He fundação do Fidelissimo e sempre grande Sr. D. João V. de eterna memoria [*que reinou de 1707 a 1750*]. Dotou-a pelas medidas de sua real grandeza. Não se sabe de outra que no ultramar a exceda na ordem, e magestade das suas gerarchias. Além do Excellentissimo Prelado, que he o primeiro e maior astro deste luzido firmamento, consta esta diocese de 24 Conegos, em que entrão 4 dignidades de Arcediago, Arcipreste, Chantre, e Mestre Escola; 10 dos sobredictos se nomeão da Ordem Presbyterial, 6 da Diaconal, e 4 da Subdiaconal. Tem mais 16 Beneficiados, 12 Capellães do côro, em que entra hum Sub-Chantre, 9 Capellães musicos com 1 mestre de solfa, incluindo no mesmo numero 1 Organista, 8 meninos do côro, 2 mestres de cerimonias, 3 Sacristas, 1 Porteiro da massa, 3 varredores e 1 sineiro, estabelecido tudo com tão bella e perfeita harmonia, que com razão póde entrar no numero das

Se essa hipótese se mostrar correta, o precioso achado de Moji das Cruzes[321] revela um dos raríssimos exemplos de música pertencentes à fase que precedeu essa transformação estilística. Papéis como esses teriam sido desprezados por não mais atenderem às exigências que foram gradualmente se estabelecendo desde princípios do século XVIII, até, pelo menos, a década de 1760.

A razão desses acontecimentos pode ser encontrada na penetração do estilo italiano, que assolou Portugal a partir de fins do século XVII[322]. Expandindo-se para

---

melhores e bem ideadas Cathedraes do nosso Reino». Após apresentar esses dados, bem diversos dos que encontramos nas igrejas do século XVII, comenta (*§ 17, pp. 190-191*) os esforços do prelado «D. Frei Miguel de Bulhões da sempre ilustre Ordem dos Prégadores», que estaria em plena atividade naquele ano: «A innata propensão do genio deste Excellentissimo Prelado de tal sorte adiantou a bella harmonia da sua musica, que não tem inveja á mais miuda e delicada solfa da corte, donde se extrahirão para esta cathedral os melhores e mais harmoniosos papeis e cantorias».

321 Do conjunto de manuscritos encontrados em Moji das Cruzes pelo historiador Jaelson Trindade, os «Tractos» e os «Bradados» de **Faustino do Prado Xavier**, de c. 1730, foram restaurados por Régis Duprat e levados várias vezes à execução pública. Escritos em notação branca, sem o emprego de barras de compasso, ainda fazem uso do sistema modal e das antigas terminações por **cláusulas**. Cf. RÉGIS DUPRAT - **Garimpo musical** (1985, *pp. 9-20*).

322 O musicólogo Maurício Dottori, que estuda a influência italiana na música colonial mineira, nos chamou a atenção para este texto da **Encyclopédie de la musique et dictionnaire du Conservatoire** (*v. IV*, 1920, *«Portugal» - "Période Italienne", pp. 2422-2423*): "Dans la seconde moitié du XVIIe siècle il y a lieu de constater une sensible diminution dans l'importance de ces deux courants étrangers [*a flamenga e a espanhola*]. Ils ne firent pas, hélas! que céder le pas à un nouveau venu, dont la prepondérance s'accusa de suite et surpassa toutes les influences passées. L'Heure de la monodie italienne était sonnée; après avoir trouvé sa voie, elle devait encahir tyranniquement toutes les civilisations musicales de l'Europe et se superposer à toutes les formes connues. ¶ Le Portugal en fit une des premières et des plus dociles victimes. ¶ Dès 1682 on entend pour la première fois à Lisbonne la musique italienne; 40 ans après, elle devait régner en souveraine, pénétrer jusq'au plus profond de l'âme portuguaise, influencer en capricieuse dominatrice tous les produits de l'art national et, ce qui est pire, se perpétuer sans relâche jusq'à nos jours. ¶ [...] Depuis 1723, la représentation des **villancicos** dans les églises a été tout à fait supprimée, par ordre de Jean V. et sous l'empire de la mode italienne, qui venait d'eclore à l'impulsion d'Alessandro Scarlatti, d'Antonio Lotti, d'Emanuelo Astorga, etc., les exhibitions dramatico-

o Brasil, o «italianismo» pode ter sido o responsável pelo desinteresse com que os papéis de música de épocas anteriores foram tratados. A sua maior parte, com o passar do tempo, deve ter sido desprezada ou fortemente alterada, sobrevivendo intactas pouquíssimas peças, cuja identificação jamais será uma tarefa muito simples[323]. O pequeno **Venite adoremus / Popule meus** que existe no arquivo da Fonoteca da ECA-USP[324], copiado em 1865, talvez seja um dos raros exemplos poupados por essa onda setecentista de renovação estética.

6 CONCLUSÕES

I

Apesar dos dados que obtivemos, não esgotamos as fontes bibliográficas de interesse para a história de

lyriques s'émancipent ouvertement de leur primitif caractère religieux. ¶ En 1711 nous commençons à voir à la cour de Jean V certaines représentations entièrement profanes, fables dramatisées, ou il paraît que la musique prit une large part.» Cf. também SILVIO FERRAZ e MAURÍCIO DOTTORI - *Manoel Dias de Oliveira e Davide Perez. Uma aproximação entre o barroco mineiro e a ópera napolitana* (1990).

323 RÉGIS DUPRAT (*A polifonia portuguesa em obras de brasileiros*, 1986, *p. 73*) recomenda a «prudência na ilações sobre grande parte do material manuscrito disponível dos séculos XVIII e XIX brasileiros que não consignam datas nem autoria», para as tentativas de atribuição de composições ao período que estamos estudando, «já que os compositores de música religiosa do período que vai até o final do século XVIII exercitaram com relativa constância e desembaraço a prática de compor, para certas funções litúrgicas, músicas no "estilo de Palestrina" ou "estilo romano de estante".»

324 Cf. o EXEMPLO MUSICAL V-B que, no artigo acima citado, RÉGIS DUPRAT atribuiu ao «último quartel do século XVII».

nossa prática musical, cujo estudo ainda poderá contribuir com grande quantidade de novas informações. Ao contrário, constatamos sua insuficiência para o lançamento de hipóteses mais arrojadas, prejudicadas, inclusive, pelo parco número e, muitas vezes, baixa qualidade das pesquisas até hoje publicadas nessa área. Os dados que arrolamos não bastam, por exemplo, para relacionar a prática musical brasileira do século XVII com a produção efetivamente conhecida do século XVIII. Nem mesmo a participação dos índios nas capelas de música religiosa das vilas e engenhos desse período pode ser comprovada com apoio documental irrefutável.

Em vista disso, concluímos que a coleta de dados em fontes bibliográficas deve prosseguir, até que a quantidade de informações permita estudos mais fundamentados. O mesmo deve ocorrer com fontes históricas manuscritas, minimamente consultadas pelos pesquisadores que se ocupam da música no Brasil, com raras e honrosas exceções. Arquivos ibéricos, franceses, holandeses e jesuíticos, portanto, também deverão fornecer material valiosíssimo para o estudo da prática musical no Brasil, incluindo, talvez, até mesmo papéis de música que tenham relação com essa atividade na colônia.

No tocante à pesquisa de música efetivamente composta no período anterior ao descobrimento das minas, não temos dúvida de que estudos cuidadosos dos arquivos brasileiros e estrangeiros revelará cópias de partituras escritas ou utlizadas entre nós naquela época. Tais investigações, simultâneas à análise da produção ibérica daqueles séculos, possibilitarão, talvez antes do que se possa imaginar, um conhecimento

bem melhor do que hoje temos acerca da música que se ouviu no Brasil colonial. Mesmo o estudo dos relatos sobre a música indígena que obtivemos, se associados aos recentes progressos no conhecimento da música das populações que sobrevivem no século XX, poderão contribuir significativamente para a interpretação do seu conteúdo.

Integrado ao estudo da evolução social, econômica, política e cultural das populações brasileiras, o conjunto desses trabalhos certamente levará a uma compreensão efetiva das raízes da prática musical brasileira e do seu desenvolvimento nos períodos subseqüentes, com o que esperamos poder contribuir neste e nos próximos trabalhos que realizaremos nesse sentido.

II

Sabemos hoje que a «música brasileira» não é e jamais chegou a ser um fenômeno artístico único, mas um conjunto de manifestações bastante diferenciadas, com origens em culturas das mais variadas procedências. Principalmente com relação ao período que estamos estudando, o emprego do adjetivo «brasileira» talvez não possa se referir a outra categoria de música diferente daquela encontrada entre os povos indígenas.

O que existiu foi uma «prática musical brasileira», que contou com os tipos mais diversificados possíveis, alguns trocando elementos

entre si e outros completamente isolados, modificando-se ou não, tal como ocorreu na evolução biológica dos seres vivos. A nossa prática musical não se iniciou apenas com o «descobrimento» e nem se refere exclusivamente aos limites geo-políticos do país, mas está relacionada com a evolução da prática musical em todo o mundo e em todos os tempos. Utilizando-se do mesmo raciocínio, podemos afirmar que o início dessa prática entre nós é análoga ao início da vida em uma floresta onde se começou a introduzir espécies novas, sem nunca se interromper o processo. A tarefa do pesquisador é, justamente, determinar o caminho que cada uma dessas espécies seguiu e as modificações que foi sofrendo, detectar os tipos que permaneceram em uso e os que deixaram de existir, descobrir o que ocorreu com as espécies que já existiam na «floresta», antes que lá chegassem as novas.

Essa analogia nos leva a concluir que jamais poderemos estudar a prática musical brasileira dos séculos XVI, XVII e mesmo de épocas mais recentes, sem que a estejamos constantemente relacionando com as práticas anteriores e posteriores ao período considerado, de povos do Brasil e de fora dele. É por isso que, sem conhecer as tradições musicais ibericas e, principalmente portuguesas daquele período, pouco se poderá fazer além de uma análise extremamente parcial dos fenômenos abordados.

Tudo nos leva a crer que existiu, talvez até meados do século XVII, no lugar de uma **produção** musical, uma **reprodução** da música européia entre as populações brancas que para cá se deslocaram. Os fenômenos musicais tipicamente brasileiros estão

ligados, nesses primórdios, às circunstâncias em que essa reprodução foi ocorrendo. O mesmo podemos dizer ao utilizar o termo «composição», supondo que, durante um certo tempo, não devem ter existido modificações brasileiras que não se originaram de adaptações a novas condições sócio-econômicas, às quais essa reprodução esteve submetida. Não é possível supor que, à exceção dos jesuítas, os portugueses tivessem, no Brasil, energia criativa em excesso para aplicar em trabalhos que não tivessem relação com a colonização[325], uma vez que estes vinham para cá não exatamente para construir, mas para extrair[326]. Sua prática musical nos dois primeiros séculos não deve ter ultrapassado os limites das necessidades sociais e religiosas dos novos agrupamentos humanos, não se lhes permitindo, hoje, a atribuição de valores estéticos, mas sim de valores históricos[327].

---

325 SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA (**Raízes do Brasil**, 1948, *cap. II, p. 46*) deixou esta reflexão:«O que o português vinha buscar era, sem dúvida, a riqueza, mas riqueza que custasse ousadia, não riqueza que custasse trabalho. A mesma, em suma, que se tinha acostumado a alcançar na Índia com as especiarias e os metais preciosos».

326 SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA (op. cit., *cap. II, pp. 52-53*) afirma: «Nossos colonizadores eram, antes de tudo, homens que sabiam repetir o que estava feito ou o que lhes ensinara a rotina. Bem assentes no solo não tinham exigências mentais muito grandes e o Céu parecia-lhes uma realidade excessivamente espiritual, remota, póstuma, para interferir em seus negócios de cada dia».

327 As coleções **Documentos históricos** e **Inventários e testamentos** contém elementos suficientes para se concluir que músicos, respectivamente da Bahia e de São Paulo, ja compunham na segunda metade do século XVII. A documentação coligada por JAIME DINIZ em **Músicos pernambucanos do passado** (1971) também leva à mesma conclusão. Mas essas composições teriam um caráter, cremos, que pouco as diferenciariam da imitação da música ibérica da época. Se encontradas, seu valor histórico seria enorme, mas o mesmo não podemos afirmar sobre o seu valor estético. Muitos musicólogos têm desprezado o estudo desses períodos anteriores à descoberta das minas com a justificativa de não esperarem encontrar nessa produção musical um valor estético comparavel á produção européia da mesma época. É uma postura bastante estranha ao pesquisador criterioso, preocupado com a evolução histórica da prática musical e não com a atribuição de valores. Acreditamos,

A «composição» deve ter existido no Brasil, talvez em épocas anteriores às que se tem imaginado. Porém, é preciso que se estude sempre a relação dessa produção com os modelos europeus. Por isso, a abordagem das condições sociais e econômicas das populações brasileiras e da função dos índios e dos negros na música que servia aos colonos é fundamental para se conhecer as alterações que se fizeram necessárias e as conseqüências que resultaram desse contato. O próprio estudo da música indígena e negra, suas descaracterizações e suas relações com a música dos povos europeus não pode ser isolada do conjunto das pesquisas relativas àquela e a outras épocas da história brasileira. Por isso, é bem provável que os estudos sobre o «folclore» atual nos levem a compreender melhor algumas das questões mais obscuras sobre nossa antiga prática musical.

Resta trabalhar. De começos, a musicologia brasileira está repleta.

---

inclusive, que o valor cultural de um estudo sério sobre as raízes da pratica musical brasileira pode ser até maior que o dos exemplos musicais eventualmente recuperados daquela época, justificando os nossos esforços nessa direção.

7 PESQUISA AUXILIAR

7.1 GRAVURAS

7.1 GRAVURAS

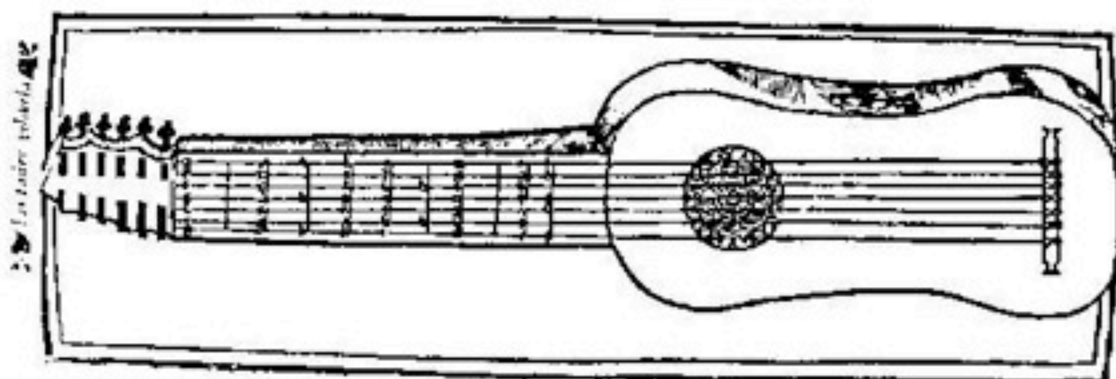
ÍNDICE

I **VIOLA.** Publicada no **Libro de mvsica de vilhuela de mano** de LUYS MILAN (Valencia, Francisco Diaz Romano, 1535, *f. A6v*) e reproduzida por PETER PAFFGEN en **Die Gitarre** (1988, contracapa).

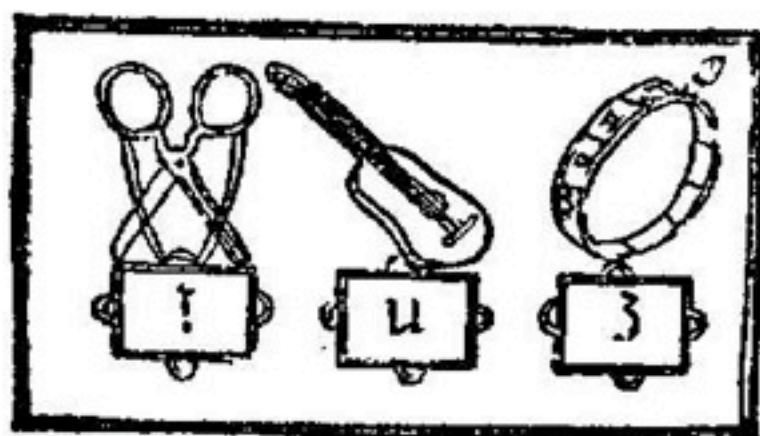


II **VIOLA**. Publicada no **El libro llamado declaracion de instrumentos musicales**..., de JUAN BERMUDO (Ossuna, 1555, *f. cx*) e reproduzida por PETER PAFFGEN em **Die Gitarre** (1988, *p. 56*).

Demonſtracion dela vihuela de ſiepte ordenes queſe tangan todos los ſemitonos eſtando fixos los traſtes.



III **VIOLA**. Publicada na **Cartilha pera ensinar a ler...**, de JOÃO SOARES [depois de 1592, *f. A4r*] e reproduzida em **Livros antigos portugueses** (1935, v. III, p. 411).



¶ Como se ha de fazer o sinal da Cruz, & benzerse.

PEllo sinal da Sãcta ✠ Cruz, livranos Senhor ✠ Deos nosso, de nossos ✠ immigos. Em nome do Padre & do Filho, & do Spiritu Sancto. Amen.

PAter noster qui es in cœlis sanctificetur nomen tuũ, adueniat regnũ tuũ. Fiat voluntas tua, sicut in cœlo, & in terra. Panem nostrum quotidianum da nobis hodie. Et dimitte nobis debita nostra, sicut, & nos dimittimus debitoribus nostri. Et ne nos inducas intẽtationem. Sed libera nos à malo. Amen.

A 4 Padre

IV **VIOLA.** Impressa no **Gabinetto Armonico...**, de FILIPPO BONANNI (1723).



V **RABECA.** Impressa na página de rosto da **Legiada...**, de LUIS PEREYRA (1588) e reproduzida em **Livros antigos portugueses** (1935, *v. III, p. 252*).

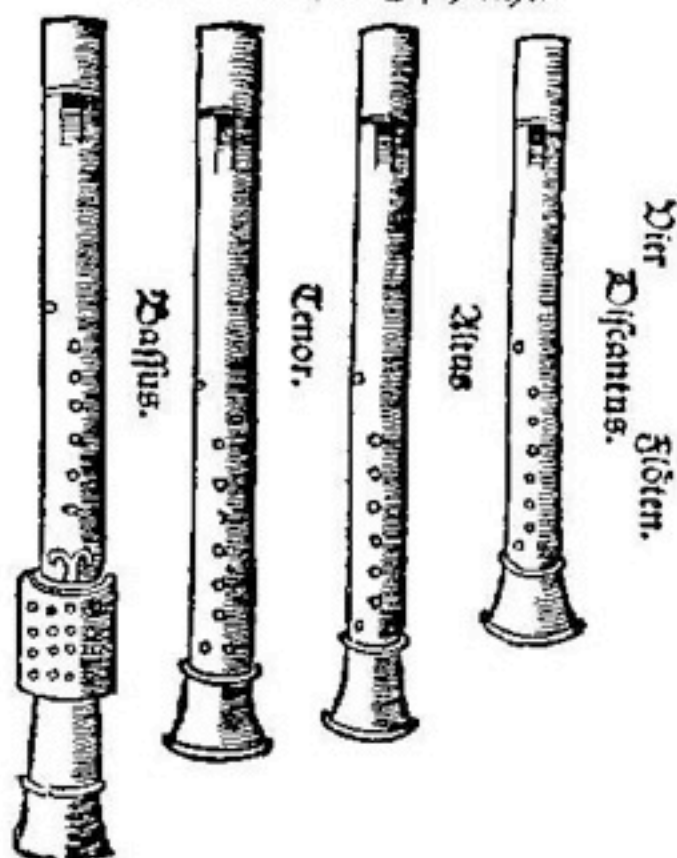
LEGIADA
de Luis Pereyra.

DIRIGIDA AO SE-
aſsimo Senhor Cardeal Alberto, Archi-
duque de Auſtria, & Gouernador
dos Reynos de Portugal.



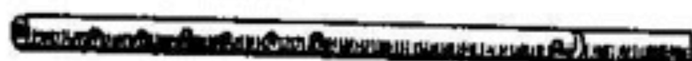
Impreſſa por Manoel de Lyra. Anno 1588.
A requerimento de Franciſco de Miranda.
Com licença & priuilegio Real.

VI **FLAUTAS.** Impressa no **Musica instrumentalis deudsch...**, de MARTIN AGRICOLA (Wittemberg, 1532) e reproduzida por HANS-MARTIN LINDE no **Handbuch des Blockflöten Spiels** (1984, *p. 61*).



VII **FLAUTAS OU GAITAS.** Impressa no **Musica instrumentalis deudsch,** de MARTIN AGRICOLA (1528, *f. xiii*) e reproduzida por RAYMOND MEYLAND em **Die Flöte** (1974, *p. 47*).

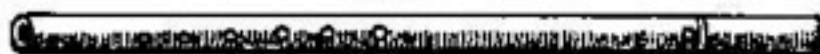
Vier Schweitzer Pfeiffen.
Diſcantus.



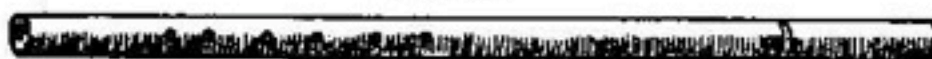
Altus.



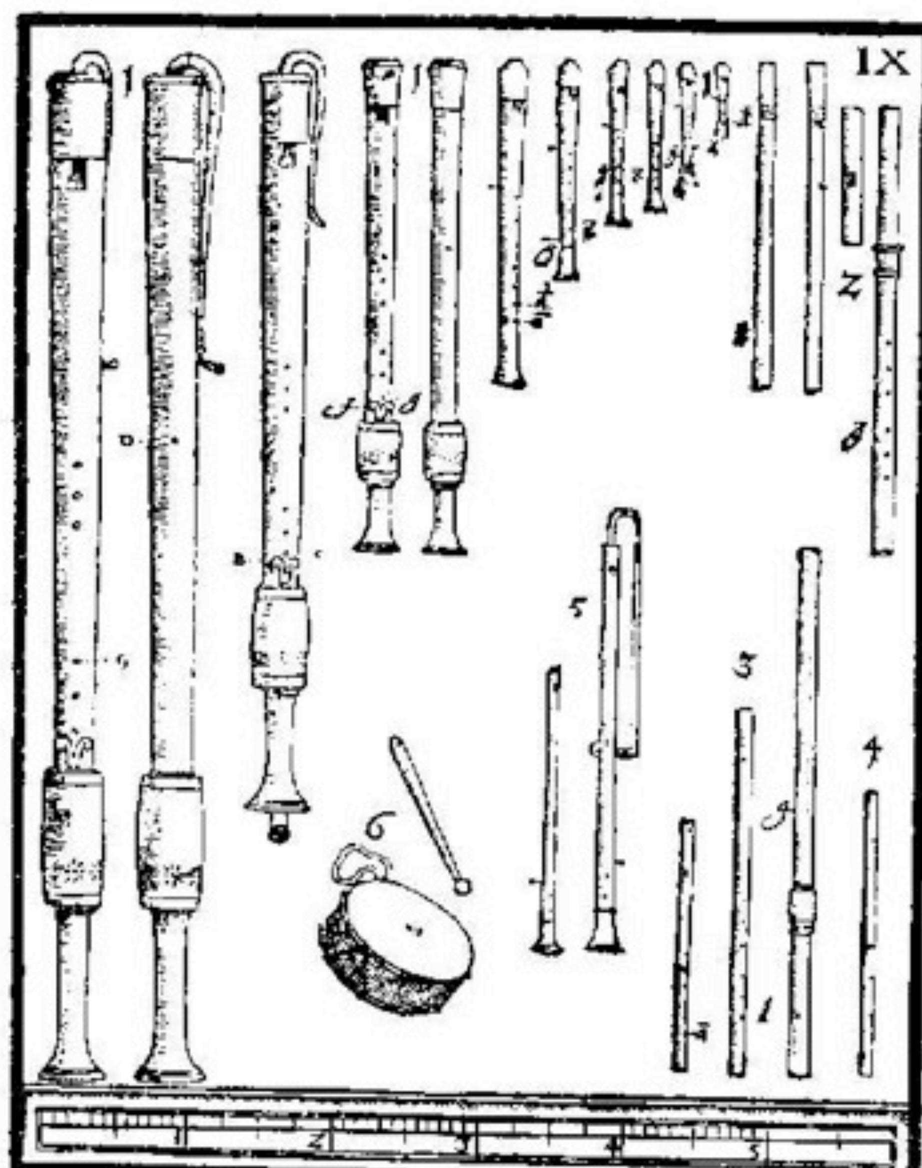
Tenor.



Baſſus.

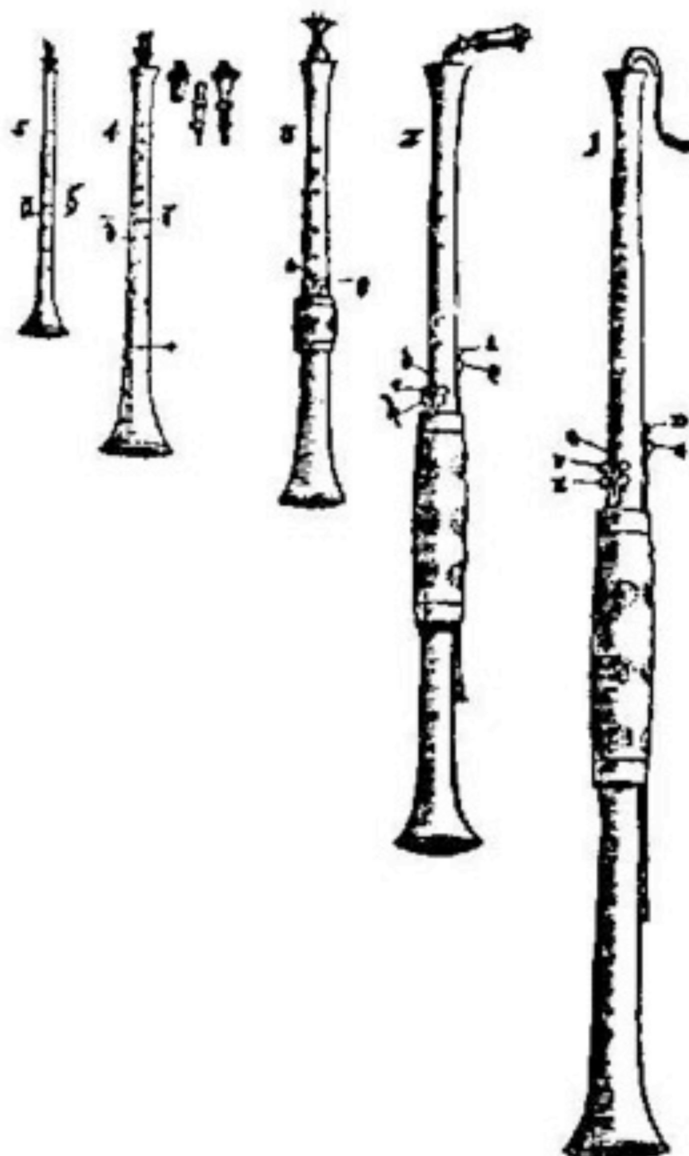


VIII **FLAUTAS, GAITAS E TAMBORIL.** Publicada no **Syntagma musicum...**, de MICHAEL PRAETORIUS (1619) e reproduzida por HANS-MARTIN LINDE no **Handbuch des Blockflöten Spiels** (1984, *p. 79*).



1. Blockflöten/ gantz Stimwerck. 2. Dolcflöit 8 4. 3. Querflöiten/ gantz Stimwerck. 4. Schweitzer Pfeiff. 5. Stamentien-Baß und Discant. 6. Klein Päucklin: zu den Stamentien Pfeiffen zugebrauchen.

IX **CHARAMELAS.** Impressa no **Syntagma Musicum...**, de MICHAEL PRAETORIUS (1619) e reproduzida por LUÍS HENRIQUE em **Instrumentos musicais** (1988, *p. 304*).



X **BAIXÕES E FAGOTES.** Impressa no **Syntagma Musicum...**, de MICHAEL PRAETORIUS (1619) e reproduzida por GUNTHER JOPPIG em **Oboe & Fagott** (1981, *p.* 37).

1. Sordunen-Bas auff beyden Seiten. CC. 2. Doppel-Fagott bis ins GG. 3. Offen Chorist-Fagott C. 4. Gedackt Chorist-Fagott C. 5. ... Korthol, ... Tenor zum Chorist-Fagott. ... 6. Alt. ... 7. Discant oder Exilent zum Chorist-Fagott. 8. Stimmwerck Racketten. 9. Gross Racket: so tieff als der gar Gross Baß-Pombard, CC. ... Fuß Thon.

N.B. ... 1. 2. 3. 4. 5. ...

XI **TROMBETA HOLANDESA.** Impressa na **Nieuwe en Onbekende Weereld,** de ARNOLDUS MONTANUS (1671, na prancha entre as *pp. 466-467*). Reproduzimos apenas o detalhe com o trombeteiro.



XII **TROMBETAS HOLANDESAS.** Impressa na **Histoire de la vie & actes memorables de Frederic Henry de Nassau,** de IZAAK COMMELYN (1656, na *prancha* entre as *pp. 132-133*). Reproduzimos apenas o detalhe com os trombeteiros.



XIII **TROMBETA.** Impressa no **Gabinetto Armonico**, de FILIPPO BONANNI (1723).



XIV **CLARINS.** Impressa no **Musica getutscht...**, de SEBASTIAN VIRDUNG (Basel, 1511) e reproduzida por EDWARD TARR em **Die Trompete** (1984, *p.* 51).

Claretta





XV **CORNETA.** Impressa no **Gabinetto Armonico,** de FILIPPO BONANNI (1723).



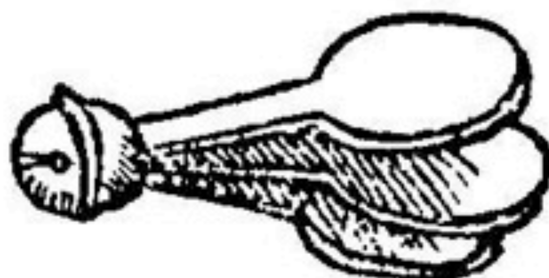
XVI **BÚZIO.** Impressa no **Gabinetto Armonico,** de FILIPPO BONANNI (1723).



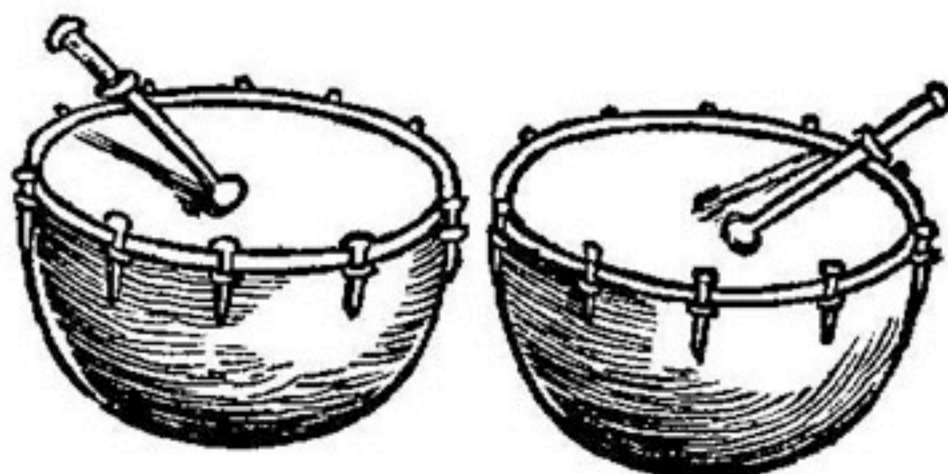
XVII **PANDEIRO E CASCAVEL.** Impressa no **Harmonie Universelle...**, de MARIN MERSENNE (1636) e reproduzida por FRIEDRICH JAKOB em **Schlagzeug** (1979, *p.* 87).



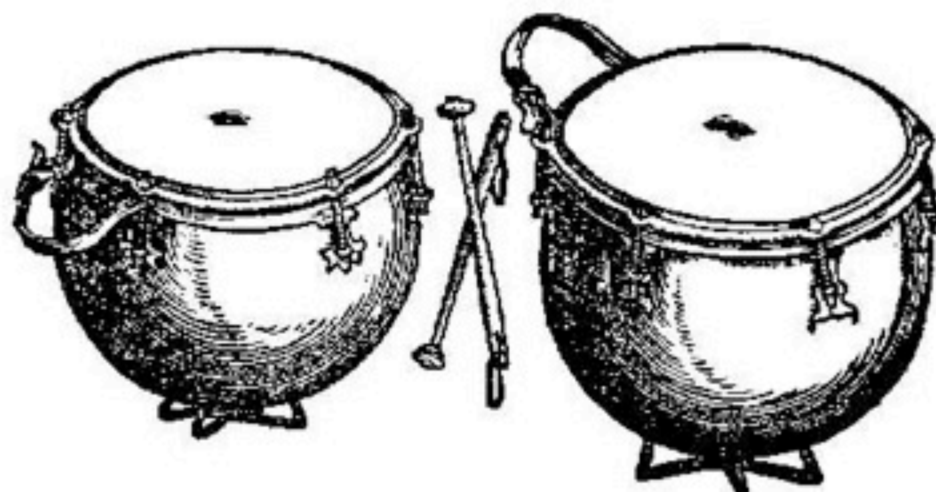




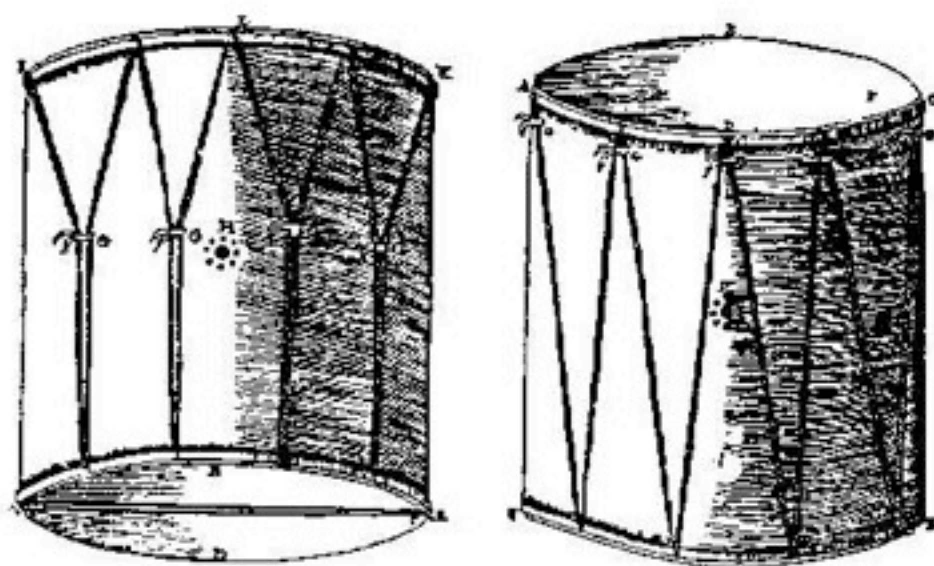
XVIII **ATABALES.** Impressa no **Musica getutscht...**, de SEBASTIAN VIRDUNG (Basel, 1511) e reproduzidca por FRIEDRICH JAKOB em **Schlagzeug** (1979, *p. 16*).



XIX **ATABALES.** Impressa no **Syntagma Musicum...**, de MICHAEL PRAETORIUS (1619) e reproduzida por FRIEDRICH JAKOB em **Schlagzeug** (1979, *p. 17*).



XX **TAMBORES.** Impressa no **Harmonie Universelle...**, de MARIN MERSENE (1636) e reproduzida por FRIEDRICH JAKOB em **Schlagzeug** (1979, *p. 25*).



XXI **CAIXA E TAMBOR HOLANDESES.** Impressa na **Nieuwe en Onbekende Weereld** de ARNOLDUS MONTANUS (1671, *p. 467*). A cena representa o assalto holandês e Alagoas do Sul.



XXII **INSTRUMENTOS AFRICANOS.** Impressa na **De Gedenkwaardige Voyagie,** de ANDRIES MATTEL (1706, prancha entre as *pp. 22-23*).



XXIII **TAMBOR AFRICANO.** Impressa no **Gabinetto Armonico**, de FILIPPO BONANNI (1723).



XXIV **INSTRUMENTO AFRICANO.** Impressa no **Gabinetto Armonico**, de FILIPPO BONANNI (1723).



XXV **INSTRUMENTO AFRICANO.** Impressa no **Gabinetto Armonico,** de FILIPPO BONANNI (1723).



XXVI **INSTRUMENTO AFRICANO.** Impressa no **Gabinetto Armonico,** de FILIPPO BONANNI (1723).



XXVII **INSTRUMENTO AFRICANO.** Impressa no **Gabinetto Armonico,** de FILIPPO BONANNI (1723).



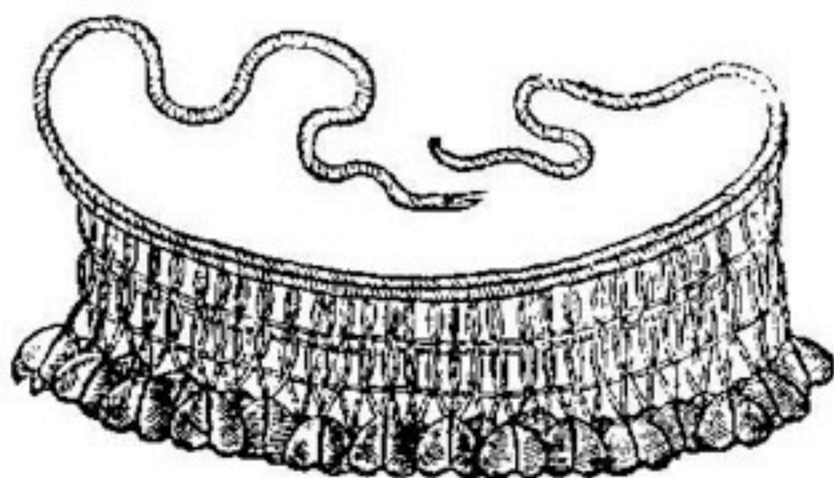
XXVIII **INSTRUMENTO AFRICANO.** Impressa no **Gabinetto Armonico,** de FILIPPO BONANNI (1723).

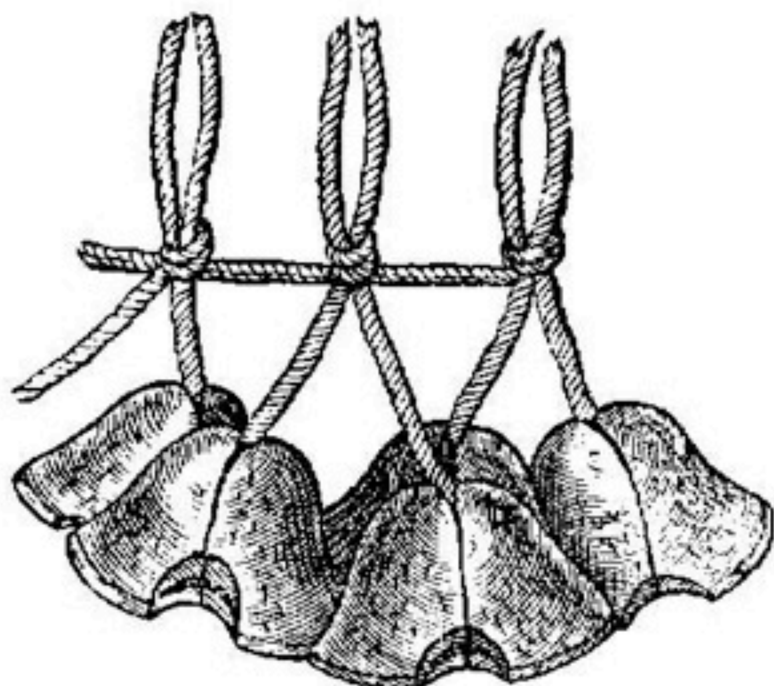


XXIX **INSTRUMENTO AFRICANO.** Impressa no **Gabinetto Armonico,** de FILIPPO BONANNI (1723).



XXX **AGUAÍ.** Impressa na **Histoire dv Nouveau Monde,** de JOHANNES DE LAET (1640, *p. 497*).

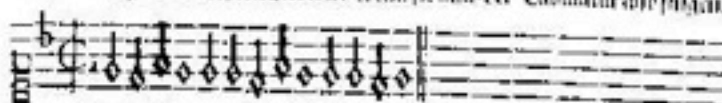




XXXI **AGUAÍ.** Impressa no **Gabinetto Armonico,** de FILIPPO BONANNI (1723).


CXXV Donna Brasiliana in ballo

XXXII **CANINDÉ IUNE.** Melodia recolhida em 1557 por JEAN DE LÉRY e impressa na edição de DIEDERICH BRY da **Schiffart in Brasilien in America** (1593, *p. 162*).



Ca ni de Iou ue Ca ni de Iou ue, he ra ou ech.

XXXIII **PIRA-UASSU.** Melodia recolhida em 1557 por JEAN DE LÉRY e impressa na edição de DIEDERICH BRY da **Schiffart in Brasilien in America** (1593, p. 168).

166 Historia der Innwohner America/

schrecken/ Wenn einer dahin gehet/ so kreucht einer hie der ander dahinauß/ sie kriechen in stümpff der Bäume/ vnd vmb die Wurtzelen/ daraus mag man sie ohn schaden nicht leichtlich bringen kan/ denn sie pfetzen einem die Hände vnd Finger vbel. Sie sind viel magerer als die im Meer/ doch weil sie riechen wie Wacholder wurtzelen/ so geben sie ein gut gefreß.

XII. Capitel

Argument.

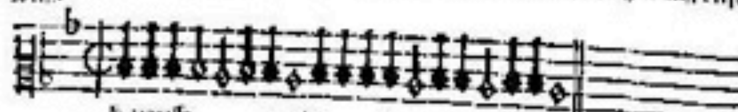
Von etlichen Fischen/ die in America die gemeinesten sind/ vnd wie die Wilden zu fischen pflegen.

Damit ich ein ding nicht zum offtermal widerhole/ welches ich denn gern vmbgehen wolt/ so viel mir möglich were/ so weil ich den günstigen Leser auff das dritte/ vierdte/ fünffte/ vnd siebende Capitel dieses Buchs/ vnd denn auch sonsten hin vnd wider an die andere örter/ da von den Walfischen/ Meerwundern/ fliegenden Fischen/ vnnd von anderen vielen geschlechten der Fischen gehandlet worden/ gewiesen haben. In diesem Capitel wil ich allein die beschreiben/ die bey den Brasilianern die gemeinesten sind/ vnd deren biß daher noch nicht ist gedacht worden.

I. Pira Fisch II. [illegible] Erstlich nennen die Wilden alle Fisch in genere Pira.

Sie haben zweyerley art Barben/ Kurema vnd Parati/ die schmecken gesotten vnd gebraten gar gut. Weil nun die Barben hauffen weiß streichen (welches man vnlangs in dem Wasser Ligeri, vnd auch in anderen hat wargenommen) so schiessen die Wilden mit Pfeilen nach jhnen/ vnd sind so gewiß/ daß sie bißweilen zween oder drey in einem schuß treffen/ denn schwimmen sie jhnen nach vnnd holen sie herauß/ denn die geschossene bleiben ob dem Wasser. Dieser Fische Fleisch ist gar mürb/ darumb wenn sie deren viel fangen/ legen sie die vmb das Boucan, vnnd dörren sie/ darnach werden sie zerrieben/ vnnd geben das beste Mehl.

III. [illegible] Camouroupouy-ouassou, ist ein grosser Fisch gar gut zu essen (denn ouassou heist in der Wilden Sprach/ groß/ oder man spricht oassum, nach dem der vnderscheid mit dem Accent darin gemacht wirt/ dieses Fischs gedencken auch die Wilden offt in jhren Liedern vnnd Abendtreihen/ Denn sie singen auff diese weiß.

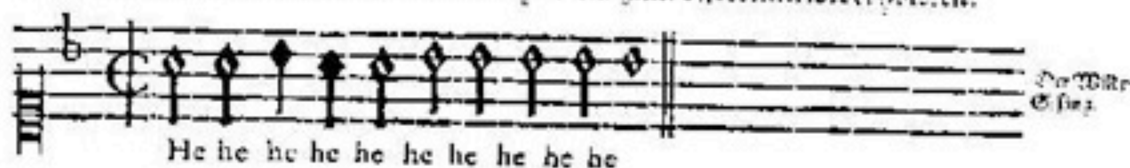


[illegible] Sie haben auch andere zwo art grosser Fisch/ Ouara vnd Acara ouassu, denen weren nicht fast vngleich/ so sind sie besser/ vnd ich dorff sagen/ daß Ouara so gut were/ als ein Forelle bey vns.

Acarapet

XXXIV **MELODIA TUPINAMBÁ.** Recolhida por JEAN DE LÉRY em 1557 e impressa na edição de DIEDERICH BRY da **Schiffart in Brasilien in America** (1593, *p. 219*).

gemummel mit halber Stim̄/ welches auß der hütten kam/ darinn die Männer waren/ vnd fast dreissig Klafftern von vns abwar/ Die Weiber deren vn zefehr lich auff zwey hundert waren/ spitzten die Ohren/ vnd stellten sich alle zusammen auff einen Hauffen. Als nun die Männer ihre Stim̄ je mehr erhuben/ daß man die Wort bescheidenlich vernemmen möchte/ In dem sie das gebräuchlich Wörtlein/ damit sie sich vndereinander ermahneten/ zum offtermal widerholeten:

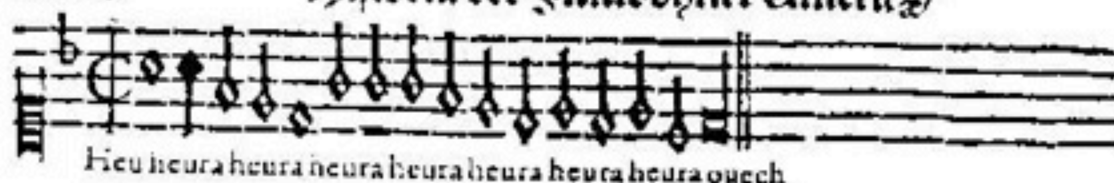


He he he he he he he he he he
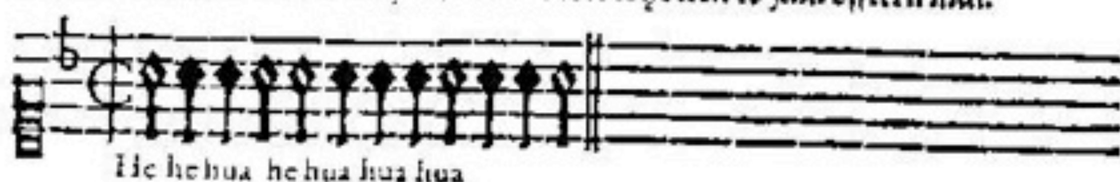
Da hörten wir die Weiber eben dasselbige Wörtlein darauff so baldt mit zitterender Stimme repetirn, vnd nachsingen/ he he he, &c. Sie erhuben die Stimme mit so grosser Stärcke/ vnd zwar ein gantze viertel Stunde/ daß wir andern vns darüber verwundern musten. Sie heuleten nicht allein vber die massen grewlich/ sondern sprangē darzu auch mit gewalt auff/ zerschüttelten die Brüste/ hatten einen Schaum vor dem Maul/ vñ etliche fielen auff den Boden/ nicht anderß als wenn sie die grosse Kranckheiten hetten. Darumb ich gäntzlich glaubte/ der Teuffel sey damals gar in sie gefahren/ vnd seyen so bald besessen worden. Nach dem ich nun gelesen hab was Bodinus in seinē Buch de Dæmonomania

XXXV **MELODIAS TUPINAMBÁS.** Recolhidas por JEAN DE LÉRY em 1557 e impressas na edição de DIEDERICH BRY da **Schiffart in Brasilien in America** (1593, p. *222*).

222 Historia der Innwohner America/



Wenn sie diesen Gesang zum ende brachten/ tratten sie härter auff die Erden als sonsten vnd speuzet ein jeder darzu/ denn fiengen sie alle zusam̃en an mit grober rauwer Stimm dieses Liedlein/ widerholten es zum offtern mal.



Weil ich nun damals jhre Sprach nicht aller ding verstunde/ kundt ich damals viel dings nicht verstehen/ was sie redeten/ darum̃ bate ich den Dolmetsch/ daß er mirs verteutschen wolte/ der zeiget mir an/ daß sie erstlich hatten jre Voraltern/ welche verschieden waren/ vnd dapffere Helden gewesen/ beweinet/ Doch

7.2 EXEMPLOS MUSICAIS

ÍNDICE

I — EXEMPLOS INDÍGENAS

EXEMPLO I-A

[CINCO MELODIAS TUPINAMBAS]

PESQUISA: LUIZ HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO.
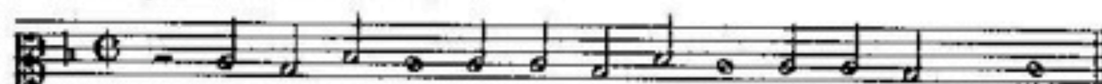
ESTUDO: PAULO CASTAGNA.

CÓPIA: CLÓVIS DE ANDRÉ.
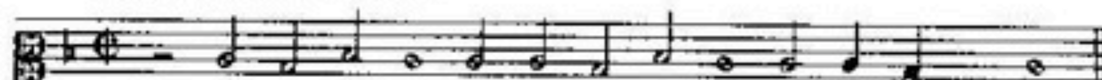
RECOLHIDAS POR
JEAN DE LÉRY
[1557]

MELODIA 1
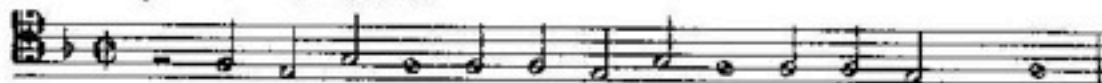
EDIÇÃO FRANCESA (1585)
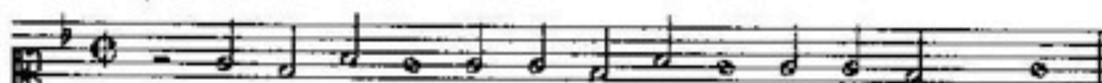


EDIÇÃO FRANCESA (1600)
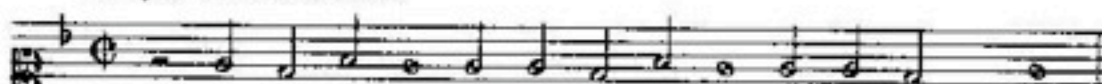


EDIÇÃO FRANCESA (1611)
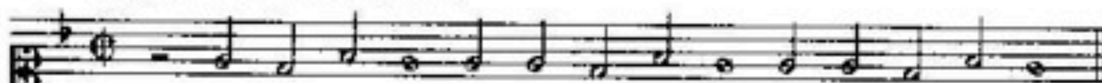


EDIÇÃO LATINA (1586)
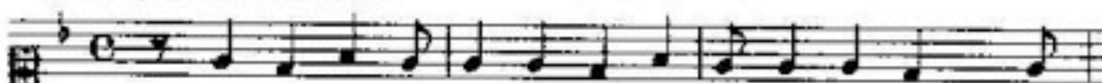


EDIÇÃO LATINA (1594)



EDIÇÃO BRASILEIRA (1889)



EDIÇÃO ALEMÃ (1794)



I-A . JEAN DE LÉRY afirma ter recolhido estas cinco melodias entre os tupinambas da França Antártica (atual baía de Guanabara), em 1557. Apesar de existirem dúvidas quanto à veracidade de sua viagem, não foi encontrado nenhum documento em que o autor calvinista pudesse ter se baseado. LÉRY morreu em 1611 e as edições de seu livro saídas em Genebra até essa data contém versões tão diferentes das melodias, a ponto de dificultar o seu estudo musicológico. Nas edições posteriores, as melodias continuam a ser alteradas aparecendo, inclusive, em livros e artigos sobre a música no Brasil, com as deturpações possíveis e imagináveis. LUIZ HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO (*Tupynambá Melodies in Jean De Léry's Histoire d'un Voyage Fait en la Terre du Brésil*, **Papers of the American Musicological Society**, Annual Meeting, 1941, Richmond, The William Byrd Press, 1946, pp. 85-66) transcreveu as melodias de cinco edições feitas até 1611 e de

MELODIA 2

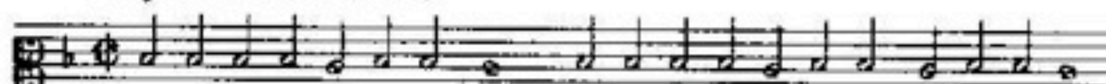
EDIÇÃO FRANCESA (1585)



EDIÇÃO FRANCESA (1600)



EDIÇÃO FRANCESA (1611)



EDIÇÃO LATINA (1586)



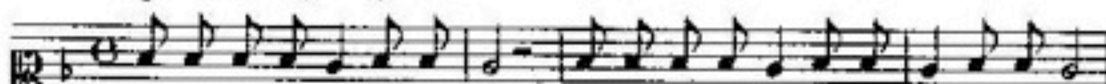
EDIÇÃO LATINA (1594)



EDIÇÃO BRASILEIRA (1889)
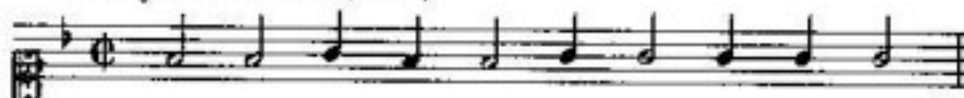


EDIÇÃO ALEMÃ (1794)



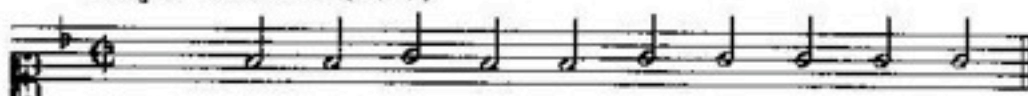
duas edições posteriores, descrevendo as fontes e comentando as diferenças. AZEVEDO substituiu as claves, pausas e notas quadradas pelos símbolos atuais, o que mantivemos aqui. As duas primeiras edições do livro de LÉRY não contêm nenhum exemplo musical: **Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, autrement dite Amerique...** ([Geneve], Antoine Chuppin, 1578); **idem** (Geneve, Antoine Chuppin, 1580). As cinco edições feitas ainda em vida do autor, das quais AZEVEDO extraiu as melodias, são as seguintes: **idem** ([Geneve], Antoine Chuppin, 1585); **idem** ([Geneve], heritiers d'Eustache Vignon, 1600); **idem** (Geneve, Jean Vignon, 1611); **Historia navigationis in Brasiliam, quae et America dicitur** ([Genevae], Eustachium Vignon, 1586); **idem** (Genevae, heredes Eustachii Vignon, 1594). Este musicólogo também transcreveu as melodias de uma edição alemã (**Des Herrn Johann von Lery Reise in Brasilien...**, Munster, Platzcetischen Buchhandlung, 1794) e da primeira publicação brasileira que as reproduziu (EDUARDO DA SILVA PRADO – **Le Brésil en 1887**, publicado sob a direção de F. J. de Sant'Anna Nery para a Exposition Universelle, Paris, 1889, p. 519). Uma importante edição do final do século XVI, a **Navigationis in Brasiliam...**, preparada por THEODORE DE BRY ([Franckfurt], Theodori de Bry, 1592), não foi estudada por AZEVEDO em seu artigo, que traz o seguinte comentário: « The purpose of the editor was most probably to make more pleasing to European ears the rude and asymmetrical songs of the Indians of Brazil. To do this he modified the value of some notes or added a few notes to alter the plainchant that would have been

MELODIA 3

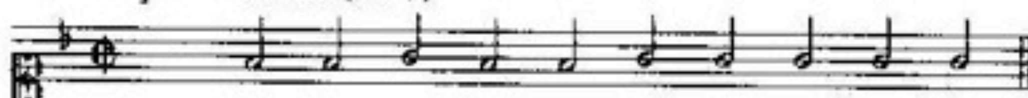
EDIÇÃO FRANCESA (1585)



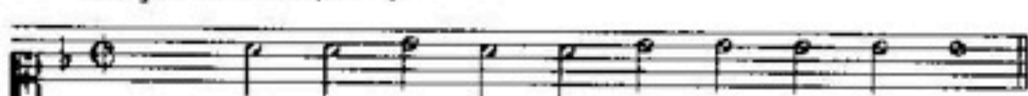
EDIÇÃO FRANCESA (1600)



EDIÇÃO FRANCESA (1611)



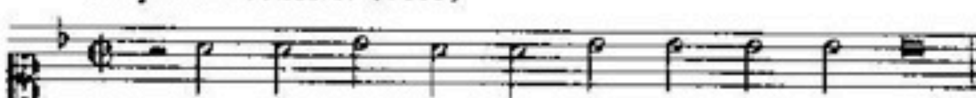
EDIÇÃO LATINA (1586)
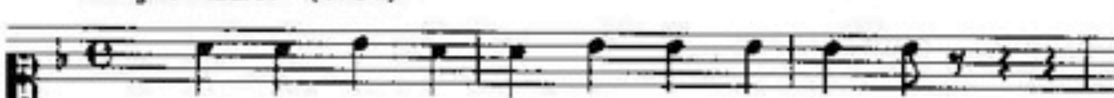


EDIÇÃO LATINA (1594)



EDIÇÃO BRASILEIRA (1889)



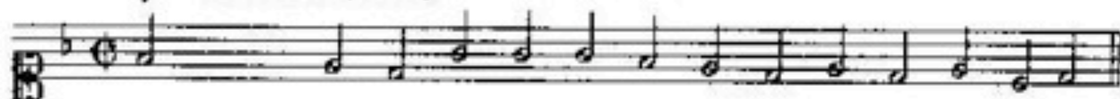
EDIÇÃO ALEMÃ (1794)



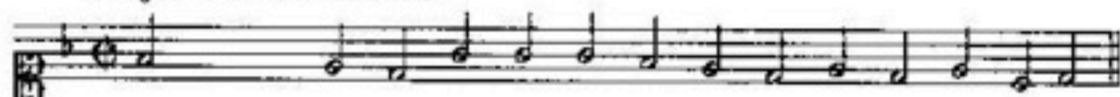
incompatible with the anti-Gothic spirit of the century. But it is very evident that, of all the editions of Léry, this is the only one that was checked by a musician and the only one that has all clefs and accidentals properly placed. It is also the best composed and most beautiful printed of all the editions ». Reproduzimos, porém, nas gravuras XXXII-XXXV os exemplos musicais da edição de 1593, feita por DE BRY. Nem todas as edições francesas e brasileiras do livro de LÉRY, saídas a partir de 1889 trazem as melodias tupinambás, como informa AZEVEDO na p. 67 do seu trabalho. Contudo, aparecem em quase duas dezenas de artigos e livros sobre a música no Brasil e algumas chegaram a ser utilizadas como temas de composições brasileiras, das quais destacamos as principais: HEITOR VILLA-LOBOS – **Três poemas indígenas** (1926, primeira parte, 'Canide Ioune-Sabath'), com versões posteriores; HEKEL TAVARES – **Anhanguera**; poema sinfônico op. 11, nº 7 (1954, primeiro movimento, 'Canide Ioune'); SERGIO VASCONCELOS CORRÊA – **Moakaretá**; suite para quarteto de flautas doces (1974, último movimento). Existem bons estudos musicológicos dessas melodias, além do trabalho de LUIZ HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO, cuja consulta é fundamental para o seu estudo: **Introdução ao estudo da música indígena brasileira**, de HELZA CAMÊU (Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais, 1977, música tupinambá, pp. 83-101); *German and French Visitors*, de MANUEL VEIGA (Art, v. 14, 1985, pp. 32-90). A seguir, transcrevemos os comentários de JEAN DE LÉRY sobre as melodias tupinambás (utilizando a edição de

MELODIA 4
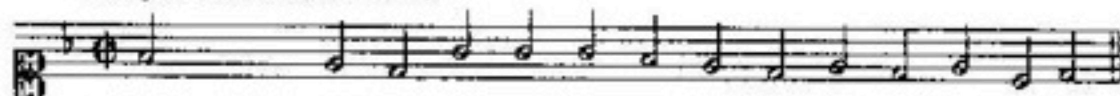
EDIÇÃO FRANCESA (1585)



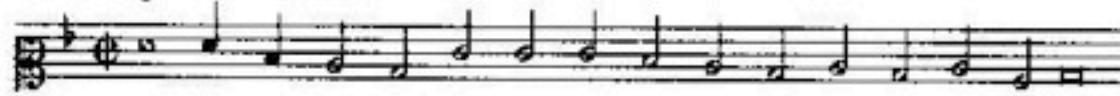
EDIÇÃO FRANCESA (1600)



EDIÇÃO FRANCESA (1611)
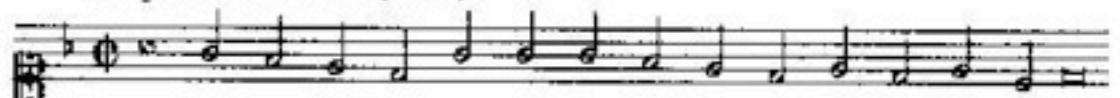


EDIÇÃO LATINA (1586)
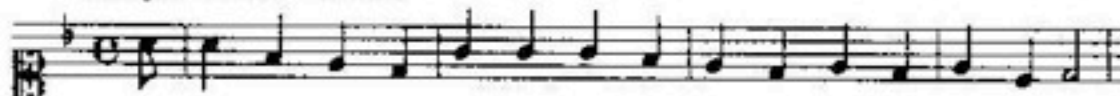


EDIÇÃO LATINA (1594)



EDIÇÃO BRASILEIRA (1889)



EDIÇÃO ALEMÃ (1794)



1600] e algumas anotações de PLÍNIO AYROSA, da edição brasileira de 1980 [**Viagem à terra do Brasil**; tradução de Sérgio Milliet. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP]. **MELODIA 1.** Após descrever um pássaro de nome canindé, LÉRY informa (p. 173) que « Les Sauuages en leurs chansons, font communément mention de ce dernier, disans & repetans souuent selon ceste musique: Canidè iouue, canidè iouue heuraoueh ». PLÍNIO AYROSA (pp. 149-150 da ed. de 1980), que sugere a grafia « Canindé jub, canindé jub, eyra oaê », ou « canindé-iune, canindé-iune meyrã-ueh », traduz a letra por « canindé amarelo, canindé amarelo, tal qual o mel ». **MELODIA 2.** LÉRY (p. 188) deixou este comentário, ao descrever o peixe camurupin [Megalopes thrissoides]: « CAMOVROVPOVROY ASSOV, est vn biē grand poisson (car aussi Ouassou en langue Bresilienne veut dire grand ou gros, selon l'accent qu'on lui dōne) duquel nos **Toououpinambaoults** dansans & chantans, font ordinairement mention, disans, & repetās souuent ceste chanterie: Pirauassou aoueh, Camouroupouy ouassou aoueh ». PLÍNIO AYROSA (p. 161 da ed. de 1980) escreve « pirá-uaessú a oêh, camurupui-uassu », traduzindo por « Peixe grande, estou com fome! Camurupin, estou com fome ». **MELODIA 3.** LÉRY informa (pp. 306-307) que esta melodia era cantada pelos índios da aldeia durante as cerimônias presididas pelos caraíbas, seus feiticeiros errantes: « Mais apres que les hommes peu à peu eurent esleué leurs voix, & que fort distinctement nous les entendismes chanter tous ensemble, & repeter souuent ceste interiection d'accouragement, **He he he he he he he he he he**

MELODIA 5

EDIÇÃO FRANCESA (1585)

EDIÇÃO FRANCESA (1600)

EDIÇÃO FRANCESA (1611)

EDIÇÃO LATINA (1586)

EDIÇÃO LATINA (1594)

EDIÇÃO BRASILEIRA (1889)

EDIÇÃO ALEMÃ (1794)

nous summes tous esbahis que les fêmes de leur costé leur respondans & auec vne voix tremblante, reiterans ceste mesme interiection, **He, he, he, he,** se prindrent à crier de telle façon, l'espace de plus d'vn quart d'heure, que nous les regardions ne sauions quelle contenance tenir ». **MELODIA 4.** LÉRY (pp. 314-315) também encontrou esta melodia entre os rituais dos caraíbas: « Or ces ceremonies ayans ainsi duré pres de deux heures, ces cinq ou six cens hommes Sauuages ne cessans tousiours de danser & chanter, il y eut vne telle melodie qu'attendu qu'ils ne sauent que c'est de l'art de Musique, ceux qui ne les ont ouis ne croiroyent iamais qu'ils s'accordassent si bien. Et de faict, au lieu que du commencement de ce sabbath (estant comme i'ai dit en la maison des femmes) i'auois en quelque crainte, i'eu lors en recompense vne telle ioye, que non seulement oyant les accords si bien mesurez d'vne telle multitude, & sur tout pour la cadence & refrain de la balade, à chacun couplet tous en traisnans leurs voix, disans en ceste, forte: **Heu heura heura heura heura heura heura heura ouech** ». PLÍNIO AYROSA (p. 215 da ed. de 1980) escreve « Hê, he ayre, heyrá, heyrayre, heyra, heyre, uêh ». **MELODIA 5.** LÉRY (p. 314) coloca este exemplo logo após a melodia 4, situando-a na mesma cerimônia dos caraíbas: « Quand ils voulurent finir, frappans du pied droit contre terre, plus fort qu'auparauant, apres que chacun eut craché deuant soi, tous vnanimement, d'vne voix rauque, prononcerent deux ou trois fois c'vn tel chant, & ainsi cesserent ». PLÍNIO AYROSA (p. 215 da ed. de 1980) escreve essa letra « Hê, hyá, hyá, hyá ».

EXEMPLO I-B

[QUATRO MELODIAS INDÍGENAS]

PESQUISA: MANUEL VEIGA.

REVISÃO E ESTUDO: PAULO CASTAGNA.

CÓPIA: CLÓVIS DE ANDRÉ.

HARMONIZAÇÃO
GABRIEL SAGARD THEODAT
(entre 1623 e 1632)

SVPERIVS — Haloet ho ho | Ha-lo-et ho ho

CONTRA — Haloet ho ho | Ha-lo-et ho ho

TENOR — Haloet ho ho | Ha-lo-et ho ho

BASSVS — Haloet ho ho | Ha-lo-et ho ho

hé hé ha ha ha-lou-et ho ho hé.

hé hé ha ha ha-lou-et ho ho hé.

hé hé ha ha ha-lou-et ho ho hé.

hé hé ha ha ha-lou-et ho ho hé.

1-3 . MANUEL VEIGA, no trabalho Marcos aculturativos da etnomusicologia brasileira (Art, nº 5, 1982, pp. 9-50) estudou criteriosamente essas harmonizações de GABRIEL SAGARD THEODAT, publicadas inicialmente em *Le Grand Voyage dv Pays des Hurons*, de 1632. VEIGA, que datou o trabalho musical entre 1623 e 1632, consultou uma edição de 1939 (*The Long Journey to the Country of the Hurons*, Toronto, The Champlain Society), mas localizamos, na Biblioteca

E - gri - na hau e - gri - na hé hé hu
E - gri - na hau e - gri - na hé hé hu
E - gri - na hau e - gri - na hé hé hu
E - gri - na hau e - gri - na hé hé hu

hu ho ho ho e - gri - na hau hau hau.
hu ho ho ho e - gri - na hau hau hau.
hu ho ho ho e - gri - na hau hau hau.
hu ho ho ho e - gri - na hau hau hau.

Nacional do Rio de Janeiro uma de 1866, com o título *Histoire du Canada et Voyages que les Frères Mineurs Recollects y ont faicts pour la conversion des infidèles depuis l'an 1615* (Paris, Librairie Tross, 4 v.), baseada na edição de 1636 (*Histoire du Canada*, Paris, Claude Sonnius). No v. IV dessa edição encontramos, em seção não paginada ao final do livro, as quatro partes vocais precedidas pelo título « *Musique* pour l'Histoire du Canada ». SAGARD harmoniza três melodias indígenas canadenses e, provavelmente para uma comparação etnomusicológica, a quarta melodia tupinambá que aparece na *Histoire d'un Voyage fait en la Terre du Bresil*, de JEAN DE LERY ([Genève], Antoine Chuppin, 1585, cap. XVI, p. 285), « cadence & refrain de la balade » do ritual dos feiticeiros (pagés), que o autor afirma ter presenciado na França Antártica (atual baía da Guanabara), em 1557. As melodias, apresentadas em forma coral, provavelmente para serem melhor apreciadas pelo leitor europeu, servem como ilustrações para o texto de SAGARD, do qual transcrevemos a parte que interessa ao Brasil (ed. de 1866, v. II, cap. XVI, p. 312): « Les Brasiliens en leurs sabats, font aussi de

Tameia

Tameia

Tameia

Tameia

Ta - me - ia al - - le-lu -

Ta - me - ia al - - le-lu -

Ta - me - ia al - - le-lu -

Ta - me - ia al - - le-lu -

- ya, ta- me - ia à dou ve - ni, hau hau hé hé.

- ya, ta- me - ia à dou ve - ni, hau hau hé hé.

- ya, (♮) ta- me - ia à dou ve - ni, hau hau hé hé.

- ya, ta- me - ia à dou ve - ni, hau hau hé hé.

bon accords, comme **Hé, hé, hé, hé, hé, hé, hé, he, hé, hé.** Avec cette notte: **Fa, fa, sol, fa, fa, sol, sol, sol, sol, sol.** Et cela faict s'escryoient d'une façon, & hurlement espouuentable, l'espace d'un quart d'heure, & sautroient en l'air auec violence, iusques à en escumer par la bouche, puis recommencerent la musique, disans: **Heu, heúraüre, heúra, heúraüre, heúra, heúra, ouek.** La notte est: **Fa, mi, re, sol, sol, sol, fa, mi, re, mi, re, mi, ut, re** ». MANUEL VEIGA (op. cit., pp. 41-42) estampou em facsimile das partes vocais, deixando os seguintes comentários sobre o conjunto (p. 31): « As harmonizações a quatro partes de Sagard faltam qualquer feição sugerindo procedência não européia. Na verdade, os textos em línguas indígenas são dispostos em estilo estritamente cordal (estilo familiar). Prévias ao final da primeira e da quarta seção, há duas notas de passagens e uma **echapée**. Esta última disfarça quintas paralelas entre o Superius e o Tenor. Exceto por notas de passagens dissonantes não acentuadas quase despercebidas Sagard limita-se a consonância apenas. As posições fundamentais computam 87,3 % do número total de acordes; as inversões

He – ü ha – ü – raü – re Heü – ra heü – ra –

He – ü ha – ü – raü – re Heü – ra heü – ra –

He – ü ha – ü – raü – re Heü – ra heü – ra –

He – ü ha – ü – raü – re Heü – ra heü – ra –

– ü – re heü – ra heü – ra ou – – eb.

– ü – re heü – ra heü – ra ou – – eb.

– ü – re heü – ra heü – ra ou – – eb.

– ü – re heü – ra heü – ra ou – – eb.

interferem apenas duas ou três vezes em cada seção. Sagard não cruza vozes exceto na terceira seção, entre Tenor e Contra. Ele pode ter escrito o cruzamento para produzir uma condução de vozes mais uniforme. Confia as melodias ameríndias ao Superius. Era sua intenção fazer das quatro melodias uma única e consecutiva peça, ou peças separadas? Provavelmente não a última hipótese, desde que a mais longa das quatro seções estende-se a não mais que uma sucessão de vinte acordes. Ouvidos tonais de um período posterior podem achar que a cadência final da quarta seção produz uma conclusão algo insatisfatória. Em uma execução atual, as duas ou três primeiras seções podem por conseguinte ser tratadas vantajosamente como da capo *. Há uma transcrição em notação moderna da quarta seção, por RÉGIS DUPRAT, incluída na p. 14 do Livro **Modinha: Raízes da Música do Povo** (São Paulo, Empresas Dow, 1985). PLÍNIO AYROSA, na **Viagem à terra do Brasil**, de JEAN DE LÉRY (Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980, p. 215), utiliza a grafia moderna da letra tupi: « hê, he, ayre, heyrá, heyrayre, heyra, heyre, uêh ».

EXEMPLO I-C

[TRÊS MELODIAS TUPINAMBAS]

PESQUISA: JEAN-JACQUES ROUSSEAU.

ESTUDO: PAULO CASTAGNA.

CÓPIA: CLÓVIS DE ANDRE.

RECOLHIDAS POR
JEAN DE LÉRY
(1557)

Ca - ni - de jou - ve ca - ni - de jou -

- re He ___ he he he ___ he neu - - -

- ra heu - ra on-ce bé.

1-C . JEAN-JACQUES ROUSSEAU, no **Dictionnaire de musique** (Paris, Veuve Duchesne, 1768, 13ª "Planche" [N], após a p. 547) estampa uma melodia intitulada « Chanson des Sauvages du Canada ». Trata-se de uma combinação das melodias 1, 3 e 4, que JEAN DE LÉRY anexou à sua **Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil**, e que transcrevemos no exemplo musical 1-A. A Origem da confusão pode estar no fato de GABRIEL SAGARD THEODAT ter publicado, no ***Le grand voyage du Pays des Hurons***, de 1632, uma harmonização de quatro melodias indígenas, três delas recolhidas entre os souriquois canadenses e a última entre os tupinambás brasileiros (é a melodia 4 do livro de LÉRY). Deve ter existido um texto intermediário, onde as informações foram embaralhadas e as melodias fundidas, apesar de não termos dele notícia. FRANÇOIS JOSEPH FÉTIS (**Histoire Générale de la musique**, Paris, Firmin Didot Frères, Fils et Cie., 1869, v. I, p. 14) transcreveu a melodia que ROUSSEAU deixou no *Dictionnaire*, alterando o 2º compasso, mas informando que o autor holandês F. KALEN teria retificado a melodia no livro **Reis door Noord-Amerika** (Utrecht, 1772). Não podemos localizar tal obra para verificar essa alteração.

EXEMPLO I-D

[TRÊS MELODIAS TUPINAMBAS]

PESQUISA: FRANÇOIS JOSEPH FÉTIS.

ESTUDO: PAULO CASTAGNA.
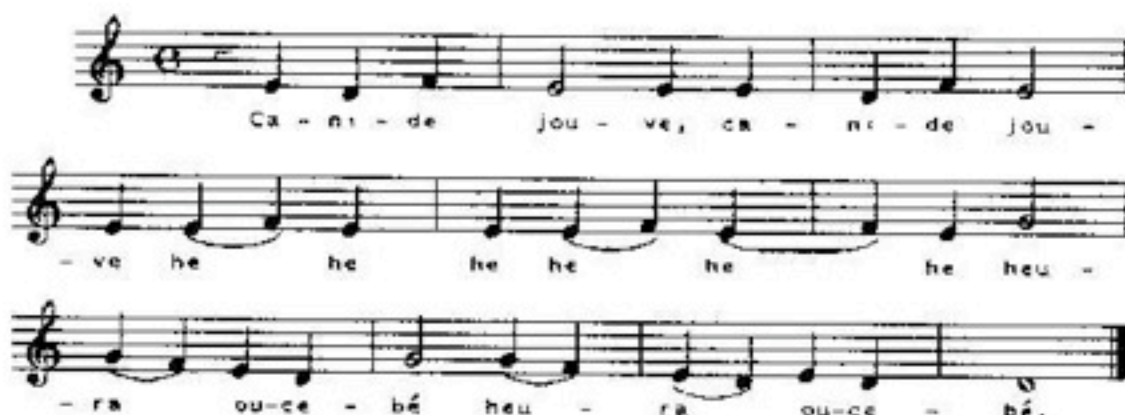
CÓPIA: CLÓVIS DE ANDRÉ.

RECOLHIDAS POR
JEAN DE LÉRY
(1557)

MELODIA a
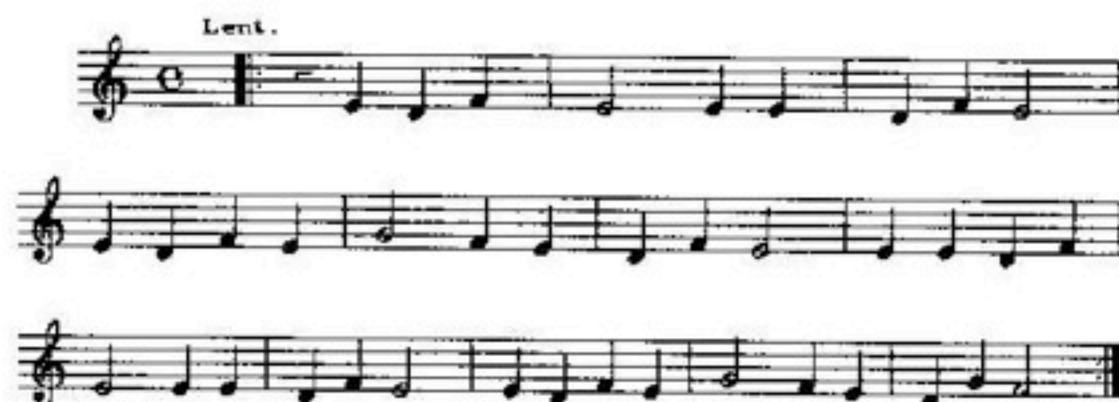


MELODIA b
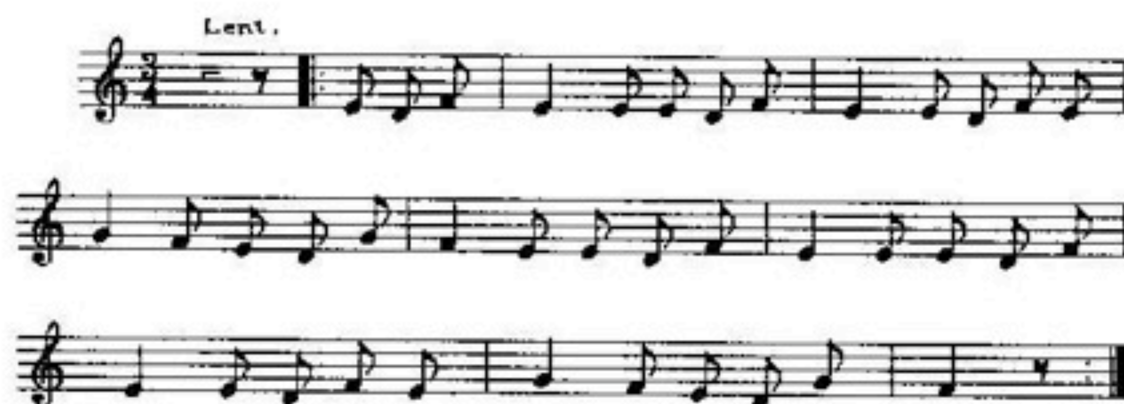


I-D . FRANÇOIS JOSEPH FÉTIS [**Histoire Générale de la musique**, Paris, Firmin Didot Frères, Fils et Cie., 1869, v. I, pp. 13-14] transcreve, entre outros, estes quatro exemplos, todos originários da ***Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil***, de JEAN DE LÉRY, porém, com muitas alterações e informações bastante confusas. **MELODIA a.** FÉTIS a retirou do ***America Tertia Pars*** de THEODORE DE BRY [Franckfurt, 1592], que contém a viagem de LÉRY, comentando-a da seguinte maneira: « Theodore de Bry rapporte, dans la troisième partie de ses Voyages, ce chant des Caraibes, qui se répétait quelquefois pendant une heure ». É a melodia 3 de LÉRY, sensivelmente alterada. **MELODIA b.** FÉTIS extraiu essa melodia do ***Dictionnaire de musique*** de JEAN-JACQUES ROUSSEAU, onde leva o título « Chanson de Sauvages du Canada », informando ter sido mesmo recolhida naquele país, mas alterada por P. KALEN no ***Reis door Noord-Amerika*** (Utrecht, 1772). Não são mais que as melodias 1, 3 e 4 de LÉRY, fundidas em um mesmo exemplo. **MELODIA c.** O autor informa ter consultado o ***Nieuwe reyse door Caracasland***, de ABEMPALE, precedendo a transcrição deste comentário: « Les Caraïbes noirs ont un

MELODIA c



MELODIA d



chant formé de quatre sons déterminés (ou notes), dont le rhythme est bien marqué, mais qui devient d'une monotonie excessive, par sa répétition incessante ». Não há dúvida de que esse ABENHALE utilizou o exemplo de ROUSSEAU sem mencionar a fonte e que acabou passando para a **Histoire** de FÉTIS. **MELODIA d.** Citando a mesma ***Nieuwe reyse*** de ABENHALE, FÉTIS deixou esta informação, logo após a *melodia c*: « Par une singularité qui cache un mystère historique, ce même chant se retrouve dans l'Île d'Owhyhée (Polynésie), où périt le capitaine Cook; mais son caractère de rhythme ternaire est mieux déterminé: il s'y trouve aussi une variante. Voici cette version ». O autor holandês provavelmente forjou as informações e alterou o exemplo de ROUSSEAU, cabendo a FÉTIS a divulgação das versões mais deturpadas que se conhecem dos cantos tupinambás. HELZA CAMÊU (***Introdução ao estudo da música indígena brasileira***, Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais, 1977, pp. 65-101), que estudou todas essas variantes, afirma (p. 100) que na **Histoire de la musique**, de FELIX CLEMENT (1885, p. 4) também há um canto de caraíbas negros, idêntico a esta melodia D.

II — EXEMPLOS ALEMÃES

EXEMPLO II-A

SALMO 130

(De profundis clamavi ad Te Domine)

PESQUISA: HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA.

REVISÃO E ESTUDO: PAULO CASTAGNA.

CÓPIA: CLÓVIS DE ANDRé.

MARTIN LUTER
[1523]

Aus tie- fer Not schrei ich zü dir / Herr Gott er- hör mein
Dein gne- dig ör - en der zü mir / vnd mei- ner bitt sie

rüf - fen /
öf - fen / Denn so der wilt das se - hen an / Was

saub vff vn-recht ist_ ge-thã / Wer kã ner für dir blei - bẽ?

II-A . HANS STADEN, na *Warhaftige Historia* (1557, Erste Büchling, Cap. 20, f. fr) menciona este cântico ao descrever suas aventuras entre os tupinambás da Ilha de Santo Amaro (Bertioga): « ich sieng an mit weynender augen zusingen auß grundt meines hertzen den Psalmen: Auß tieffer not schrei ich zü dir rc », HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA (*Música sacra evangélica no Brasil*, 1961, cap. I, pp. 31-33) identificou e reproduziu a melodia citada pelo viajante alemão, acompanhando-a dos seguintes comentários: « Vindo a cair em poder dos tupinambás, que o cercaram na ocasião em que saíra à procura de um serviçal que fôra caçar, sua grande aflição levou-o a implorar o socorro divino. Orou a Deus e buscou, na recordação de Salmos apropriados, a consolação de que tanto carecia e que lhe foi outorgada. Assim é que, ferido, sangrando e rodeado de selvagens que ameaçavam devorá-lo, HANS STADEN ergueu a voz e entoou o Salmo 130: "Das profundezas a ti clamo, ó Senhor", cuja versão alemã *Aus tiefer Noth schrei ich zu dir*, por ele cantada, fôra preparada e musicada em forma de coral por MARTINHO LUTERO alguns anos antes, em 1523, e publicada no ano seguinte em Wittenberg, na primeira coleção editada pelo Reformador: *Etlich Christlich Lieder Lobgesang und Psalm* (geralmente conhecida como *Achtliederbuch*). Muito estimado por LUTERO, este Salmo, que é o célebre *De profundis*, tinha sido cantado em seu funeral, em 1546, e permanecia um dos corais preferidos nesses primeiros e difíceis tempos da Reforma, quando os seus adeptos encontravam muitas oportunidades de entoá-lo porque se tornara, por excelência, o verdadeiro grito de angústia dos sofredores ». A autora apresenta, em folha separada, entre as pp. 32-33, o facsimile da melodia cuja fonte indica como « *Geystliche Gesangbüchlein*, Mainz, 1525 ». O fragmento musical está precedido pelo texto: « TENOR – Geystliche Gsangbüchlin / Erstlich zü Wittenberg / vnd volgend durch Peter schöffern getruckt im jar M. D. XXV. ». O facsimile vem acompanhado de uma tradução de ISAAC NICOLAU SALUM, de 1955 (pp. 34-35), da qual transcrevemos a primeira estrofe: « De um fundo abismo, ó meu Senhor, | elevo a ti meu braço. | Escuta, atende ao meu clamor: | aqui me tens prostrado! | Ninguém te pode contemplar, nem esquivar-se ao teu olhar, | que sonda e vê o pecado! ».

EXEMPLO II-B

NUN BITTEN WIR

(Sanctum precemur spiritum)

PESQUISA: HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA.

REVISÃO E ESTUDO: PAULO CASTAGNA.

CÓPIA: CLÓVIS DE ANDRÉ.

Hino do séc. XIII
MODIFICADO POR: MARTIN LUTER.
(1523)

1. Nun bit- ten wir den Hei - - li - gen Geist

um den rech- ten Glau - ben al - ler - meist, dass er

uns be - hü - te an un- sere En - de, wann wir heim-fahren

aus die - sem E - len - de. Ky - ri - e - leis.

II-B. HANS STADEN (**Warhaftige Historia**, 1557, Erste Büchling, Cap. 26, f. gijv) informa ter entoado este cântico entre os tupinambás da Ilha de Santo Amaro: « Gott dem ist bekant das ellend so ich hatte / und hub so schreiend an zusingen / den vers. Nun bitten wir den heyligen geyst / vmb den rechten glauben aller meyst / Das er vns behüte an vnseren ende / wann wir heym Jahren auß diesem ellende / Kyrioleys ». HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA (**Música sacra evangélica no Brasil**, 1961, cap. 1, p. 35) identificou o cântico com a melodia nº 99 do **Evangelisches Kirchengesangbuch** (Kassel, 1950), imprimindo seu facsimile, acompanhado dos seguintes comentários: « Após acerba desilusão com respeito a um europeu em quem confiara, dêle esperando que intercedesse favoràvelmente em prol da sua liberdade, voltou-se para Deus e recordou, em alta voz, o versículo que se encontra em **Jeremias** 17:5 - "Maldito o homem que no homem confia" - e, conforme refere na sua obra, entoou o coral **Nun bitten wir den Heiligen Geist** (**Agora pedimos nós o Espírito Santo**), com isso atraindo a atenção dos silvícolas, particularmente propensos à música. Este coral, um dos primeiros que LUTERO preparou para uso eclesiástico, é contemporâneo de **Aus tiefer Noth**, tendo, igualmente, integrado a coleção coralística de 1524. De profunda expressividade, encerra em sua primeira estância um hino tradicional da Idade Média (séc. XIII) burilado pelo Reformador, que lhe acrescentou mais três estrofes de sua própria lavra para completar a invocação ao Espírito Santo nêle contida. Era muito apreciado entre os fiéis luteranos e a sua execução deve ter proporcionado a HANS STADEN, na precária situação em que se encontrava, o desejado confôrto espiritual ». A tradução de GUIOMAR DE CARVALHO FRANCO, na edição de 1974 do livro de STADEN (**Duas viagens ao Brasil**, p. 95) é a seguinte: « Agora pedimos ao Espírito Santo | Pela fé verdadeira, com todas as verdades, | Que nos preserve em nossa morte | Quando deixarmos esta mísera vida | Kirie eleison! ».

III — EXEMPLO FRANCÊS

EXEMPLO III

SALMO 5

(Verba mea auribus percipe)

PESQUISA: HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA.

ESTUDO: PAULO CASTAGNA.

CÓPIA: CLÓVIS DE ANDRÉ.

MÉTRIFICAÇÃO: CLÉMENT MAROT.

MELODIA: LOYS BOURGEOIS (1542).

Aux pa - ro - les que je veux di - re Plai - se -

- toi l'au-reil- le pre - ster, Et à con - oi-stre

t'ar - rec - ter Pour- quoi mon coeur pen - se‿et sou -

- pi - re, Sou - ve - rain Si - re.

III . JEAN DE LERY (*Histoire d'vn voyage fait en la terre dv Bresil*, 1578, cap. VI, p. 65) informa que, estando na França Antártica (atual Baía da Guanabara) numa quarta-feira, 10 de março de 1557, sob o comando de Villegagnon, entoou, com seus companheiros, o salmo 5: « Après cela, avant commandé que tous ses gens s'assemblassent promptement avec nous en vne petite sale, qui estoit au milieu de l'Isle, apres que le Ministre, Richier apres eut invoqué au Dieu, que le Pseaume cinquieme, Aux paroles que ie veux dire &c. fut chanté en l'assemblee lequel Richier prenant pour texte ces versets du Pseaume vingtseptiesme, I'ay demandé vne chose au Seigneur laquelle ie requerrai encores, c'est, que i'habite en la maison du Seigneur tous les iours de ma vie, fit le premier presche au fort de Coligny en l'Amerique ». HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA (*Música sacra evangélica no Brasil*, 1961, cap. II, pp. 41-43) identificou a melodia entoada naquela ocasião, anexando à sua transcrição os seguintes comentários: « O versículo bíblico tomado por tema do sermão então proferido encontra-se em Salmos 27:4 - "**Uma coisa pedi ao Senhor e a buscarei: que possa morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a formosura do Senhor e aprender no seu templo**". Antes, porém, em coro uníssono, os fiéis calvinistas entoaram o **Salmo 5**: "Dá ouvidos às minhas palavras, ó Senhor" (**Aux paroles que je veux dire, plaise-toi l'aureille prester**) tal como fôra preparado para o **Saltério Huguenote**, com metrificação de CLEMENTE MAROT e melodia de LUIS BOURGEOIS, e até hoje se mantém nos hinários franceses

EXEMPLO MUSICAL III — SALMO 5.

com as indispensáveis modificações inerentes à evolução da língua ». Em nota de rodapé (p. 41, nº 46), a autora acrescenta que « CALVINO só admitia o canto congregacional em uníssono. Vide: ALEXANDRE CELLIER. "La valeur musicale des Psaumes de la Reforme française" (*Protestantisme et Musique*, Paris, Éditions "Je Sers", 1950, p. 63); e ISAAC PICCARD. "La Musique dans le Culte Protestant" [ALBERT LAVIGNAC. *Encyclopédie de la Musique et Dictionaire du Conservatoire*. Deuxième partie. Technique, Esthétique, Pédagogie. Paris Libraire Delagrave, 1929. Vol. 4, p. 2429] ». Na p. 42, BRAGA transcreve, de fonte não citada, a melodia do salmo 5 ("Verba mea auribus percipe"), escrita por LOYS BOURGEOIS em 1542, seguido destes comentários: « Por ordem expressa de VILLEGAGNON, passaram a realizar-se preces públicas noturnas após o trabalho cotidiano, devendo os pastôres pregar diàriamente e duas vezes aos domingos. A Santa Ceia segundo o rito evangélico foi pela primeira vez celebrada no Brasil alguns dias depois, no domingo 21 de março de 1557. Em todos êstes cultos entoavam-se Salmos, consoante o uso da Igreja Reformada. ¶ É de notar-se que, nessa época, por iniciativa de CALVINO, já se achavam quase completamente postos em música os cento e cinqüenta Salmos, empreendimento realizado em grande parte por LUÍS BOURGEOIS, Diretor da Música na Igreja de Genebra de 1545 a 1557 e um dos grandes mestres da música francesa no séc. XVI. ¶ Êste realização foi posteriormente completada (1562) por outros colaboradores, entre os quais se destacam CLAUDIO GOUDIMEL que, além disso, trabalhou a coleção completa dos cento e cinqüenta Salmos três vezes — elaborando-os a quatro vozes em contraponto florido, harmonizando-os a quatro partes nota contra nota, e preparando-os sob a forma de moteto — tornando-os um verdadeiro monumento da música sacra francesa ». Às pp. 44-45 do mesmo livro, encontramos a versão de CLAUDE GOUDIMEL, de 1542, extraída de uma edição de 1580. Transcrevemos, da p. 43 do trabalho dessa autora, a primeira das 5 estrofes da tradução de MANOEL DA SILVEIRA PORTO FILHO: « A minha voz, ó Deus, atende. | Pois noite e dia clamo a ti! | Tão frágil sou, tão pobre aqui! | Magoada e só, minha alma arqueja | E te deseja ».

IV — EXEMPLOS HOLANDESES

EXEMPLO IV–A

SALMO 140

(Eripe me, Domine, ab homine malo)

PESQUISA: HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA.

ESTUDO: PAULO CASTAGNA.

CÓPIA: CLÓVIS DE ANDRÉ.

MELODIA:
LOYS BOURGEOIS

1. O Heer, ver - los mij uit de ban - den, Waar - in de
boo - ze mij be - knelt; Be - hoed mij voor des wreedaards
han - den, Voor dwing-lan- dij en woest ge - weld.

IV-A . JOHANNES BAERS, no ***Olinda, Ghelegen int Landt van Brasil*** (Amsterdam, Hendrick Laurentsz, 1630), informa ter sido cantado este salmo a bordo de seu navio, na seguinte passagem (transcrita da edição brasileira, **Olinda conquistada**, 1898, p. 14, tradução de ALFREDO DE CARVALHO): « a 14 de Fevereiro de 1630, chegamos à vista da terra do Brasil, e no mesmo dia começamos a preparar-nos para bem executar o designio e bom plano da Companhia, para cujo fim foram ordenados pelo Senhor General e Conselho Secreto, e observadas á tarde preces geraes em toda a frota. N'esta occasião fiz uma predica sobre o texto do Exodo, Cap. XVII, do vers. 8 a 14, e entoamos, tanto antes como depois, o Psalmo XIV, terminando com uma pia e fervorosa oração a Deus ». HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA (**Música sacra evangélica no Brasil**, 1961, cap. III, p. 50, nota 53): « Trata-se realmente do **Salmo 140**, como teve a autora oportunidade de verificar no original holandês de JOHANNES BAERS (**Ob. cit.**, p. 12), e não do **Salmo 14**, como refere JOÃO FRANCISCO DA ROCHA POMBO (**Historia do Brasil illustrada**. Rio, Benjamin de Aguila Editor, s.d., vol. IV, p. 191, nota 1 ao pé da página) transcrevendo um trecho da tradução portuguesa de Alfredo de Carvalho (**Olinda Conquistada**. Narrativa do Padre JOÃO BAERS, capelão do Cel. THEODORO DE WAERDENBURCH. Recife, Tip. de Laemmert e Cia., Editores, 1898, p. 14), cujo engano se atribui a êrro de revisão. O fato de não se ajustar o texto do **Salmo 14** às circunstâncias em que foi entoado, coisa que normalmente não deve acontecer, induziu a autora à busca do original holandês, para verificação, na Secção de Obras Raras da Biblioteca Nacional, desfazendo-se a dúvida ». A autora imprime, na p. 50, a música deste salmo, composta por LOYS BOURGEOIS (1510-1572), extraída de **Psalmen en Gezangen** (Amsterdam, De Evangelische Gezangen Compagnie N.V., 1928, p. 345), seguindo-a uma tradução de MANOEL DA SILVEIRA PORTO FILHO, na p. 51, da qual transcrevemos a primeira estrofe: « Da força má e da violência que sôbre mim tu vês cair, | teu bom cuidado e providência | oh! faze os laços destruir! ».

EXEMPLO IV-B

WILHELMUS VAN NASSOUWE

PESQUISA: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES.

ESTUDO: PAULO CASTAGNA.

CÓPIA: CLÓVIS DE ANDRÉ.

PHILIPPE DE MARNIX
(Entre 1592 e 1598)

Breed

1. Wil - hel- mus van Nas - sou- we Ben ick van Duyt - schen bloet, Den Va - der- lant ghe trou- we Blijf ick tot in den doot Een
2. Myn schilt en- de be - trov-wen Sijt ghijk, O Godt, mijn Heer! Op U so vül ick bou- ven, Ver-laet-my nim - mer - meer! Dat

IV-B . Existe, na **Gedenkweerdige Brasiliaense Zee- en Lant- Reize**, de JOHAN NIEUHOF (1682, p. 57), uma passagem em que o autor descreve a partida de **Maurício de Nassau** da cidade de Olinda, a 11 de maio de 1644, onde se lê: « Ondertusschen stond de Graef verscheide malen stil, en aenschouwde zijn vermaerde burgh, die hy zelf, zoo heerlijk en vermakelijk had doen opbouwen, en toen daer liet: terwijl zijne trompetters het oud deuntje, Wilhelmus van Nassouwen, lustigh opbliezen ». (na p. 126 da edição brasileira de 1981, **Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil**, com tradução de MOACIR N. VASCONCELOS): « Entretanto, o Conde parou várias vezes e contemplava o seu famoso palácio, que ele próprio mandara construir, belo e agradável e que, então, abandonava; enquanto isso, os seus corneteiros tocavam, contentes, Wilhelmus van Nassau ». JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (nota 261, na p. 126 da edição de 1981)

identifica a peça citada e deixa o seguinte comentário: « Vide anexo nº 1. Aí damos a música e letra da canção popular **Wilhelmus** van Nassau. Foi composta e escrita por Philippe de Marnix, Senhor de Sainte-Aldegonde, que nasceu em Bruxelas, em 1538, e faleceu em 1598. Refugiou-se na Alemanha, quando os protestantes foram perseguidos nos Países-Baixos. Em 1592, voltou novamente para seu país e pelos escritos, por meio da palavra e da espada, colaborou com o Príncipe de Orange. Era insinuante orador. Escreveu "Tableau des differends de la religion", 1598, considerado, por Bayle, notável, pela mescla de erudição e lógica ». RODRIGUES não cita a fonte da qual extraiu o **Wilhelmus**. Na edição de 1942 (São Paulo, Martins), ela vem à p. 385, como « Anexo I », enquanto na de 1981 (Reconquista do Brasil, nova série, v. 35), vem à p. 407. A tradução simples das quatro estrofes desta canção nos foi gentilmente cedida por JAN BERNARD METELENBOS, especialmente para este trabalho: « Guilherme de Nassau | Sou eu, de sangue holandês, | Fiel à minha pátria | Estarei até morrer. ¶ Um príncipe de Orange | Sou eu, livre e sem medo; | O Rei da Espanha | Tenho eu sempre honrado. ¶ Meu escudo, minha confiança | És tu, oh Deus, meu Senhor! | Em ti desejo construir, | Não me abandones jamais! ¶ Que eu possa continuar devoto, | Seu servo a toda hora | E afastar a tirania, | Que fere o meu coração ».

EXEMPLO IV-C

WILT HEDEN NU TREDEN

PESQUISA: HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA.

REVISÃO E ESTUDO: PAULO CASTAGNA.

CÓPIA: CLÓVIS DE ANDRÉ.

Melodia holandesa (séc. XVI)

1. Wilt he - den nu tre - den voor God, den
Hee- re, Hen bo - ven al lo - ven van har - te
neer, en ma - ken groot zijns lie - ven na- mens
ee-re, die daar nu on-sen vij - and slaat ter - neer!

IV-C . HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA [*Música sacra evangélica no Brasil*, 1961, cap. III, pp. 60-61], após estudar com detalhes a música holandesa praticada em Pernambuco no século XVII, aponta esta melodia, apesar de não estar citada em nenhum documento da época sôbre o Brasil, como uma canção que foi provavelmente utilizada no Nordeste. Transcrevemos alguns dos comentários da autora: « Em 1597 fôra composto por ADRIANO VALERIUS na Holanda, que atravessava o difícil período da Guerra dos Oitenta Anos, o coral *Wilt heden nu treden voor God den Heere* para celebrar as muitas vitórias do Príncipe MAURÍCIO (segundo **stathouder** das Províncias Unidas) sôbre a Espanha, libertando do seu jugo tôdas as cidades holandesas à margem direita do Reno. Com profunda alegria cantava o povo flamengo nas igrejas, nos lares e nas ruas êste coral de ação de graças, cujo eco repercutiu nas suas mais longínquas colônias, mesmo naquelas posteriormente estabelecidas, de vez que jamais caiu em desuso. Era o reconhecimento de um povo ao seu Deus. Essa circunstância permite julgar também tenha sido entusiàsticamente cantado em terras brasileiras durante a permanência dos holandeses em Pernambuco (1630-1654) e, particularmente, por ocasião da batalha de Itamaracá, em 1640, cuja vitória dêstes sôbre os portuguêses, comandados pelo Conde da TÔRRE, fêz com que NASSAU determinasse um dia de solenes ações de graças e público regozijo e que mais tarde, na Holanda, fôsse cunhada u'a medalha comemorativa com os seguintes dizeres: **Deus abateu o orgulho do inimigo a 12, 13, 14 e 17 de janeiro de 1640 (Good sloeg's vijands hoogmoed den 12, 13, 14 en 17 january 1640)** ». Logo a seguir, a autora informa: « Brotara tão espontânea, essa composição sacro-patriótica, que, posteriormente, afastado o sentido particular que a fizera surgir, se transformou em um coral de uso eclesiástico atualmente inserto em numerosas coleções de hinos evangélicos em várias línguas ». A melodia, transcrita de ***Psalmen en Gezangen*** (Amsterdam, De Evangelische Gezangen Compagnie N.V., 1928, p. 870), vem seguida, na p. 61, da tradução de ADELINA CERQUEIRA LEITE: « Perante o Senhor o seu povo reunido | louvando-lhe o nome com fiel coração, | proclama-lhe a glória de ter abatido | o rude inimigo, ameaça à nação ».

V — EXEMPLOS IBéRICOS

EXEMPLO V-A

[*MOTETOS DA SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO*]

PESQUISA E REVISÃO: RÉGIS DUPRAT.

NOVA REVISÃO E ESTUDO: PAULO CASTAGNA.

CÓPIA: CLÓVIS DE ANDRÉ.

[ANÔNIMOS (séc. XVII?)]
e
GINÉS DE MORATA (séc. XVI)

Ve-ni - te ve-ni - te___ a-do - re - mus.

Ve-ni - te ve-ni - te___ a-do - re - mus.

Ve-ni - te ve-ni - te a - do - re - mus.

Ve-ni - te ve-ni - te___ a-do - re - mus.

V-A . RÉGIS DUPRAT, no artigo *A polifonia portuguesa em obras de brasileiros* (**Pau-Brasil**, nº 15, 1986, pp. 59-70), apresenta a transcrição e revisão dessas obras (realizadas entre 1984-1985), que encontrou em 1984 na Coleção Curt Lange do Museu da Inconfidência de Ouro Preto, com o título « *Populemeus a Quatro Vozes e* | *Cum descendentibus in* | *Locum* | *Para Sesta feira da Paixaõ* | *Fran.co Gomes da Rocha* ». As peças estão divididas em três conjuntos, a saber: 1) ***Venite adoramus***; ***Popule meus***; ***Sepulto Domino***; 2) ***Cum descendentibus***; 3) ***Signatum est***; ***Locus ejus***; ***Dormiam***; ***Requiescet in spe***. DUPRAT, nesse artigo (reproduzido no livro *A* ***música na história de Minas colonial***, de MARIA DA CONCEIÇÃO REZENDE, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1989, pp. 223-232, mas sem os exemplos musicais) estuda, com enorme riqueza em detalhes, as obras de Ouro Preto, concluindo não serem de autoria de FRANCISCO GOMES DA ROCHA, mas escritas em período anterior ao séc. XVIII. O musicólogo paulista demonstra que o autor do ***Cum descendentibus*** é o compositor espanhol GINÉS DE MORATA (séc. XVI), suspeitando ser este também o autor do ***Sepulto Domino*** do primeiro conjunto. Na p. 75, afirma: « Mais problemáticos são os três pequenos segmentos que se seguem ao segundo ***Sepulto Domino***, ou seja, ***Locus***, ***Dormiam*** e ***Requiescet*** integrando o segundo conjunto com a mesma estrutura de claves e de vozes, tais segmentos não constam, porém, das obras de Ginés de Morata, e suas características se assemelham muito mais ao primeiro conjunto (***Venite***, ***Popule meus*** e ***Sepulto***) do que ao segundo; diria, mesmo, que formam com aquele uma unidade composta no último quartel do século XVII ». Estas peças, que podem ter sido utilizadas em funções religiosas no Brasil em fins do séc. XVII, ilustram a hipótese que o mesmo RÉGIS DUPRAT deixa na p. 75 do seu trabalho: « Os novos elementos aqui trazidos à luz fundamentam documentalmente a hipótese que formuláramos anteriormente, com base exclusiva na análise interna de algumas partituras transcritas, de que considerável documentação musical conservada nos acervos de manuscritos brasileiros jamais manipulada musicologicamente, seria constituída de cópias realizadas no decorrer dos séculos XVIII e XIX, de obras compostas no

Po - pu - le me - us, quid fe - ci

Po - pu - le me - us, quid fe-ci

Po - pu - le me - us, quid fe-ci

Po - pu - le me - us, quid fe-ci

ti - bi? Quid fe-ci ti - bi? Aut

ti - bi? Quid fe-ci ti - bi? Aut

ti - bi? Quid fe-ci ti - bi? Aut

ti - bi? Quid fe-ci ti - bi? Aut

Brasil e em Portugal em fase histórica muito anterior ». Nossa transcrição mantém as correções feitas no manuscrito por DUPRAT e inclui, entre colchetes, acidentes, notas e fragmentos do texto omitidas ou incompreensíveis na revisão. Transpuzemos o segundo e o terceiro conjuntos para a tonalidade de sol menor que, segundo o autor do artigo (p. 75), é a tonalidade em que aparecem essas seções no documento de Ouro Preto. Revisamos o texto latino, cujas fontes na liturgia romana são as seguintes: **Venite adoremus**, Salmo 94,6; **Popule meus**, Miquéias, 6,3-4; **Sepulto Domino**, Mateus, 27,60, responsório IX do Ofício ad Matutinum, do Sábado Santo; **Cum descendentibus in lacum**, Salmo 87,5-6, responsório VIII do mesmo ofício (com o caput « Aestimatus sunt » ausente); **Signatum est**, responsório IX (com o caput « Sepulto Domino » ausente); **Locus ejus**, Salmo 75,3, antífona II do terceiro Noturno; **Dormiam et requiescam**, Salmo 4,9, antífona do primeiro Noturno; **Requiescet in spe**, Salmo 15,9, antífona III do primeiro Noturno. A tradução dessas seções, tal como aparece no documento de Ouro Preto, é nossa: « Vinde, adoremos; Povo meu, o que foi que te fiz?; O Senhor foi sepultado e o túmulo foi lacrado; rolaram a pedra para a porta do túmulo; os soldados, que o guardaram, ficaram a postos; [Já me estimam] entre os que descerão à tumba; estou como homem sem ajuda, livre entre os mortos; O túmulo foi lacrado; rolaram a pedra para a porta do túmulo; os soldados, que o guardaram, ficaram a postos; O seu local; Durmo e descanço; Descança segura ».

— in quo con-tris - ta - vi - te con-tris- ta - vi -
— in quo con-tris - ta- vi - te con-tris- ta - vi -
— in quo con - tris-ta - vi-te con - tris-ta-vi-
— in quo con-tris - ta - vi - te con-tris- ta - vi -

- te res- pon-de mi - hi. Po - pu-le me - us
- te res- pon-de mi - hi. Po - pu-le me - us
- te res- pon-de mi - hi. Po - pu-le me - us
- te res- pon-de mi - hi. Po - pu-le me - us

quid fe-ci ti - bi quid fe-ci ti - bi?
quid fe- ci ti - bi quid fe- ci ti - bi?
quid fe-ci ti - bi quid fe-ci ti - bi?
quid fe-ci ti - bi quid fe-ci ti - bi?

Se - pul-to Do - mi - no sig-na -

Se - pul-to Do - mi - no sig - na -

Se - pul-to Do - mi - no sig - na -

Se - pul-to Do - mi - no sig - na -

-tum est mo - nu - men - - - - tum vol-

[MS: [5ª abaixo]

-tum est mo - nu - men - tum vol-

-tum est mo - nu - men - tum vol-

-tum est mo - nu - men - tum vol-

-ven-tes la- pi - dem ad os-ti - um mo - nu - men -

-ven-tes la- pi - dem ad os-ti - um mo - nu - men -

-ven-tes la- pi - dem ad os - ti - um mo - nu - men -

-ven-tes la- pi - dem ad os-ti - um mo - nu - men -

_____ - ti Po - nen-tes mi- li - tes po - nen-tes

_____ - ti Po - nen-tes mi- li - tes po - nen-tes

_____ - ti Po - nen-tes mi- li - tes po - nen-tes

_____ - ti Po - nen-tes mi- li - tes po - nen-tes

mi- li - tes qui cus-to - di-rent il - - - lum.

mi- li - tes qui cus-to - di - rent il - - lum.

mi- li - tes qui cus-to - di-rent il - - lum.

mi- li - tes qui cus-to - di-rent il - - - lum.

Cum des - cen - den-ti - bus cum

Cum des - - cen - den-ti -

Cum des - - cen - den-ti - bus

[DUPRAT: ♮]

des - - cen den-ti - bus in [la ——— cum]

- bus in la - cum. [Cum des - - cen-
[In la - - -

cum des-cen- [♩] den - ti - bus [Cum des-cen-
[In la -

Cum des - - cen- den-ti - bus [Cum -
[In -

la - cum fac - tus sum si - - cut

den - ti - bus] fac - tus sum si - - cut
cum]

den-ti - - bus] fac - tus sum si - - cut
cum]

des-cen- denti - bus] fac - tus sum si - - cut
la - - cum]

ho - mo____ si - ne

[MS: ♮]

ho - mo si - ne ad - ju to -

[MS: ♮ ♮]

ho - - mo si - ne ad - ju -

[MS: ♮]

ho - mo____ si - ne ad - ju -

[MS: ♮]

ad - ju - to- ri - o in - ter mor - - tu -

(to) — ri - o in - ter mor - - tu -

[MS: ♮]

to - - ri - o in - ter mor - - tu -

to - - ri - o in-ter mor - - tu -

- os li - - ber li - - - - ber.

- os li - - - - - - ber. ___

[MS: 8ª abaixo] [MS: ♮] [MS: RÉ]

- os li - - - ber___ li - ber. ___

- os li - ber li - - ber. ___

Si - gna - tum est mo - nu -

Si - gna - tum est mo - nu -

Si - gna - tum est mo - nu -

Si - gna - tum est mo - nu -

- men - tum vol - ven-tes la-pi - dem
- men - - tum vol - ven-tes la-pi - dem
- men - tum vol - ven - tes la - pi - dem [
- men - tum vol - ven - - tes la-pi - dem ad
ad os-ti - um mo - nu - men - ti Po -
ad os-ti - um mo - nu - men - ti Po -
ad os- ti - um mo - nu - men - ti] Po -
os-ti - um [mo - nu - men - - ti] Po -
- nen-tes mi - li - tes qui cus-to - di - - [
- nen-tes mi - li - tes qui cus-to - di - -
- nen-tes mi - li - tes qui cus-to - di - -
- nen-tes mi - li - tes qui cus-to - di - -

[- rent il -] -lum qui cus-to - di-rent il -

- rent il - - lum qui cus-to - di-rent il -

- rent il - - - lum qui cus-to - di-rent il-

rent il - lum qui cus-to - di-rent il -

- lum qui cus-to - di- rent il - - lum. Lo -

- lum qui cus-to - di- rent il - - lum. Lo -

- lum qui cus-to - di- rent il - - lum. Lo -

- lum qui cus-to - di- rent il - - lum. Lo -

- cus e jus.

- cus e jus.

- cus e jus.

- cus e jus.

Dor - - mi - - am et re - qui -
Dor - - mi - - am et re - qui -
Dor - - mi - - am et re - qui -
Dor - - mi - - am et re - qui -

—— es - - cam. ____ Re - - qui -
- es - - - cam. ____ Re - - qui -
—— es - - - - - cam. Re - - qui -
—— es - - cam. ____ Re - - qui -

- es - - cet in____ spe.
—— es - cet in____ spe.
—— es - cet in____ spe.
- es - - cet in____ spe.

EXEMPLO V-B

VENITE ADOREMUS E POPULE MEUS

REVISÃO E ESTUDO: PAULO CASTAGNA.

(ANÔNIMO (séc. XVII ?))

CÓPIA: CLÓVIS DE ANDRÉ.

ANDANTE

TIPLE
Ve ni te ve ni
Ve-ni - te ve-ni -

ALTO
Ve ni te ve ni
Ve-ni - te ve-ni -

TENOR
Ve ni te ve ni
Ve-ni - te ve-ni -

BAIXA
Ve ni te ve ni
Ve-ni - te ve-ni -

V-B . Os manuscritos, provenientes da cidade mineira de **Campanha**, pertencem hoje ao arquivo da Fonoteca da Escola de Comunicações e Artes da USP, catalogados CP-303/307. Na página de rosto do conjunto, constituído por cinco folhas utilizadas na frente e no verso, está: « 6ª Feira Maior de manhã | Adoração da Crus e Mottete p.ª o Sermão | a 4 e Baisso | Vexilla Regis a 4.º p.ª a Procissão | Por Florençio Jose Ferreira Coutinho | 25-50-1865 . Hoje pertence ao Sr. J.ª Baptista | Itajuba 31 de Maio d' 1865 ». As partes são de **tiple**, alto, **tenor**, **baixa** e **basso**, em letra e papel do séc. XIX, do tipo vertical, com 12 pentagramas por página, sem marca d'água ou indicação de fabricante. Transcrevemos apenas a música referente à « Adoração da Crus », mantendo as indicações originais de andamento, dinâmica e repetições, mas suprimindo a parte do **basso** (acompanhamento), em unissono com a voz mais grave do coro. O texto do **Venite adoremus** está baseado no Salmo 94,6 e do **Popule meus** em Miquéias, 6,3-4. A tradução é nossa: « Vinde, adoremos; Povo meu, o que foi que te fiz? Com que te contristei? Responde-me: Povo meu, o que foi que te fiz? ». A peça não foi composta no séc. XIX, como indica a página de rosto, mas é, salvo diferenças mínimas, a mesma que RÉGIS DUPRAT transcreveu e revisou entre as duas primeiras seções do conjunto de obras que aparecem no seu artigo A polifonia portuguesa em obras de brasileiros (**Pau-Brasil**, nº 15, 1986, pp. 69-76), as quais atribuiu ao « último quartel do século XVII ». Esta peça vem reforçar a sua hipótese de que música escrita antes do descobrimento das Minas, inclusive por músicos do Brasil, continuou a ser copiada para uso corrente até o séc. XIX, podendo existir entre os arquivos hoje recuperados, composições brasileiras anteriores à segunda metade do séc. XVIII.

repete-se 3 vezes ALLEGRO

- te__ a-do - re - - mus. Po - pu- le me -

- te__ a-do - re - - mus. Po - pu- le me -

- te__ a-do - re - - mus. Po - pu- le me -

- te__ a-do - re - - mus. Po - pu- le me -

- us Po - - pu- le me - - us *p* quid fe-ci

- us quid fe-ci ti - bi *p* po - pu- le

- us quid fe-ci ti - bi *p* quid fe-ci

- us quid fe-ci ti - bi *p* quid fe-ci

ti - bi *f* aut in quo con-tris - ta - vi -

ti - bi *f* aut in quo con-tris - ta - vi -

ti - bi *f* aut in quo con - - tris-ta -

ti - bi *f* aut in quo con-tris - ta - vi -

- te, con-tris - ta - - vi - te ? Res- pon - de
- te, con-tris - ta - - vi - te ? Res- pon-de mi -
[ENS:DÓ]
8 — vi-te, con - - tris-ta- vi - te ? Res- pon - de
- te, con-tris - ta - - vi - te ? Res - pon - de

mi - - hi. Po - pu- le me - - us quid
- hi. Po - - pu - le me - - us po - - -
8 mi - - hi. Po - pu- le me - - us quid
mi - - hi. Po - pu- le me - - us quid

fe-ci ti - bi quid fe-ci ti - bi.
- pu- le me - - us quid fe-ci ti - bi.
8 fe-ci ti - bi quid fe-ci ti - bi.
fe-ci ti - bi quid fe-ci ti - bi.

EXEMPLO V–C

MOTETO BAJULANS

TRANSCRIÇÃO PALEOGRÁFICA: ÁLVARO CARLINI.

REVISÃO E ESTUDO: PAULO CASTAGNA.

[ANÔNIMO, (séc. XVII ?)]

CÓPIA: CLÓVIS DE ANDRE.

TIPLE

Ba - - ju - lans ba - - ju - lans

ALTUS

Ba - - ju - lans ba - - ju - lans

TENOR

Ba - - ju - lans ba - - ju - lans

BAIXA BAIXO

Ba - - ju - lans ba - - ju - lans

V-C . ELMER CORRÊA BARBOSA (*O ciclo do ouro*, Rio de Janeiro, PUC, XEROX, 1978, pp. 23-25) catalogou um manuscrito encontrado na Lira Sanjoanense (São João del Rei) e preservado no microfilme nº 12(0299-0304) do arquivo da PUC-RJ, que leva o seguinte título: « *Motete Bajulans e Populemeus* | *Com aCompanhamento de Baixo* | *Pello Cappe Manoel Dias d'Olivra* | *Pertence a* | *Hermenegildo Jr de Souza Trindade* ». O pesquisador acusou a falta da parte de acompanhamento mencionada no título e indicou a atuação de dois copistas, um para cada moteto. Após um incipit de seis compassos (com apenas um bemol e C na clave), informa: « Outra página título ("Motete | Bajulans") revela que Hermenegildo copiou o 2º moteto ("Popule meus") de documento mais antigo, que somente continha o "Bajulans" ». Há na Fonoteca da Escola de Comunicações e Artes da USP uma revisão manuscrita desse mesmo moteto, feita por ALEX FARABÔ Jr. em março de 1976 (catalogada com o nº 1280) e também atribuída a MANOEL DIAS DE OLIVEIRA, compositor mineiro que morreu em São José del Rei (atual Tiradentes) em 1903. WILLY CORRÊA DE OLIVEIRA serviu-se dessa revisão para uma análise que incluiu no seu artigo *O multifário Capitam Manoel Dias de Oliveira (músico mineiro do século XVIII)* (Barroco, v. 10, 1978/1979, pp. 61-87). Já o pesquisador ÁLVARO CARLINI consultou, em 5 de dezembro de 1985, o mesmo manuscrito utilizado por ELMER CORRÊA BARBOSA e ALEX FARABÔ Jr., (como se depreende da transcrição do título e da música (os erros do copista são os mesmos nas duas revisões)). CARLINI, porém, realizou uma transcrição paleográfica das partes de **tiple**, **altus**, **tenor**, **baixa** e **baixo**, a mesma que utilizamos para a nossa revisão. Trata-se do segundo moteto da Semana de Passos (que precedia a Semana das Dores e a Semana Santa), cuja letra foi extraída de João 19, 17/18: « et bajulans sibi crucem exivit in eum qui dicitur Calvariae locum hebraice Gholgota ubi eum crucifixerunt ». A tradução é nossa: « E, levando sobre si a cruz, foi para o lugar que chamam Calvário, em hebraico Gólgota, onde o crucificaram ». O moteto é bastante conhecido entre os musicólogos brasileiros e geralmente atribuído a MANOEL DIAS. No entanto, o sistema notacional, híbrido entre o do séc. XVI e o do séc. XVIII, além do estilo da composição, podem

si - bi cru - cem Je — sus
si - bi cru - cem Je — sus
si - bi cru - cem Je — sus
si - bi cru - cem Je — sus

ex - i - - vit in e - - um qui
ex - i - - vit in e - - um qui
ex - i - - vit in e - um qui
ex - i - - vit in e - - um qui

sugerir tratar-se de cópia de música escrita ainda no séc. XVII. Fundamentamos a suposição na hipótese veiculada por RÉGIS DUPRAT no artigo *A polifonia portuguesa em obras de brasileiros* (***Pau-Brasil***, nº 15, 1986, pp. 70-71): « Aventou-se a teoria de que o princípio do século conhecera profundas mudanças na notação musical, as quais conduziram ao abandono da notação branca e suas características inerentes, adotando-se aquela que se tornou a base do novo sistema vigente até hoje nas músicas convencionais. Abandonados os papéis da fase anterior, por desuso acabaram se perdendo. Com exceção dos manuscritos de Moji das Cruzes, a música conhecida do período colonial brasileiro é, toda ela, escrita na atual notação vigente. A exceção comprova a vigência, pelo menos em São Paulo, no final da década de 1720, da notação antiga. Defrontamo-nos, ao que parece, com datas-limite. Na América espanhola os arcaísmos notacionais também adentram todo o primeiro quartel do século XVIII ». A análise desta peça mostra uma técnica composicional intermediária entre aquela encontrada no período renascentista e barroco da música européia. Está, aparentemente, em sol menor, mas ainda muito próximo do 2º modo (o hipodórico de GLAREANUS), com preferência pelo

sexto grau bemolizado, procedimento bastante usual para esse modo, em toda a renascença européia. A armadura de clave com o si bemol, apenas, é típica do sol no 1º e 2º modos. Mas a característica que mais difere este moteto da música brasileira do séc. XVIII é a divisão da peça em quatro segmentos que terminam em **cláusulas** ou **cadências**, como era normal no séc. XVI. As vozes conduzem para acordes sobre o III e V graus da escala, sem modulação, por meio de suspensões de quartas: **Bajulans sibi crucem Jesus** (13 compassos, V grau maior); **exivit in eum** (6 compassos, III grau); **qui dicitur** (5 compassos, V grau); **Calvariae locum** (10 compassos, V grau maior). Já o uso do fá# é intermediário entre a "terça de picardia" e a terça maior do acorde que, na análise contemporânea, é chamado de dominante, acarretando freqüentemente o encadeamento VII-I. O próprio acorde que começa e termina a peça tem essa função de "dominante". O estilo deste moteto difere consideravelmente daquele empregado na música colonial brasileira conhecida e, salvo tratar-se da imitação de processos composicionais antigos, podemos supor, para esta peça, uma origem seiscentista (ou modificação de música escrita no séc. XVII), apoiando a hipótese defendida por RÉGIS DUPRAT.

EXEMPLO V-D

MARI-ZAPALOS
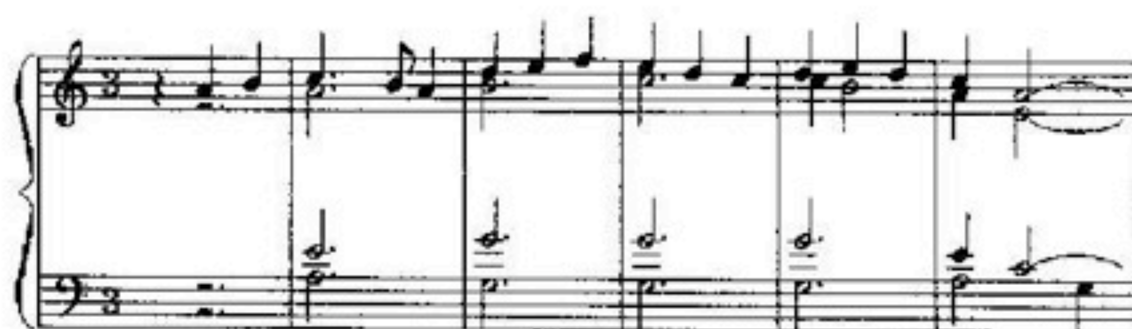
REVISÃO: BARTON HUDSON.

PESQUISA: HEITOR MARTINS.

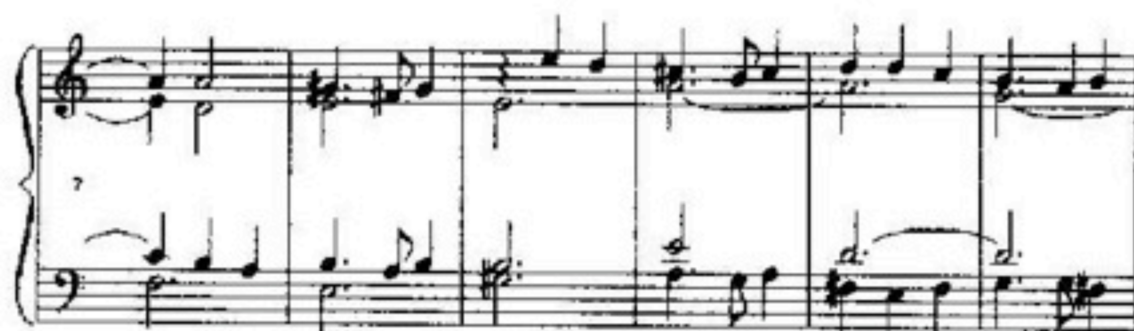
ESTUDO: PAULO CASTAGNA.
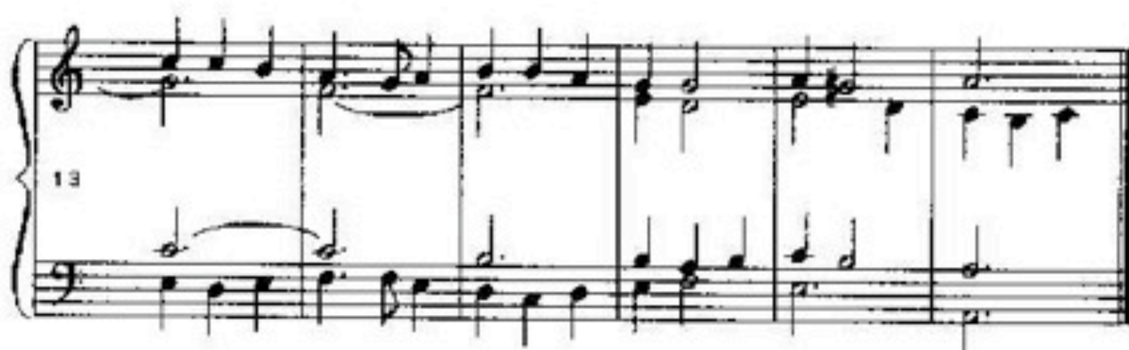
CÓPIA: CLÓVIS DE ANDRÉ.

ANÔNIMO (séc. XVII)



14 . HEITOR MARTINS, no artigo *A música do Mari-Nicolas* (**Suplemento Literário de Minas Gerais**, 7/4/1990, pp. 4-5), que estudou com detalhes a obra do poeta baiano GREGÓRIO DE MATOS, informa: « Um dos poemas mais conhecidos da Literatura Brasileira é o **Marinícolas**, de Gregório de Matos. Escrito provavelmente em 1666, quando o poeta exercia importantes funções judiciais em Portugal, diz a tradição que o poema foi tão popular a ponto de ser decorado pelo Rei D. Pedro II ». Eis a primeira, das 43 estrofes desse romance: « Marinícolas todos os dias | O vejo na sege passar por aqui | Cavalheiro de tão lindas partes | Como verbi gratia Londres, e Paris ». JOSÉ RAMOS TINHORÃO (**História social da música popular brasileira**, Lisboa, Caminhos, 1990, séc. XVII, pp. 47-48) já afirmou que grande parte da obra de GREGÓRIO DE MATOS foi escrita para ser cantada, como se observa nesta passagem: « A variedade e quantidade dos romances (alguns com estribilho, versos sobre motes e décimas cantadas, somadas às glosas, cantigas e chulas, bem como as liras e chansonetas declaradamente compostas para serem cantadas com acompanhamento da viola), indica, afinal – a exemplo do que viria a acontecer depois com os versos de Domingos Caldas Barbosa enfeixados nos dois volumes da **Viola de Lereno** nos séculos XVIII e XIX –, que também a obra de Gregório de Matos Guerra deveria ser estudada quase toda não como obra poética mas como versos de música popular urbana. A prova disto estaria no facto de, de entre as mais de seiscentas composições em versos recolhidas como do poeta em Portugal, na Bahia, em Angola e, finalmente, em Pernambuco (onde morreu em 1695), apenas duzentas e sete constituem sonetos, que era o gênero poético dominante na época, e cuja forma não convidava à música ». E foi HEITOR MARTINS quem identificou a música desse romance com a canção espanhola **Mari-Zápalos**: « A versão original, com possíveis variantes, da espanholeta parodiada por Gregório de Matos intitula-se **Mari-Zápalos** e, durante os cem anos que vão de 1650 a 1750 pelo menos, é a canção bailável mais popular na Península Ibérica ». O autor dá, na p. 5, a letra original da canção espanhola, da qual transcrevemos a primeira estrofe: « Mari-Zápalos bajó una tarde | Al fresco sotillo de Vacia-Madrid, | Porque entónces pisándolle ella





| no hubiese más Flandes que ver su país ». Mais adiante, MARTINS informa: « *Mari-Zápalos* era música para canto e dança. Há uma versão de Gaspar Sanz, em notação de cifra, publicada em 1675, no *Libro segundo de cifras sobre la guitarra española* (Saragoça). Francisco Guerau republicou-a no seu *Poema Harmónico* (1694), também em cifra. (...) Sem a indicação do nome *Mari-Zápalos* há versões de espanholetas em quase todos os manuais para instrumentos de corda (guitarra, viola, alaúde) publicados no Século XVII. Sirvam de exemplo os de Briceño (1626) e Ruiz de Ribayaz (1677). ¶ Menos sofisticada, porém de grande interesse para Gregório de Matos, é uma versão manuscrita existente na Biblioteca Municipal do Porto (Ms. n. 1577, Loc. B, 5), ainda inédita, embora transcrita modernamente por Barton Hudson. O volume intitula-se *Libro de cyfra adonde se contem varios jogos de versos e obras e outras curiosidades de varios autores* e, segundo Barton Hudson, em seu estudo inédito do manuscrito, deve ter sido compilado entre 1700 e 1710. No seu fólio 117 encontra-se uma *Mari-Zápalos* que poderá ser a versão popular corrente no Portugal da época ». A transcrição de BARTON HUDSON, que reproduzimos integralmente, está na p. 5 do trabalho de HEITOR MARTINS.

7.3 APÊNDICE DE NOMES E ESTUDOS RELATIVOS[328]

AGUIAR, EUQUÉRIO DE (mestre de capela)
Enciclopédia da música brasileira (*v. I*, 1977, *p.8*)
YVES RUDNER SCHMIDT (1981, 25, *p. 2*)

ÁLVARES, LOURENÇO DE SOUZA (organista)
JAIME DINIZ (1971, *Velhos organistas, pp. 19, 23-24*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 48*)

ANDRADE, GREGÓRIO DE (praticante de música)
VICENTE SALLES (1980, *p. 56*)

***ANCHIETA, JOSÉ DE** (compositor de cantigas)
GUILHERME THEODORO PEREIRA DE MELLO (1908, *pp. 22, 23, 26, 28*)
RENATO ALMEIDA (1926, *p. 191*)
LUCIANO GALLET (1934, *p. 39*)
JOÃO OTAVIANO GONÇALVES (1938, *p. 69*)
RENATO ALMEIDA (1942, *pp. 287, 292*)
MARIA LUIZA QUEIRÓZ AMÂNCIO DOS SANTOS (1942, *p. 83*)
LUÍS HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO (1945, *pp. 143, 145*)
ALBERTO ANDRÉ (1946, *pp. 463*)
OTTO-MAYER SERRA (1947, *v. I, pp. 34-35*)
FRANCISCO ACQUARONE (c. 1948, *pp. 141-144*)
SERAFIM LEITE (1949, *p. 34*)
JOÃO C. CALDEIRA FILHO (1954, *p. 129*)
LETÍCIA PAGANO (1954, *p. 4*)
LUÍS HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO (1956, *pp. 11, 14*)
LUÍS COSME (1957, *p. 12*)
JOSÉ SUBIRÁ & ANTOINE-E. CHERBULIEZ (1957, *p. 229*)
JOSÉ RAMOS TINHORÃO (1972, *pp. 11, 13-18, 23-25*)
MANUEL VEIGA (1983, *p. 36*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 25*)
JOSÉ RAMOS TINHORÃO (1990, *pp. 38, 42*)
ARY VASCONCELOS (1991, *p. 44*)

***ARAGÃO, BALTAZAR DE** (senhor de capela de música)
[VINCENZO CERNICHIARO (1926, *p. 68*)]
AFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY (1935, *p. 11*)
[MARIA LUIZA QUEIRÓZ AMÂNCIO DOS SANTOS (1942, *p. 08*)]
FRANCISCO AQUARONE (c.1948, *p. 146*)
[VASCO MARIZ (1981, *p. 25*)]
[BRUNO KIEFER (1982, *p. 19*)]
JOSÉ RAMOS TINHORÃO (1988, *p. 27*)

ARIÃO, SILVA (cantor)
JOSÉ RAMOS TINHORÃO (1990, *p. 48*)

***ARZÃO, CORNÉLIO RODRIGUES** (senhor de capela de música)

ASSUNÇÃO, LOURENÇO DA (músico)
JAIME DINIZ (1972, *p. 53*)

---

328 Nesta seção indicamos a localização de informações sobre os músicos que atuaram no Brasil nos séculos XVI e XVII, entre as obras significativas que comentamos no item 5.1, cujas referências bibliográficas completas encontram-se no item 8.2. Os nomes precedidos de um arterisco também aparecem na documentação transcrita nos **volumes** II e III deste trabalho, constando no índice do final do **volume III.**

***AZEVEDO, INÁCIO DE** (praticante de música)
SERAFIM LEITE (1953, *p. 54*)
VICENTE SALLES (1980, *p. 60*)

AZEVEDO, JOÃO DE (organista)
JAIME DINIZ (1971, *Velhos organistas, p. 28*)

BAIXÃO, JOSÉ (mestre de capela)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. I, p. 63*)

***BARBOSA, GASPAR** (praticante de música)
SERAFIM LEITE (**História da Companhia**, *v. II, 1938, p. 107*)

BARBOSA, PLÁCIDO (organista)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas*, 1971, *pp. 22, 26*)
JAIME DINIZ (1972, *pp. 51, 56*)
GERARD BÉHAGUE (1979, *p. 85*)

***BARRADAS, ANTÔNIO FRANCISCO** (tambor-mór)

BARROS, MANOEL RIBEIRO DE (mestre de capela)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas, 1971, pp. 22, 26*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 47*)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 35*)

***BARROS, MANOEL VIEIRA DE** (mestre de capela)
RENATO ALMEIDA (1942, *p. 294*)
JOÃO C. CALDEIRA FILHO (1954, *p. 129*)
CARLOS PENTEADO DE RESENDE (1954, *p. 4*)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 36*)
RÉGIS DUPRAT (1968, *pp. 86-87*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 53*)
RÉGIS DUPRAT (1977, *p. 11*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. I, p. 74*)
GERARD BÉHAGUE (1979, *p. 94*)
YVES RUDNER SCHMIDT (1981, 24, *p. 6*)
DAVID APPLEBY (1983, *p.6*)

***BELCHIOR** (moço do coro)
RÉGIS DUPRAT (1965, *p. 98*)
RÉGIS DUPRAT (1985, p. 23)

***BEXIGA, SIMÃO RODRIGUES DA** (trombeta)

BOTELHO, MANOEL DA MOTA (mestre de capela)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 36*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 54*)

BORGES, MANOEL (mestre de capela)
JAIME DINIZ (1972, *p. 57*)

CARNEIRO, FRANCISCO (praticante de música)
JOSÉ RAMOS TINHORÃO (1990, *p. 35*)

CARVALHO, MANOEL FREIRE DE (mestre de capela)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. I, p. 169*)
YVES RUDNER SCHMIDT (1981, 24, *p. 7*)

CARVALHO, PASCOAL DURÃO DE (mestre de capela)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 35*)
JAIME DINIZ (1971, *p. 22*)
JAIME DINIZ (1971, *p. 47*)

***CASARES, ANTÔNIO DE LIMA** (mestre de capela)
JAIME DINIZ (1972, *pp. 46-47*)
GERARD BÉHAGUE (1979, *p. 70*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 10*)

CASTRO, JOSÉ DE (moço do coro)
JAIME DINIZ (Velhos organistas, 1971, *p. 28*)

***CATHARINA, DONA** (benfeitora da música de festas)

CERQUEIRA, FRANCISCO DA COSTA (mestre de capela)
JAIME DINIZ (1972, *p. 47*)

CHAGAS, MAURO DAS (compositor)
JAIME DINIZ (1972, *p. 50*)

CHAGAS, PLÁCIDO DAS (organista)
JAIME DINIZ (Velhos organistas, 1971, *p. 13*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 52*)
GERARD BÉHAGUE (1979, *p. 85*)

CHAVEIRO, MANUEL (mestre de capela)
JOSÉ RAMOS TINHORÃO (1990, *p. 40*)

CONCEIÇÃO, GONÇALO DA (músico)
JAIME DINIZ (1972, *pp. 51, 55-56*)

CORRÊIA, ANTÔNIO (mestre de capela)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *pp. 35, 73*)
ROBERT STEVENSON (1968, *p. 11*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 56*)
Modinha (1985, *p. 17*)

CORREIA, FRANCISCO (praticante de música)
CARLOS PENTEADO DE RESENDE (1954, *p. 4*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 56*)

CORREIA, GOMES (mestre de capela)
JAIME DINIZ (1972, *p. 55*)
GERARD BÉHAGUE (1979, *p. 75*)
MANUEL VEIGA (1983, *p. 32*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 14*)

***CORREIA, JOAQUIM** (mestre de capela)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 35*)
ROBERT STEVENSON (1968, *p. 32*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 46*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 10*)
GERARD BÉHAGUE (1979, *p. 70*)

CORREIA, MANOEL (músico)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas*, 1971, *p. 28*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 56*)

***COSTA, DIOGO DA** (praticante de música)
SERAFIM LEITE (1953, *p. 64*)
LUÍS HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO (1945, *p. 144*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 54*)
VICENTE SALLES (1980, *pp. 59-60*)

COSTA, JOSÉ DA (mestre de capela)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 36*)
RÉGIS DUPRAT (1968, *p. 90*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 53*)

***COSTA, JOÃO GONÇALVES DA** (músico)

CRUZ, FRANCISCO DA (organista)
JAIME DINIZ (1972, *p. 51*)
GERARD BÉHAGUE (1979, *p. 65*)

CRUZ, PLÁCIDO DA (organista)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas*, 1971, *p. 13*)
JAIME DINIZ (1972, *pp. 50, 52, 55*)

CUNHA, FRANCISCO BORGES DA (mestre de capela)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 35*)
ROBERT STEVENSON (1968, *p. 32*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 46*)
GERARD BÉHAGUE (1979, *p. 70*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 10*)

CUNHA, MANOEL DA (mestre de capela)
JAIME DINIZ (**Músicos pernambucanos**, *v. II*, 1971, *pp. 17-42*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 57*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. I, p. 215*)

DESERTO, JOÃO DO (cantor-mór)
JAIME DINIZ (1972, *p. 50*)

DESTERRO, MANOEL DO (músico)
JAIME DINIZ (1972, *p. 50*)

DESTERRO, MARCOS DO (organista)
JAIME DINIZ (Velhos organistas, 1971, *p. 13*)

DIAS, ANTÔNIO (praticante de música)
SERAFIM LEITE (**História da Companhia**, *v. II*, 1938, *p. 109*)
LUÍS HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO (1945, *p. 144*)
SERAFIM LEITE (1953, *p. 64*)
JOSÉ SUBIRÁ e ANTOINE-E. CHERBULIEZ (1957, *p. 229*)
MANUEL VEIGA (1983, *p. 45*)

***DIAS, DIOGO** (trombeta)
RÉGIS DUPRAT (1965, *p. 96*)

DIAS, JOÃO (praticante de música)
JOSÉ RAMOS TINHORÃO (1990, *p. 41*)

DIAS, MANUEL (mestre de capela)
JAIME DINIZ (1972, *p. 47*)

***DIOGO, filho de Diogo Rodrigues** (moço do coro)

***DIOGO, filho de Matheus de Juro** (moço de coro)

***EGGERS, JACOB** (praticante de música)
JAIME DINIZ (1972, *p. 54*)
VICENTE SALLES (1980, *pp. 56, 61-62*)

ENCARNAÇÃO, ANTÔNIO DA (praticante de música)
JAIME DINIZ (1972, *p. 50*)

ENCARNAÇÃO, MANOEL DA (harpista)
JAIME DINIZ (Velhos organistas, 1971, *p. 12*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. I, p. 250*)

FAGUNDES, JOÃO (organeiro)
JAIME DINIZ (Velhos organistas, 1971, *p. 10*)

***FELIPE** (moço do coro)
RÉGIS DUPRAT (1965, *p. 98*)
RÉGIS DUPRAT (1985, *p. 23*)

FÉLIX, frei (músico)
JAIME DINIZ (Velhos organistas, 1971, *p. 13*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. I, p. 266*)

FERREIRA, CHICO (praticante de música)
JOSÉ RAMOS TINHORÃO (1990, *p. 48*)

FIGUEIRA, DOMINGOS ALVES (mestre de capela)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 36*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 55*)

***FONSECA, JORGE FERNANDES DA** (benfeitor da música de festas)

FONSECA, JOÃO SEIXAS DA (praticante de música)
JOAQUIM DE VASCONCELOS (1870, *v. I, p. 106*)
JOSÉ SUBIRÁ e ANTOINE-E. CHERBULIEZ (1957, *p. 233*)
GERARD BÉHAGUE (1979, *p. 85*)

FONSECA, MANOEL DA (mestre de capela)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 36*)
JAIME DINIZ (Velhos organistas, 1971, *pp. 17-18*)
JAIME DINIZ (1972, *pp. 48, 52*)
GERARD BÉHAGUE (1979, *p. 85*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 25*)

***FONSECA, PEDRO DA** (organista)
RÉGIS DUPRAT (1965, *p. 98*)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas*, 1971, *pp. 6-7*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 45*)
DOROTEA KERR E ELISA FREIXO (1983, *p. 5*)
MANUEL VEIGA (1983, *p. 32*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 10*)
RÉGIS DUPRAT (1985, *p. 23*)

FONTES, FRANCISCO (mestre de capela)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 36*)

FRANCISCO (músico indígena)
JAIME DINIZ (1972, *p. 55*)

FREIRE, FRANCISCO DE BARROS (mestre de capela)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. I, p. 29*)
YVES RUDNER SCHMIDT (1981, *24 p. 7*)

***FREIRE, MIGUEL** (músico)
RÉGIS DUPRAT (1968, *p. 90*)
RÉGIS DUPRAT (1977, *p. 13*)

***FREITAS, MIGUEL DE** (músico)

***GABRIEL, NUNO** (praticante de música)

GAMA, ANTONIO DA (organista)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas*, 1971, *p. 18*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 48*)

GAMA, FRANCISCO DA (mestre de capela)
JAIME DINIZ (Velhos organistas, 1971, *p. 15*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. I, p. 300*)

***GIL** (praticante de música)
JOSÉ RAMOS TINHORÃO (1990, *p. 48*)

***GODOY, FRANCISCO PERES DE** (praticante de música)
SERAFIM LEITE (**História da Companhia**, *v. II*, 1938, *p. 109*)

***GONÇALVES, DIOGO** (trombeta)

GORZONI, ANTÔNIO MARIA (praticante de música)
SERAFIM LEITE (1949, *p. 64)*

GORZONI, JOÃO MARIA (praticante de música)
JAIME DINIZ (1972, *p. 54*)
VICENTE SALLES (1980, *pp. 39, 59*)

***GUERRA, GREGÓRIO DE MATOS** (músico e poeta)
AFONSO RUI (1954, *pp. 5-6*)
JOSÉ RAMOS TINHORÃO (1990, *pp. 45-60*)
ARY VASCONCELOS (1991, *pp. 46-49*)

GUTERRES, JOSÉ CARDOSO (músico)
YVES RUDNER SCHMIDT (1981, *24, p. 7*)

HOMEM, JOSÉ DA COSTA (mestre de capela)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. I, p. 347*)
YVES RUDNER SCHMIDT (1981, 25, *p. 2*)

JESUS, MARTINHO DE (músico)
JAIME DINIZ (1972, *p. 50*)

***JOÃO, filho de João Velho** (moço do coro)

***LAPAS, DIOGO DIAS DAS** (trombeta)

***LAPAS, PEDRO GONÇALVES DAS** (trombeta)

LEAL, MANOEL (moço do coro)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas*, 1971, *p. 25*)

LEÃO, MANOEL DE (praticante de música)
SERAFIM LEITE (1953, *p. 64*)

***LESCAÑO, JUAN GABRIEL DE** (praticante de música)

LIMA, ANTÔNIO DE (moço do coro)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas*, 1971, *p. 28*)

***LIMA, DOMINGOS VIEIRA DE**

LIMA, JOÃO DE (mestre de capela)
MANOEL RAIMUNDO QUERINO (1911, *p. 156*)
JOSÉ SUBIRÁ e ANTOINE-E. CHERBULIEZ (1957, *pp. 70, 75*)
ROBERT STEVENSON (1968, *pp. 11-12, 32-33*)
JAIME DINIZ (Velhos organistas, 1971, *p. 24*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 57*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, v. *I, p. 418*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 14*)

***LINHARES, MANOEL PAIS DE** (mestre de capela)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 36*)
RÉGIS DUPRAT (1968, *pp. 85-86*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 53*)
RÉGIS DUPRAT (1977, *pp. 10-11*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. I, pp. 419-420*)
GERARD BÉHAGUE (1979, *p. 94*)
YVES RUDNER SCHMIDT (1981, *24 p. 6*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 6*)

LOBO, ÁLVARO (autor de autos)
GUILHERME THEODORO PEREIRA DE MELO (1908, *pp. 22-23, 26, 28*)
RENATO ALMEIDA (1926, *p. 191*)
LUCIANO GALLET (1934, *p. 39*)
RENATO ALMEIDA (1942, *pp. 286, 292*)
MARIA LUIZA QUEIRÓZ AMÂNCIO DOS SANTOS (1942, pp. *83-84*)
JOSÉ SUBIRÁ e ANTOINE E-CHERBULIEZ (1957, *p. 229*)
LUÍS COSME (1957, *p. 12*)
MANUEL VEIGA (1983, *pp. 36-37*)

LOBO, JOÃO RIBEIRO (mestre de capela)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 36*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 54*)

***LOPES, JOÃO** (chantre)
SERAFIM LEITE (1953, *p. 62*)
RÉGIS DUPRAT (1965, *p. 96*)
ELMER CORRÊA BARBOSA (1978, *p. 24*)
BRUNO KIEFER (1982, *p. 18*)
RÉGIS DUPRAT (1985, *p. 22*)

***LOURENÇO, MANUEL** (chantre)

***LUÍS, FRANCISCO** (mestre de capela)
JAIME DINIZ (1972, *p. 47*)

***LUZ, FRANCISCO DA** (organista)
RÉGIS DUPRAT (1965, *p. 98*)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas*, 1971, *p. 7*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 46*)
GERARD BÉHAGUE (1979, *p. 71*)
DOROTEA KERR e ELISA FREIXO (1983, *p. 5*)
RÉGIS DUPRAT (1985, *p. 24*)

LUZ, MANOEL DA (músico)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas* 1971, *p. 12*)

MAFFEO, frei (organista)
GUILHERME TEODORO PEREIRA DE MELO (1908, *p. 23*)
LUCIANO GALLET (1934, *p. 38*)
MARIA LUIZA QUEIRÓZ AMÂNCIO DOS SANTOS (1942, *p. 81*)
ALBERTO ANDRÉ (1946, *p. 46*)
JOSÉ SUBIRÁ e ANTOINE E-CHERBULIEZ (1957, *p. 229*)
JAIME DINIZ (Velhos organistas, 1971, *p. 5*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 41*)
MANUEL VEIGA (1983, *p. 38*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 2*)
DOROTÉA KERR E ELISA FREIXO (1983, *p. 5*)

***MACHADO, JOÃO** (músico)

***MAGALHÃES, FRANCISCO DE** (praticante de música)
SERAFIM LEITE (**História da Companhia**, *v. II*, 1938, *p. 109*)

***MATOS, EUSÉBIO DE** (compositor)
JOAQUIM DE VASCONCELOS (1870, *v. I, p. 229*)
GUILHERME TEODORO PEREIRA DE MELO (1908, *p. 28*)
MANUEL RAIMUNDO QUERINO (1911, *pp. 156, 164-165*)
LUCIANO GALLET (1934, *p. 41*)
RENATO ALMEIDA (1942, *p. 292*)
OTTO MAYER-SERRA (1947, *v. II, p. 609*)
FRANCISCO ACQUARONE (c. 1948, *p. 146*)
SERAFIM LEITE (1949, *p. 36*)
SERAFIM LEITE (1953, *p. 64*)
JOSÉ SUBIRÁ e ANTOINE E-CHERBULIEZ (1957, *p. 233*)
ROBERT STEVENSON (1968, *p. 2*)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas*, 1971, *p. 10*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. I, p. 463*)
MANUEL VEIGA (1983, *p. 36*)

MATOS, JOÃO BATISTA DE (mestre de capela)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 35*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 47*)

MATOS, PEDRO DE (praticante de música)
SERAFIM LEITE (1949, *p. 28*)
SERAFIM LEITE (1953, *p. 64*)

***MENDES, ÁLVARO** (praticante de música)
SERAFIM LEITE (**História da Companhia**, *v.II*, 1938, *p. 109*)

MENDONÇA, SIMÃO FURTADO DE (mestre de capela)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 36*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 56*)

MESQUITA, MANOEL DE (canto-mór)
JAIME DINIZ (1972, *p. 50*)

MIRANDA, NICOLAU DE (organista)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas*, 1971, *pp. 20-36*)
JAIME DINIZ (**Músicos pernambucanos**, 1971, *v. II, pp. 17-42*)
JAIME DINIZ (1972, *pp. 48-49*)

MORAIS, COSME RAMOS DE (mestre de capela)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 36*)
ROBERT STEVENSON (1968, *p. 37*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 52*)
GERARD BÉHAGUE (1979, *p. 85*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 25*)

MOREIRA, ESTEVÃO (moço do coro)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas* (1971, *pp. 19, 22*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 47*)

MOREIRA, JOÃO DE ROXAS (mestre de capelqa)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 36*)

MOROCOT, JOÃO (corista)
VICENTE SALLES (1980, *p. 60*)

NAVARRO, JUAN DE AZPICUETA (praticante de música)
GUILHERME TEODORO PEREIRA DE MELO (1908, *pp. 22, 28*)
LUCIANO GALLET (1934, *p. 39*)
RENATO ALMEIDA (1942, *pp. 285, 292*)
LUÍS HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO (1945, *p. 142*)
FRANCISCO ACQUARONE (c. 1948, *pp. 101, 144*)
SERAFIM LEITE (1953, *pp. 60, 64*)
CARLOS PENTEADO DE RESENDE (1954, *p. 3*)
LUÍS COSME (1957, *p. 12*)
JOSÉ SUBIRÁ e ANTOINE E-CHERBULIEZ (1957, *p. 233*)
JOSÉ RAMOS TINHORÃO (1972, *pp. 10, 12, 22*)
ELMER CORRÊA BARBOSA (1978, *p. 24*)
BRUNO KIEFER (1982, *p. 10*)
MANUEL VEIGA (1983, *pp. 25, 36*)

***NETO, ÁLVARO** (músico)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. I, p. 531*)
YVES RUDNER SCHMIDT (1981, 25, *p. 2*)

NETTO, PEDRO (músico)
GUILHERME TEODORO DE MELO (1908, *p. 23*)
LUCIANO GALLET (1934, *p. 38*)
MARIA LUISA QUEIRÓS AMÂNCIO DOS SANTOS (1942, *p. 81*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 2*)

***NUNES, LEONARDO** (praticante de música)
SERAFIM LEITE (1953, *pp. 59-60, 64*)
CARLOS PENTEADO DE RESENDE (1954, *p. 3*)
SERAFIM LEITE (1955, *p. 88*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 42*)
MANUEL VEIGA (1983, *p. 25*)

***NUNES, MANOEL FERREIRA** (músico)

***OLIVEIRA, SIMÃO DE** (moço do coro)

PACHECO, ANTÔNIO (moço do coro)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas,* 1971, *p. 28*)
PASSO, FRANCISCO MACHADO DO (músico)
CARLOS PENTEADO DE RESENDE (1954, *p. 3*)
RÉGIS DUPRAT (1982, *p. 14*)
RÉGIS DUPRAT (1985, *p. 53*)

***PASSO, ANTÔNIO MACHADO DO** (mestre de capela)
AFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY (1935, *p. 22*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. II, p. 590*)

PENTEADO, FRANCISCO RODRIGUES (praticante de música)
RENATO ALMEIDA (1942, *p. 293*)
JOSÉ SUBIRÁ e ANTOINE E-CHERBULIEZ (1957, *p. 233*)
ROBERT STEVENSON (1968, *pp. 10-11*)
JAIME DINIZ (1972, *pp. 53, 56*)

***PEREIRA [DE LACERDA], DIOGO** (senhor de capela de música)
VICENTE SALLES (1980, *p. 61*)

***PEREIRA, FRANCISCO** (chantre)

***PEREIRA, MANUEL** (praticante de música)
JAIME DINIZ (1972, *p. 54*)

PEREIRA, MATIAS DA SILVA (moço do coro)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas,* 1971, *p. 23*)

***PEREIRA, PASCOAL** (senhor de capela de música)
VICENTE SALLES (1980, *p. 56*)

***PIMENTA, RUI** (chantre)
RÉGIS DUPRAT (1965, *p. 96*)
BRUNO KIEFER (1982, *p. 18*)
RÉGIS DUPRAT (1985, *p. 22*)

***PINO, MANOEL DA COSTA DO** (mestre de capela)
PAULO FLORÊNCIO DE OLIVEIRA CAMARGO (1971, *pp. 96-171*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. II, p. 611*)
YVES RUDNER SCHMIDT (1981, 25, *p. 2*)

***PIRES, BARTOLOMEU** (mestre de capela)
SERAFIM LEITE (1953, *p. 44*)
RÉGIS DUPRAT (1965, *pp. 97-98*)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 35*)
ROBERT STEVENSON (1968, *p. 32*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 44*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. II, p. 614*)
ELMER CORRÊA BARBOSA (1978, *p. 24*)
GERARD BÉHAGUE (1979, *p. 70*)
BRUNO KIEFER (1982, *p. 18*)
MANUEL VEIGA (1983, *p. 32*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 10*)
RÉGIS DUPRAT (1985, *p. 22*)

QUADROS, BARTOLOMEU DE (mestre de capela)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. II, pp. 590, 631*)
YVES RUDNER SCHMIDT (1981, *p. 7; 25, p. 2*)
RÉGIS DUPRAT (1982, *p. 14*)
RÉGIS DUPRAT (1985, *p. 53*)

***QUADROS, BERNARDO DE** (músico)

QUEIRÓZ, BENTO FERREIRA DE (mestre de capela)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 36*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 55*)

***RAMIREZ, MANOEL SOEIRO** (músico)

RIBEIRO, LOURENÇO (músico e poeta)
AFONSO RUI (1954, *p. 8*)
JOSÉ RAMOS TINHORÃO (1990, *pp. 48, 285*)
ARY VASCONCELOS (1991, *p. 45*)

***RODRIGUES, ANTONIO** (mestre e praticante de música)
SERAFIM LEITE (**História da Companhia**, *v. II*, 1938, *pp. 109-110*)
LUÍS HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO (1945, *p. 144*)
SERAFIM LEITE (1949, *pp. 32, 36*)
SERAFIM LEITE (**Artes e ofícios**, 1953, *pp. 60, 64*)
SERAFIM (Nóbrega, 1953, *pp. 35-54*)
JOSÉ SUBIRÁ e ANTOINE E-CHERBULIEZ (1957, *p. 229*)
SERAFIM LEITE (**Monumenta**, *v. III*, 1958, *pp. 65*-66*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 46*)
MANUEL VEIGA (1983, *p. 45*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 10*)

***RODRIGUES, SALVADOR** (praticante de música)
SERAFIM LEITE (1953, *pp. 60, 64*)
ELMER CORRÊA BARBOSA (1978, *p. 24*)

***RODRIGUES, SIMÃO** (trombeta)

ROSA, ANTÔNIO DA (praticante de música)
JOSÉ RAMOS TINHORÃO (1990, *pp. 40-41*)

ROSÁRIO, DOMINGOS DO (corista)
JAIME DINIZ (1972, *pp. 52, 56*)

ROXAS, JOÃO DE (mestre de capela)
JAIME DINIZ (1972, *p. 53*)

SACRAMENTO, JOÃO DO (mestre de capela)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas*, 1971, *p. 15*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 51*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. II, p. 681*)

SANTA CATARINA, ROMUALDO DE (cantor-mór)
JAIME DINIZ (1972, *p. 50*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. II, p. 687*)

SANTA MARIA, AGOSTINHO DE (músico)
JAIME DINIZ (1972, *pp. 51-52*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. II, p. 688*)

SANTA MARIA, ANTONIO DE (músico)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas*, 1971, *p. 13*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 52*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. II, p. 688*)

SANTA MARIA, JOÃO DE (organista)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas*, 1971, *pp. 12, 15*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 50*)

***SANTA MÔNICA, AGOSTINHO DE** (mestre de capela)
ROBERT STEVENSON (1968, *p. 33*)
GERARD BÉHAGUE (1979, *p. 71*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 10*)

SANTA QUITÉRIA, BOAVENTURA DE (organista)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas*, 1971, *p. 15*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. II, p. 688*)

SANTA TEREZA, FRANCISCO XAVIER DE (compositor)
GUILHERME TEODORO PEREIRA DE MELO (1908, *p. 28*)
RENATO ALMEIDA (1942, *p. 292*)
JOSÉ SUBIRÁ e ANTOINE E-CHERBULIEZ (1957, *p. 233*)

***SANTO ELIAS, ANTÃO DE** (compositor)
JOAQUIM DE VASCONCELOS (1870, *v. I, p. 94*)
GUILHERME TEODORO PEREIRA DE MELO (1908, *p. 28*)
LUCIANO GALLET (1934, *p. 41*)
RENATO ALMEIDA (1942, *p. 292*)
JOSÉ SUBIRÁ e ANTOINE E-CHERBULIEZ (1957, *p. 233*)
ROBERT STEVENSON (1968, *pp. 2-3*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 11*)

SÃO BENTO, LEANDRO DE (organista)
JAIME DINIZ (1972, *p. 51*)

SÃO BENTO MATIAS DE (mestre de capela)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas*, 1971, *pp. 10, 14, 24*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 50*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. ii, p. 697*)

SÃO JOSÉ, DIONÍSIO (compositor)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas*, 1971, *p. 12*)

SÃO JOSÉ, MARÇAL DE (Músico)
JAIME DINIZ (1972, *p. 55*)

SÃO PAULO, ANTÔNIO DE (harpista)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas*, 1971, *p. 12*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 50*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. II, p. 697*)

SERRÃO, PAULO (mestre de capela)
JAIME DINIZ (1972, *p. 55*)

***SIQUEIRA, ANTÔNIO RAPOSO DE** (músico)

***SIQUEIRA, MANOEL LOPES DE** (mestre de capela)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *pp. 9, 36*)
ROBERT STEVENSON (1968, *pp. 37-38*)
RÉGIS DUPRAT (1968, *pp. 89-93*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 53*)
RÉGIS DUPRAT (1977, *pp. 13-16*)
Enciclopédia da música brasileira (1977, *v. II, p. 725*)
GERARD BÉHAGUE (1979, *p. 94*)
IVES RUDNER SCHMIDT (1981, 24, *p. 6*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 8*)

***SOARES DE COIMBRA, HENRIQUE** (celebrante)
LUCIANO GALLET (1934, *p. 38*)
MARIA LUISA QUEIRÓS AMÂNCIO DOS SANTOS (1942, *p. 81*)
MANUEL VEIGA (1983, *pp. 34-37*)
Modinha (1985, *p. 13*)

***STOMP, MARTEN** (trombeta holandês)

TAVARES, JORGE (mestre de capela)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 36*)

***TELO, BARNABÉ** (praticante de música)
SERAFIM LEITE (1949, *p. 31*)
SERAFIM LEITE (1953, *p. 64*)
JOSÉ RAMOS TINHORÃO (1972, *pp. 17, 18, 25*)
JOSÉ RAMOS TINHORÃO (1990, *p. 37*)

***TOMÁSIO** (trombeta indígena)
VICENTE SALLES (1980, *p. 41*)

TORRES, INÁCIO FRANCO (moço do coro)
JAIME DINIZ (1971, *p. 28*)

***TORRES, JERÔNIMO** (tambor)

TRAER, JOÃO XAVIER (organeiro)
VICENTE SALLES (1980, *pp. 58-59*)

***VACAS, FRANCISCO DE** (chantre)
MANUEL RAIMUNDO QUERINO (1911, *pp. 15-17*)
RENATO ALMEIDA (1942, *p. 291*)
MARIA LUISA QUEIRÓS AMÂNCIO DOS SANTOS (1942, *p. 216*)
FRANCISCO ACQUARONE (c. 1948, *p. 146*)
SERAFIM LEITE (1953, *p. 62*)
RUI AFONSO (1954, *pp. 7-8*)
LUÍS HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO (1956, *p. 16*)
JOSÉ SUBIRÁ e ANTOINE E-CHERBULIEZ (1957, *p. 228*)
RÉGIS DUPRAT (1965, *p. 96*)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 35*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 44*)
GERARD BÉHAGUE (1979, *p. 70*)
ELMER CORRÊA BARBOSA (1978, *p. 24*)
VASCO MARIZ (1981, *p. 24*)
BRUNO KIEFER (1982, *p. 18*)
MANUEL VEIGA (1983, *p. 32*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 9*)
RÉGIS DUPRAT (1985, *p. 22*)
LUÍS HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO (1956, *p. 16*)

***VALENTE, CRISTÓVÃO** (compositor de cantigas)
SERAFIM LEITE (1949, *p. 34*)

VASCONCELOS, ANTÔNIO VELOSO DE (mestre de capela)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *p. 35*)
JAIME DINIZ (*Velhos organistas*, 1971, *p. 22*)
JAIME DINIZ (1972, *p. 47*)'

VELOZINOS, JEHOSUAH (rabino)
ROBERT STEVENSON (1968, *p. 11*)

***VIEIRA, JOÃO FERNANDES** (senhor de capela de música)
FRANCISCO A. PEREIRA DA COSTA (1900, *pp. 12-13*)
RENATO ALMEIDA (1942, *p. 292*)
FRANCISCO CURT LANGE (1966, *pp. 52-53*)
DAVID APPLEBY (1983, *p. 13*)

8 BIBLIOGRAFIA

8.1 BIBLIOGRAFIA DE TRABALHO

8.1.1. OBRAS COM INFORMAÇÕES SOBRE MÚSICA

ABBEVILLE, CLAUDE D' - **Histoire De La Mission Des Peres Capvcins en l'Isle de Maragnan et terres circonuoisines ou est traicte des singularitez admirables et des Meurs merueilleuses des Indiens habitants de ce pais Auec les mißives et aduis qui ont este enuoyez de nouue.** <...> Paris, François Hvby, 1614. 14, 395, 45 ff.

ABBEVILLE, CLAUDE D' - **História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas**; apresentação de Mário Guimarães Ferri; [tradução de Sérgio Milliet; prefácio de Rodolfo Garcia]. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1975. 297 pp. (Coleção reconquista do Brasil, v. 19)

ALDENBURGK, JOHANN GREGOR - **Relação da conquista e perda da cidade do Salvador pelos holandeses em 1624-1625.** [São Paulo], Moderatore et Auctore Edgard de Cerqueira Falcão,1961. 23 pp., 49 ff. inum., 274 pp. (Brasiliensia Documenta, v.1)

ALDENBURGK, JOHANN GREGOR - **West-Indianische Rei e, vnd Beschreibung der Beläg- vnd Eroberung der Statt S. Salvador in der Bahie von Totos os Sanctos inn dem Lande von Brasilia.** <...> Loburgk, Friedrich Gruners, 1627. 49 ff. inum.

ALMEIDA, CÂNDIDO MENDES DE - **Memorias Para A Historia Do Extincto Estado Do Maranhão Cujo Território Comprehende Hoje As Provincias Do Maranhão, Piauhy, Grão-Pará E Amazonas Colligadas E Annotadas Por Candido Mendes de Almeida.** Historia Da Companhia De Jesus na extincta Provincia do Maranhão e Pará Pelo Padre José De Moraes da mesma Companhia. Rio de Janeiro, Typ. do Commercio de Brito & Braga, 1860. v.1, XV, 554 pp.

Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1876-.

Anais do Museu Paulista. São Paulo, Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1922-.

ANCHIETA, JOSEPH DE - **Cartas / Correspondência ativa e passiva**; pesquisa, introdução e notas Pe. Hélio Abranches Viotti, S.J.. São Paulo, Edições Loyola, Vice-Postulação da Causa de Canonização do Beato José de Anchieta, 1984. 600 pp. (Obras conplestas, v.6)

ANCHIETA. JOSEPH DE - **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J.** (1554-1594); [nota preliminar e introdução de Afrânio Peixoto; um artigo de Capistrano de Abreu; bibliografia de Sommervogel; notas e postifácio de A. de Alcântara Machado]. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933. 367 pp. (Publicações da Academia Brasileira - Coleção Afrânio Peixoto, II. História, Cartas Jesuísticas, v. 3)

ARAÚJO, ANTÔNIO DE - **Catecismo Brasilico Da Doutrina Christaã;** Publicado De Novo Por Julio Platzmann; Edição Facsimilar. Leipzig, B.G. Teubner, 1898. 15 ff. inum., 371 pp., 4 ff. inum.

ARAÚJO, ANTONIO DE - **Catecismo na língua brasílica;** reprodução facsimilar da 1a. edição (1618), com apresentação pelo P.e A. Lemos Barbosa, Professor dfe Língua Tupi na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1952. XVII pp., 16 ff. inum., 179 ff. num.

Atas da Câmara da Vila de São Paulo. São Paulo, Câmara Municipal de São Paulo e Arquivo Municipal, 1914-1915.

AVEZAC-MACAYA, ARMAND - **Annales Des Voyages, de la géographie, de l'archéologie, avec cartes et planches dirigées, par V. A. Malte-Brun** <...> Paris, Challamel aimé, v. III, 1869. pp.255-296, 12-81

AYROSA, PLÍNIO - **Poemas brasílicos do Pe. Cristóvão Valente, S.J.** (Notas e tradução). São Paulo, s. ed., 1941. 50 pp.

BAERLE, KASPAR VON - **Casparis Barlaei, Rervm Per Octenivm In Brasilia** <...> Amstelodami, Ioannis Blaev, 1647. 8 ff. inum.., 340 pp., 4 ff. inum., pls.

BAERS, JOHANES - **Olinda conquistada;** narrativa do Padre João Baers, capelão do C.el Theodoro de Werdenburch; traduzida do hollandez por Alfredo de Carvalho. <...> Recife, Typographia de Laemmert & C. Editores, 1898. XIV, 54 pp. (Para a História de Pernambuco, v.2)

BARLÉU, GASPAR - **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau etc.,** <...>; tradução e anotações de Cláudio Brandão. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Ministério da Educação, 1940. 1 f. inum., XVI, 424 pp., 2 ff. inum.

BARROS, ANDRÉ DE - **Vida Do Apostolico Padre Antonio Vieira Da Companhia De Jesus** <...> Lisboa, nova Officina Sylviana,1746. 12 ff. inum., 686 pp., 1 retrato.

[BARROS, ANDRÉ DE (ed)] - **Vozes Saudosas, Da Eloquencia, Do Espírito, Do Zelo; E Eminente Sabedoria Do Padre Antonio Vieira, Da Companhia de Jesus** <...> Lisboa, Miguel Rodrigues, 1736. 12 ff. inum., 315 pp.

BARROS, JOÃO DE - **Décadas;** seleção, prefácio e notas de Antonio Baião. Lisboa, Livraria Sá da Costa, v.I, 1945. 259 pp. (Coleção de clássicos Sá da Costa)

BENCI, JORGE - **Economia cristã dos senhores no governo dos escravos** (livro brasileiro de 1700). 2a. edição, preparada, prefaciada e anotada por Serafim Leite S.I., Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 19544. 206 pp.

BERETTARI, SEBASTIANO - **Vida del Padre Ioseph de Anchieta de la Compañia de Iesvs, y Provincial del Brasil.** Tradvzida de Latin en Castellano por el Padre Esteuan de Paternina de la misma Compañia y natural de Logroño, Salamanca, Antonia Ramirez viuda, 1618. 8 ff. inumj., 430 pp., 1 f. inum.

BERETTARI, SEBASTIANO - **Vita R. p. Iosephi Anchietae Societatis Iesv Sacerdotis in Brasilia defuncti.** <...> Coloniae Agrippinae, Ioannen Kinchivm, 1617, 1 f. inum. 427 pp. 1 f. inum.

BETENDORF, JOÃO FELIPE - Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no estado do Maranhão. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brazileiro**, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, **72**(1): 1-697, 1910.

BETENDORFF, JOÃO FELIPE - **Compendio Da Doutrina Christãa Na Lingua Portugueza, E Brasilica.** <...> Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1800. VIII, 131 pp., 1 f. inum.

CALADO, MANUEL - **O Valeroso Lvcideno, E Trivmpho Da Liberdade, Primeira Parte.** <...> Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1648. 7 ff. inum. 356 pp.

CARDIM, FERNÃO - **Tratados da terra e gente do Brasil;** introduções e notas de Rodolfo Garcia, Batista Caetano e Capistrano de Abreu. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980. 206 pp. (Coleção reconquista do Brasil, nova série, v. 13)

CARLI, DIONIGI DE - **Il Moro Transportato Nell'Inclita Citta' Di Venetia O Vero Curioso racconto de Costumi, Riti, e Religione de Popoli Dell'Africa, America, Asia & Europa.** ... Bassano, Gio. Antonio Remondini, 1687. 6 ff. inum, 402 pp., 9 ff. inum.

Cartas avulsas (1550-1568). Rio de Janeiro, Officina Industrial Graphica , 1931. 520 pp. (Publicações da Academia Brasileira - Coleção Afrânio Peixoto, II, História, Cartas Jesuíticas, v. 2)

CARVAJAL, GASPAR DE - **Descubrimiento del Río de las Amazonas:** según la Relacion inédita de Fr. Gaspar Carvajal con otros documentos referentes Á Francisco Orellana y sus Compañeros publicados á expensas del Excmo. Sr. Duque de T'Serclaes de Tilly con una introdución histórica y algunas ilustraciones por José Toribio Medina de la Academia de La Lengua y de la Historia, de las Buenas Letras de Sevilla y del Instituto Geográfico Argentino. Sevilla, E. Rasco, 1894. CCXXXIX, 278pp., ilust.

CARVAJAL, GASPAR DE; ROSAS, ALONSO DE; ACUÑA, CRISTOBAL - **Descobrimentos do rio das Amazonas;** traduzidos e anotados por C. de Melo Leitão. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto alegre, Companhia Editora Nacional, 1941. pp.

Coisas notáveis do Brasil; apresentação e introdução de A.G. Cunha. Lucas, Instituto Nacional do Livro e MEC, 1966. v. I, XXIV, 209 pp. (Dicionário da língua portuguesa, textos e vocabulários, v. 6)

CONCEIÇÃO, APOLLINARIO DA - **Flor Perigrina Por Preta, Ou Nova Maravilha Da Graça.** <...> Lisboa, Offic. Pinheirense da Musica, 1744. 13 ff. inum., 303 pp.

CORTESÃO, JAIME - **A carta de Pero Vaz de Caminha.** São Paulo, Livraria Editora Livros de Portugal LTDA, 1943. 379 pp.

DENIS, FERDINAND - **Uma festa brasileira com os Poemas Brasílicos do Pe. Cristóvão Valente, S.J.**; tradução de Plínio Ayrosa, Rio de Janeiro, EPASA, 1944. 192 pp. (Biblioteca Brasileira de Cultura, v.4)

Diálogos das grandezas do Brasil; pela primeira vez tirados em livro com introdução de Capistrano de Abreu e notas de Rodolpho Garcia. Rio de Janeiro,. Officina Industrial Graphica, 1930. 315 pp. (Publicações da Academia Brazileira. Biblioteca de Cultura Nacional - Classicos Brasileiros, v. 2 - Historia)

Documentos históricos. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional do Ministério da Educação e Cultura, 1928-1955.

DUSSEN, ADRIAEN VAN DER - **Relatório sôbre as capitanias conquistadas no Brasil pelos holandeses (1639).** Suas condições econômicas e sociais: tradução, introdução e notas de José Antonio Gonâlves de Mello, neto. Rio de Janeiro, Instituto do Açucar e do Álcool, 1947. 168 pp. (Série História, v. 3)

EVREUX, YVES D' - **Viagem ao norte do Brasil pelo Padre Ivo d'Evreux**; tradução do Dr. Cesar Augusto Marques. Rio de Janeiro, Depositarios Freitas Bastos & CIA, Livraria Leite Ribeiro, 1929. 422 pp. (Bibliotheca de escriptores maranhenses, v.2)

EVREUX, YVES D' - **Voyage Dans Le Nord Du Brésil Fait Durant Les Années 1613 Et 1614 Par Le Pères Yves D'Evreux.** Publié D'Après L'Exemplaire Unique Conservé A La Bibliothèque Imperiale De Paris. A'vec Une Introduction Et Des Notes Par M. Ferdinand Denis, conservateur à la biblitheque sainte Geneviève. Leipzig, Paris, Libraire A. Franck Albert L. Herold, 1864. xlviii, 456 pp. (Bibliotheca Americana, Collection d'ouvrages inédite ou rares sur l'Amerique)

FLECKNO, RICHARD - **A Relation of ten Years Travels In Europe, Asia, Affrique, and America.** ... London, Printed for the Author,[c. 1656]. 3 ff. inum., 176 pp.

FONSECA, MANUEL DA - **Vida Do Veneravel Padre Belchior De Pontes, Da Companhia De Jesus Da Provincia do Brasil.** <...> Lisboa, Francisco da Silva, 1752. 11 ff. inum. 266 pp.

FREIRE, FRANCISCO DE BRITO - **Nova Lusitania, Historia da Guerra Brasilica.** <...> Decada Primeira. Lisboa, Joam Galram, 1675. 7 ff. inum. 460 pp., 20 ff. inum.

FRITZ, SAMUEL - **Journal of the travels and labours of Father Samuel Fritz in the River of the Amazon between 1683 and 1723.** Translated from the Evora Ms and edited by the Rev. Dr. George Edmundson. With two maps. London, Hakluyt Society, 1922. 164, xliii pp. (Works issdued by the Hakluyt Society, second series, nº 51)

GÓIS, DAMIÃO DE - **Crónica do felicissimo rei D. Manuel composta por Damião de Góis.** Nova edição, conforme a primeira, anotada e prefaciada. Dirigida por J.M. Teixeira de Carvalho e David Lopes. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926. v. I, 241 pp. (Scriptores Rervm Lusitanarum, série A)

GOUVEIA, CRISTÓVÃO DE - Summario das armadas <...> **Revista Trimestral do Instituto Historico e Ethographico do Brasil.** Rio de Janeiro, B. L. Garnier - Livreiro Editor, **36**(1): 5-89, 1873.

GUERRA, GREGÓRIO DE MATOS - **Obras completas**; crônica do viver baiano seiscentista; fielmente copiada de manuscritos anônimos daquele tempo, e disposta como melhor pareceu a um curioso de nome James Amado; cópias finais do texto para impressão e mapeamento dos códices James amado e Maria da Conceição Paranhos; atualização ortográfica Miécio Tati. Salvador, Ed. Janaína Ltda., 1968. 7 v. (Coleção «Os baianos», v. 1 - Obras completas de Gregório de Matos, 7 v.)

GUERREIRO, BARTOLOMEU - **Iornada Dos Vassalos Da Coroa De Portugal, Peraze recuperar a Cidade do Saluador, na Bahya de todos os Santos** <...> Lisboa, Mattheus Pinheiro, 1625. 74 ff. num., 1 pl.

GUERREIRO, FERNÃO - **Relaçam Annal Das Covsas Qve Fezeram os Padres da Companhia de Iesvs nas Partes da India Oriental, & no Brasil, angola, Cabo verde, Guine, nos annnos de seiscentos & dous & seiscentos e tres, & do processo da conuersam & christandade daquellas partes, tirada das cartas dos mesmos padres que de lá vieram.** <...> Lisboa, Iorge Rodrigues, 1605. 2 ff. inum., 54 ff. num., 142 ff. num.

HERIARTE, MAURÍCIO DE - **Descripção Do Estado Do Maranhão, Pará, Corupá E Rio Das Amazonas.** <...> Vienna d'Austria, Imprensa do filho de Carlos Gerold, 1874. 84 pp.

Historia dos Collegios do Brasil, Manuscripto da Bibliotheca Nacional de Roma (Copia). **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, Typographia Leuzinger, **19**:75-144, 1897.

ILHA, FREI MANUEL DA - **Narrativas da Custodia de Santo Antonio do Brasil - 1584-1621;** texto bilingue; introdução, notas e tradução portuguesa por rei Ildefonso Silveira, O.F.M.; Petrópolis, Vozes, Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, 1975. 148 pp.

Inventários e Testamentos. São Paulo, Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo e Secretaria da Educação, 1920-1977.

JABOATÃO, ANTONIO DE SANTA MARIA - **Orbe Serafico Novo Brasilico** <...> Lisboa, Antonio Vicente Da Silva, 1761. 17 ff. inum., 248, 283, 15 pp.

JARRIC, PIERRE DU - **Seconde Partie De L'Histoire des choses plvs memorables advenves tant ez Indes Orientales, que autres païs de la descouuerte des Portugais, En l'establissement et progrez de la foy Chrestienne et Catholoque: Et principalement de ce que les Religieux de la Compagnie de Iesvs y ont feict, & enduré pour la mesme fin. Depuis qu'ils y sont entress iusqu'à l'an 1600.** <...> Bovrdeavs, Simon Millanges, 1610, 1 f. inum. 699 pp., 20 ff. inum.

JESUS, RAPHAEL DE - **Castrioto Lvsitano Parte I.** <...> Lisboa, Antonio Craesbeeck de Mello, 1679. 17 ff. inum., 701 pp., 3 ff. inum.

Jornal de viagem da frota dos Paises Baixos Unidos para o Brasil principiando no dia 17 de janeiro do anno de 1648 até o dia 17 de maio. Rio de Janeiro, Officinas Gr3aphicas do Archivo Nacional, 1931. 12 pp.

LAET, JOHANNES DE - **Historia ou annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes desde o seu começo até o fim do anno de 1636 por Joannes de Laet director da mesma Companhia;** tradução dos Drs. José Hygino Duarte Pereira e Pedro souto Maior. Rio de Janeiro, Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1919-1925. 2 v.

LEITE, SERAFIM - A primeira biografia inédita de José de Anchieta - Apóstolo do Brasil; publicada e anotada por S.L.. Separata da revista **Brotéria,** Lisboa, Ed. Brotéria, **18**, mar./abr. 1934. 29 pp.

LEITE, SERAFIM - **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Lisboa, Livraria Portugalia; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, Instituto Nacional do Livro, 1938-1950. 10v.

LEITE, SERAFIM - **Monumenta Brasiliae I-V (1539-1568).** Roma, Monumenta Historica S.I., 1956-1968. 5v. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79-81, 87, 99 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X-XII, XVII, XXVI - Missiones Occidentales)

LEITE, SERAFIM - **Novas cartas jesuiticas** (de Nóbrega a Vieira). São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre, Companhia Editora Nacional, 1940. 344 pp. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 5a., Brasiliana, v. 194)

LÉRY, JEAN DE - **Histoire D'Vn Voyage fait en la terre dv Bresil, avtrement dite Amerique.** <...> La Rochelle, Antoine Chuppin, 1578. 24 ff. inum., 424 pp., 7 ff. inum., 6 ests.

LÉRY, JEAN DE - **Histoire D'Vn Voyage fait en la terre dv Bresil, dite Amerique.** <...> ; Qvatrieme Edition <...> [Genève], Eustache Vignon, 1600. 36ff. inum., 478 pp., 8ff. inum., 5 ests.

LÉRY, JEAN DE - **Viagem à terra do Brasil**; tradução e notas de Sérgio Milliet; bibliografia Paul Gaffarel; colóquio na língua brasílica e notas tupinológicas Plínio Ayrosa. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980. 303 pp. (Coleção reconquista do Brasil, nova série, v. 10)

Lettere Anve D'Etiopia, Malabar, Brasil, E Goa. Dall'Anno 1620. fin' al 1624. <...> Roma, Francesco Corbelletti, 1627. 343 pp.

Lettres Dv Iappon, Perv, Et Brasil, Enuoyees av. R. P. General de la Societé de Iesus, par ceux de ladite Societé qui s'employent en ces Regions , à la conuersion des Gentils <...> Paris, Thomas /brumen, 1578. 11\0 pp., 1 f. inum.

LISBOA, BALTHAZAR DA SILVA - **Annaes Do Rio de Janeiro** <...> Rio de Janeiro, Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e ca, 1834. v.1, XXVI, 406 pp.

Livro que dá razão do estado do Brasil. Edição comemorativa do V centenário de nascimento de Pedro Alvares Cabral. Rio de Janeiro, Instituo Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1968. 85 pp.

MACHADO, DIOGO BARBOSA - **Bibliotheca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica.** <...> Lisboa Ocidental, Antonio Isidoro da Fonseca / Ignacio Rodrigues, v. 1-2, 1741-1747.

MAURO, FREDERIC - Le Bresil au VXIe siecle. Documents inédits relatifs à l'Atlantique portugais. Separata de **Brasilia**, Coimbra, **11**, 1961. 310 pp.

MAZZA, JOSÉ - Dicionário biográfico de mûsicos portugueses. **Ocidente**, revista portuguesa mensal. Lisboa, Álvaro Pinto, **23**(74)-**25**(84), jun. 1944 - abr. 1945.

MONTALBODDO, FRACANZANO DA - **Paesi nouamente ritrouati per la Nauigatione di Spagna in Calicut. Et da Albertutio vesputio Fiorentino intitulato Mondo Nouo: Nouamente Impressa.** [Venetia, Zorzi de Rusconi, 1517]. 124 ff. inum.

MOREAU, PIERRE & BARO, ROULOX - **História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses e relação da viagem ao país dos tapuis**; tradução e notas Léda Boechat Rodrigues; nota bibliográfica José Honório Rodrigues. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1979. 128 pp. (Coleção reconquista do Brasil, v. 54)

MOREAU, PIERRE - **Relation Dv Voyage De Rovlox Baro** <...> Traduict d'Hollandois en François par Pierre Moreav de Paray en Charolois. Paris, s. ed., 1651. 110 pp. (numeradas 197-307)

NANTES, BERNARDO DE - **Katecismo Indico Da Lingva Kariris** <...> Lisboa, Valentim da Costa deslandes, 1709. 11 ff. inum., 363 pp.

NANTES, MARTIN DE - **Relation Succinte Et sincere De la Missionk Du Pere Martin de Nantes. Prédicateur Capucin, Missionaire Apostolique dans le Brezil parmy les Indiens appellés Cariris.** Quimper, Jean Perier, [c. 1707]. 8 ff. inum., 236 pp., 1 f. inum.

NAVARRO, MANUEL DE MORAIS - Copia da Carta que o Mestre de Campo M.el Alz' de Moraes Navarro escreveo ao S.or Dom Ioam de Lencastro. Códice 4-a-25 da Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros, ff. 8r-9v.

NIEUHOF, JOAN - **Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil;** traduzido do inglês por Moacir N. Vasconcelos; confronto com a edição holandesa de 1682, introdução, notas, crítica bibliográfica e bibliografia por José Honório rodrigues. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1981. 410 pp. (Coleção reconquista do Brasil, nova série, v.35)

NIEUHOF, JOHAN - **Johan Nieuhofs Gedenckweerdige Brasiliaense Zee- en Lant- Reize.** <...> Amsterdan, Jacob van Meurs, 1682. 8 ff. inum.. 240 pp., 1 f. inum., 1 mapa, 1 pl. dobr., 2 pls., 8 ilusts.

OSÓRIO, JERÔNIMO - **Da Vida E Feitos D'El Rei D. Manoel', XII. Livros Dedicados Ao Cardeal D. Henrique Seu Filho Por Jeronymo Osorio, Bispo De Sylves: Vertidos Em Portuguez Pelo Padre Francisco Manoel Do Nascimento.** Lisboa, Impressão Regia, V. I, 1804. 411 pp.

OSÓRIO, JERÔNIMO - **Hieronymi Osorii Lvsitani, Silvensis In Algarbiis Episcopi; De Rebvs; Emmanvelis Regis Lusitaniae Invictissimi Virtvte Et Avspicio, annis sex, ac viginti, domi forisq', gestis; Libri duodecim.** <...> Coloniae Agrippinae, Arnoldi Birckmanni, 1574. 15 ff. inum., 416 ff. nu8m. 16 ff. inum.

Pauliceae Lusitana Monumenta Historica; organizado e prefaciado por Jaime Cortesão. Lisboa, Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 1966. 4 v.

PIGAFETTA, ANTONIO - **Primo Viaggio intorno al globo terracqueo ossia ragguaglio della navigazione alle indie Orientali per la via d'occidente fatta dal'cavaliere Antonio Pigafetta patrizio vicentino Sulla Squadra del Caspit. Magaglianes negli anni 1519-1522.** Ora publicato per la prima volta, tratto da un Codice MS. della Biblioteca Ambrosiana di Milano e corredato di note da Carlo Amoretti Dottore del Collegio Ambrosiano. Con un Transunto del Trattato di Navigazione dello stesso Autore. Milano, Giuseppe Galeazzi, 1800. lii, 237 pp., ilust., mapas.

PISO, GUILHERME - **História natural do Brasil ilustrada;** tradução do Professor Alexandre Correia, seguida do texto original, da biografia do autor e de comentários sôbre a sua obra. Edição comemorativa do primeiro cinquentenário do Museu Paulista. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Bahia, Pará, Pôrto Alegre, Companhia Editora Nacional, 1948. xx, 434 pp.

PITA, SEBASTIÃO DA ROCHA - **Historia Da America Portugueza, Desde O Anno de Mil E Quinhentos do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro.** <...> Lisboa Occidental, Joseph Antonio Da Sylva, 1730. 12 ff. inum., 716 pp.

PYRARD, FRANÇOIS - **Viagem de François Pyrard, de Laval;** contendo a notícia de sua navegação às Indias Orientais, Ilha de Maldiva, Maluco e ao Brasil. <...> Versão portuguesa correcta e anotada por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara; edição revista e atualizada por A. de Magalhães Basto. Porto, Livraria Civilização, 1944. v. II, 349 pp. (Biblioteca Histórica Ultramarina, v. 3)

PYRARD, FRANÇOIS - **Voyage de François Pyrard, de Laval;** Contenant as navigation aux Index Orientales, Maldives, Moluques & au Bresil. <...> Paris, Louis Billaine, 1679. Parte I: 4 ff. inum., 1 mapa, 327 pp.; Parte II: 218 pp; Parte III: 144 pp., 12 ff. inum.

Registo da folha geral do Estado do Brasil. **Documentos históricos** 1625-1631: patentes, provisões e alvarás. Rio de Janeiro, Typographia Monroe, **15**: 23-66, 1930.

Registro Geral da Câmara Municipal de São Paulo. São Paulo, Arquivo Municipal, 1917-.

Relaçam Da Aclamação Qve Se Fez Na Capitania Do Rio de Ianeiro do Estado do Brasil, & nas mais do Sul, ao Senhor Rey Dom Ioão o IV. <...> Lisboa, Iorge Rodrigues, 1641; introdução e transcrição de Francisco Morais; composto e impresso na Tip. da Atlântida, Coimbra, 1940. 17pp.

Relação das capitanias do Brasil. **Revista Trimestral do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.** Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, **62**(1): 5-25, 1900.

Relacion De La Vitoria Qve Alcanzaron Las Armas Catolicas en la Baía de Todos Santos, contra Olandeses, que fueron a sitiar aquella Plaça, en 14. de Iunio de 1638. <...> [Madrid, Francisco Martinez, 1638]. 6 ff. num.

Relatione Dell'Acquisto Fatto Dall'Armata Holandese della Città di S. Saluatore nella Baia di Tutti i Santi, Metropoli della Prouincia del Brasil, nell'Indie Occidentali. L'anno 1624. Alli 9 & 10. di Maggio. <...> Venetia, Antonio Pinelli, 1624, 4 ff. inum.

Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco. Recife, Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, 1863-.

Revista do Instituto do Ceará. [Título anterior: **Revista Trimestral do Instituto do Ceará**, 1887-1932]. Fortaleza, Instituto do Ceará, 1933-.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [Títulos anteriores: **Revista Trimestral de História e Geografia,** 1839-1860; **Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil,** 1860-1885; Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1885-1905]. Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1906-.

SALVADOR, VICENTE DO - **História do Brasil: 1500-1627**; revisão de Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Frei Venâncio Willeke, OFM; apresentação de Aureliano Leite. 7a., Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1982. 437 PP. (Coleção reconquista do Brasil, nova série, v. 49)

SEVERIM DE FARIA, MANUEL - **História portugueza e de outras provincias do occidente desde o anno de 1610 até 1640** <...> copiado na parte que diz respeito ao Brasil, pela 1a. vez publicado e annotado pelo Barão de Studart. Com um appendice de quarenta e quatro documentos, ineditos, pertencentes à Colecção Studart. Fortaleza, Typ. Studart, 1903. 255 pp.

SOUCHU DE RENNFORT, URBAIN - **Histoire Des Indes Orientales.** <...> Leide, Frederik Harring, 1688. 12 ff. inum., 571 pp.

SOUSA, GABRIEL SOARES DE - **Derrotero general de la costa del Brasil y memorial de las grandezas de Bahia** (manuscrito del siglo XVI). Madrid, Ediciones Cultura Hispanica, 1985. xxxiii, 305 pp. gravs.

SOUSA, GABRIEL SOARES DE - **Notícia do Brasil**; comentários e notas de Varnhagen, Pirajá da Silva e Edeweiss. São Paulo, Moderatore et Auctore Edgard de Cerqueira Falcão, 1974. 484 pp. (Brasiliensa Documeta, v. 7)

STADEN, HANS - **Warhaftige Historica und beschreibung eyner Landtschafft der wilden nacketen Menschfresser Leuthen in der Newenwelt America gelegen**; Faksimile - Wirdergabe nach der Erstaufgabe «Marpug uff Fastnacht 1557» mit einer Begleitschrift von Richard N. Wegner; Zweite vermehrte Auflage mit 6 Abbildungen und 1 Karte. Frankfurt a. M., Wüsten & Co. (Faksimiliendruck und Verlag), 1927. 88 ff. inum., 52 pp., ilusts., ests.

STADEN, HANS - **Duas viagens ao Brasil**; tradução de Guiomar de Carvalho Franco [transcrito em alemão moderno por Carlos Fouquet, prefácio de Mário Guimarães Ferri, introdução e notas de Francisco de Assis Carvalho Franco]. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1974. X, 216 pp. (coleção reconquista do Brasil, v. 17)

TELLEZ, BALTHAZAR - **Chronica Da Companhia De Iesv, Na Provincia De Portugal;** <...> Lisboa, Paulo Craesbeeck, v.1, 1645. 12 ff. inum. 709 pp.

THEVET, ANDRÉ - **As singularidades da França Antártica;** tradução de Eugênio Amado. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1978. 271pp. (Coleção reconquista do Brasil, v. 45)

THEVET, ANDRÉ - **La Cosmographie Universelle D'André Thevet Cosmographe Dv Roy.** Illvstree De Diverses Figvres De Choses Plvs Remarquablesc Vevës Par l'Auteur, & incogneuës de noz Ancienz & Modernes. Paris, Guillaume Chandiers, 1575. v. II, 9 fg. inum., 1 mapa, 557 ff. num. (de 469-1025), 1 mapa, 19 ff. inum.

THEVET, ANDRÉ - **Les Singvlarites de la France Antarctique, avtrement nomée Amerique, & de plusieurs Terres & Isles decouuertes de nostre temps;** Par F. Andre Thêvet, natif d'Angovlesme. Anvers, Christophle Plantin, 1558. 8 frf. inum., 166 ff. num., 2 ff. inum., ilusts.

[TRAVASSOS, SIMÃO] - Summario das armadas <...> *Revista* **Trimestral do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brazil**, Rio de Janeiro, B. L. Garnier - Livreiro Editor, **36**(1):5-89, 1873.

VASCONCELOS, SIMÃO DE - **Crônica da Companhia de Jesus**. 3ª, Petrópolis, Vozes e Insituto Nacional do Livro, 1977. 2 v. (Coleção Dimensões do Brasil, v. 5)

VASCONCELOS, SIMÃO DE - **Vida do P. Joam d'Almeida da Companhia de Iesv, na Provincia do Brazil.** <...> Lisboa, Officina Craesbeeckiana, 1658. 14 ff. inum., 1 retrato, 406 pp.,4 ff. inum.

VASCONCELOS, SIMÃO DE - **Vida do Veneravel Padre Ioseph de Anchieta da Companhia de Iesv.** <...> Lisboa, Ioam da Costa, 1672. 15 pp. inum, 593, 995 PP., 1 est.

VASCONCELOS, SIMÃO DE - **Chronica da Companhia de Jesv do Estado do Brasil;** e do qve obrarão sevs filhos nesta parte do novo mvndo. Tomo Primeiro. <...> Lisboa, Henrique Valente de Oliueira, 1663. 6 ff. inum., 188, 528 pp., 6 ff. inum.

VIEIRA, ANTONIO - Annua ou annaes da provincia do Brasil dos dous annos de 1624, e de 1625. <...> **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, Typographia Leuzinger, **19**:175-217, 1897.

VIEIRA, ANTÔNIO - **Cartas do P. Antonio Vieyra da Companhia de Jesu.** <...> Lisboa Occidental, Officina da Congregação do Oratório, v. II, 1735. 6 ff. inu8m., 479 pp.

VIEIRA, ANTONIO - **Cartas do Padre António Vieira;** coordenadas e anotadas por J. Lucio d'Azevedo. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925. v. I, XVII, 605 pp. (Biblioteca de Escritores Portugueses, série C)

VILHSANTI, PEDRO CADENADE - **Relação diária do cêrco da Baía de 1638 por Pedro Cadena de Vilhasanti;** prefácio de Serafim Leite; notas de Manuel Múrias. Lisboa, Editorial Ática, 1941. 358 pp. (Coleção dos Clássicos da Expansão Portuguesa no Mundo)

Vocabulário na língua brasilica. 2ª edição revista e confrontada com o Ms fg., 3144 da Bibl. Nacional de Lisboa por Carlos Drumond. **Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 137**, 2 v., 1952-1953. (Etnografia e tupi-guarani, nº 23)

8.1.2 OBRAS SEM INFORMAÇÕES SOBRE MÚSICA

ACQUAVIVA, CLAUDIO - **Monitoria Secreta ou Instrucções Secretas dos Padres da Companhia de Jesus;** <...> Rio de Janeiro, Typographia de P. Plancher-Seignet. 1827. [71 pp.]

ALMEIDA, CANDIDO MENDES DE - **MEMORIAS Para A Historia Do Extincto Estado do Maranhão Cujo Territorio Comprehende Hoje As Provincias Do Maranhão, Piauhy, Grão-Pará E Amazonas** <...> Rio de Janeiro, Nova Typographia De J. Paulo Hildebrandt 1874 v.2, 464 pp.

ARSENNE DE PARIS - **Derniere Lettre Dv Pere Arsene De Paris. Au R. P. Prouincial des Capucins de la Prouince de Paris.** s.l., s.ed., s.d., 1 f.

ASTOLFI, FELICE - **Historia Vniversale Delle Imagini Miracolose della Gran Madre di Dio riuerite in tutte de parti del Mondo** <...> Venetia, SPS Sa, 1624. 18 ff. inum., 877 pp.

Atas da Câmara de Santo André da Borda do Campo. São Paulo, Arquivo Municipal, (1), 1914.

Atas da Câmara. [Salvador], Prefeitura do Município do Salvador, (3), 1949 e (5), 1950.

BARCO CENTENERA, MARTIN DEL - **Argentina y conqvista del Rio de la Plata, con otros acaccimientos de los reynos del Perv, Tvcuman, y estado del Brasil...** facsímil de la primera edición, impresa en Lisboa, por Pedro Craesbeeck en el año de 1602; Notas bibliográficas y biograficas de Cárlos Navarro y Lamarca. Buenos aires, Angel Estrada y Cia Editores, 1912. 31 pp., 5 ff. inum., 230 ff. num., IV pp.

BECHER, J.J. - **Gründlicher Bericht Von Beschaffenheit und Eigenschafft / Cultivirung und Bewohnung / Privilegien und Beneficien Dess in America zwischen dem Rio Orinoque und Rio de las Amazonas** <...> Franckfurt, Johan Ruckenbecker, 1669. 54 pp.

BIRAGO AVOGADRO, GIOVANNI BATTISTA - **Delle Historie Memorabili Che contine le Sollevatiuoni Di Stato De Nostri Templ.** <...> Venetia, Turrini, 1651 7 ff. inum., 408 pp.

BOEMUS, IOANNES - **Omnium Gentivm Mores, Leges, & Ritus** <...> Antverpiae, Ioan. Stelsii, 1542 123 ff. num., 21 ff. inum.

BOTERO, GIOVANNI - **Delle Relationi Vniversali Di Giovanni Botero Benese** <...> Ferrara, Benedetto Mammarelli, 1592. 2 v. em um

BRAGA, BERNARDO DE - **Sentimentos Pvblicos De Pernambuco Na Morte do Serenissimo Infante D. Duarte** <...> s.l., Domingos Lopes Rosa, 1651. 22 ff. inum.

BRITO, BERNARDO GOMES DE - **Historia Tragico-Maritima Em que se escrevem chronologicamente os Naufragios que tiveraõ as Naos de Portugal, depois que se poz em exercicio a Navegação da India** <...> Lisboa Occidental, Officina da congregação do Oratorio, 1735-1736 2 v.

CANDISCH, THOMAS - **Twee Vermaarde Scheeps-Toggten, van Thomas Candisch** <...> Leyden, Pieter Vander Aa, 1706. 64 pp. 4 ff. inum.

CARNEIRO, DIOGO GOMES - **Oração APODIXICA Aos Scismaticos Da Patria** <...> Lisboa, Lourenço de Anueres, 1641. 4 ff. inum.; 34 ff. num.

CONCEIÇÃO, APOLLINARIO DA - **Claustro Franciscano, Erecto No Dominio Da coroa Portuguesa, e estabelecido sobre dezesseis Venerabilissimas Columnas** <...> Lisboa Occidental, Antonio Isidoro da Fonseca, M. DCC. XL. 1740. 24 ff. inum., 235 pp., 1 p. inum.

CUDENA, PEDRO [PEDRO CADENA DE VILHASANTI] - **Beschreibung des Portugiesischen Amerika vom Cudena** <...> Braunschweig, Buchhandlung des Furstl. Waysenhauses, 1780. 160 pp.

DAMPIER, GUILLAUME - **Nouveau Voyage Autour Du Monde** <...> Rouen, Jean-Baptiste Machuel, M. DCC. XXIII. 1723. 5v.

DAPPER, OLFERT - **Die Unbekante Neue Welt oder Beschreibung des Welt-teils Amerika, und des Sud-Landes** <...> Amsterdam, Jacob von Meurs, 1673. 3ff. inum., 658 pp., 11 ff. inum.

DELLON - **Narração Da Inquisição De Goa.** <...> Nova-Goa, Imprensa Nacional, 1866. X, 309 pp.

Documentos avulsos de interesse para a história e costumes de São Paulo. São Paulo, Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, (1)-(6), 1952-1955.

Documentos do Arquivo. Recife, Arquivo Público Estadual da Secretaria do Interior e Justiça, (2)-(5), 1943-1950.

Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo. São Paulo, Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo e Secretaria da Educação, (1)-(93), 1913-1980.

ENS, CASPAR - **Newer Unpartheyischer Teutscher Celer Nvncivs. Oder Glaubwurdige Erzehlung aller Fuernemen vñ gedentkuerdiger Historie** <...> Coelln, Peter von Brachtel, 1630. 96 pp.

FARIA E SOUSA, MANUEL DE - **Historia Del Reyno De Portugal, Dividida En Cinco Partes...** Nueva Edicion <...> Lisboa, Joan-Francisco Borel e Diogo Borel, 1779, XXIV, 456, XLIX pp., 15 pp. inum.

FILAMONDO, RAFFAELE MARIA - **Il Genio Bellicoso Di Napoli** <...> Napoli, Dom. Ant. Parrino e Michele Luigi Mutti, M. DC. XCIIII. 1694. 2 v. em um

FONTANEAU, JEAN, DIT ALFONSE DE SAINTONGE - **La Cosmographie Avec l'Espère Et Régime Du Soleil Et Du Nord** <...> Paris, Ernest Leroux, 1604. 599 pp. (Recueil de voyages et de documents pour servir a l'histoire de la gèographie depuis le XIIIe jusqu' à la fin du XVIe siécle,v. XX)

FRANCO, ANTONIO - **Imagem Da Virtude Em o Noviciado da Companhia de Jesu Na Corte de Lisboa** <...> Coimbra, Real Collegio Das Artes Da Companhia De Jesu, M.DCC.XVII. 171. 8 ff. inum., 978 pp.

FREYRE, FRANCISCO DE BRITO - **Viage DA ARMADA Da Companhia Do Commercio, E Frotas Do Estado Do Brasil. A Cargo Do General Francisco De Brito Freyre.** [Lisboa], Por Mandato De ELREY Nosso Senhor, 1655. **6, 64 pp.**

FROGER, FRANÇOIS - **RELATION D'Un Voyage Fait en 1695. 1696. & 1697. Aux Cotes D'Afrique. Détroit de Magellan, Bresil, Cayenne Et Isles Antilles, Par une Escadre des Vaisseaux du Roi, commandée par M. De Gennes.** <...> Amsterdan, Antoine Schelte, 1699. 6 ff. pr., 227 pp.

GARCIA, GREGORIO - **Origem De Los Indios De El Nuevo Mundo, E Indias Occidentales** <...> Madrid, Francisco Martinez Abad, 1729. 16 ff. inum., pp. 7-336, 40 ff. inum.

GODEFROY, DENIS - **Le Ceremonial françois, Tome premier** <...> Paris, Sebastien Cramoisy e Gabriel Cramoisy, 1649. 13 ff. inum., 1024 pp.

GRYNAEUS, SIMON - **Novvs Orbis Regionvm Ac Insularvm Veteribvs Incognitarvm Cvm Tabvla Cosmographica** <...> Basileae, Io. Hervagivm 1555. 26 ff. inum., 677 pp.

GUELEN, AUGUSTE DE - **Brieve Relation de l'Estat de Phernambvcq.** <...> Amsterdam, Louys Elzevier, 1640. 3 ff. inum.; 43 ff. num à lápis.

GUERREIRO, FERNÃO - **RELAC,AM ANNAL DAS COVsas qve Fezeram os Padres da Companhia de IESVS nas partes da India Oriental, & em algũas outras da conquista deste reuno no anno de 606. & 607.** LISBOA. Pedro Crasbeeck, 1609. [2 ff. pr.; 204 ff. num]

GUERREIRO, FERNÃO - **RELAC,AM ANNAL DAS COVsas qve Fizeram os Padres da Companbia de Iesvs, nas partes da India Orien- tal, & em algũas outras da conquista deste Reyno nos annos de 607. & 608.** <...> Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1611. 4 ff. pr.; 344 ff. num.

GUERREIRO, FERNÃO - **Relac,am Annval DAS COVSAS QVE Fizeam os Padres da Companhia de IESVS na India, & Iapão nos anos de 600. & 601** <...> Euora, Manoel de Lyra, 1602. 259 pp.

GUERREIRO, FERNÃO - **Relac,am ANNVAL. DAS COVSAS QVE Fizeram os Padres da Companhia de Iesv nas Partes da India Oriental, & em algũas outras da conquista deste Rey-no nos annos de 604. & 605.** <...> LISBOA, Pedro Crasbeeck, 1607. 2 ff. pr.; 158 ff. num.

HAKLUYT, RICHARD - **The Principal Navigations, Voiages, Traffiqves and Discoueries of the English Nation, made by sea or ouerland, to the remote and farthest distant quarters of the Earth, at any time within the comprasse of these 1500. yeeres** <...> London, George Bishop, Raph Newberle e Robert Barker, 1598-1600. 3 v.

HENDERSON, JAMES - **A History Of The Brazil** <...> London, Longman, Hurst, Rees, Orme, And Brown, 1821. xxiii, 522 pp., 1 p. inum.

HERCKMANS, ELIAS - **Der Zee-Vaert Lof Handelende vande gedenckwaerdighste Zeevaerden met de daeraenklevende op en onderganghen der Voornaemste Heerschapijren der gantscher Wereld** <...> Amsterdam, Jacob pieterss wachter, 1634. 10 ff. inum., 235 pp., 4 ff. inum.

HERMMERSAM, MICHAEL - **West=Indianische Reiss Beschreibung / de An. 1639. biss 1645. von Ambsterdam nach St. Jorius de Mina, ein Castel in Africa** <...> Nuernberg, Paul Fuersten e Christoff Gerhard, 1663. 14 ff. inum., 116 pp., 13 ff. inum., pls.

HERRERA, ANTONIO - **Historia General De Las Indias Occidentales** <...> Juan Bautista Verdussen, Amberes, 1728. 4v.

Iris. Rio de Janeiro, L.A. Pereira de Menezes, 1848-1850. 3v.

ISRAEL, BENASSEN BEN - **Origem De Los Americanos** [2 palavras em hebraico] **Esto Es Esperanza De Israel** <...> Reimpression À Plana Y Renglon Del Libro De Menasseh Ben Israel Teólogo Y Filologo Hebreo, Sobre El Origen De Los Americanos Publicado En Amsterdam 5410 (1650) Con un preámbulo, una noticia bibliografica de las principales obras que sobre los origenes, historia y conquistas de América y Asia se han impreso, y el retrato y la biografia del autor, Por Santiago Perez Junquera. Madrid, Santiago Perez Junquera, 1881. xxxvii pp., 9 ff. inum., 126 pp., 2 ff. inum.]

JARRIC, PIERRE DU - **HISTOIRE des Choses Plvs Memorables advenves tant ez Indes Orientales, que autre pais de la descouuuerte des Portugais, En l'establissment et progrez de la foy Chrestienne, et Catholique:** <...> Bovrdeavs, S. Millanges 1608. 5 ff. inum., 699 pp., 8 ff. inum.

La DEFAITE Navale De Trois Mil, Tant Espagnola que Portugais, mis & tailez en pieces par les Hollandois, à la Baya de Todos los Sanctos. Traduite de Flamand en François. Paris, Iean Martin, 1625. 14 pp.

LESCARBOTT, MARC - **HISTOIRE De La Novvelle France** <...> Paris, Iean Milot, 1609 24 ff. pr.; 888 pp.

LINSCHHOTEN, JAN HUYGEN VAN - **Histoire de la Navigation de IEAN HVGVES de Linschott Hollandois: Aux Indes Orientales** <...> Amesterdan, Evert Cloppenburgh, 1638. 4 ff. pr.; .206 pp.; ests. e mapas desd.

LINSCHHOTEN, JAN HUYGEN VAN - **Le Grand ROUTIER DE MER, De Iean Hvgves. de Linschot Hollandois.** <...> Amesterdan, Evert Cloppenburgh, 1638. 2 ff. pr.; 181 pp.; ests. e mapas desd.

Livro Velho Do Tombo Do Mosteiro De São Bento Da Cidade Do Salvador. [Salvador], Tipografia Beneditina, 1945. XXXIX, 513 pp. (Documentos históricos da Congragação Beneditina Brasileira, v. I)

LOPEZ DE GOMARA, FRANCISCO - **Historia Delle Nvove Indie Occidentali, Com Tvtti I Discoprimenti, et cose notabili, auuenute dopo l'acquisto di esse. Parte Seconda.** <...> Venetia, Francesco Lorenzi da Turino, 1560. 10 ff. inum., 306 ff. num.

MAFEI, GIOVAN PIETRO - **Le Istorie Delle Indie Oriental Del Rev. P. Giovan Pietro Maffei** <...> Fiorenza, Filippo Givnti, M.D. LXXXIX, 1589. 25 ff. inum., 930 pp., 3 ff. inum.

MALLET, ALLAIN MANESSON - **Description De l'Univers** <...> Paris, Denys Thierry, 1683. 5 v.

MAMIANI DELLE ROVERE, LUIZ VICENTIO - **Arte De Gramatica Da Lingua Brazilica Da Nação Kiriri** <...> Rio de Janeiro, Typ. Central de Brown & Evaristo, 1877. LXXII, XI, 101 pp.

MASCARENHAS, JORGE, MARQUÊS DE MONTALVÃO - **Carta. QVE O VISORREY Do Brasil Dom Iorge Mascarenhas Marquz de Montaluão escreueo ao Excellentissimo Conde de Nassau Generasl dos Olãndeses em Pernambuco.** Lisboa. Iorge Rodrigues, 1641. 4 ff. inum.

MATTOS, EUSEBIO DE - **Ecce Homo. PRACTICAS Pregadas No Collegio Da Bahia As sestas feiras à noite, mostrandose em todas o Ecce Homo:** Rio de Janeiro, Typ. Barthel, 1923. 5ff. inum.; 73 pp.; 1 f. inum.; 108 pp. (Estante Classica da Revista da Lingua Portuguesa Dirigida por Laudelino Freire - v. 11)

MELO, FRANCISCO DE - **EPANAPHORAS De Varia Historia Portvgveza** <...> Lisboa. Henrique Valente de Oliueira, 1660. 5 ff. inum.; 537 pp.

MELO, FRANCISCO MANOEL DE - **Restauração de Pernambuco, epanáfora triunfante e outros escritos.** Recife, Secretaria do Interior, 1944. 83 pp.

MENEZES, LUIZ DE - **Historia de Portugal Restaurado** <...> Lisboa, Joaõ Galraõ / Miguel Deslandes, 1679-1698. 2 v.

MOCQUET, JEAN - **VOYAGES en Afriqve, Asie, Indes Orientales & Occidentales.** <...> Paris, Iean de Hevqveville, 1617 4 ff. pr.; 442 pp. 7 ff. inum.; 4 ff. de ests.

MONTOYA, RUIZ DE - **Conqvista ESPIRITVAL Hecha Por Los Religiosos De La Compañia de Iesus, en las Prouincias del Paraquay, Parana, Vruguay, y Tape.** <...> Madrid, imprenta del Reyno, 1639. 4 ff. pr., 103 ff. num., 1 f. inum.

MOUREAU, PIERRE - **HISTORIE Des Dernieres Trovbles DV BRESIL. Entre les Hollandois Et Les Portvgais.** <...> Paris, Avgvstin Covrbe'. 1651 18, 212 pp.;

MUNSTER, SEBASTIAN - **Cosmographiae universalis Lib. VI.** <...> s.l., s.ed., 1554. 37 ff. inum.,1162 pp. (correto: 1172), 1 f. inum.

NIEREMBERG, JUAN EUSEBIO - **Firmamento Religioso De Lvzidos Astros, En Algvnos Claros Varones De La Compañia De Iesvs** <...> Madrid, Maria de Quiñones, 1654. 6 ff. inum., 808 pp.

NOORT, OLIVIER VAN - **Description DV PENIBLE VOYAge Fait Entovr de l' Vnivers ov Globe Terrestre, par Sr. Olivier dv Nort d'Vtrecht** <...> Amesterdan, Vevfe de Cornille Nicolas, 1610. 1 f. pr.; 61 pp.

Nouvelle Relation D'Un Voyage Fait Aux Indes Orientales <...> Amsterdan, Paul Marret, 1699 699 pp.

[ORLERS, JAN JANSZ] - **Wilhelm Em Maurits van Nassau, Princen van Orangien, Daer Leben en Bedrijf, Of 't Begin en Voortgang der Nederlandsche Oorlogen** <...> Amsterdan, Jan Jansz, 1651. 5 ff. inum., 104 pp., 2 ff. inum., 420 pp.

OTTSEN, HENRICH - **Corto y verídico relato de la desgraciada navegación de un buque de Amsterdan llamado El Mundo de Plata** <...> Prologo y notas de armando Tonelli. Buenos Aires, Editorial Huarpes, S.A., 1945. 116 pp. (Coleccion Viajeros por America, v.1)

PAGAN, BLAISE FRANÇOIS DE - **RELATION HISTORIQVE Et Geographiqve, De la Grande Riviere Des Amazones DANS L'AMERIQVE.** <...> pARIS, cARDIN bESONGNE, 1661. 5 FF. PR.: 190 PP.

Primazia Serafica Na Regiam Da America <...> Lisboa Occidental, Antonio de Sousa da Sylva, M. D. CC. XXXIII. 1733 17 ff. inum., 366 pp., 1 f. inum.

RAMUSIO, GIOVANNI BATTISTA - **Navigationi Et viaggi Raccolto Gia Da M. Gio. Battista Ramvsio.** Venetia, Givnti, v.2: 1583; v.3: 1565.

refriega ADMIRABLE Qve El Marqves De Villa Real, General de La Armada De La Corona De Portugal, tuuo con catorze Naos de Olandeses en el cabo de Gel, donde le desbaratò las diez, y las quatro captiuò. <...> s.l., s. ed., 1626. 2 ff. inum.

Relaçam Diaria Do Sitio, E Tomada da forte praça do Recife <...> Lisboa, Officina Craesbeeckiana, 1654. 16 ff. inum.

RELATION Veritable De La prinse de la Baya de todos los sanctos, & de la ville de S. Sauuer au Brasil. <...> 1624. 12 pp.

REVIUS, JACOB - **Over-ysselsche Sangen En Dichten Iacobii Revii** <...> Leyden, François de Heger, 1634. 2 ff. inum., 370 pp.

RICHSHOFFER, AMBROSIO - **Diario De Um Soldado Da Companhia das Indias Occidentaes (1629-1632), Por Ambrosio Richshoffer;** Traduzido Do Rarissimo Original Allemão E Annotado Por alfredo De Carvalho <...> Recife Typographia A Vapor De Laemmert & Comp., 1897. VIII. 189 pp. (Para A Historia De Pernambuco, v.1)

RODRIGUES, MANUEL - **El Marañon, Y Amazonas** <...> Madrid, Antonio Gonçalves, 1684. 10 ff. inum., 444 pp., 16 ff. inum.

ROSS, ALEXANDER - **Pansebeia** [em grego]: **Or, A View of all Religions in The World** <...> London, Jamews Youg, 1653. 18 ff. inum., 578 pp., 6 ff. inum.

SANTA MARIA, AGOSTINHO DE - **Santuario Mariano, E Historia das Imagens milagrosas De Nossa Senhora** <...> Lisboa Occidental, Antonio Pedrozo Galram, 1722. 8 ff. inum., 423 pp.

SLUPERIUS, IOANNIS - **Omnium Fere Gentivm, nostraeq'; aetatis Nationum, Habitus & Effigies** <...> Antverpiae, Ioannem Bellerum, 1572. 135 ff. inum.

SPIELBERGEN, JORIS VAN & MAIRE, JACOB LE - **The East and West Indian Mirror, Being an Account of Joris van Spielbergen's Voyage Round le Maire.** Translated, with Notes and Introduction, by J. A. J. de Villiers, of the British Museum. London, Hakluyt Society, 1906. lxi, 272. 40 pp. Hakluyt Society, (Works Issued by The Hakluyt Society, Second Series, nº XVIII)

STUDART, GUILHERME - **Documentos para a história de Martim Soares Moreno colligidos e publicados pelo Barão de Studart.** Fortaleza, Typ. Minerva, 1905. X, 116 pp.

TEIXEIRA, DOMINGOS - **Vida De Gomes Freyre De Andrade, General da Artelharia do Reyno do Algarve** <...> Lisboa Occidental, Officina Da Musica, 1724. v. 2: Antonio Pedroso Galram, 1727.

TEIXEIRA, LUIS - **Roteiro de todos os sinais na costa do Brasil.** Edição comemorativa do V centenário de Pedro Álvares Cabral: Reprodução fac-similar do ms. 51-IV-38 da Biblioteca da Ajuda; leitura diplomática, comentários e índice de vocábulos; edição preparada por Max Justo Guedes. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1968. 183 pp. (Dicionário da língua portuguesa, textos e vocabulários, v.10)

TEIXEIRA, PEDRO - **VIAJE Del Capitán Pedro Teixeira Águas Arriba Del Rio de Las Amazonas (1638-1639)**; Publicado Por Márcos Jimenez De La Espada. Madrid Imprenta De Fortanet, 1889 1 f. pr.; 131 pp.; 1 cmapa

VIEIRA, ANTONIO - **Cartas do padre antonio Vieira. Coordenadas e anotadas por J. Lúcio de Azevedo.** Lisboa, Imprensa Nacional, 1971 v. 2, XV, 690 pp.; v.3, XVIII, 834 pp.

Von Eroberung DER STADT OLINDA / <...> s.l., s. ed., 1630. 8 pp.

WAERDENBURCH, DIEDERIK - **Copie De La Lettre Escritte A Messievrs Les Estats Generavx Des Provinces Vnies des Pays-bas** <...> Paris, Iean Bessin, 1650 15 pp.

WARDEN, DAVID B. - **Histoire De L'Empire Du Brésil, Depuis Sa Découverte Jusqu' a Nous Jours** <...> Paris, Chez L'Editeur, 1832. 2 ff. inum., 462 pp.

Warhaffter Bricht/ Welcher massen DIE STATT OLINDA IN Brasilia in der Haubtmanschafft Pernambuco gelegen/ Durch den Edlen/ Gestrengen vnnd Mannhafften Herzen Heinrich Cornelise Long/ <...> Amesterdam. s.ed., 1630. 9 pp.

WYTFLIET, CORNILLE - **Histoire Vniverselle Des Indes Occidentales Et Orientales, Et De La Conversion Des Indiens** <...> Dovay, François Fabri, 1611. 8 ff. inum., 108 pp.

8.1.3 OBRAS NÃO CONSULTADAS

Acta Amazônica. Manaus, Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas, 1971-.

Aen-Spraeck aen den Getrouwen Hollander, npende De Proceduren der Portuguesen in Brasil... Graven-Burghorn, Isaac Burghorn, 1645.

ALVARES, FRANCISCO - **Historia de las cosas de Ethiopia...** Caragoça, Agostin Millan, 1651.

Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará. Belém, Biblioteca e Arquivo Público do Pará, 1902-1926.

Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1876-.

Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde / Museu Histórico Nacional, 1940-.

Anais do Museu Paulista. São Paulo, Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1922-.

ANDRADE, FRANCISCO - **Cronica do Mvyto alto e mvito poderoso rey destes reynos de Portugal dom Ioão o III.** Lisboa, s.ed., 1613.

Annvae litterae Societatis Iesv anni. M.D.LXXXII - anni M.DC.LI... Romae, Colegio eiusdem Societatis, 1584-1658. 9 v.

Arquivo do Amazonas. Manaus, s.ed., 1906-.

Arquivo Histórico Português. Lisboa, s.ed., 1903-.

Arquivos do Museu Paranaense. Documentação / Nova Série. Curitiba, Secretaria da Educação e Cultura, 1965-.

Arquivos. Recife, Prefeitura Municipal do Recife, 1942-.

ASIÉ, D' - **Description generale des costes de l'Ameriqve...** Paris, Robert Baptiste de la Caille, 1676.

Atas ou sínodos da religião cristã reformada (trad. de Souto Maior). Rio de Janeiro, Livr. J. Leite, s.d.

AUGSPURGER, JOHAN PAUL - **Johann Paul Augspurgers Kurtze und Warhaffte Beschreibung der See-Reisen Von Amsterdam in Holland nacher Brasilian in America...** Schleusinger, Joh. Michael Schallin, 1644.

AVITY, PIERRE D' - **Les Estats, Empires et Principautez du Monde...** Rouen, Adrian Ovyn, 1625.

BARLEUS, GASPAR - **Casparis Barlaei Trivmphus super capta Olinda...** Lugduni Batavorum, Godefridi Basson, 1630.

BAUDART, WILLEM - **Memorijem ofte Cort Verhael der Ghedenck-Weerdichste so Kercklijke als weltlicke Geschiedenissen van Nederlande Vranckrijck...** Zutphen, Andries Janisz Vanchelst, 1624-1625. 2v.

BECHER, J.J. - **Grundlicher Bericht Von Beschaffenheit und Eigenschafft, Cultivirung und Bewonhnung...** Franckfurt, Johan Kuchenbecker, 1669.

BELLEFOREST, FRANÇOIS DE - **L'histoire Vniverselle dv monde...** Paris, Gervais Mallot, 1570.

BELLEFOREST, FRANÇOIS DE - **La Cosmographie Universelle de tout le monde...** Paris, v. I, Nicolas Chesneau, 1575; v. II Michel Sonnius, 1575.

BEMBO, PIETRO - **L'Histoire dv Novveau Monde Descouvert par les Portugalois...** Paris, Estienne Denysie, 1556.

BENZONE, GIROLAMO - **Historia Indiae Occidentalis...** s.l., Eustathius Vignon, 1586.

BOEY, CORNELIS - **Illustrissimo heroi Mauricio Hagae-Comitis...** Ant., Tonger - loo, 1637.

Boletim das Bibliotecas e Arquivos Nacionais. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1902-.

Boletim do Arquivo do Estado de São Paulo. São Paulo, Secretaria da Educação/Arquivo do Estado, 1942-.

Boletim do Arquivo Municipal de Curitiba: documentos para a história do Paraná. Curitiba, Arquivo Municipal, 1906-1932.

Boletim do Instituto do Ceará. Fortaleza, Instituto do Ceará, 1887-.

Boletim do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Manaus, 1967-.

Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense. Curitiba, Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, 1917-.

Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Curitiba, Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1939-.

BONUCCI, ANTONIO MARIA - **Epítome Cronológico Genealógico e Histórico...** Lisboa, s.ed., 1704.

BOVERIO, ZACCARIA - **Annalium seu sacrarum historiarum ordinis minorum S. Francisci...** Ludguni, Claudii Landry, 1632.

BRAGA, BERNARDO DE - **Primazia Monarqvica Do Pay Commum dos Monges N.P.S. Bento...** Rvam, Ivam Berthelin, 1662.

Breve Tratado de Geographia dividido en tres partes... Brusselas, Lamberto Marchant, 1700.

Cartas edificantes y curiosas, escritas de las missiones estrangeras, por algunos missionarios de la Companhia de Jesus... Madrid, M. Fernandez, 1753-1757. 16v.

CASAS, BARTOLOMÉ DE LAS - **Relacion des Voyages...** Amsterdam, J.L. de Lorme, 1698.

CAVENDISH, THOMAS - **Iournaelen van drie Voyagien, Te weten...** Amstelredam, Iacob Pietersz Wachter, 1643.

CESPEDES Y MENEZES, GONÇALO DE - **Historia de Don Felipe III. Rei de las Españas...** Barcelona, Sebastián de Cornellas, 1634.

CONCEIÇÃO, APOLLINARIO DA - **Pequenos na Terra, Grandes no Ceo...** Lisboa, Officina da Musica, 1732.

CONCEIÇÃO, APOLLINARIO DA - **Seculos da Religião Serafica...** Lisboa, Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1736.

CYSAT, RENWART - **Warhaftiger Bericht von den New-erfundenen Japponischen Inseln und Konigreichen auch von anderen zuvor unbekandten Indianischen Landen...** Freyburg in Ochtland, Abrham Gemperlin, 1586.

DALMASES, CÁNDIDO DE - **Fontes Narrativi de S. Ignatio de Loyola et de Societis Iesu initiis...** Romae, 1943-1951, 2v.

DAVIES, WILLIAM - **A Trve Relation of the Travailles and most miserablwe captiuitie of William Davies...** London, Nicholas Bourne, 1614.

Description de la Baia de Todos los Santos y ciudad de Sansalvador... s.l., s.ed., 1625.

Documentos dos Arquivos Portugueses que importam ao Brasil. Lisboa, Secção de Intercâmbio Luso-Brasileiro, 1944-1949.

Documentos Históricos. Salvador, Arquivo Público do Estado da Bahia / Secretaria do Interior e Justiça, 1955-.

Documentos holandeses. Rio de Janeiro, Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1945.

Documentos para a história pernambucana. Recife, Secretaria do Interior e Justiça, Imprensa Oficial, 1944.

DRIESEN, LUDWIG - **Leben des Fürsten Johann Moritz von Nassau...** Berlin, Deckerschen Geheimen Ober-Hofbuchdruckerei, 1849.

DURAN, NICOLA - **Relation des insignes progrez de la Religion chrestienne...** Paris, Sebastien Cramoisy, 1638.

Epistolae Mixtae ex variis Europae locis ab anno 1537 ad 1556 scriptae. Matriti, 1898-1910. 5 v.

Epistolae S. Francisi Xaveri aliaque scripta. Nova editio ex integro refecta textibus, introductionibus, notis, appendicibus aucta. Romae, Ediderunt Georgius Schurhammer S.I. et Iosephus Wicki S.I., 1944-1945. 2v.

ESPERANÇA, MANOEL DA & SOLEDADE, FERNANDO DE - **Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores...** Lisboa, v. 3, Manoel Joseph Lopes Ferreira, 1705 e v. 4, idem, 1709.

FERNANDES DE MEDRANO, SEBASTIAN - **Breve Descripcion del Mundo....** Barcelona, Ioseph Texido, 1688.

[FIGUEIRA, LUIZ] - **Relaçam De Varios Svccessos Acontecidos no Maranham e Gram Pará...** Lisboa, Mathias Rodrigues, 1631.

FRANCO, ANTONIO - **Annus Gloriosus Societatis Jesu in Lusitania...** Viennae, Joannis Baptistae Schilgen, 1720.

FRANZ, ERASMUS - **Ost und West-Indisher wie auch Sinesischer Lust und Stats-Warten...** Nurnberg, Johann Andreae Endters, 1668.

FRICIUS, VALENTINUS - **Indianisher Religion-statt der gantzen newen Welt...** Ingolstadt, Wolfgang Eder, 1588.

FUNNEL, WILLIAM - **A Voyage round the World...** London, W. Botham, 1707.

GIRAVA, GERONIMO - **Dos Libros de Cosmographia Compuestos nuevamente por Hieronymo Girava Tarragones...** Milan, Iuan Antonio Castellon, 1566.

GONNEVILLE, JEAN PAULMIER DE - **Memoires tovchant l'Establissment d'vne Mission Chrestienne dans le Troisieme Monde...** Paris, Clavde Cramoisy, 1663.

GOTTFRIED, JOHANN LUDWIG - **Newe Welt Americanische Historien...** Franckfurt am Mayn, Matheum Meriam, 1655.

GUSMÃO, ALEXANDRE DE [pai] - **Arte de crear bem os Filhos na idade da Puericia...** Lisboa, Miguel Deslandes, ,1685.

GUZMAN, LUIS DE - **Historia de las missiones qve han hecho los religiosos de la Compañia de Iesvs...** Alcala, Biuda de Iuan Gracian, 1601.

HAWKINS, RICHARD - **The Observations of Sir Richard Havvkins...** London, I.D., 1622.

Historische Beschreibung Der Kleinen wunder Welt... Lubeck, Albrecht Hakelman, 1652.

JARRIC, PIERRE DU - **Histoire des choses plvs memorables...** Bourdeavs, S. Milanges, 1614. v.3.

JOOSTEN, JAQUES - **De Kleyne Wonderlijcke Werelt...** Amsterdam, Dirk Uittenbroeck, 1649.

KNUTTEL, W.P.C. [ed.] - **Acta der particuliere synoden van Zuit-Holland, 1621-1700. Uitgeven door Dr. W.P.C. Knuttel.** Gravenhage, M. Nijhof, 1908-1916. 6 v.

Kurtze und warhafte Beschreibung die See-Reisen van Amsterdam in Holland nacher Brasile in America, und Angola in Africa... s.l., Joh. Michael Schalln, 1644.

LAET, JOANNES DE - **Historie Ofte Iaerlijck Verhael van de Verrichtinghen der Geoctroyeerde West-Indische Compagnie...** Leyden, Abraham Elzevier, 1644.

Lainii Monumenta. Epistolae et Acta Patris Jac. Lainii, secundi praep. generalis Soc. Jesu... Matriti, Typis Gabrielis Lopes del Horno, 1912-1917. 8v.

LEITE-CORDEIRO, JOSÉ PEDRO - **Litterae Quadrimestres ex universis praeter Indiam et Brasiliam locis in quibus aliqui ex Societate Iesu versabantur Romam missae.** Matriti, 1894-1925; Romae, 1932. 7 v.

LIMA, TOMÁS DA ENCARNAÇÃO DA COSTA - **Historia Della Vita Del Venerabil P. Ignatio D'Azzebedo. E della Morte del medesimo...** Roma, Giorgio Placho, 1702.

Litterae Quadrimestres ex universis praeter Indiam et Brasiliam locis in quibus aliqui ex Societate Iesu versabantur Romam missae. Matriti, Excudebat Augustinus Avrial, 1894-1925; Romae, 1932. 7v.

MACEDO, ANTONIO DE - **De vita et moribus Ioannis de Almeida...** Romae, Franciscum Tizonium, 1671.

[MALDONADO, JOSÉ] - **Relacion del primer descvbrimiento del Rio de las Amazonas**, por otro Marañon... s.l., [Madrid], s.ed., [1642].

MAMIANI DELLE ROVERE, LUDOVICO - **Catecismo da doutrina Christãa Na Lingua Brasilica da Nação Kiriri...** Lisboa, Miguel Deslandes, 1698.

MARTYR, PETER - **Libro primo della Historia de l'Indie Occidentali... Libro secondo... Libro vltimo...** Vinegia, s.ed., 1534.

Memoire van Sijne Excellentie den Heere Henrique de Souza de Tavares da Silva... Amsterdan, Nicolaes van Ravesteyn, 1661.

Memorial sobre as terras e gente do Maranhão & Grão Pará & Rio das Amazonas... Lisboa, Mathias Rodrigues, 1637.

MEROLLA DA SORRENTO, GIROLAMO - **Breve, e svcinta Relations del Viaggio nel regno di Congo...** Napoli, Francesco Mollo, 1692.

Monumenta Borgiae. Sanctus Franciscus Borgis quartus Gandiae dux et Societatis Jesu Praepositum Generalis tertius. Matriti, 1894-1911. 5 v.

Monumenta Historica Soceitatis Iesu. Matriti / Romae, 1894-1956. 79 v.

Monumenta Ignatiana ex autographis vel ex antiquoribus exemplis colecta. Series Prima: Epistolae et instructiones. Matriti, 1903-1911. 12 v.

Monumenta Ignatiana. Series Tertia. Regulae Societatis Iesu (1540-1556). Romae, Edidit Dionysius Fernández Zapico S.I., 1948.

Monumenta Ignatiana. Series Tertia. Sancti Ignatii de Loyola Constitutiones Societatis Iesu. Romae, 1934-1938.

MORISOT, CLAUDE BARTHÉRLEMY - **Orbis Maritimi sive rerum in mari et littoribus gestarum generalis historia...** Divione, Petrum Palliot, 1643.

Newe Zeytung von einem seltzamen Meerwunder so sich diss nechst verschienen LXIIJ. Far im Land Bresilia... Augspurg, Mettheo Francken, [1565 ou antes].

Nuovi Avisi Dell'India... Roma, Antonio Blado, 1570.

NYLANDT, PETRUS & MEXTOR, J. VAN - **Het Schouwotoneel der aertsche schepselen, alfbeedende allerhande menschen, beesten vogelen, visschen, etc....** Amsterdam, Marcus Willemsz Doornick, 1672.

O Arquivo. Cuiabá, s.ed., 1904-.

[PEAKE, THOMAS] - **America: or an exact Description of the West-Indes...** London, Rio Hodgkinsonne, 1655.

Petit recveil D'aucuns Hommes Illustres, & des plus Signalés Martyres de la Compagnie De Iesus... Dorvay, Levrent Kellam, 1662.

PLANTE, FRANCISCUS - **Francisi Plante Brucensis Mauritiados Libri XII Hoc est. Rerum ab Illustrissimo Heroe Ioanne Mauritio, Comite Nassaviae &c...** Lugduni Batavorum, Ioannis Maire, 1647.

POLANCO, IOANNES ALPHONSUS DE - **Vita Ignatti Loiolae et rerum Societatis Jesu Historia... Matriti, s.ed., 1894-1898. 6v.**

Publicações do Arquivo do Estado da Bahia. Salvador, Arquivo Público do Estado da Bahia, 1937-.

Publicações do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1886-.

REBELLO, AMADOR - **Compendio de algvas cartas que este anno de 97. vierão dos Padres da Companhia de Iesu...** Lisboa, Alexandre de Siqueira, 1598.

Recueil des plus fraisches lettres, escrites des Indes Orientales... Paris, Michel sonnius, 1571.

Registro Geral da Câmara Municipal de São Paulo. São Paulo, Arquivo Municipal 1917-.

Res Brasiliae imperante illustrissimo D.I. Mauritio Massoviae... Clivis, Tobiam Silberling, 1660.

Revista da Academia Cearense. Fortaleza, Academia Cearense.

Revista do Arquivo Municipal. São Paulo, Divisão do Arquivo Histórico, do Depaertamento de Cultura, da Secretaria da Educação e Cultura da Prefeitura de São Paulo, 1934-.

Revista do Arquivo Público. Recife, Secretaria do Interior e Justiça, 1946-.

Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano. Maceió, Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano, 1873-.

Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco. Recife, Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, 1863-.

Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza, Instituto do Ceará, 1933-.

Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Salvador, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1894-.

Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Manaus, Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, 1917-.

Revista do Instituto Histórico de Alagoas. Maceió, Instituto Histórico do Alagoas, c1920-.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (títulos anteriores: **Revista Trimestral de História e Geografia,** 1839-1860; **Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil,** 1860-1885; **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,** 1885-1905). Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1906-

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Guarujá-Bertioga. Guarujá, Instituto Histórico e Geográfico de Guarujá-Bertioga, 1964.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Florianópolis, Instituto Histórico e Geográfico de Sanrta Catarina, 1912-.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria. Santa Maria, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria, 1962-.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santos. Santos, Instituto Histórico e Geográfico de Santos, 1959-.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. São Paulo, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1895-.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Aracajú, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 1913-.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Vitória, Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1917-.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. São Luis, Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, 1949-.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso. Cuiabá, Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso, 1913-.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Belém, Instituto Histórico e Geográfico do Pará, 1917-.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Paranaguá. Paranaguá, Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, 1953-.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1903-.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 1921-.

Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba. Sorocaba, Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, 1956-.

Revista do Museu Paulista. São Paulo, Museu Paulista da USP, 1895-.

Revista Trimestral do Instituto do Ceará. Fortaleza, Instituto do Ceará, 1887-1932.

ROLT, RICHARD - **A New and Accurate History of South America...** London, T. Gardner, 1756.

SÁ, MANOEL DE - **Memórias históricas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da provincia de Portugal... Parte primeira.** Lisboa, José Antonio da Silva, 1727.

SACCHINI, FRANCISCO - **Historiae Societatis Iesu Pars Secunda**... Antuerpiae, Officina Filiorum Martini Nutti, 1620; **Pars Tertia**, Romae, Manaelfi Manelfij, 1649; **Pars Quarta,** Romae, Manelfi Manelfij, 1652; **Pars Quinta,** Romae, Typographia Varesij, 1661.

SANTA ANNA, JOSÉ PEREIRA DE - **Chronica dos Carmelitas da antiga e regular observancia nestes reinos de Portugal, Algarve e Domínios...** Lisboa, s.ed., 1745-1752, 2 v.

Secvnda Parte en la qual se contienen siete libros... s.l., s.ed., s.d.

Sentimentos Publicos de Pernambuco na morte do Serenissimo Infante D. Duarte... s.l., Domingos Lopes Rosa, 1651.

STUDART, GUILHERME - **Documentos para a história do Brasil e especialmente do Ceará, 1608-1625.** Fortaleza, 1904-1921. 4 v. Typ. Studart.

Synopsis Annalium Societatis Jesu in Lusitania ab Anno 1541 usque ad Annum 1725... s.l., s.ed., 1726.

TANNER, MATHIAS - **Die Gesellschaft Jesu bisz sur Vergiessung ihres Blutes wider dem Gotzendienst...** Prague, s.ed., 1683.

[TECHO, NICOLA DEL] **Relatio Triplex De Rebus Indicis...** Antuerpiae, Iacobum Meursium, 1654. pp. 32-47.

Viagem devota, e feliz... Lisboa, Officina de Joze Antonio Platen, 1746.

VIDE, SEBASTIÃO MONTEIRO - **História da vida, e morte da madre soror Victoria da Encarnação...**

WYNKELMANN, JOHANN JUST - **Der Americanischen Neuen Welt Beschreibung...** Oldenburg, Heinrich Conrad Zimmer, 1664.

8.2 BIBLIOGRAFIA AUXILIAR

[ABEVILLE, CLAUDE D'] - **Discours Et Congratviation A La France.** Svr. L'arriuée des Peres Capucins en l'Inde nouelle de l"Amerique Meridionale en la terre de Brasil. <...> Tovron, Clavde Michel, 1612. 32 pp.

ABBEVILLE, CLAUDE D' - **L'ARRIVEE Des Peres Capvcins, & la conuersion des Sauuages à nostre saincte foy. Declaree par le R.P. Clavde D'Abbeville Predicateur Capucin.** <...> Paris, Iean Nigavt, 1631. 16 pp.

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA. **Diccionario Da Lingoa Portugueza** <...> Lisboa, Officina das Mesma Academia, v. 1, 1793. CC pp., 2 ff. inum., 543 pp., 1 f. inum.

ACQUARONE, FRANCISCO - **História da música brasileira.** Rio de Janeiro, Francisco Alves [c.1948]. 360 pp.

ACUÑA, CRISTOBAL DE - **Nuevo descubrimiento del gran rio de las Amazonas por el p. Christoval de Acuña reimpreso según la primera edición de 1641.** Madrid, Juan Cayetano García, 1891. xxxi, 235 pp. (Colección de libros que tratan de América raros ó curiosos, v.2)

ALEGRIA, JOSÉ AUGUSTO - **História da Escola de Música da Sé de Évora.** [Lisboa], Fundação Calouste Gulbenkian, 1973. 195 pp.

ALEGRIA, JOSÉ AUGUSTO - **O ensino e prática da música nas Sés de Portugal (da reconquista aos fins do século XVI).** Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portugue3sa - Ministério da Educação, 1985. 136 pp. (Biblioteca breve - série música, v.10)

ALMEIDA PRADO, J. F. DE - **História da formação da sociedade brasileira; primeiros povoadores do Brasil 1500-1530.** 3ª, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1954. 310 pp. (Bibliografia pedagógica brasileira, série 5ª, Brasiliana, v. 37)

ALMEIDA, FERNANDO MENDES DE - O folclore nas ordenações do reino (contribuição jurídico-sociológica para o estudo da formação de muitos dos nossos costumes). **Revista do Arquivo Municipal,** São Paulo, Deptº de cultura, 5(56):7-126, 1939.

ALMEIDA, RENATO - **Compêndio de história da música brasileira.** 2ª. Rio de Janeiro, F. Briguiet & CIA Editores, 1958. 185 pp.

ALMEIDA, RENATO - **História da música brasileira.** Rio de Janeiro, F. Briguiet & Comp., Editores. 1926. 238 pp.

ALMEIDA, RENATO - **História da música brasileira;** segunda edição correta e aumentada; com textos musicais. Rio de Janeiro, F. Briguiet & Comp., 1942. XXXII, 529 pp.

ALVARENGA, ONEYDA - **Música popular brasileña.** México, Fondo de Cultura Econômica, 1947. 272 pp.

ANCHIETA, JOSÉ DE - **Lírica portuguesa e tupi;** originais em português e em tupi acompanhado de tradução versificada, introdução eanotações ao texto pelo Pe. Armando Cardoso, S.J.. São Paulo, Vice-Postulação da Causa da Canonização do Beato José de Anchieta, 1984. 231 pp. (Obras Completas, v.5 - I)

ANCHIETA, JOSEPH DE - **Poesias.** Manuscrito do séc. XVI, em português, castelhano, latim e tupi. Transcrição, traduções e notas de M. de L. de Paula Martins. Edição comemorativa do IV centenário da fundação de São Paulo, [Ind. Gráfica Siqueira S.A.], 1954. xxvi, 833 pp., 3 ff. inum. (Museu Paulista, Documentação Linguística, 4. Boletim IV)

ANCHIETA, JOSEPH DE - **Teatro de Anchieta.** Originais acompanhadas de tradução versificada, introdução e notas pelo P. Armando Cardoso S. J. São Paulo, Ed. Loyola, 1977. 372 pp. (Obras complestas, v. 3)

ANDRADE, JULIETA - **Cocho Mato-grossense: um alaúde brasileiro.** São Paulo, Escola de Folclore / Editorial Livramento, 1981. 85 pp.

ANDRADE, MÁRIO DE - **Aspectos da música brasileira.** São Paulo, Martins, 1965. 246 pp.

ANDRADE, MÁRIO DE - **Música do Brasil.** Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Editora Guaira Limitada, 1941. 79 pp. (Coleção Caderno Azul, v.1)

ANDRADE, MÁRIO DE - **Pequena história da música.** 8ª, Martins; Belo Horizonte, Itatiaia, 1980. 246 pp.

ANDRADE, MÁRIO DE - **Pequena história da música;** edição ilustrada. São Paulo, Livraria Martins, 1942. 286 pp. (A marcha do espírito, v.3)

ANDRÉ, ALBERTO - A música na catequisação dos jesuítas. **Anais do IV Centenário da Companhia de Jesus,** 1946. Rio de Janeiro, Serviço de Documentação do M. E. S. / Imprensa Nacional, 1946. pp. 463-464.

ANDREONI, JOÃO ANTÔNIO - Carta do P. Reytor do Collegio da Bahia em que dá conta ao Padre Géral da morte do P. Antonio Vieyra, & refere as principaes acções de sua vida. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, Typographia Leuzinger, **19**:145-160, 1897.

ANTONIL, ANDRÉ JOÃO - **Cultura e opulência do Brasil;** texto confrontado com o da edição de 1711, com um estudo biobibliográfico por Affonso de E. Taunay; nota bibliográfica de Fernando Salem; vocabulário e índice antroponímico, toponímico e de assuntos de Leonardo Arroyo. 3ª, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1982. 239 pp. (Reconquista do Brasil; nova série, v. 70).

APPLEBY, DAVID P. - **The music of Brazil.** Austin, University of Texas Press, 1983. 209 pp.

ARANDA, MATEUS DE - **Tractado de canto mensurable.** Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1978. 92 pp.

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL) - **Fiscais e meirinhos: a administração no Brasil colonial;** coordenação de Graça Salgado. Rio de Janeiro, Nova Fronteira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1985. 452 pp. (Publicações históricas, v. 86)

ARROYO, LEONARDO - **Igrejas de São Paulo;** introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo nas suas relações com a crônica da cidade; com uma carta do Cardeal-Arcebispo de São Paulo, D. Carlos Carmello Motta; prefácio de Affonso de E. Taunay; com vinhetas de Orlando Matos e 51 fotografias fora do texto. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editôra, 1954. 407 pp.

AYROSA, PLINIO MARQUES DA SILVA [comp.] - **Diccionario Portuguez-Brasiliano e Brasiliano-Portuguez;** reimpressão integral da edição de 1795, seguida da 2ª parte, até hoje inédita, ordenada e prefaciada por Plinio M. da Silva Ayrosa. [São Paulo, Imprensa Official do Estado, 1934]. 306 pp.

AZEVEDO, LUIS HEITOR CORRÊA DE - Tupinambá melodies in Jean de Léry's «Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil». **Papers of the American Musicological Society,** Annual Meeting, 1941. Minneapolis, Minnesota. Richmond, Virginia, The William Byrd Press, Inc., 1946 (by the A.M.S. Inc.), pp. 85-96.

AZEVEDO, LUIS-HEITOR CORREA DE; MATOS, CLEOFE PERSON DE; REIS, MERCEDES DE MOURA - **Bibliografia musical brasileira (1820-1950).** Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, Instituto Nacional do Livro, 1952. 252 pp. (Coleção B I, Bibliografia, v. IX)

AZEVEDO, LUIZ HEITOR CORRÊA DE - Música e catequese. **Cultura Política,** Rio de Janeiro, 5(49):142-145, fev. 1945.

AZEVEDO, LUIZ HEITOR CORRÊA DE - Músicos brasileiros no período colonial. **Província de São Pedro,** Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo, Ed. Globo, (11):23-25, mar./jun. 1948.

BARBOSA, A. LEMOS - **Pequeno vocabulário tupi-português;** com quatro apêndices: perfil da língua tupi; palavras compostas e derivadas; metaplasmos; síntese bibliográfica. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1955. 202 pp.

BARBOZA, ELMER CORRÊA - **O ciclo do ouro;** o tempo e a música do barroco católico; catálogo de um arquivo de microfilmes, elementos para uma história da arte no Brasil; pesquisa de Elmer C. Corrêa Barbosa; assessoria no trabalho de campo; Adhemar Campos Filho, Aluízio José Viegas; catalogação das músicas do séc. XVIII; Cleofe Person de Mattos. Rio de Janeiro, PUC, XEROX, 1978. 454 pp.

BARBOZA, JOÃO RODRIGUES - **Vocabulario Indigena Comparado Para Mostrar A Adulteração Da Lingua** (Complemento Do Poranduba Amazonense) <...> Publicação Da Bibliotheca Nacional. Rio de Janeiro, Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1892. 84 pp., 4 ff., inum., 54 pp.

[BARROS, ANDRÉ DE] - **Voz Sagrada, Politica, Rhetorica, E Metrica Ou Supplemento ÁS Vozes Saudosas Da eloquencia, do espirito, do zelo, e eminente sabedoria** do Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus <...> Lisboa, Francisco Luiz Ameno, 1748. 20 ff. inum., 247 pp.

BÉHAGUE, GERARD - Biblioteca da Ajuda (Lisboa) MSS 1595 / 1596; two eighteenth-century anonymous collections of modinhas. **Anuário / Yearbook / Anuário,** Inter-American Institute for Musical Research / Instituto Interamericano de Investigación Musical / Instituto Inter-Americano de Pesquisa Musical, (4):44-81, 1968.

BÉNAGUE, GERARD - **Music in Latin America: an introduction.** New Jersey,Prentice Hall, Inc. / Englewood Cliffe, 1979. 369 pp.

BEUCHAMP, M. ALPHONSE DE - **HISTOIRE DU BRÉSIL, Depuis Sa Découverte En 1500 Jusq'en 1810** <...> Paris, Libraire D'Éducation Et De Jurisprudence, D'Alexis Eymery, 1815. 3 v.

Bibliografia da música brasileira 1977-1984. São Paulo, Serviço de Biblioteca e Documentação da ECA-USP, Divisão de Pesquisas do Centro Cultural de São Paulo, 1988. 275 pp.

Bibliografia da música brasileira. São Paulo, s.c.p., 1972. 287 pp.

BLUTEAU, RAPHAEL - **VOCABULARIO Portuguez, E Latino** <...> **Autorizado Com Exemplos Dos Melhores Escritores Portuguezes, E Latinos; E Offerecido A El Rey De Portvgal, D. JOAÕ V. Pelo Padre D. RAPHAEL BLUTEAU.** Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1721. 8 v. e 2 suplementos: Parte I: Lisboa Occidental, Officina de Joseph Antonio Da Silva, 1727; Parte II: Lisboa, Patriarcal Officina Da Musica, 1728.

BOHLAMN, PHILIP V. Missionaries, magical muses, and magnificient menageries fimage and imagination in the early history of ethnomusicology. **The World of music, 30**(3):5-26, 1988.

BONANI, FILIPPO - **GABINETTO Armonico Pieno d'Instromenti sonori Indicati, spiegati, e di nuovo correti, ed accrescivti Dal Padre Filippo Bonanni Della Compagnia Di Giesu' Offerti Al Santo Ré DAVID** <...> Stamperia di Giorgio Placho, 1723. 8 ff. inum., 177 pp.

BORBA, TOMÁS & GRAÇA, FERNANDO LOPES - **Dicionário de música (ilustrado)**. 2ª tiragem. Lisboa, Edições Cosmos; Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Livraria Luso-Espanhola e Brasileira Ltda., 1962-1963. 2 v.

BORROMEU, CARLOS - Contribuição para a história da música na Amazônia. **Música Sacra,** Petrópolis, Ed. Vozes LTDA., **11**(6):105-108, 1951.

BOUDIN, MAX H. **Dicionário de tupi moderno** (dialeto tembé-ténêtéhar do alto do rio Gurupu). 2ª, São Paulo, Conselho Estadual de Arte e Ciências Humanas, 1978. 2 v.

BRAGA, HENRIQUETA ROSA FERNANDES - **Música sacra evangélica no Brasil** (contribuição à sua história). Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Livraria Kosmos Editôra e Erich Eichner & Cia. Ltda., [1961]. 448 pp.

BRASIL, HEBE MACHADO - **A musica na cidade de Salvador 1549-1900.** Complemento da história das artes na cidade do Salvador. Salvador, Prefeitura Municipal, 1969. 135 pp. (Evolução histórica da cidade do Salvador, 4º)

BRITO, ESTEVÃO DE - **Vol. I: Motectorum liber primus; Officium defunctorum; Psalmi hymnique per annum;** transcrição e estudo de Miguel Querol Gavaldà. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1972. LVIII pp., 4 ff. inum., 194 pp., 2 ff. inum. (Portugaliae Musica, série A, v.1)

BRITO, ESTEVÃO DE - **Vol. II: Obras diversas;** transcrição e estado de Miguel Querol Gavaldà. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1976. (Portugaliae Musica, série A, v.30)

BRITTO, LEMOS - **Pontos de partida para a história econômica do Brasil.** Rio de Janeiro,Typographia do Annuario do Brasil, 1923. 465 pp.

BUENO, FRANCISCO DA SILVEIRA - **Vocabulário tupi-guarani português.** Quinta edição revista e aumentada. São Paulo, Brasilivros Ed. e distr., 1987. 629 pp.

BUENO, FRANCISCO DA SILVEIRA - **Vocabulário tupi-guarani português.** Quinta edição revista e aumentada. São Paulo, Brasilivros Ed. e distr., 1987. 629 pp.

CACCIAGLIA, MARIO - **Pequena história do teatro no Brasil** (quatro séculos de teatro no Brasil). Apresentação de Sábato Magaldi, Tradução de Carla de Queiróz. São Paulo, T.A. Queiroz, Editor / Ed. da Universidade de São Paulo, 1986. 275 pp.

CALDEIRA FILHO, JOÃO C. - A música em São Paulo. **O Estado de São Paulo.** Edição do IV Centenário. São Paulo, segunda-feira, 25 de janeiro de 1954, ano **75**, nº 24.145, [5º caderno], pp.129-131.

CALMON, PEDRO - **Espirito da sociedade colonial** (edição ilustrada). São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1935. 347 pp. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, série V, Brasiliana, v.40)

CALMON, PEDRO - **História do Brasil;** com 940 ilustrações. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1959. 7 v.

CALMON, PEDRO - **S. Paulo nos primeiros annos** (1554-1601); ensaio de reconstituição social. Tours, Imprenta de E. Arrault et Cie., 1920. X, 216 pp.

CAMARGO, PAULO FLORÊNCIO DE OLIVEIRA - **História de Santana de Parnaíba.** São Paulo, Conselho Estadual de Cultura [Tipografia Fonseca], 1971. 327 pp. (Comissão Estadual de Literatura, Coleção História, v. 15)

CAMÊU, HELZA - **Introdução ao estudo da música indígena brasiileira.** Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais, 1977. 295, 67 pp.

CAMÕES, LUIS DE - **Obras completas**, com prefácio e notas do prof. Hernâni Cidade. 3ª, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1972. v. 3 (Autos e Cartas), 368 pp. (Coleção de Clássicos Sá da Costa)

CAMPOS, JOÃO DA SILVA - **Fortificações da Baía.** Rio de Janeiro, Mendes J., 1940. 322 pp. (Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v. 7)

Cancioneiro musical d'Elvas; transcrição e estudo de Manuel Morais. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1977. XV pp., 3 ff. inum., 68 pp. 1 f. inum. (Portugaliae Musica, série A, v. 31)

CAPELLE, JOSÉ CERQUEIRA - **Contribuição indígena ao Brasil;** lendas e tradições - usos e costumes - fauna e flora - língua - raízes - toponímia - vocabulário. Belo Horizonte, União Brasileira de Educação e Ensino, 1980. 3 v.

CARNEYRO, MANOEL - **Sermam Que Pregou O Padre Mestre Manoel Carneyro Da Companhia De** [Jesus] **No Collegio do Rio de Janeiro, Em o segundo Dia das Quarenta Horas, No Anno de 1667.** Evora, Officina desta Universidade, 1668., 12 ff. inum.

CASCUDO, LUIS DA CÂMARA - **Antologia do Folclore brasileiro;** séculos XVI-XVII-XVIII-XIX-XX; os cronistas coloniais; Os viajantes estrangeiros; Os estudiosos do Brasil; Biobibliografia e notas. São Paulo, Livraria Martins Editora, 502 pp.

CASCUDO, LUÍS DA CÂMARA - **Dicionário do folclore brasileiro.** 6ª, Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1988. XXIV, 811 pp. (Coleção reconquista do Brasil, 2ª série, v. 151)

CASTAGNA, PAULO - Os modos e a gênese musical em Luis Milan. **Cadernos de Estudo: Análise Musical.** São Paulo, Atravez, (3):86-104, out. 1990.

CASTELNAU, FRANCIS - **Expedition Dans Les Parties Centrales De L'Amerique Du Sud, De Rio De Janeiro, Et De Lima Au Para;** Executée Par Ordre Du Gouvernement Français Pendant Les Annés 1843 A 1847, sous La Direction De Francis De Castelnau. <...> Paris, P. Bertrand Libraire-Éditeur, 1850. v. 2, 485 pp., 1 f. inum.

CASTRO, BAPTISTA DE - **Vocabulário tupy-guarani** (collectanea dos principaes elementos com que contribuiu a «lingua geral» para a formação das palavras do portuguez-americano). Rio de Janeiro, Ariel Editora Limitada, 1936. 130 pp.

CAVALCANTI, CARLOS - As artes brasileiras no século do descobrimento. Revista brasileira de cultura. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, **4**(11):9-21, jan./mar. 1972

CERNICHIARO, VICENZO - **Storia della musica nel Brasile dai tempi coloniali sino ai nostri giorni (1549-1925).** Milano, Stab. Tip. .Edit. Fratelli Riccioni, 1926. 617 pp.

CHASE, GILBERT - **A guide to the music in Latin America:** a joint publications of the Pan American Union and the Library of Congress. 2ª, Washington, The Pan American Union & The Library of Congress, 1962. 411 pp. [BRAZIL, pp. 107-158]

COMMELYN, IZAAK - **Histoire De La Vie & Actes memorables De Frederic Henry de Nassau Prince d'Orange** <...> Amsterdam, Vefve & les Heritiers de Iudocus Ianssonius, 1656. 3 ff. inum., 360 pp., 3 ff. inum., 34 pls.

CONCEIÇÃO, APOLINÁRIO DA - **Claustro FRANCISCANO, Erecto No Dominio Da Coroa Portugueza, e estabelecido sobre dezesseis Venerabilissimas Collumnas** <...> Lisboa Occidental, Antonio Isidoro Da Fonseca, 1740. 24 ff. inum., 235 pp. 1 p. inum.

CONCEIÇÃO, APPOLINÁRIO DA - **Primazia Serafica Na Regiam da AMERICA, Novo Descobrimento De Santos, e Veneraveis Religiosos da Ordem Serafica que en nobrecem o Novo Mundo com suas virtudes, e acçoens** <...> Lisboa Occidental, Antonio de Sousa da Sylva, 1733. 17 ff. inum., 366 pp., 1 f. inum.

CONSTÂNCIO, FRANCISCO SOLANO - **Novo Diccinario Critico E Etymologico DA LINGUA PORTUGUEZA** <...> Oitava Edição. Paris. Angelo Francisco Carneiro, Editor Proprietario Vende-es Em Casa De Rey E Belhatte, Lireiros De S. M. El Rei De Portugal. 1863. LII, 976 pp.

CORTE REAL, JERONIMO - **Naufragio de Sepulveda;** composto em verso heroico, e oitava rima por Jeronimo Corte Real. Nova edição conforme a' primeira de 1594. Lisboa, Typographia Rollandiana, 1840. 2 v.

COSME, LUIZ - **Dicionário Musical.** Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1957. 5 ff. inum., 137 pp.

COSTA ANGYONE - **Introdução á arqueologia brasileira;** etnografia e história (edição ilustrada). São Paulo, Companhia Editora Nacional, [1934]. 348 pp. (Biblioteca pedagógica Brasileira, série 5ª, Brasiliana, v. 34)

COSTA, FRANCISCO A. PEREIRA DA - Estudo histórico-retrospectivo sobre as artes em Pernambuco; Inéditos do Diccionário Historico e Geographico Pernambucano, pelo Dr. F. A. Pereira da Costa. **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano,** Recife, 38(54):3-45, 1900.

COSTA, FRANCISCO DA - **Cancioneiro chamado de D. Maria Henriques.** Introdução e notas de Domingo Maurício Gomes dos Santos S. I. Lisboa, Agencia Geral do Ultramar, Divisão de Publicações e Biblioteca, 1961. CLX, 673 pp.

DAVISON, ARCHIBALD T. & APEL, WILLI - **Historical anthology of music by Archibald T. Davison and Willi Apel;** Oriental, Medieval and Renaissance Music. 12ª Revidsed Edition. Cambridge, Harvard University Press, 1974. XI, 258 pp.

DENIS, FERDINAND - **Uma festa brasileira com os Poemas Brasílicos do Pe. Cristóvão Valente, S.J.;** tradução de Plínio Ayrosa. Rio de Janeiro, EPASA, 1944. 192 pp. (Biblioteca Brasileira de Cultura, v. IV)

DENIS, FERDINAND - **Une FÊTE BRÊSILIENNE Célébrée A Rouen En 1550 Suivie D'Un Fragment Du XVIe Siècle Roulant Sur La Théonie Des Anciens Peuples Du Brésil Et Des Poésis En Langue Tupique De Christovam Valente Par Ferdinand Denis** <...> Paris, J. Techener Libraire, 1851. 104 pp., 1 grav.

DIAS, ANTONIO GONÇALVES - **Diccionario Da Lingua Tupy Chamada Lingua Geral Dos Indigenas Do Brazil Por A. Gonçalves Dias.** Lipsia, F. A. Brockhaus, 1858. VIII, 191 pp.

Dicionário musical brasileiro; coordenação Oneyda Alvarenga 1982-1984, Flávia Camargo Toni, 1984-1989. Belo Horizonte, Itatiaia; [Brasília], Ministério da Cultura; São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo e Editora da Universidade de São Paulo, 1989. 701 pp. (Coleção reconquista do Brasil, 2ª série, v. 162)

DINIZ, JAIME - Uma notícia sobre a música sobre a música no Brasil dos séculos XVI e XVII. **Estudos Universitários**, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, **12**(2):41-57, abr./jun., 1972.

DINIZ, JAIME - Velhos organistas do passado, 1559-1745. **Universitas,** Salvador, Universidade Federal da Bahia, (10):5-42. set./dez. 1971.

DINIZ, JAIME CAVALCANTI - **Músicos pernambucanos do passado.** Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1971. v. II, 219 pp.

DINIZ, JAIME CAVALCANTI - **O Recife e sua música.** Recife, Arquivo Público Estadual, 1978. 41 pp.

DOURADO, MACENAS - **A conversão do gentio.** Rio de Janeiro, Livraria São José, 1958. 210 pp.

DUPRAT, RÉGIS - A música na Bahia colonial. **Revista de História,** São Paulo, Depto. de História da USP, **10**(61):93-116, jan./mar. 1965.

DUPRAT, RÉGIS - Antecipando a história da música no Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,** (20):25-28, 1984.

DUPRAT, RÉGIS - **Garimpo musical.** São Paulo, Novas Metas LTDA.. 1985. 181 pp. (Coleção ensaios, v.8)

DUPRAT, RÉGIS - Itú, aspectos novos de sua tradição musical. **Complemento das Artes,** São Paulo, Planarte, (6):14-20, mai. 1982.

DUPRAT, RÉGIS - Recitativo e Ária para soprano, violinos e baixo. **Universitas,** Universidade Federal da Bahia, (8/9):291-299, 1971, e facsímiles (2 ff. inum.) e partitura (22 pp.)

Enciclopédia da música brasileira; erudita, folclórica, popular. São Paulo, Art Ed., 1977. 2 v.

Encyclopédie de la musique et dictionnaire du Conservatoire; redigées par une collectivité de professeurs du Conservatoire d'artistes musiciens de savants et d'homens de lettres. Première partie: Histoire de la Musique. Paris, Libraire Delngravn, 1913-1925, 5 v.

EVANS, TOM & EVANS, MARY ANNE - **Guitars;** music, history, construction and players from the renaissance to rock. 3ª, New York, London, Paddington Press Ltd, 1979. 479 pp.

FERNANDES, ANTONIO - **ARTE DE MVSICA DE CANto Dorgam, E Canto Cham, & Proporções de Musica divilidas harmonicamente.** Em Lisboa, Pedro Craensbeeck, 1626. 3 ff. inum., 125 ff. num.

FERRAZ, SILVIO & DOTTORI, MAURÍCIO - Manoel Dias de Oliveira e Davide Perez. Uma aproximação entre o barroco mineiro e a ópera napolitana. **Ciência e Cultura**, São Paulo, SBPC, **42**(9):662-669, set.1990.

FERREIRA, ANTÔNIO - **Poemas lusitanos**; com prefácio e notas do prof. Marques Braga. Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1939-1940. 2 v.

FÉTIS, F. J. - **A MUSICA Ao alcance De Todos, Ou Noticia Succinta De Tudo O Que É Necessario Para Ajuizar E Fallar D'Esta Arte, Sem A Ter Profundado. Por F. J. Fétis, Mestre de Capella do Rei dos Belgas, e Director do Conservatorio Real de Bruxellas, &c. &c.** Terceira edição Authentica, Revista, Correcta E Augmentada De Muitos Capitulos, E D'Um Diccionario Dos Termos De Musica. Traduzida em Portuguez Por José Ernesto D'Allmeida <...> Porto, Cruz Coutinho - Editor, 1858. VIII, 275, 128 pp.

FÉTIS, FRANÇOIS JOSEPH - **Histoire Générale De La Musique Depuis Les Temps Les Plus Anciens Jusqu'a Nos Jours** <...> Paris, Librairie de Firmin Didot Fréres, Fils et Cie., 1869. v. 1, 572 pp.

FONSÊCA, CÊLIA FREIRE DE A. - O realismo da colonização portuguesa no Brasil, aos séculos XVI e XVII (estudo de alguns documentos e doações de sesmarias). Tese de concurso para provimento de cadeira de História do Brasil, no Colégio Estadual do Recife. Recife, s.c.p., 1965. 129 pp. (mimeogr.)

FONSECA, JOSÉ DA & ROQUETE, J. I. - **Diccionario Da LINGUA PORTUGUEZADe José da Fonseca Feito inteiramente de novo e consideravelmente augmentado Por J. I. Roquete.** Paris - Lisboa, Livraria Aillaud E Bertrand, s.d. [c. 1848 ou antes]. XXXV, 971 pp.

FRANÇA, EURICO NOGUEIRA - **Música no Brasil**; Fatos, figuras e obras. Rio de Janeiro. Ministério da Educação e Cultura e Instituto Nacional do Livro, 1957. 141 pp. (Biblioteca de divulgação cultural, série A-XIV)

GALLET, LUCIANO - **Estudos de folclore.** Introdução de Mário de andrade. Rio de Janeiro, Carlos Wehrs, & CIA, 1934. 115 pp.

GODOY, MANUEL PEREIRA DE - **Peixes do Estado de Santa Catarina.** Florianópolis, Ed. da UFSC, co-edição Eletrosul e FURB, 1987. 571 pp.

GONÇALVES, JOÃO OTAVIANO - Síntese da evolução musical do Brasil; desde 1549 até nossos dias. **Revista Brasileira de Música**, Rio de Janeiro, Instituto Nacional da Música da UFRJ, **5**(3):67-80, 1938.

GONDIM, ZACARIAS TOMÁS DA COSTA - Música e dança indígenas, ligeira notícia sobre a música dos índios da América do Sul, por ocasião da descoberta do Brasil em 1500. **A República**, Fortaleza, 21 de abril a 3 de maio de 1900.

GONDIM, ZACARIAS TOMÁS DA COSTA - Traços ligeiros sobre a evolução da música no Brasil, especialmente no Estado do Ceará. In.: **Tricentenário da vinda dos primeiros portugueses ao Ceará.** Ceará, s.ed., 1903.

Grande enciclopédia portuguesa e brasileira. Lisboa, Rio de Janeiro, Ed. Enciclopédia, s.d.,40 v.

GRANT, ANDREW - **History Of BRAZIL** <...> London. Printed For Henry Colburn, 1809. 3 ff. inum., 304 pp.

GUASH, ANTONIO - **Diccionario castellano-guarani y guarani-castellano. 4ª**, Sevilla, Ediciones Loyola, 1961. 788 pp.

HENRIQUE, LUÍS - **Instrumentos musicais.** Lisboa, Fundação Caloueste Gulbenkian, 1988. 474 pp. XLVIII lâminas.

Histoire De Qui S'Est Passé En Ethiopie, Malabar, Brasil, Et Es Indes Orientales. Tirée des Lettres escrites és années 1620. iusques à 1624. Addrebée au R.P. Mvtio Vitelleschi, General de la Compagnie de Iesvs. Traduite de l'Italiaen en François par vn Pere de la mesme Compagnie. Paris, Sebastien Cramoisy, 1628. 1 f. inum., 451 pp.

História do Brasil; com 970 ilustrações. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1963. 7 v.

HOLANDA, SÊRGIO BUARQUE DE - Movimentos da população em São Paulo no século XVIII. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros.** São Paulo, IEB-USP, (1):55-111, 1966.

HOLANDA, SÉRGIO BUARQUE DE - **Raízes do Brasil.** Segunda edição, revista e ampliada. Rio de Janeiro, São Paulo, Livraria José Olympio Editora, 1948. 298 pp. (Coleção documentos brasileiros, v.1)

HORCH, ROSEMARIE E. - **Relação dos manuscritos da coleção «J. F. de Almeida Prado»**. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros da USP, 1966. pp.

JAKOB, FRIEDRICH - **Schlagzeug.** Bern und Stuttgart, Hallwag Verlag, 1979. 108 pp. (Unsere MUsikinstrumente, v.8)

JOPPIG, GUNTHER - **Oboe & Fagott;** Ihre Geschichte, ihre Nebenistruments und ihre Musik. Bern und Stuttgart, Hallwag Verlag, 1981. 196 pp. (Unsere Musikinstrumente, v. 9)

KERR, DOROTÉA MACHADO & FREIXO, ELISA - O órgão no Brasil. **Jornal da Música**, São Paulo, Irmãos Vitale, **6**(39):5, jul./ago. 1983.

KIEFER, BRUNO - **História da música brasileira.** 3ª, Porto Alegre, Ed. Movimento, 1982. 140 pp.

LAET, IEAN DE - **L'Histoire Dv Nouveau Monde Ou Description Des Indes Occidentales** <...> Leyde, Bonauenture & Abraham Elseuiers, 1640. 15 ff. inum., 632 pp. 6 ff. inum., 16 mapas.

LANGE, FRANCISCO CURT - A organização musical durante o período colonial brasileiro. IN: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, 5º, s.l., s.d., **Actas.** Coimbra, [Gráfica de Coimbra], 1966. v. IV, pp. 5-106.

LANGE, FRANCISCO CURT - As danças coletivas públicas no período colonial berasileiro e as danças das corporações de ofícios em Minas Gerais. **Barroco,** revista de ensaio e pesquisa, Belo Horizonte, (1):15-62, 1969.

LEITE, SERAFIM - Antonio Rodrigues, primeiro mestre-escola de São Paulo. **Brotéria,** revista contemprânea de cvltura,Lisboa, **50**(4):303-310, 1952.

LEITE, SERAFIM - **Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760).** Lisboa, Edições Brotéria: Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1953. 324 pp.

LEITE, SERAFIM - As primeiras escolas do Brasil; com documentação inédita. **Revista da Academia Brasileira de Letras.** Rio de Janeiro, 45(150):226-151, jun. 1934.

LEITE, SERAFIM - **Breve itinerário para uma biografia do P. Manuel da Nóbrega fundador da Província do Brasil e da cidade de São Paulo (1517-1570).** Lisboa, Edições «Brotéria»; Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1955. 267 pp.

LEITE, SERAFIM - Cantos, músicas e danças nas aldeias do Brasil, século 16. **Brotéria**, Lisboa, (24):42-52, 1937.

LEITE, SERAFIM - Cantos, músicas e danças nas aldeias do Brasil. **Música Sacra,** Petrópolis, Ed. Vozes LTDA., **3**(11):204-205, nov. 1943 e **3**(12):223-225, dez. 1943.

LEITE, SERAFIM - **Cartas dos primeiros jesuitas do Brasil.** São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo (Serviço de Comemorações Culturais) [Coimbra, Tipografia Atlântida], [1956-1958]. 3 v.

LEITE, SERAFIM - **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Lisboa, Livraria Portugália; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938. vol. 2[Livro 1º; Catequese e aldeamento - Cap. V: A vida nas aldeias - 8 - Cantos, músicas e danças, pp. 100-110]

LEITE, SERAFIM - **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Lisboa, Livraria Portugália; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira e Instituto Nacional do Livro, 1938-1949. 10 v.

LEITE, SERAFIM - **Páginas de História do Brasil.** São Paulo, Rio de Janeiro, Recife. Companhia Editora Nacional, 1937. 260 pp. (Brasiliana, série 5ª, vol. 93)

LÉRY, JEAN DE - **Schiffart in Brasilien in America** <...> Franckfort, Diederich Bry von Luttig, 1593.

LINDE, HANS-MARTIN - **Handbuch des Blockfluten Spiels.** 2. erweiteiterte Ausgabe. Maiz, London, New York, Tokyo, Schott's Sunne, 1984. 131 pp.

Livro dos Regimetos dos Officiaes mecanicos da Mui Nobre e Sêpre Leal Cidade de Lixboa (1572); publicado e prefaciado pelo Dr. Vergilio Correia. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926. pp. 138-142.

Livros antigos portugueses 1489-1600 da biblioteca de Sua Magestade Fidelissima descritos por S. M. El-Rei D. Manuel em três volumes. Londres, Maggs Bros [Cambridge, Imprensa da Universidade], 1935. 3 v.

MACHADO, RAPHAEL COELHO - **Diccionario Musical** <...> Rio de Janeiro, Typographia Franceza, 1841. 2 ff. inum., 275 pp.

MARIZ, VASCO - **História da música no Brasil.** Rio de Janeiro, Civilização brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1981. 331 pp. (Coleção Retratos do Brasil, vol. 150)

MARTINS, HEITOR - A música do Mari-Nícolas. **Suplemento Literário.** Belo Horizonte, nº 1.143, sábado, 07/04/1990, pp. 4-5.

MATTOS, ANÍBAL - Arte colonial brasileira. Bello Horizonte, Ed. Apollo, 1936 [Cap. II: A arte dos índios no período colonial, pp. 19-32]

MATTOS, ANÍBAL - **Idem supra.** 2ª, 1937 [Cap. X: A música entre os índios, pp. 129-140]

MELLO, GUILHERME THEODORO PEREIRA DE - **A música no Brasil desde os tempos coloniaes até o primeiro decênio da República por guilherme Theodoro Pereira de Mello.** Bahia, Typographia de S. Joaquim, 1908. XXV, 366 pp.

MÉTRAUX, ALFRED - **A religião dos tupinambás e suas relações com a das demais tribos tupi-guaranis;** prefácio, tradução e notas do Prof. Esêvão Pinto; apresentação do Prof. Egon Schaden, 2ª, São Paulo, Editora Nacional e EDUSP, 1979. 225 pp. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 5ª, Brasiliana, v. 267)

MÉTRAUX, ALFRED - **La civilization matérielle des tribus Tupi-Guarani.** Paris, Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1928. XVI, 331 pp.

MÉTRAUX, ALFRED - **La religión des tupinamba et ses repports avec celle des autres tribus Tupi-Guarani par A. Metraux**. Paris, Librairie Ernest Leroux, 1928. 260 pp.

MEYLAND, RAYMOND - **Die Flöte;** Grundzuge ihrer Entwicklung von der Urgeschichte bis zur Gegenwart, 2ª, Mainz, London, New York, Tokyo, Schott's Sunne, 1974. 115 pp. (Unsere Musikinstrumente, v.4)

MILAN, LUIS - **Libro de musica de vilhuela de mano.** Genève, Minkoff Reprint, 1975. 102 ff. inum.

MIRANDA, FRANCISCO DE SÁ DE - **Obras completas.** Texto fixado, notas e prefácio pelo Prof. M. Rodrigues Lapa. 2ª, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1942-1943. 2 v. (Colecção de Classicos Sá da Costa)

Modinha: raizes da música do povo: um projeto cultural das Empresas Dow (coordenação, direção editorial e textos José Rolim Valença). [São Paulo], Empresas Dow, 1985. 120 pp.

MONTANUS, ARNOLDUS - **De Nieuwe en Onbekende Weereld: Of Beschryving Van America En 't Zuid-Land** <...> Amsterdan, Jacob Meurs, 1671. 4 ff. inum., 585 pp. 13 ff. inum.

MONTOYA, ANTONIO RUIZ DE - **Tesoro DE LA LENGVA Gvarani. Compvesto Por El Padre Antonio Ruiz, de la Compañia de Iesvs.** <...> Madrid, Iuan Sanchez, 1639. 8 ff. inum., 407 ff. num.

MORAIS, RUBEM BORBA DE - **Bibliographia brasiliana: rare books about Brazil published from 1504 to 1900 and Works by Brazilian authors of the Colonial period; revised and edition.** Los Angeles, University of California, UCLA Latin American Center Publications [c.1983]. 2 v.

MORSE, RICHARD M. - **Formação histórica de S. Paulo** (de comunidade a metrópole). São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970. 447 pp.

MUDARRA, ALONSO - **Tres libros de música en cifra para vilhuela** (Sevilla, 1546); transcripción y estudio por Emilio Pujol. Barcelona, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Español de Musicología, 1949. VIII, 99, 135 pp.

A música de igreja nos primeiros séculos de São Paulo. **Música sacra,** Petrópolis, Ed. Vozes LTDA, (2):30, mar./abr. 1959.

A música nas escolas jesuíticas do Brasil no século XVI. **Cultura,** Rio de Janeiro, Coordenadoria de Comunicação Social do Gabinetge do MEC, 1(2):27-39, jan./abr. 1949.

A música nas primeiras escolas do Brasil. **Música Sacra,** Petrópolis, Ed. Vozes LTDA, **8**(2):27-34, fev. 1948 e **8**(3):45-47, mar. 1948

Música e pintura seiscentista em São Paulo. **Cultura Artística,** Rio de Janeiro, Theodor Neuberger, 1(12):10-15, mai. 1935.

Música na matriz e Sé de São Paulo colonial. **Yearbook,** Texas, University of Texas, (11):8-68 [1975], 1977.

Música na Matriz São Paulo colonial. **Revista de História,** **37**(75):86-103, jul./set. 1968.

NARVÁEZ, LUYS DE - **Los seys libros del Delphin de música da cifra para tañer vilhuela** (Valladolid, 1538); transcripción y estudio por Emilio Pujol. Barcelona, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Español de Musicología, 1945. 59, 94 pp.

NEWTON, ISAAC - **Diccionario Musical;** contendo: todas as abreviaturas, expressões, phares, vocabulos, sua technologia, a par da nomenclatura dos instrumentos musicais, desde sua mais remota antiguidade; e mais ainda a theoria, practica, etymologia e synonymia, em geral, seguidas de uma ligeira e rudimentar explanação historica na maioria de seus respectivos artigos. Compilado e coordenado pelo professor Isaac Newton natural do Estado de Alagoas. Maceió, Typographia Commercial, 1904. 313 pp.

NIEREMBERG, IUAN EUSEBIO - **Ideas De Virtvd En Alvnos Claros Verones De La Compañia De Iesvs.** Para Los Religiosos Della <...> A La Excelentissimo Señora D. Ines de Guzman <...> Madrid, Maria De Qvñones, 1643. 6 ff. inum., 804 pp.

Nóbrega e a fundação de São Paulo. Lisboa, Instituto de Intercâmbio Luso-brasileiro, 1953. 125 pp.

O Museu de Valores do Banco Central do Brasil. São Paulo, Banco Safra, 1988. 348 pp.

Officio Da Semana Sancta; Desde Domingo de Ramos Até Domingo da Paschoela Em Latim E Em Portuguez Com As Rubricas Do Missal E Breviario Romano; Contendo Orações Para a Confissão E Communhão, Tiradas Da Sagrada Escriptura; E Um Catalogo, Onde SE Explicam As Ceremonias, E Palavras Difficeis Na Sua Intelligencia. Nova Edição Muito Melhorada, E Acrescetada Com A Ordem Da Missa. Lisboa, No Armazem de Livros de Borel, Borel & Cia., 1875. pp. 282-283.

OLIVEIRA, ERNESTO VEIGA DE - **Instrumentos musicais populares portugueses.** Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1966. 239 pp., 439 fotos (não Paginadas), 1 f. inum., XXII pp.

OLIVEIRA, WILLY CORRÊA DE - O multifário Capitam Manoel Dias de Oliveira. (Músico mineiro do século XVIII). **Barroco,** Belo Horizonte,(10):61-86, 1978/1979.

[ORLERS, JAN JANZ] - **Wilhelm En Maurits van Nassau, Princen van Orangien, Daer Leben en Bedrijf, Of 't Begin en Voortgang der Nederlandsche Oorlogen.** <...> Amsterdan, Jan Jansz 1651. 5 ff. inum., 104 pp., 2 ff. inum., 420 pp.

PAFFGEN, PETER - **Die Gitarre;** Gründzge ihrer Entwicklung. Mainz, London, New York, Tokyo, Schott's Sonne, 1988. 228 pp. (Unsere Musikinstrumente, v. 11)

PAGANO, LETÍCIA - Compositores paulistas de 1554 a 1954. **Diario de S.Paulo,** Edição comemorativa do 4º Centenário da Cidade de São Paulo. São Paulo, segunda-feira, ano **26** nº 7647, 25/01/1954, 3º caderno, pp. 4-6

Pauta da dizima da Alfândega da Villa de Santos pela do Rio de Janeiro anno 1739 <...> **Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, 45:** 133-175, 1924.

PEIXOTO, JULIO AFRÂNIO - **História do Brasil.** 2ª, São Paulo, Ed. Nacional, 1944, 343 pp. (Biblioteca do espírito moderno, série 3ª, história e biografia, v.34)

PEREIRA, NIOMAR DE SOUZA - **Cavalhadas do Brasil.** São Paulo, Escola de Folclore, 1983. 214 pp. (Coleção pesquisa, v.6)

PINA, RUI DE - **Crônica de El-Rei D. João II.** Nova edição com prefácio e notas de Adalberto Martins de Carvalho. coimbra, Ed. Atlântida, 1950. LXXXIV, 315 pp.

PINTO, FERNÃO MENDES - **Peregrinação.** Nova edição, conforme a de 1614, preparada e organizada por A.J. da Costa Pimpão e César Pegado. Pôrto, Portucalense Editora, 1944-1945. 3 v.

PINTO, JOSÉ ALBERTO L. DE CASTRO - Dicionário prático de cultura católica, bíblica e geral. In: **Bíblia sagrada;** tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Nova edição, publicada com a aprovação de Sua Eminência Cardeal D. Jaime de Barros Câmara. [Rio de Janeiro], Edição Barsa, 1971. pp. 1-285.

POPE, ISABEL - Documentos relacionados con la historia de la musica en Mexico existentes en los archivos y bibliotecas españolas. **Nuestra Musica,** revista trimestral editada en Mexico, **6**(24):245-253, 4º trim. 1951.

PRADO JÚNIOR, CAIO - **Evolução política do Brasil Colônia e Império.** 16ª, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987. 102 pp.

PREISS, JORGE HIRT - **A música nas missões jesuíticas nos séculos XVII e XVIII.** Porto Alegre, Martins Livreiro-Editor, 1988. 68 pp.

QUERINO, MANOEL RAIMUNDO - **Artistas bahianos** (indicações biográficas). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1909. xviii, 207 pp.

QUERINO, MANOEL RAIMUNDO - **Artistas bahianos** (indicações biográficas). 2ª edição melhorada e cuidadosamente revista. Bahia, Officinas de Empreza «A Bahia», 1911. 257, V pp.

REDINHA, JOSÉ - **Instrumentos musicais de Angola;** sua construção e descrição; notas históricas e etno-sociológicas da música angolana. Coimbra, Instituto de Antropologia, 1984, 230 pp. (Publicações do Centro de Estudos Africanos, v.3)

Relaçam Geral Das Festas Qve Fez a Religiaõ da Companhia de Iesus na Prouincia de Portugal, na canonização dos gloriosos Sancto Ignacio de Loyola seu fundador, & S. Francisco Xauier Apostolo da India Oriental. No ano de 1622. <...> Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1623. 4 ff. inum. 223 ff. num., 1 f. inum.

Relaçaõ De Tvdo O Qve Passov Na Felice Aclamaçaõ Do Mui Alto, & Mui Poderoso Rey Dom Ioaõ co. IV. nosso Senhor <...> Lisboa, Lourenço de Anueres; Introdução e transcrição de M. Lopes d'Almeida; composto e impresso nas oficinas de «Atlântida», Coimbra, 1939. 2 ff. inum., 33 pp.

Relacion De Las Fiestas, que la Compañia de Iesv haze en la Ciudad de Lisboa a la Canonizacion de S. Ignacio de Loyola su fundador y de S. Francisco Xauier Apostol del Oriente. Lisboa, Geraldo da Vinha, 1622. 8 ff. inum.

RESENDE, CARLOS PENTEADO DE - Fragmentos para uma história da musica em São Paulo 1500-1800. **Folha da Manhã.** Edição comemorativa do IV Centenário, ano **29** nº 9.151, 24 e 25/01/1954, «Atualidades e Comentários» II, 5º caderno, pp. 3-6

REZENDE, MARIA CONCEIÇÃO - **A música na história de Minas colonial.** Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1989. 765 pp.

RODRIGUES, JOÃO BARBOSA - O canto e a dansa selvícola. **Revista Brazileira.** Rio de Janeiro, N. Midori, 3(9):32-60, 1º jul. 1881.

RODRIGUES, JOSÉ HONÓRIO - **História da História do Brasil. 1ª Parte. Historiografia colonial.** 2ª, São Paulo, Companhia Editora Nacional, Ministério da Educação e Cultura, 1979. 534 pp. (Série Brasiliana, Grande Formato, volume 21)

RODRIGUES, JOSÉ HONÓRIO - **Historiografia e Bibliografia Do Domínio Holandês no Brasil por José Honório Rodrigues.** Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional (Ministério da Educação e Saúde - Instituto Nacional do Livro, 1949. 489 pp. (Coleção B 1 - Bibliografia VI)

ROUSSEAU, JEAN-JACQUES - **Dictionnaire De Musique** <...> Paris, Veuve Duchesne, Libraire, 1768. 1 f.inum., 547 pp., 1 p. inum., 4 pp., 13 ests.

RUI, AFONSO - **Boêmios e seresteiros baianos do passado.** Salvador, Ed. Progresdso, 1954. 53 pp.

SAGARD THEODAT, GABRIEL - **Histoire Du Canada Et Voyages Que Les Fréres Mineurs Recollects Y Ont Faicte Pour La Conversion Des Infidèles Depuis L'An 1615** <...> Nouvelle Édition Publiée Par M. Edwin Tross <...> Paris, Librairie Tross, 1866. 4v.

SALLES, VICENTE - **A música e o tempo no Grã-Pará,** Belém, Conselho Estadual de Cultura, 1980. 484 pp. (Cultura Paraense)

SALLES, VICENTE - Quatro séculos de música no Pará. **Revista Brasileira de Cultura**, Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, (2):13-36, 1969.

SAMPAIO, MÁRIO ARNAUD - **Vocabulário guarani-português.** Porto Alegre, L. & M. Editores, 1986. 223 pp.

SAMPAIO, TEODORO - **O tupi na geografia nacional;** introdução e notas de tupi antigo. São Paulo, Traço Editora, 1984. 200 pp.

SANTA TERESA, JOÃO JOSÉ DE - **Istoria Delle Gverre Del Regno Del Brassile Accadvte Tra La Corona Di Portogallo.** <...> Roma, Stamperia del'Eredi del Corbelletti, 1698. 5 ff. inum., 232 pp., 8 ff. inum., 1 retrato, 15 mapas.

SANTOS, MARIA LUIZA DE QUEIROS AMANCIO DOS - **Origens e evolução da música em Portugal e sua influência no Brasil.** Rio de Janeiro, Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal, 1942. 343 pp.

SCHMIDT, YVES RUDNER - A música em São Paulo nos séculos XVII e XVIII. **Jornal da Música,** São Paulo, Irmãos Vitale, 5(24):6-7, jan./fev. 1981 e 5(25):2, mar./abr.' 1981.

SERRÃO, JOAQUIM VERÍSSIMO - **O Rio de Janeiro no século XVI.** Lisboa, Comissão Nacional das Comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro, 1965. 2 v.

Sharks of the World. Roma, United Nations Development Programme, 1984. v. 4, Part 1, 249 pp. (FAO Species Catalogue, FAO Fisheries Synopsis, nº 125)

SILVA, ALBERTO - **A cidade de Tomé de Souza;** aspectos quinhentistas. Rio deJaneiro, Irmãos Pongetti, Editores, 1949. 231 pp.

SILVA, ANTONIO DE MORAES - **Diccionario Da Lingua Portugueza Composto Pelo Padre D. Raphael Bluteau, Reformado, E Acrescentado Por Antonio De Moraes Silva** <...> Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1789. 2 v.

SILVA, ANTÔNIO JOSÉ DA - **Guerras do alecrim e mangerona;** prefácio Paulo Pereira. Rio de Janeiro, Biblioteca Reprogáfica Xerox, 1987. 13 ff. inum., 143 pp.

SILVA, FRANCISCO INOCÊNCIO DA - **Diccionario bibliographico portugues** <...> Lisboa, Imprensa Nacional, 1858-1923. 22v.

SILVA, MANUEL NUNES DA - **ARTE MINIMA Que Com Semibreve Prolac,am tratta em tempo breve, os modos da Maxima, & Longa sciencia da Musica** <...> Lisboa, Officina de Miguel Manescal, 1704. 6 ff. inum., 44, 52, 136 pp.

SINZIG, PEDRO - **Pelo mundo do som; dicionário musical.** 2ª, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Livraria Kosmos Editora / Erich Eichner & CIa. Ltda., 1959. 2 ff. inum., 612 pp., 2 ff. inum.

SOARES, JOSÉ CARLOS DE MACEDO - Fontes da história da igreja católica no Brasil; Tese apresentada ao Congresso Interamericano de Historia y Arte Religiosos em Buenos Aires. São Paulo, [Tipografia Edanee Ltda], 1954. 381 pp.

SOUSA, GABRIEL SOARES DE - **Derrotero general de la costa del Brasil y memorial de las grandezas da Bahia (manuscrito del siglo XVI).** Madrid, Ediciones Cultura Hispanica, 1958. xxxiii, 305 pp.

SOUTHEY, ROBERT - **History of Brazil** <...> London, Printed for Longman, Hurst, Rees, and Orme, Paternoster-row, 1810-1819. 3 v.

SPIX, JOHANN BAPTIST VON & MARTIUS, CARL FRIEDRICH PHILLIP VON - **Reise in Brasilien auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I. Königs von Baiern in den Jahren 1817 bis 1820** <...> München, M. Lindauer (v.1) / I.J. Lentner (v. 2), Friedr. Fleischer (v. 3), 1823-1831, 3 v.

SPIX, JOHANN BAPTIST VON & MARTIUS, CARL FRIEDRICH PHILLIP VON - **Viagem pelo Brasil**; prefácio Mário Guimarães Ferri; tradução Lúcia Furquim Lahmeyer; revisão B.F. Ramiz Galvão, Basílio de Magalhães, Ernst Winkler; anotações Basílio de Magalhães. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1981. 3 v.

STADEN, HANS - **Dritte Buch Americae, Darinn Brasilia durch Johann Staden von Homberg auß Hessen / auß eigener erfahrung in Teustsch beschriben.** <...> Franckfurt am Mayn, Diederich Bry, 1593. 7 ff. inum., 285 pp.

STEVENSON, ROBERT - Some portuguese sources for early brazilian music history. **Anuario / Yearbook / Anuário,** Inter-American Institute for Musical Research/ Instituto Interamericano de Investigación Musical / Instituto Inter-Americano de Pesquisa Nacional, (4):1-43, 1968.

STEVENSON, ROBERT - **Spanish music in the Age of Columbus.** Westport, Hysperion Press Inc., 1979. 335 pp.

STEVENSON, ROBERT; PURCELL, JOANNE B.; PURCELL, RONALD C. Portugal. In: **The New Grove Dictionary of Music and Musicians.** London, Macmillan Publishers Limited; Washington, Grove's Dictionaries of Music; Hong Kong, Peninsula Publishers Limited, 1980. v. **15**, pp. 139-149.

STRADELLI, ERMANO - **Vocabularios da lingua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatu-portuguez;** precedidos de um esboço de grammatica nheênga-umbuê-sáuamiri e seguidos de contos em língua geral nheêngatú-poranduna. Rio de Janeiro, s.ed., 1929. [separata da «Revista do Instituto Historico»]. 768 pp.

SUBIRÁ, JOSÉ & CHERBULIEZ, ANTOINE-E. - **Musikgeschichte von Spanien, Portugal, Lateinamerika.** Sttutgart, Pan-Verlag, 1957. 312 pp.

TARR, EDWARD - **Die Trompete;** Ihre Geschichte von der Antike bis zur Gegenwart. Mainz, London, New York, Tokyo, Schott's Söhne, 1984. 151 pp. (Unsere Musikinstrumente, v. 5)

TAUNAY, AFFONSO D'ESCRAGNOLLE - **S. Paulo no seculo XVI;** história da villa Piratiningana, Tours, E. Arnault & Cia., 1921. VIII, 292 pp.

TAUNAY, AFONSO DE ESCRAGNOLE - Os jesuítas e as escolas coloniais. **Anais do IV Centenário da Companhia de Jesus,** s.l., s.d. Rio de Janeiro, Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde / Imprensa Nacional, 1946. pp. 345-368.

TAUNAY, HIPPOLYTE & DENIS, FERDINANDD - **Le Brésil;** Ou Histoire, Moeurs, Usages Et Coutumes Des Habitants De Ce Royaume <...> Paris, Nepveu, 1822. 6 v.

TEIXEIRA, BENTO - **Prosopopea** <...> Reproducção fiel da edição de 1601 segundo o exemplar existente na Biblioteca Nacional e Publica do Rio de Janeiro. [Apresentação de Benjamin Franklin Ramiz Galvão]. Rio de Janeiro, Typographia do Imperial Instittuto Artistico, 1873. V pp., 20 ff. inum.

TIBIRIÇÁ, LUIS CALDAS - **Dicionário tupi-português;** com esboço de gramática de tupi antigo. São Paulo, Traço Editora, 1984. 200 pp.

TINHORÃO, JOSÉ RAMOS - A desculturação da música indígena brasileira. **Revista Brasileira de Cultura, 4**(13):9-26, julh./set. 1972

TINHORÃO, JOSÉ RAMOS - **História social da música popular brasileira.** Lisboa, Editorial Caminho, S.A., 1990. 327 pp. (Caminho da música, v.6)

TINHORÃO, JOSÉ RAMOS - **Os sons dos negros do Brasil;** cantos, danças, folguedos: origens. São Paulo, Art Editora, 1988. 138 pp.

TRINDADE, JAELSON - Música colonial paulista: o grupo de Mogi das Cruzes. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,** (20):15-24, 1984.

VALE, FLAUSINO RODRIGUES - **Elementos de folclore musical brasileiro.** 2ª edição revista e aumentada. São Paulo, Companhia Editora Nacional, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1978. 140 pp. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 5ª, Brasiliana, v. 57)

VALLE CABRAL, ALFREDO DO - Bibliographia das obras tanto impressas como manuscriptas relativas á lingua tupi ou guarani chamada lingua geral do Brazil por Alfredo do Valle Cabral. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro;** publicados sob a direção do bibliotecario Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, v. VIII (1880-1881), pp. 143-219, 1880.

[VARNHAGEN, FRANCISCO ADOLFO DE] - **História Geral do Brasil Antes Da Sua Separação E Independência De Portugal.** <...> 2ª edição, Muito Augmentada E Melhorada Pelo Autor. ... Rio de Janeiro, E. & H. Laemmert, [1876]. 2v.

[VARNHAGEN, FRANCISCO ADOLPHO DE] **HISTORIA GERAL DO BRAZIL Isto É do descobrimento, colonização, legislação e desenvolvimento deste Estado, hoje imperio independente, escripta em presença de muitos documentos autenticos recolhidos nos archivos do brazil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda, Por Um socio do Instituto Historico do Brazil, Natural de Sorocaba.** <...> Rio de Janeiro, E. e H. Laemmert, 1854-1858. 2 v.

VARNHAGEN, FRANCISCO ADOLFODE - **História geral do Brasil:** antes de sua separação e independência de Portugal; revisão e notas J. Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia. 10ª ed. integral, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1981. 3 v. (Coleção reconquista do Brasil, nova série, edição especial)

VASCONCELOS, ARY - **Raízes da música popular brasileira, 1500-1889.** Rio de Janeiro, Rio Fundo Editora, 1991. 432 pp.

VASCONCELOS, ARY - **Raízes da música popular brasileira, 1500-1889.** São Paulo, Martins Fontes / Instituto Nacional do Livro, 1977. 362 pp.

VASCONCELOS, J.M.P. - **Segunda Serie Selecta Brasiliense;** Ou Noticias, descobertas, observações, factos e curiosidades Em Relação Aos Homens, Á Historia E cousas Do Brasil <...> Rio de Janeiro, Typ Do Diario Do Rio de Janeiro, 1870. 328 pp.

VASCONCELOS, JOAQUIM DE - **Os Musicos Portuguezes;** Biographia-Bibliographia Por Joaquim de Vasconcellos <...> Porto, Imprensa Portugueza, 1870. 2 v.

VASLDERRÁBANO, ENRÍQUEZ DE - **Libro de música de vilhuela, intitulado Silva de Sirenas** (Valladolid, 1547; transcripición y estudio por Emilio Pujol. Barcelona, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Español de Musicología, 1965. v.2, 95 pp.

VEIGA, MANUEL - German and French Visitors. **Art;** revista da escola de música e artes cênicas da UFBA, Salvador, (14):33-90, ago. 1985.

VEIGA, MANUEL - Marcos aculturativos na etnomusicologia brasileira. **Art,** Salvador, Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, (6):9-50, dez. 1982 e (7):9-56, abr. 1983.

VEIGA, MANUEL - Portuguese Chronicler's Caminha's Letter as an ethnomusicological document. **Art** (Special issue 009 in English), (9):3-62, dez. 1983.

VICENTE, GIL - **Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente.** Introdução e normalização do texto de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1983. 2 v.

VIEIRA, ANTONIO - **Sermões.** Prefaciado e revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto, Lello & Irmãos, Eds.; Lisboa, Aillaud & Lellos, Ltda., 1951. 15 v.

VIEIRA, ANTONIO [atribuido a] - **Arte de furtar; Espelho de enganos; Theatro de Verdades; Mostrador de horas minguadas; Gazua geral dos Reynos de Portugal.** Segunda reedição (reproduzindo o texto e a ortografia da edição de 1744). Introdução de Carlos Burlamaqui Kopke. [São Paulo], Edições Melhoramentos, 1951. XIX, 309 pp.

VIEIRA, DOMINGOS - **Grande Diccionario Portuguez Ou Thesouro Da Lingua Portugveza.** Porto, Ernesto Chardon E Bartholomeu H. de Moraes; Rio de Janeiro, Pará, A. A. Da Cruz Coutinho / Antonio Rodrigues Quelhas. 1871-1874. 5 v.

Vilancicos do século XVIII do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra; transcrição e estudo de Manuel Carlos de Brito. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. XXII pp. 7 ff. inumn., 116 pp. (Portugaliae Musica, série A, v. XLIII)

VILLA-LOBOS, MATHIAS DE SOUSA - **Arte De CANTOCHÃO Offerecida Ao Illustrissimo, E Reverendissimo Senhor Dom Ioam De Mello** <...> Coimbra, Manoel Rodrigues De almeyda, 1688. 7 ff. inum., 214 pp.

VITERBO, FRANCISCO MARQUES DE SOUSA - **A ordem de Christo e a música religiosa nos nossos domínios ultramarinos** <...>Coimbra, Imp. da Universidade, 1910. 146 pp.

VITERBO, FRANSCISCO MARQUES DE SOUSA - **Subisidios para a historia da musica em Portugal por Sousa Viterbo.** Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932. 603 pp.

VITERBO, JOAQUIM DE SANTA ROSA DE - **Elucidario Das Palavras, Termos E Frases Que Em Portugal Antigamente Se Usaram E Que Hoje Regularmente Se Ignoram...** Segunda Edição Revista, Correcta e copiosamente addicionada de novos vocabulos, observações e notas críticas. com um índice remissivo. Lisboa, A.J. Fernandez Lopes, 1865. 2 v.

XAVIER, FRANCISCO - **ORAÇAÕ Funebre Nas Exequias Do Reverendissimo Padre Antonio Vieira Da companhia de Jesu, Prégador dos Reys D. Joaò IV. D.Affonso VI. e D. Pedro II. Que na Igreja de S. Roque fez celebrar O Conde Da Ericeira D. Francisco Xavier De Menezes Em 17. de Dezembro de 1697.** <...> Lisboa Occidental, Joseph Antonio da Sylva, 1730. 8 ff. inum., 64 pp.

ZERRIES, OTTO - Drei alte, Figürlich Verzierte Holztrompeten aus Brasilien in den Museem zu Kopenhagen, Leiden und Oxford. **Ethnologische Zeistschrift,** Zurich, (1):77-89, 1977.